SÉRIE HERÓIS DA FÉ

José

Um homem íntegro e indulgente

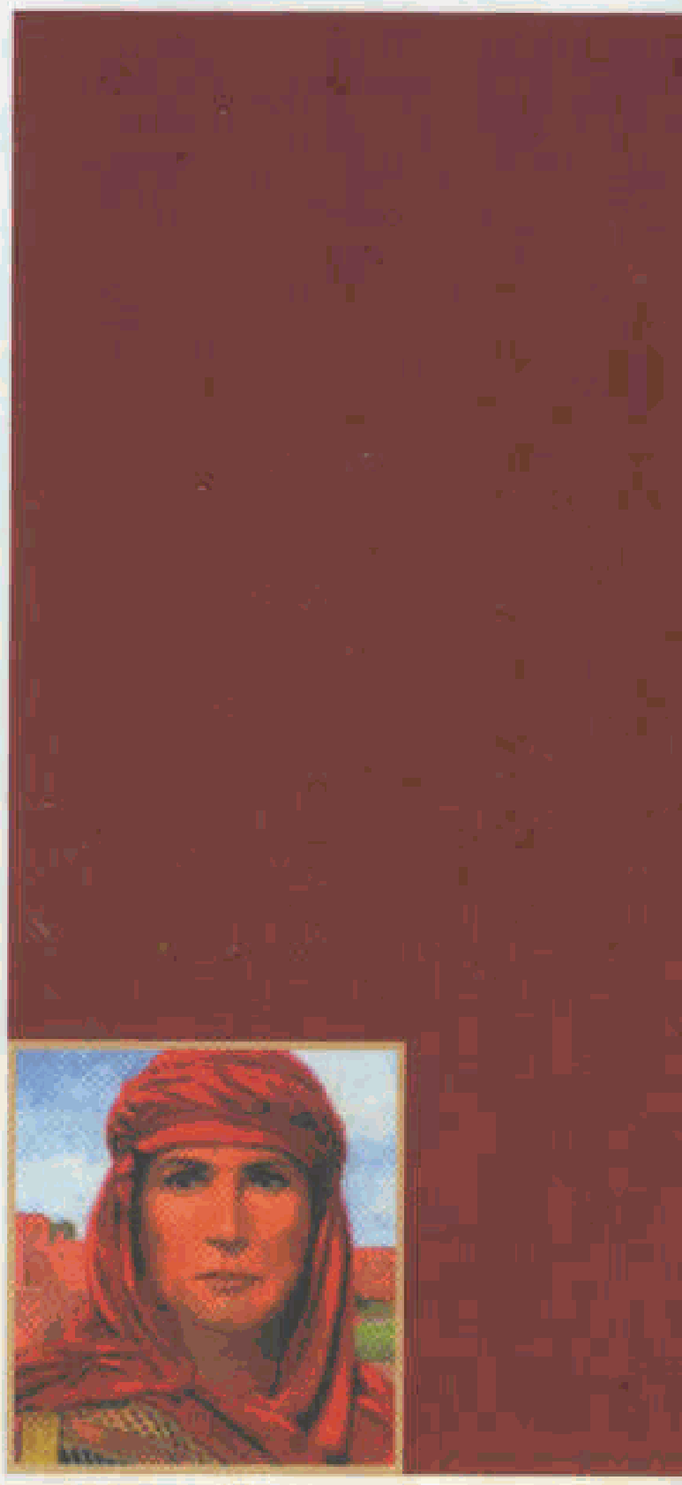
CHARLES R. SWINDOLL

MG

UM HOMEM QUE SABIA PERDOAR

Talvez o sentimento mais difícil para o ser humano seja o *perdão*, principalmente quando a vida sofre uma abrupta e terrível guinada, fruto de uma traição. E que dizer quando essa traição é praticada no âmbito familiar!

Num mundo em que a fé é frágil, a integridade é rara e o perdão quase impossível, José foi uma louvável exceção. Vítima do ciúme de seus irmãos, que o venderam como escravo a uma caravana que se dirigia ao Egito, e injustamente encarcerado em uma prisão egípcia por vários anos, a fé de José foi desafiada de uma maneira extremamente ameaçadora. Mas apesar de todas as circunstâncias adversas pelas quais passou, José se manteve perseverante em sua fé em Deus e ainda foi capaz de *perdoar seus irmãos*.



As perguntas que surgem são: como José pôde suportar essas provações e, acima de tudo, como pôde perdoar seus irmãos? O autor, Charles Swindoll, mostra neste terceiro volume da série "Heróis da Fé" que a chave para compreender o extraordinário caráter de José está no fato de que ele era um homem "que orientava sua vida, continuamente, pela perspectiva divina".

EDITORA MUNDO CRISTÃO

ISBN 85-7325-202-2

9 788573 252026

José

Um homem íntegro

e indulgente

CHARLES R. SWINDOLL

Traduzido por

NEYD SIQUEIRA

Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 1998 por Charles R. Swindoll, Inc.
Publicado originalmente por Word Publishing, Inc., USA.

Revisão: Lenita Nascimento
Sheila Tonon Fabre
Diagramação e produção do miolo: Sonia Peticov
Capa: Douglas Lucas

Os textos das referências bíblicas foram extraídos de *A Bíblia Anotada* (versão Almeida Revista e Atualizada), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swindoll, Charles R.

José: um homem íntegro e indulgente / Charles R. Swindoll; tradução de Neyd Siqueira. — São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

Título original: Joseph — A man of integrity and forgiveness.
ISBN 85-7325-202-2

1. Bíblia A. T. — Biografia2. Bíblia A. T. Gêneses — 37-50 — Crítica e Interpretação 3. José (Personagem bíblico) I. Título

99-5490 CDD-221.92

Índice para catálogo sistemático:
1. José: Gêneses: Antigo Testamento 221.92
Categoria: Biografia & autobiografia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: janeiro de 2000
9ª reimpressão: 2009

DEDICATÓRIA

Dedico este livro com toda a minha gratidão a Jack A. Turpin, que integra a Diretoria do Seminário Teológico de Dallas com toda a fidelidade, diligência e abnegação desde 1981.

Todos nós da família do Seminário louvamos imensamente a Deus pelo seu exemplo de integridade, espírito de generosidade, humildade e compromisso com seus familiares.

SUMÁRIO

Introdução 9

1. *Filho Favorito, Irmão Odiado* 15
2. *Resistindo à Tentação* 39
3. *Preso e Esquecido* 59
4. *Lembrado e Promovido* 81
5. *Colhendo as Recompensas da Justiça* 101
6. *Ativando uma Consciência Cauterizada* 121
7. *Lamentos de um Pai Triste* 137
8. *A Graça Substitui o Medo* 157
9. *"Eu Sou José!"* 175
10. *A Última Reunião da Família* 195
11. *Integridade no Trabalho* 217
12. *Destaques do Crepúsculo e da Meia-Noite* 243

Conclusão 267

Notas 271

INTRODUÇÃO

José: um Homem Íntegro e Indulgente

A tragédia de nossos dias me levou a ler um livro fascinante. Cansado dos rumores escandalosos explorados nos tablóides e reportagens especulativas que procuram escavar a vida particular das pessoas, eu precisava de uma nova esperança de que os heróis verdadeiros continuam existindo, de que alguns permanecem como exemplos de grandeza, de que outros continuam dignos de nosso respeito e admiração.

Deixei então tudo de lado, enquanto me sentava para ler o excelente livro de David Aikman, *Great Souls* (Grandes Almas). Com menos de 400 páginas, baseado em observações pessoais e pesquisa meticulosa, Aikman lembra seus leitores de que existem pelo menos seis indivíduos maravilhosos que ajudaram a transformar o século XX por meio de suas vidas pessoais e empreendimentos notáveis. Apesar de suas próprias imperfeições e fraquezas, esses indivíduos extremamente humanos superaram suas circunstâncias, venceram obstáculos imensos e se dedicaram a propósitos morais com enorme determinação.

Ao terminar o livro compreendi novamente o valor da biografia. Quem não fica inspirado por um homem ou uma mulher que exerce uma fenomenal e benéfica influência? Quem pode ler sobre a coragem de determinada pessoa que se destaca por sua visão singular em meio a uma cultura ardilosa, em deterioração, e não sente desejo de imitar essa vida? Fui assim incentivado a continuar com a publicação das biografias bíblicas que comecei há mais de um ano – primeiro a de Davi, depois a de Ester.

Nenhuma coleção intitulada "Heróis da Fé" seria completa sem a inclusão de José, um homem que deu o exemplo de uma vida que todos considerariam grandiosa. Ao fazer essa declaração, parece-me necessário explicar o que quero dizer com "grandiosa". Tendo terminado seu livro com um título que inclui justamente essa palavra, os comentários de David Aikman retornam à mente:

> A palavra *grandiosa* tem várias definições, mas entre elas estão "preeminente, renomada... eminente, distinta... sublime, nobre, magnânima... assídua, persistente... maravilhosa, admirável" (*Webster's Third New International Dictionary*). A lista continua. Numa enciclopédia, em *magnânimo*, encontramos também "grande de coração ou alma" *(Roget's International Thesaurus)*.[1]

Ele acrescenta a seguir, usando essas reflexões muito pessoais, com as quais concordo plenamente:

> A vida dos grandes personagens sempre me inspirou. É difícil não ficar energizado pelas histórias de como certos indivíduos sobrepujaram a adversidade ou o sofrimento ou mantiveram a pureza em face de grandes tentações. Nossa era, com seu hábito de julgar instantaneamente a vida de um homem ou uma mulher baseada apenas em fragmentos, não tem paciência com detalhes, nuances, profundidade.[2]

Não querendo demonstrar tal impaciência, demorei para pressionar o botão "Pause", ao lado de cada vida nesta série, a fim de examinar cuidadosamente e avaliar na íntegra o que o leitor apressado poderia deixar passar.

Pretendo manter o mesmo padrão neste estudo sobre José. Afinal, quando descobrimos que esta história ocupa mais espaço no livro de Gênesis do que a de qualquer outro indivíduo – mais do que Adão, Noé, Abraão, Isaque, ou até a de seu próprio pai, Jacó – compreendemos que não estamos lidando com alguma luz menor e obscura. Ao contrário, este é um dos patriarcas da Antigüidade cuja presença lança uma sombra de bom tamanho sobre o cenário pitoresco da história dos hebreus.

Eis alguém na lista dos "grandes" de Deus... uma vida vivida para a sua glória e que, de modo muito significativo, embora terrivelmente maltratado, viveu acima de todas as reações muito comuns de raiva, ressentimento e vingança. Eis alguém que escolheu deliberadamente esquecer ofensas injustas, superar enormes obstáculos e modelar uma virtude que está desaparecendo rapidamente em nossa época hostil – *o perdão.* Mas falaremos disso mais tarde.

Continuo em dívida com vários amigos fiéis e talentosos por me assistirem na tarefa de colocar este livro em suas mãos. David Moberg, vice-presidente da Marketing and Creative Development e editor-sócio da Word Publishing, demonstrou uma mistura equilibrada de compreensão e amável persuasão ao ajudar-me a permanecer na tarefa.

Helen Peters mais uma vez decifrou as folhas manuscritas e as transformou em palavras, sentenças e parágrafos ortografi-

camente corretos e pontuados de modo adequado, assim como obteve todas as permissões exigidas para as notas de rodapé.

Judith Markham, minha editora de olhos argutos, aplicou suas habilidades a outro de meus volumes, trabalhando diligentemente para cumprir as exigências e prazos deste projeto.

Além dessas "grandes almas", quero agradecer a dois de meus colegas em nossos escritórios da Insight for Living de Anaheim, Gary Matlack e Wendy Peterson, pela sua boa vontade e visão, por poupar-me, quando necessário, de erros históricos, verbais ou técnicos.

O trabalho excelente de Lee Hough em nosso guia de estudo para este livro foi extremamente útil em várias ocasiões; meu reconhecimento e estima pela sua pesquisa cuidadosa e habilidades criativas.

Tenho uma especial dívida de gratidão com Cynthia, minha esposa há mais de 43 anos, cujo incentivo mantém minha caneta se movendo e cujo apoio e compreensão não conhecem fronteiras. Por causa dela especialmente, e de todos os outros mencionados acima, *José: Um Homem Íntegro e Indulgente* está agora nas livrarias e eu, um homem com a mão cansada e a mente exausta, me sinto realmente aliviado.

CHUCK SWINDOLL
Dallas, Texas

José

Um homem íntegro e indulgente

ERRAR É HUMANO,

PERDOAR É DIVINO.

Nenhuma dessas práticas faz parte da política dos Fuzileiros Navais.

CAPÍTULO UM

Filho Favorito, Irmão Odiado

Não pude deixar de sorrir quando o *slogan* da página à esquerda caiu em minhas mãos de dentro de um envelope que também continha a carta de um amigo ex-militar. Nós dois sabíamos, por experiência própria, que essas seis palavras representavam uma regra não-escrita dos fuzileiros, pelo menos da "corporação antiga", da qual fizemos parte. Soube que ela está mudando hoje (mas só vou acreditar quando testemunhar com meus próprios olhos). Caso seja verdade, tais mudanças já estão bem atrasadas.

Mudanças relativas ao perdão podem estar ocorrendo nas tropas dos fuzileiros, mas não entre as tropas da humanidade. "Eu não fico com raiva, só dou o troco" não é simplesmente um provérbio inofensivo escrito num pára-choque que faz as pessoas sorrirem; é uma declaração firme da dolorosa realidade. De que outro modo poderíamos explicar a disseminação de processos judiciais, o pavio curto dos motoristas, ou as reações

explosivas e algumas vezes mortais dos que acham que foram ofendidos? "Dar o troco" chegou ao nível de uma forma de arte deformada em nossa sociedade hostil. Os seres humanos erram e Deus perdoa. Mas nenhuma dessas coisas representa uma regra que a maioria das pessoas está disposta a aceitar.

Graças a Deus, há exceções. De vez em quando encontramos uma vida que representa ousadamente um contraste ao menor denominador comum da opinião de baixo nível que constitui a maioria de hoje. Essa pessoa surge ocasionalmente e ficamos atônitos com sua grandiosidade.

Isso aconteceu comigo nos idos de 1980. Decidi no começo do verão ler a Bíblia de Gênesis a Apocalipse antes do final daquele ano. Não terminara sequer o primeiro livro das Escrituras antes de encontrar um personagem bíblico cuja vida me surpreendeu. Independentemente de como fosse tratado e das acusações injustas e falsas, da rejeição, do abandono, da ofensa, da calúnia e do esquecimento, ele não se ressentiu, não guardou rancor nem tornou-se amargo. Na verdade, ele parecia bom demais para ser real. Li de novo a história – dessa vez mais devagar. Para meu espanto, uma leitura mais cuidadosa revelou um nível ainda mais profundo de paciência e pureza. Prometi então um dia retomar essa vida registrada em Gênesis 37 a 50, com a caneta na mão, e apresentá-la ao público em geral. Ali estava um homem que todos deviam conhecer!

Essa hora chegou. Tenho, finalmente, o privilégio de apresentar a você um homem de enorme integridade que deu um exemplo contínuo de perdão. Seu nome é José. A não ser que esteja enganado, você jamais esquecerá esse homem. Mas qual a razão da surpresa? A sua biografia se encontra no livro mais estupendo já escrito – a Bíblia. Nenhuma vida registrada nela é insignificante ou pode ser esquecida.

> A Bíblia é o Livro supremo sobre a personalidade humana... Desde Adão em Gênesis até Satanás no Apocalipse, seus retratos são inesquecíveis... Agostinho contou como os homens vagueiam pela terra e se admiram com os rios e montanhas, com o mar e as estrelas, embora o tempo todo o homem seja ele mesmo a maior maravilha...Quão esplêndidas são as terríveis e gloriosas capacidades e possibilidades do ser humano... É dito que a vida de cada homem contém material suficiente para um grande romance.[1]

O MANUAL DE TREINAMENTO DE DEUS

Deus faz uso constante da vida dos personagens bíblicos para nos ensinar, encorajar e advertir. Quem pode esquecer o impacto das verdades praticadas na vida de Davi e Ester, de Moisés e Jonas, de Pedro e Paulo? É impossível deixar a verdade na esfera teórica quando ela se vê revelada na vida de homens e mulheres reais. É isso que essas biografias divinamente inspiradas fazem, elas destilam a verdade e a tecem no contexto da existência diária. O manual de treinamento de Deus está cheio de vidas que inspiram e instruem.

Romanos 15:4 afirma: "Pois tudo quanto *outrora* foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (grifo do autor). Essa referência a "outrora" abrange todas as verdades escritas no Antigo Testamento. Se li corretamente esse versículo, existem duas razões básicas para Deus permitir que tivéssemos o Antigo Testamento para estudar e aplicar: primeira, para a instrução no presente e, segunda, para a esperança futura. Deus nos deu essa informação, de modo que nossa mente possa aprender a verdade sobre ele e sobre a vida, e de modo a sermos encorajados a perseverar no futuro.

A seguir, 1 Coríntios 10:6-11, diz, "Ora, *estas cousas* se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram...*Estas cousas* lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (grifo do autor). "Estas cousas", no versículo 6, se referem aos cinco primeiros versículos do capítulo, que apontam para o povo de Israel e algumas das coisas que eles suportaram e experimentaram. O mesmo pensamento é então repetido no versículo 11, enfatizando que Deus nos deu as verdades do Antigo Testamento para instruir-nos, para dar-nos esperança e para nos advertir sobre como devemos viver dia a dia, a fim de não cobiçarmos as coisas malignas que alguns de nossos antepassados espirituais cobiçaram.

Citei antes a declaração de Clarence Edward Macartney que termina com o comentário de que a vida de cada pessoa constitui um romance. É possível que nenhuma vida na Bíblia se pareça mais com um romance de suspense do que a de José.

> A história de José é um romance muito bem escrito, que descreve em vívido detalhe o desenvolvimento do caráter de um jovem carismático e arrogante até um homem de meia-idade piedoso...Gênesis chega a um clímax melodramático nesses últimos capítulos: uma história repleta de todas as paixões humanas – amor e ódio, ambição e glória, inveja e fúria. Lágrimas de alegria e sofrimento são derramadas. Vestimentas são rasgadas em meio à angústia. É uma saga emocionante de traição e engano, deslealdade e perdão.[2]

VISÃO GERAL RESUMIDA

Antes de conhecermos melhor a vida de José, vamos examinar rapidamente informações relativas a ele. Será útil lembrar que a sua biografia se encaixa em três segmentos distintos:

- *Desde o nascimento até os 17 anos* (Gn 30:24-37:2)
  Durante esse período a família de José estava em mudança – ninguém se instalara permanentemente, todos andavam de um lado para outro. Um antagonismo de baixa qualidade existia entre os membros da família, que discutiam entre si, manifestando sentimentos de inveja e ódio.

- *Dos 17 aos 30 anos* (Gn 37:2-41:46)
  Este segundo segmento ocorre quando José chega ao início da idade adulta. Sua vida parece sair do controle. Escravidão, acusação injusta e prisão acontecem com ele.

- *Dos 30 anos até sua morte* (Gn 41:46-50:26)
  Os oito últimos anos de José são anos de prosperidade e recompensa sob a bênção de Deus. Ele teve a oportunidade clássica de acertar as contas com os irmãos e arruiná-los para sempre, mas recusou-se a fazer isso. Pelo contrário, abençoou-os, protegeu-os e perdoou.

Jacó: O Pai Idoso

A primeira pessoa que encontramos (e precisamos compreender) é o pai de José, Jacó. Seu outro nome é Israel, que significa "Deus luta" – nome que recebeu depois de ter lutado com Deus e se agarrado a ele até receber sua bênção. (A história é registrada em Gn 32:22-32.) Este nome é um grande aprimoramento sobre o nome original, Jacó, que significa literalmente "usurpador" ou "trapaceiro". Voltaremos a isso logo mais, mas, por enquanto, leia as primeiras linhas de Gênesis 37 lenta e cuidadosamente:

> Habitou Jacó na terra das peregrinações de seu pai, na terra de Canaã. Esta é a história de Jacó: Tendo José dezessete anos, apascentava os rebanhos com seus irmãos; sendo ainda jovem,

> acompanhava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e trazia más notícias deles a seu pai. Ora, Israel amava mais a José que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas.
>
> Gênesis 37:1-3

Jacó já era idoso quando José nasceu. As Escrituras declaram que José era "filho da sua velhice". O nome original de Jacó, "usurpador", era apropriado, desde que essa tinha sido a sua natureza desde jovem. Não nos surpreende então, que o engano fizesse parte do problema progressivo em sua família mais tarde.

Jacó não só era um trapaceiro, como também veremos que era um pai passivo. Nesta história antiga vemos um exemplo clássico de um homem ocupado demais para a sua família, excessivamente preocupado e negligente, o que significava que era muito passivo para lidar com o que ocorria na vida de seus filhos.

Pelo fato de Jacó estar envelhecendo nessa época, ele amava mais a José. Quando José nasceu, Jacó adquiriu um novo interesse pela vida. Testemunhamos muito isso hoje quando homens perto dos 50, ou mais velhos, se tornam pais. Esses pais mais idosos parecem ganhar um novo incentivo para reorganizar a própria vida. Foi isso o que aconteceu com Jacó quando José nasceu. Além disso, seu grande amor por José era reforçado pelo fato de ser filho de Raquel, sua esposa amada.

Em alguns capítulos anteriores lemos estas palavras sobre o nascimento de José.

> Lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a fez fecunda. Ela concebeu, deu à luz um filho, e disse: Deus me tirou o meu vexame. E lhe chamou José, dizendo: Dê-me o Senhor ainda outro filho.
>
> Gênesis 30:22-24

A mãe lhe deu o nome de José, que significa "acrescenta-me" ou "que ele [Deus] acrescente". Raquel estava dizendo: "Dê-me o Senhor outro filho".

Até o nascimento de José, Raquel fora estéril, e a esterilidade era o maior estigma para a mulher da sua cultura. O fato de a mulher casada não ter filhos era uma desgraça para ela e muitas vezes para o marido. Neste caso, porém, não era um estigma para Jacó, porque ele já tinha filhos com a primeira mulher, Lia, que era também irmã de Raquel. Isso traz à luz uma outra história interessante. Vejamos alguns detalhes. Você aprenderá assim a apreciar e compreender o que José experimentou nos primeiros anos de sua vida.

Quando Jacó era jovem, ele se apaixonou por Raquel, a linda filha de um homem chamado Labão. "Se puder casar-me com sua filha Raquel", Jacó prometeu a Labão, "trabalharei fielmente para o senhor durante sete anos". O trato foi feito e Jacó serviu Labão durante sete anos. Mas, no dia do casamento de Jacó, Labão fez uma troca; ele enganou Jacó. Enganou o enganador, poder-se-ia dizer, e Jacó acabou casado com Lia, a irmã mais velha e menos atraente de Raquel.

Quando Jacó percebeu o acontecido, ele disse: "Trabalharei mais sete anos por Raquel". Compreenda, ela era a mulher que ele amava. Labão deu-lhe então Raquel como segunda esposa e Jacó trabalhou mais sete anos para o sogro. Essa família evidentemente não começou bem!

Nos anos que se seguiram, Lia deu sete filhos a Jacó – seis filhos e uma filha. Como resultado da competição entre Lia e Raquel pelo seu afeto e pela maternidade, ele teve também quatro filhos com as criadas de suas esposas.

Durante esse ínterim, Raquel rogou a Deus que lhe abrisse o ventre e lhe desse um filho. Deus finalmente lembrou-se dela e lhe deu José.

A essa altura, Jacó já trabalhara 24 longos anos para o sogro e estava ansioso para partir. Labão morava em Harã, uma terra bem ao nordeste de Canaã, e Jacó queria levar as mulheres e a família de volta à sua terra natal, a terra de Canaã, geralmente chamada de Terra Prometida.

> Tendo Raquel dado à luz a José, disse Jacó a Labão: Permite-me que eu volte ao meu lugar e à minha terra. Dá-me as mulheres, e meus filhos, pelas quais eu te servi, e partirei; pois tu sabes quanto e de que maneira te servi.
>
> Gênesis 30:25-26

Canaã, a Terra Prometida

"Eu pertenço a Canaã", disse Jacó ao sogro. "É ali que estão as raízes do meu povo. É ali que quero criar meus filhos."

Labão concordou, mas durante o processo, mais uma vez, ele e Jacó tentaram enganar um ao outro. Finalmente, porém, Jacó e sua família partiram para a terra de Canaã – mas não sem tragédia. O primeiro incidente ocorreu ao chegarem à terra de Siquém, numa região povoada pelo povo conhecido como heveus. Leia e lamente:

> Ora, Diná, filha que Lia dera à luz a Jacó, saiu para ver as filhas da terra. Viu-a Siquém, filho do heveu Hamor, que era príncipe daquela terra, e, tomando-a, a possuiu, e assim a humilhou.
>
> Gênesis 34·1-2

Diná foi tragicamente estuprada. Ela, porém, estava rodeada de irmãos que a amavam e se preocupavam com seu bem-estar. Eles fizeram um plano, enganaram os heveus, fazendo-os cair numa armadilha, e mataram todos os homens da cidade. Ao partirem, levaram consigo todos os seus bens e todos os seus meninos e as suas mulheres (Gn 34:29).

Quando Jacó soube o que seus filhos fizeram para vingar-se, ficou zangado; aparentemente não por causa do que acontecera com a filha, nem pela severidade da vingança cruel deles. Jacó preocupou-se mais, acredite se quiser, com as suas relações com o resto do povo da terra.

A segunda tragédia aconteceu com Raquel. Enquanto eles ainda viajavam de volta para a casa de Isaque, pai de Jacó, Deus ouviu as orações de Raquel e lhe deu outro filho.

> Partiram de Betel e, havendo ainda pequena distância para chegar a Efrata, deu à luz Raquel um filho, cujo nascimento lhe foi a ela penoso. Em meio às dores do parto, disse-lhe a parteira: Não temas, pois ainda terás este filho. Ao sair-lhe a alma (porque morreu), deu-lhe o nome de Benoni; mas seu pai lhe chamou Benjamim. Assim morreu Raquel, e foi sepultada no caminho de Efrata, que é Belém.
>
> Gênesis 35:16-19

Que dia triste deve ter sido aquele! Jacó trabalhara dura e longamente pela mulher que amava e Raquel demorara anos para ter filhos. Agora, às portas da sua cidade, com toda a casa e todos os seus bens, os filhos de Lia e os dois filhos de Raquel, a esposa amada de Jacó morre no parto. Além disso, quando ele ainda chorava por ela,

> Então partiu Israel e armou a sua tenda além da torre de Eder. E aconteceu que, habitando Israel naquela terra, foi Rúben e se deitou com Bila, concubina de seu pai; e Israel o soube. Eram doze os filhos de Israel.
>
> Gênesis 35:21-22

Rúben manteve relações sexuais com Bila, que era mãe de dois de seus meio-irmãos. Jacó (Israel) era um pai tão passivo

que não fez absolutamente nada ao saber do comportamento do filho. Isso parece claro pelo fato de o escritor, depois de narrar o incidente, passar a registrar os nomes dos 12 filhos de Jacó. Ao saber do estupro de sua filha, ele nada fez; e quando soube que seu próprio filho cometera incesto com Bila, também não tomou nenhuma atitude. Nenhuma!

Alguém poderia dizer: "Espere um pouco. Talvez Jacó não soubesse. Talvez ocultassem dele essa informação". Mas sabemos que isso não é verdade; o texto afirma que ele soube de ambos os incidentes. De fato, quando Jacó estava morrendo, ele reuniu todos os filhos ao seu redor e lhes deu sua bênção. "A cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia" (Gn 49:28). Durante a bênção ele disse:

> Rúben, tu és meu primogênito, minha força, e as primícias do meu vigor, o mais excelente em altivez, e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porque subiste ao leito de teu pai, e o profanaste; subiste à minha cama.
>
> Gênesis 49:3-4

Tudo isso é uma maneira poética de dizer: "Rúben, você é dissoluto e imprudente e cometeu um ato vergonhoso. Por causa disso não mais será excelente em honra e poder como deveria acontecer com o primogênito". Uma nota de rodapé na NVI afirma: "Os descendentes de Rúben foram caracterizados pela indecisão" (veja Jz 5:15-16).

Se você é como eu, quando ler este relato final desejará dizer a Jacó: "Por que está falando essas coisas agora, tantos anos depois? Onde estava quando tudo isso aconteceu? Por que não lidou com os fatos na época, como deveria ter feito em seu papel de pai? Por que não interferiu então? Se não fizer isso, quem guiará seus filhos?".

Obrigado por me acompanhar nesses detalhes históricos. Examinei todo esse pano de fundo para que você possa começar a ver e compreender os enganos, as intrigas, a ira, a rebeldia, a rivalidade e a inveja descontrolada que imperavam nas fileiras dos filhos de Jacó – todas as características demonstradas pelo pai. Este era o lar em que o menino José nasceu, um ambiente bastante negativo para criar uma criança.

José: O Filho Favorito

Não esqueça que desde seu nascimento, José foi o favorito do pai. Ele era o primogênito da esposa favorita de Jacó, Raquel, a quem muito amava. Era o filho da velhice de Jacó. José também não se parecia com seus irmãos, em caráter e atitude. É possível que Jacó favorecesse José por todas essas razões. Ele não só o amava mais do que aos outros, como também mostrou-lhe imprudentemente grande favoritismo.

Os outros filhos de Jacó não eram tolos. Eles poderiam ser cobiçosos, rebeldes, trapaceiros e vingativos, mas não eram estúpidos. Compreenderam rapidamente, pela evidência das indulgências do pai para com José, que era o favorito da família. A mãe dele fora a esposa favorita e José, o filho favorito. Eles não estavam dispostos a deixar que esse estado de coisas continuasse passivamente. Na hora oportuna extravasariam sua ira. Observe atentamente como o pavio deles ficou cada vez menor.

> Ora, Israel amava mais a José que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas.
>
> Gênesis 37:3

Os pais passivos tendem a favorecer o filho mais fácil de criar. É difícil tratar com uma criança rebelde. (É por isso que ela é

difícil de criar!) O pai passivo tenderá a favorecer aquele que não lhe causa problemas. Uma vez que Jacó tinha 11 filhos difíceis de lidar, ele favoreceu aquele que trazia alegria ao seu coração.

Como mencionei antes, Jacó não fez questão de esconder o seu favoritismo. De fato, ele o demonstrou dando a José uma "túnica de várias cores" (ARC). (A NVI a chama de "manto ricamente ornamentado".)

Um confiável comentarista do Antigo Testamento, H.C. Leupold, diz com relação ao estilo da veste de José: "Essa túnica tinha mangas e se estendia até os tornozelos". Ele tirou essa conclusão do termo hebraico *passeem*, que significa "punhos" ou "tornozelos".[3]

É difícil trabalhar com uma roupa que tenha mangas e vá até os tornozelos, especialmente se for um manto caro, ricamente bordado. Seria como enviar um soldador a uma construção usando um casaco de peles comprido. Nos dias de José, a roupa de trabalho era uma túnica curta, sem mangas. Ela deixava os braços e as pernas livres para que os trabalhadores pudessem mover-se com facilidade.

Como pode imaginar, ao dar a José esse casaco comprido e bordado, que era um sinal de nobreza já naquela época, o pai estava declarando enfaticamente: "Você pode usar essa roupa bonita porque não tem de trabalhar como os seus irmãos".

UM PLANO ASSASSINO

> Tendo José dezessete anos, apascentava os rebanhos com seus irmãos; sendo ainda jovem, acompanhava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e trazia más notícias deles a seu pai. Ora, Israel amava mais a José que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas. Vendo, pois, seus irmãos, que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente.
>
> Gênesis 37:2-4

O lar em que José foi criado se compunha de uma família de pessoas cheias de ódio, inveja e falsidade. Nesse ambiente hostil, os outros filhos de Jacó observaram durante 17 anos o pai favorecer José. A inveja deles transformou-se em ressentimento e ódio. Não perca o último comentário. Os irmãos de José passaram a desprezar de tal modo o mais moço que não podiam sequer dizer-lhe uma palavra bondosa. Tente imaginar a pressão aumentando naquela casa. Era um enorme barril de pólvora pronto a explodir.

Além do mais, José era um sonhador. Por alguma razão, ele contou a seus irmãos dois dos seus sonhos. Se as relações já não estivessem tensas antes, pode acreditar que os sonhos por si só teriam provocado a explosão.

> Teve José um sonho, e o relatou a seus irmãos; por isso o odiaram ainda mais. Pois lhes disse: Rogo-vos, ouvi este sonho que tive: Atávamos feixes no campo, e eis que o meu feixe se levantou e ficou em pé; e os vossos feixes o rodeavam e se inclinavam perante o meu. Então lhe disseram seus irmãos: Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre nós dominarás realmente? E com isso tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras.
>
> Gênesis 37:5-8

– Deixem que eu conte o meu sonho – disse José. Ao ouvir a história, os irmãos escarneceram:

– O que você está dizendo? Pensa realmente que vai ser nosso superior, que *nós* vamos servir *você?* – Podemos imaginar cada um pensando: – *Esqueça isso, garoto!*

José continuou: – Esperem, não acabei. Tive também outro sonho –. O texto bíblico explica:

> Teve ainda outro sonho, e o referiu a seus irmãos, dizendo: Sonhei também que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam perante mim. Contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o o pai e lhe disse: Que sonho é esse que tiveste? Acaso viremos eu e tua mãe e teus irmãos a inclinar-nos perante ti em terra? Seus irmãos lhe tinham ciúmes; o pai, no entanto, considerava o caso consigo mesmo.
>
> Gênesis 37:9-11

Quando o pai ouviu esse sonho, deve ter franzido a testa ao dizer: – Espere um minuto, filho. Do que está falando? Tenta dizer-nos que eu sou o sol, sua mãe, a lua e seus irmãos, as onze estrelas, e todos nos curvamos diante de você? Olhe, *estou* um pouco preocupado com você, José.

Jacó respondeu outra vez passivamente. Ele notou o que José disse – e até entendeu o objetivo –, mas não pareceu ver além disso. Não estou certo de que notou os ciúmes dos outros filhos; ou, se notou, não tomou nenhuma providência. Ao recuar, disse em essência: "É assim que as coisas são. É assim que somos nesta família". A passividade dos pais é fatal numa família que está se descontrolando. Este é um exemplo clássico. O rastilho está quase alcançando o barril.

Enviado pelo Pai

Passado algum tempo, "foram os irmãos apascentar os rebanhos do pai", mas José não os acompanhou, possivelmente porque Jacó queria que ficasse ao seu lado.

> E, como foram os irmãos apascentar o rebanho do pai, em Siquém, perguntou Israel a José: Não apascentam teus irmãos o rebanho em Siquém? Vem, enviar-te-ei a eles. Respondeu-lhe José: Eis-me aqui. Disse-lhe Israel: Vai, agora, e vê se vão bem teus irmãos, e o rebanho; e traze-me notícias. Assim o enviou do vale de Hebrom, e ele foi a Siquém.
>
> Gênesis 37:12-14

É interessante notar que os filhos de Jacó voltaram à região chamada Siquém para apascentar seus animais. Esse era justamente o lugar onde sua irmã Diná tinha sido violentada e onde eles haviam matado todos os homens e saqueado suas casas e propriedades. Quando Jacó compreendeu onde tinham ido, deve ter provavelmente pensado: "Meus filhos podem estar em perigo por causa do que fizeram ao povo de Siquém". Enviou então José para ver como os irmãos estavam e informá-lo.

Ficamos imaginando no que Jacó pensava a essa altura. Ou se realmente pensava no assunto. Não teria tomado consciência da situação? Como seria possível não perceber o ódio e os ciúmes fervilhando em sua casa? Não tinha nenhuma idéia do perigo para o qual estava enviando o filho favorito? Foi ele na verdade que preparou José para os acontecimentos que sobrevieram. Você está prestes a testemunhar uma explosão de emoções há muito reprimidas.

> ...Então seguiu José atrás dos irmãos, e os achou em Dotã. De longe o viram e, antes que chegasse, conspiraram contra ele para o matar. E dizia um ao outro: Vem lá o tal sonhador! Vinde, pois, agora, matemo-lo e lancemo-lo numa destas cisternas; e diremos: Um animal selvagem o comeu; e vejamos em que lhe darão os sonhos.
>
> Gênesis 37:17-20

Maltratado pelos Irmãos

Quanta hostilidade nessa família! No momento em que viram José chegando, a reação imediata dos irmãos foi declarada por

meio dos dentes cerrados: – É o sonhador! Vamos matá-lo –. Esse é o momento oportuno para indicar que uma mistura de paternidade passiva com um ambiente familiar hostil resulta em conseqüências incontroláveis. A essa altura, os irmãos tinham um crime em mente.

De maneira inesperada, Rúben interfere nesse ponto.

> Mas Rúben, ouvindo isso, livrou-o das mãos deles, e disse: Não lhe tiremos a vida. Também lhes disse Rúben: Não derrameis sangue; lançai-o nesta cisterna, que está no deserto, e não ponhais mão sobre ele; isto disse, para o livrar deles, a fim de o restituir ao pai.
>
> Gênesis 37:21-22

Lembra-se de Rúben, o primogênito? Este é o Rúben que dormiu com a concubina do pai. Talvez por ser o mais velho, ele sentisse alguma responsabilidade pelo irmão mais novo. Ou, num momento irrefletido, ele se tornava um homem melhor do que fora antes.

– Olhe, não devemos matá-lo – disse Rúben. – Vamos jogá-lo num poço e deixá-lo ali. Acho que ele merece uma lição, mas não há razão para matá-lo –. Enquanto isso, Rúben pensava em voltar mais tarde, resgatar José e levá-lo de volta para casa.

> Mas, logo que chegou José a seus irmãos, despiram-no da túnica, a túnica talar de mangas compridas que trazia. E, tomando-o, o lançaram na cisterna, vazia, sem água.
> Ora, sentando-se para comer pão...
>
> Gênesis 37:23-25

Os irmãos evidentemente concordaram com o plano de Rúben. Note, porém, a primeira coisa que fizeram quando José

chegou: "Despiram-no da túnica". Essa veste odiada de favoritismo foi a primeira coisa a ser tirada. – Tire a túnica – disseram. Era como se tivessem dito: – Tire esse casaco de peles. Você não é melhor do que nós –. Em seguida, eles o jogaram na cisterna.

Depois disso, sentaram-se e comeram! Toda a sua raiva os deixara famintos. Incrível, não é? Não havia nenhuma consciência culpada!

A CARAVANA PARA O EGITO

> Ora, sentando-se para comer pão, olharam e viram que uma caravana de ismaelitas vinha de Gileade; seus camelos traziam arômatas, bálsamo e mirra, que levavam para o Egito. Então disse Judá a seus irmãos: De que nos aproveita matar o nosso irmão e esconder-lhe o sangue? Vinde, vendamo-lo aos ismaelitas; não ponhamos sobre ele a nossa mão, pois é nosso irmão e nossa carne. Seus irmãos concordaram. E, passando os mercadores midianitas, os irmãos de José o alçaram e o tiraram da cisterna e o venderam por vinte siclos de prata aos ismaelitas; estes levaram José ao Egito.
>
> Gênesis 37:25-28

Um calafrio percorre-me a espinha quando leio o que esses homens fizeram ao próprio irmão. Avistando uma caravana de mercadores, Judá disse, com efeito: – Olhem, Rúben tem razão. Não vamos matar o garoto. Afinal de contas, ele é um membro da família e não precisamos do seu sangue em nossas mãos. Vamos livrar-nos dele e ganhar algum dinheiro com isso –. Os outros concordaram e por 20 peças de prata (que é o que teriam pago por um escravo aleijado naquela época) eles o entregaram a um grupo de completos estranhos – um bando de comerciantes midianitas.

> Então tomaram a túnica de José, mataram um bode e a molharam no sangue. E enviaram a túnica talar de mangas compridas, fizeram-na levar a seu pai, e lhe disseram: Achamos isto; vê se é ou não a túnica de teu filho. Ele a reconheceu, e disse: É a túnica de meu filho; um animal selvagem o terá comido; certamente José foi despedaçado.
>
> Gênesis 37:31-33

Enquanto a caravana seguia pelos campos e desaparecia de vista, os irmãos mergulharam calmamente a túnica de José no sangue do bode recém-morto. Depois, pegaram a vestimenta suja de sangue e a levaram de volta ao pai, atirando-a no chão e dizendo: – Encontramos isto. Achamos que pode ser a túnica do seu filho.

Ao ver a evidência sangrenta, Jacó chegou à conclusão desejada: José, o filho amado, estava morto.

Mais um engano, mais um ato de ódio numa família em que esses sentimentos imperavam. Que dura realidade! Que trágicas conseqüências. Jacó, um pai que envelhecia, havia semeado vento e agora colhia tempestade. Não posso senão me perguntar o que se passou na mente de Jacó naquela noite enquanto, sozinho, procurava conciliar o sono naquelas horas aflitivas. Imagino se ele compreendeu seu fracasso como pai e derramou o coração com numa prece angustiada.

LIÇÕES APRENDIDAS POR MEIO DA ADVERSIDADE

Esta talvez seja a hora certa de lembrar várias lições que podemos aprender com a família de Jacó e com a adversidade de José. A primeira é óbvia:

- *Nenhum inimigo é mais sutil do que a passividade.* Quando os pais são passivos, eles podem acabar disciplinando,

> mas a reação retardada é geralmente produto da ira. A passividade espera até que, finalmente, quando não pode mais esperar, se manifesta com crueldade. Quando isso acontece, os filhos não são disciplinados, mas brutalizados. A passividade não apenas nos cega para o aqui e agora, como também nos torna incoerentes.

Estou extremamente preocupado no momento com a família em geral. Se os cristãos não acordarem e tomarem o controle da situação, mediante o poder do Senhor Jesus Cristo, quem no mundo o fará?

Você talvez diga: "Sou avô agora. Meus dias de educar filhos já se foram". Ou: "Sou solteiro. O que posso fazer a esse respeito?". Mas essas declarações são apenas pretextos, desculpas convenientes. Todos nascemos em família, todos vivemos em família de um tipo ou de outro, e todos interagimos com a família cada dia da nossa vida. No caso de você não ter notado, a família está se distanciando cada vez mais daquela de 50 anos atrás.

Fiquei chocado quando vi há pouco tempo uma tabela que comparava os principais problemas disciplinares de 1990 com os de 1940, baseada no testemunho de professores da rede pública dos EUA.

1940	1990
Falar fora de hora	Uso de drogas
Mascar chiclete	Abuso de álcool
Fazer barulho	Gravidez
Correr nos corredores	Suicídio
Furar a fila	Estupro
Infrações à regra de vestuário	Roubo
Sujar as instalações	Assalto

Desde 1940 os principais problemas disciplinares nas escolas públicas aprofundaram-se assustadoramente do mascar chiclete e furar a fila, para drogas, para o abuso de álcool, para o estupro e assalto.[4]

Meu choque transformou-se em espanto ao ler o último livro de Stephen Covey, *Sete Hábitos das Famílias Altamente Eficazes*. Num capítulo penetrante dedicado aos pais que desejam mudar as coisas num mundo que perdeu o rumo, Covey conta a história de um garoto de sete anos que estava perturbado. O pai, pensando que ele pudesse estar tendo pesadelos, insistiu para que o filho contasse qual era o problema. Depois de muita insistência, o menino começou a descrever várias cenas horríveis do mais baixo nível de pornografia. Reprimindo a surpresa, o pai investigou para saber onde o filho fora exposto a tal indecência. O dedo apontou, afinal, para um menino de nove anos da vizinhança que transformara uma sala de computador no porão de sua casa numa loja pornográfica – e seus pais não sabiam de nada.

Covey pergunta: Como isso pôde acontecer? Como é possível viver numa sociedade em que a tecnologia possibilita que crianças – que não têm sabedoria, nem experiência, nem bom senso nessas questões – se tornem vítimas de algo tão doentio e mentalmente venenoso como a pornografia?

Nos últimos cinqüenta anos a situação das famílias mudou poderosa e dramaticamente.

- Os nascimentos ilegítimos aumentaram mais de 400 por cento.
- A porcentagem de famílias chefiadas por um só dos pais mais do que triplicou.
- O índice de divórcios mais que duplicou.

- O suicídio entre adolescentes aumentou mais de 300 por cento.
- As notas dos Testes de Aptidão nas escolas caíram 73 pontos.
- O problema número um das mulheres nos Estados Unidos hoje é a violência doméstica. Quatro milhões de mulheres são espancadas a cada ano pelos parceiros.
- Um quarto de todos os adolescentes contraem uma moléstia sexualmente transmitida antes de se formar na escola secundária.[5]

Nada disso deveria surpreender-nos. Afinal de contas, a criança passa em média sete horas por dia assistindo à televisão, mas apenas cinco minutos com o pai.[6]

Você pode estar se perguntando como tudo isso está ligado à história de José. Na verdade tem forte ligação, desde que a família de Jacó também tinha um pai que parecia cruzar os braços desviar a atenção para outras coisas.

Nunca se esqueça destas palavras: *A passividade é um inimigo!*

Há uma segunda lição que podemos extrair das lutas juvenis de José.

- *Nenhuma reação é mais cruel do que os ciúmes.* Salomão tinha razão quando disse: "...Duro como a sepultura o ciúme" (Ct 8:6).

  Se for permitido que o ciúme aumente e se inflame, as conseqüências podem ser devastadoras. Se você permitir que os ciúmes se tornem raiva em sua família ou entre seus filhos, terá problemas. Em algum ponto esse sentimento vai manifestar-se de maneira prejudicial.

Temos de lidar com as atitudes tão severamente quanto lidamos com os atos. Pais cristãos, aprendam isso! Cortem pela raiz

as atitudes erradas! Mas quando perceberem belos vislumbres de atitudes corretas, recompensem! Edifiquem! É claro que, para isso, e para ser um modelo coerente, suas próprias atitudes devem ser corretas.

Jacó e Raquel, Lia e Labão estabeleceram sem saber maus exemplos para o resto da família. Na infância de José, podemos ver claramente o efeito de um pai passivo, uma mãe ausente, uma família cheia de falsidades, ciúmes e brigas internas, crianças deixadas por sua própria conta para descobrirem sozinhas a vida. O pecado e os maus-tratos que se insinuaram em seu meio foram de fato tolerados. Os ciúmes nunca se corrigem, eles só levam a maiores males.

Basta, porém, de aspectos negativos. Vamos encontrar em tudo isso pelo menos uma magnífica lição de esperança: *Nenhum ato é mais poderoso do que a oração*. Compreendo que a história bíblica não declara que Jacó se voltou para Deus em oração; mas ele certamente poderia ter feito isso! De que outro modo teria condições de continuar vivendo? Onde mais iria buscar esperança?

O mesmo se aplica a você e a mim. A oração traz poder para suportar. Os mais velhos são uma fonte de saber para os jovens pais e para os filhos e netos. Os solteiros, homens e mulheres, têm igualmente muito que oferecer, quer entre seus próprios parentes quer na família da igreja. Vidas partidas, vazias, podem encontrar novas forças para se recuperar. É nesse ponto que eu diria que José, sem dúvida alguma, entregou sua situação a Deus a partir do momento em que a caravana seguiu rumo ao Egito. Ele certamente sabia, mesmo aos 17 anos, que sua única esperança viria por meio da intervenção fiel de Deus! Com certeza clamou àquele que estava no controle soberano do seu futuro! E é isso que devemos fazer também!

Deixamos José num conjunto bastante precário de circunstâncias. Abandonado pelos irmãos e deixado à mercê dos mercenários inescrupulosos a caminho de um destino desconhecido para ele, o filho adolescente de Jacó não tinha para onde olhar senão para o alto. Estou convencido de que foi isso que fez. Em vez de lamber as feridas e jurar que um dia se vingaria, o menino deve ter decidido em seu coração, como Daniel que um dia seguiria o seu exemplo, não se deixar corromper por planos perversos e derrotistas de vingança. Embora impossibilitado de enviar uma última mensagem ao velho pai, ele sabia que o Senhor estava a par da sua situação e pronto para ouvir sua súplica por misericórdia. É certo que clamou por ele!

F.B. Meyer concorda. Com pena do solitário rapazinho, ele escreve:

> Como ele ansiava enviar pelo menos uma última mensagem ao pai! A todas essas idéias deveria misturar-se um pensamento de admiração pelo grande Deus que aprendera a adorar. O que ele diria a respeito dessas coisas? Mal sabia José que mais tarde olharia para aquele dia como um dos elos mais graciosos numa cadeia de ternas providências; ou que diria um dia: "Não fiquem tristes nem aborrecidos com vocês mesmos: foi Deus que me enviou aqui antes de vocês". É muito agradável, à medida que a vida passa, poder olhar para trás, para acontecimentos sombrios e misteriosos, e reconhecer a mão de Deus onde antes só víamos a malícia e crueldade do homem.[7]

José apenas começara a experimentar os "acontecimentos sombrios e misteriosos" da vida. Contudo, é por meio de todos eles que a mão de Deus o irá apoiar e traçar finalmente seu plano soberano.

CAPÍTULO DOIS

Resistindo à Tentação

No dia 9 de abril de 1945, Dietrich Bonhoeffer foi executado pelos nazistas. Ele tinha apenas 39 anos. Contudo, nesses 39 anos Bonhoeffer se distinguira como pastor e teólogo, sendo também membro ativo e corajoso da resistência contra o Terceiro Reich de Hitler. Ele era querido de muitos naquela época, em sua Alemanha nativa, mas agora é ainda mais pela família de Deus espalhada por todo o mundo. Suas obras sobre a espiritualidade são muito lidas atualmente e os livros, *The Cost of Discipleship* (O Custo do Discipulado), *Life Together* (Nossa Vida Juntos), *Ethics* (Ética) *e Papers from Prison* (Cartas da Prisão) são considerados clássicos. O melhor de todos, porém, em minha opinião, é uma pequena brochura com menos de 50 páginas intitulada *Temptation* (Tentação). Nesse breve tratado, Bonhoeffer nos deixou a explicação mais descritiva da tentação do que qualquer outra que poderíamos encontrar além da Bíblia.

Em nossos membros há uma inclinação latente em direção ao desejo, a qual é tanto súbita quanto impetuosa. Com irresistível poder o desejo domina a carne. De repente, um fogo secreto, sem chamas, se acende. A carne queima e se inflama. Não faz diferença que se trate de desejo sexual, ambição, vaidade, sede de vingança, amor pela fama e o poder, ganância por dinheiro ou, finalmente, esse estranho desejo da beleza do mundo, da natureza. A alegria em Deus está prestes a extinguir-se em nós e buscamos toda a nossa alegria na criatura. Nesse momento Deus se torna quase irreal para nós, ele perde toda a realidade e só o desejo pela criatura é real; a única realidade é o diabo. Satanás não nos enche nesse ponto de ódio contra Deus, mas nos faz esquecer dele... A lascívia assim despertada envolve a mente e a vontade do homem na mais negra escuridão. Os poderes da clara discriminação e da decisão são removidos de nós... É aqui que tudo em nós se levanta contra a Palavra de Deus.[1]

Não existe ninguém que tenha passado por esta terra, inclusive Jesus Cristo, que não tenha enfrentado a tentação. E não há uma única pessoa, exceto Cristo, que não tenha cedido a ela uma ou outra vez e sofrido as conseqüências. A tentação faz parte inevitável de nosso mundo decaído. Não podemos fugir dela.

A tentação usa também muitas faces. Há, por exemplo, a *tentação material,* que é o desejo de coisas. Pode ser algo grande como uma casa ou pequeno como um anel. Pode ser tão brilhante e deslumbrante quanto um Porsche zero-quilômetro ou tão pouco atraente e empoeirado quanto uma escrivaninha. Contudo, quem não sentiu o fogo do desejo por coisas? E quem não cedeu imprudentemente a ele algumas vezes?

A seguir vem o que chamamos de *tentação pessoal,* que é o desejo pela fama, pela autoridade, pelo poder, pelo controle

sobre outros. Pode ser algo tão simples quanto o desejo de um título de "diretor executivo", ou "presidente", ou "doutor", ou "professor" ou "almirante". Não há nada de errado com esses títulos ou essas posições, até que a cobiça chega e diz: "Você merece isso, pelo que vai significar para a *sua* vida".

Em último lugar está a *tentação sensual,* que é o desejo por outra pessoa – ou, na realidade, desejo pelo corpo da outra pessoa. Estou me referindo aqui ao desejo hedonista de ter e gozar aquilo que legal ou moralmente não nos pertence.

Em vista de José ter-se envolvido numa luta com esta terceira categoria de tentação, neste capítulo limitaremos especificamente os nossos pensamentos a ela. Não devemos nos esquecer, no entanto, das palavras práticas de Bonhoeffer no sentido de que quando cedemos a essa tentação particular, "os poderes da discriminação e da decisão esclarecidas são retirados de nós".

Antes de examinarmos, porém, esta tentação, precisamos ver exatamente o que estava acontecendo com José desde que o deixamos, no último capítulo, em meio a um grupo de midianitas numa caravana que seguia lentamente para o Egito.

O CENÁRIO HISTÓRICO

Jacó aceitara o fato de seu filho José estar morto. Para os irmãos, pelo menos no que admitiam para si mesmos, ele partira definitivamente, estando talvez até morto a essa altura. Mas, na realidade, José se achava bem vivo.

> José foi levado ao Egito, e Potifar, oficial de Faraó, comandante da guarda, egípcio, comprou-o dos ismaelitas que o tinham levado para lá.
>
> Gênesis 39:1

José se encontrou num país cuja cultura era estranha para ele, cercado por um idioma que não compreendia. Esse tão ansiado filho de Raquel e filho abertamente favorito de Jacó fora vendido como um escravo comum e forçado a uma situação que parecia ainda pior do que a cisterna na qual seus irmãos inicialmente o atiraram.

Ao sermos apresentados às suas circunstâncias no Egito, note que duas coisas são evidentes pela ausência. Primeiro, não há menção de tempo. Não temos indicação de há quanto tempo José se encontrava na casa de Potifar quando esses eventos começaram a se desenrolar. Ele poderia ter estado ali durante dois anos ou dois meses.

Segundo, nada é dito sobre os ajustes que José teve de fazer. Lembre-se, ele viera de uma cultura rural, onde as pessoas eram simples, e de um lar em que fora o orgulho e a alegria da mãe e o filho favorito e amado de um pai idoso.

Sem nenhum aviso, José foi agarrado brutalmente pelos irmãos, despojado de sua bela túnica e atirado numa cisterna profunda e suja. Só foi resgatado dessa situação para ser vendido a comerciantes de escravos empedernidos e levado por terra numa caravana que seguia para um país distante, onde foi colocado no tronco e vendido como uma peça de mercadoria barata. As mudanças e ajustes enfrentados por ele devem ter sido enormes.

Lemos no relato de Gênesis que José foi vendido a um homem chamado Potifar, descrito como "comandante da guarda" ou, como traduzido pela NVI, "capitão da guarda". Este era um grupo de elite, formado por homens corajosos. O historiador judeu, Alfred Edersheim, descreve o grupo, contando-nos que Potifar era o "chefe dos executores". Não importa o título que lhe seja dado, Potifar não brincava em serviço; era

um militar experiente e com poder de vida e morte. José, contudo, não só se ajustou à sua nova situação, como foi bem-sucedido nela – e por uma razão principal. Essa razão surge numa frase belíssima que aparece várias vezes na história de José: "O SENHOR era com José".

> O SENHOR era com José, que veio a ser homem próspero; e estava na casa de seu senhor egípcio. Vendo Potifar que o SENHOR era com ele, e que tudo o que ele fazia o SENHOR prosperava em suas mãos, logrou José mercê perante ele, a quem servia; e ele o pôs por mordomo de sua casa, e lhe passou às mãos tudo o que tinha. E, desde que o fizera mordomo de sua casa e sobre tudo o que tinha, o SENHOR abençoou a casa do egípcio por amor de José; a bênção do SENHOR estava sobre tudo o que tinha, assim em casa como no campo. Potifar tudo o que tinha confiou às mãos de José, de maneira que, tendo-o por mordomo, de nada sabia, além do pão com que se alimentava. José era formoso de porte e de aparência.
>
> Gênesis 39:2-6

O Deus soberano de Israel estava intimamente envolvido na vida de José. Ele o guiou. Deu-lhe facilidade na língua egípcia. Acima de tudo isso, deu-lhe favor aos olhos de Potifar. Deus era claramente o segredo do sucesso de José. A sorte não teve nada que ver com isso.

Além do mais, José não precisou contar a Potifar que o Senhor estava com ele; o próprio Potifar pôde verificar isso por si mesmo. "Vendo Potifar que o SENHOR era com ele" (v. 3). José também não usou a sua espiritualidade para obter benefícios do amo. Só porque o Senhor fez prosperar tudo o que José fazia, ele encontrou favor aos olhos de Potifar. Note, a passagem não diz que José *pediu* favores a Potifar; ele encontrou favor em Potifar.

A fé que José tinha no Senhor foi reconhecida por Potifar porque viu evidência dela na vida e no trabalho de José – uma combinação vencedora. José era um jovem trabalhador e diligente, por isso Potifar aumentou suas responsabilidades e autoridade. No final, o comandante da guarda o encarregou de sua própria casa. Em outras palavras, ele colocou todos os seus bens sob a guarda de José. A tradução hebraica diz: "Tudo que vinha a ele, punha sob a sua guarda". Interessante. Não só as coisas pertencentes a Potifar, mas todos os benefícios que recebia finalmente acabavam sob os olhos vigilantes e a mão orientadora de José. Que promoção tremenda – de escravo comum, provavelmente um entre dezenas de outros na casa de Potifar, ele passou a dirigir a casa do militar mais importante do Egito. Mas as coisas melhoraram ainda mais, pois mediante José o Senhor abençoou a casa de Potifar e tudo que ele possuía.

Com o aumento do sucesso aumenta a confiança; a qual, por assim dizer, levou a períodos maiores de vulnerabilidade. F.B. Meyer escreve com discernimento sobre este último aspecto:

> Podemos esperar tentação nos dias de prosperidade e conforto, em vez daqueles de privação e labor. Não nas geleiras dos Alpes, mas nas planícies ensolaradas da Campanha; não quando o jovem está subindo arduamente a escada íngreme da fama, mas quando entra pelos portais dourados; não onde os homens franzem a testa, mas onde sorriem doce e lisonjeiramente – é *ali*, é *ali* que a tentadora aguarda! Cuidado![2]

Que sábia exortação! Este alerta não deve preocupar a pessoa que está por baixo. Ele é dirigido aos bem-sucedidos, ao executivo no auge, ao homem ou mulher a caminho do sucesso, ao indivíduo que está experimentando os benefícios e o favor de Deus, que está colhendo os louros da maior privacidade

e confiança. Thomas Carlyle, ensaísta escocês, tinha razão de dizer: "A adversidade é às vezes dura com determinado indivíduo, mas para o homem que consegue suportar a prosperidade, há centenas que conseguem suportar a adversidade".[3] As tentações que acompanham a prosperidade são bem maiores (e bem mais sutis) do que as que acompanham a adversidade.

José estava certamente prosperando. Potifar deixara tudo sob sua responsabilidade, e lemos: "(Potifar) de nada sabia, além do pão com que se alimentava". Isso é que é confiança!

Esse escravo ganhara o direito de ser respeitado e de merecer confiança. Como resultado, Potifar o encarregou de tudo o que tinha. Penso que isso significa que José determinava seu próprio programa, que ele organizava todas as propriedades de Potifar e administrava todas as suas finanças. Potifar pôs tudo nas mãos de José.

Lembre-se, no entanto, de que quanto maior o sucesso maior a confiança, o que leva inevitavelmente a maiores períodos de vulnerabilidade. Em tais conjunturas "podemos esperar tentação nos dias de prosperidade... é *ali* que a tentadora aguarda! Cuidado!"

O Espírito de Deus, que pairou sobre o texto bíblico enquanto foi escrito, levou à seleção de palavras escolhidas com sabedoria e exatidão. Gênesis 39:6 termina então com uma surpreendente mas significativa frase: "José era formoso de porte e de aparência". A Bíblia Viva diz: "José era também um belo rapaz". A NVI afirma: "José era bem apessoado e bonito". Essas palavras usadas para descrever a aparência de José só são encontradas quatro vezes no Antigo Testamento: com José, com Saul, com Davi e com Absalão.

Entenda que não há nada de errado em ser fisicamente bem-apessoado ou bonito. Com esses atributos, porém, surgem

tentações únicas. Ali estava um homem que tinha praticamente tudo – fama e poder, autoridade e respeito. Um empregado doméstico privilegiado – com aposentos particulares, acesso a informações confidenciais e a completa confiança de seu empregador. Além de tudo isso ele era um homem de boa aparência que, sem nenhum esforço da sua parte, atraía o olhar das mulheres. Não nos admira que o inimigo da alma de José, o tentador, tivesse se concentrado nesses atributos físicos.

As Escrituras não desperdiçam palavras. Nem a mulher de Potifar.

> Aconteceu, depois destas cousas, que a mulher de seu senhor pôs os olhos em José e lhe disse: Deita-te comigo.
>
> Gênesis 39:7

É isso que chamo de *abordagem direta*! Vamos retomar um comentário anterior. Quanto mais sucesso mais vulnerabilidade. É *ali* que a tentadora aguarda! Cuidado! O escritor de Gênesis declara: "Aconteceu, depois destas cousas", referindo-se aos versículos anteriores que falam do sucesso de José. Ele estava pronto para essa investida do inimigo, portanto, o ataque foi feito com precisão.

A mulher de Potifar era audaciosa e desavergonhadamente agressiva:

"Venha para a cama comigo. Vamos fazer sexo". A maioria dos homens então e agora teriam sido apanhados desprevenidos e, pelo menos momentaneamente, talvez se sentissem lisonjeados por uma declaração assim tão sedutora. Mas não José. Nem sequer por um momento. Sem hesitar e plenamente seguro de si mesmo e do seu Deus, ele respondeu com igual ênfase.

> Ele, porém, recusou, e disse à mulher do seu senhor: Tem-me por mordomo o meu senhor, e não sabe do que há em casa, pois tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma cousa me vedou, senão a ti, porque és sua mulher; como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?
>
> Gênesis 39:8-9

O versículo 8 diz simplesmente: "Ele recusou". José recusou. Se você tiver esquecido tudo o que escrevi até agora, não se esqueça dessas duas belíssimas palavras. Se estiver aí sentado, pensando que José era algum tipo de gigante espiritual, tire isso da cabeça. Se estiver imaginando que uma nuvem sobrenatural de proteção o envolveu, esqueça. Olhe apenas para a evidência. Eis uma egípcia oferecendo seu corpo e um jovem servo judeu sendo tentado pelas investidas dela. E então? "Ele recusou." Ele disse NÃO! Resistiu às palavras sedutoras dela; fitou-a firmemente, determinado a não ceder.

Como pôde fazer isso? As razões são duas. Primeiro, sua lealdade ao senhor. Ele disse à mulher: "Meu senhor confia em mim. Ele me deu responsabilidade sobre tudo o que possui. A única coisa que não me pertence é você – sua mulher. Jamais poderia trair a confiança dele".

A segunda razão era a sua fidelidade a Deus. José disse: "Como cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?"

Clarence Edward Macartney acrescenta um toque de realismo:

> Esta não foi uma tentação comum. José não era uma pedra, uma múmia, mas um jovem perto dos trinta com sangue correndo nas veias. Não se tratou de uma tentação única, mas de uma série delas...Uma velha história conta que quando José

começou a falar com Deus sobre a tentadora, ela jogou a saia sobre a estátua do deus que estava no quarto e disse: "Agora Deus não verá". Mas José respondeu: "O meu Deus vê!".[4]

Como esse "jovem perto dos trinta, com sangue correndo nas veias", pôde dizer não? Porque sabia que a sua vida era um livro aberto diante do seu Deus. A essa altura da vida, o Deus de José se tornara mais real para ele do que qualquer coisa ou pessoa na terra. Ele se encontrava num quarto particular, perfeitamente seguro com a mulher do senhor, a qual o enganara para este desejado momento de prazer lascivo. Ele era um jovem bonito e solteiro. Eles estavam a sós. Ceder seria a coisa mais natural do mundo. José, porém, disse que isso seria um grande mal, um pecado hediondo contra Deus. E foi embora.

Você deve estar pensando: *Puxa, rapaz! Que bom que isso já passou. Agradeço a Deus pelo exemplo de José. Quando você resiste fortemente a uma tentação como essa, ela sai da sua vida completamente.* É o que você quer. Continue lendo:

> Falando ela a José todos os dias, e não lhe dando ele ouvidos, para se deitar com ela, e estar com ela...
>
> Gênesis 39:10

A mulher de Potifar não aceitou um não como resposta. Ela não queria ser ignorada e então pressionou José dia após dia. Era uma sedutora maligna, estava decidida a fazer sexo com José. Todas as palavras dele sobre as suas nobres razões apenas intensificaram a determinação dela. A mulher não se importava com a santidade do seu casamento nem com a confiança que existia entre o marido e esse jovem. Só se interessava em satisfazer seus desejos sensuais – *agora.*

Se você estiver vivendo na bolha imaginária de que a tentação, de algum modo, uma vez resistida, se desvanece, fure-a

nesse mesmo instante. Na verdade, quando você pensa desse jeito, torna-se um alvo ainda maior para o tentador. Além disso, é útil ter em mente que o tentador quer a pessoa respeitada, a que é citada por outros, o indivíduo bem-sucedido, o parceiro confiável, a alma piedosa.

É por isso que não nos surpreende que a mulher de Potifar tenha perseguido José com tanta insistência. Ele valia a pena! Se o conquistasse, seria um louro na coroa dela! Mas José recusou. Não ficamos contentes com a recusa dele? O menor vislumbre de interesse nela significaria a sua condenação.

As palavras de Bonhoeffer são dignas de serem repetidas:

> Em nossos membros há uma inclinação latente em direção ao desejo, a qual é tanto súbita quanto impetuosa. Com irresistível poder, o desejo domina a carne. De repente, um fogo secreto, sem chamas, se acende... A lascívia assim despertada envolve a mente e a vontade do homem na mais negra escuridão. Os poderes da clara discriminação e da decisão são removidos de nós.[5]

Uma vez que as brasas da lascívia começam a arder, a descrição vívida de Tiago 1 começa a agir:

> Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.
>
> Tiago 1:13-14

O apelo da sensualidade funciona como um ímã, atraindo duas forças "súbitas e impetuosas" uma para a outra – o desejo interior e uma isca exterior. Vamos enfrentar a realidade, você não pode escapar da isca se viver no mundo real. De fato,

mesmo que consiga de alguma forma afastar-se do mundo real, sua mente não permitirá que escape da isca exterior. Mas tenha em mente que não há pecado na isca. O pecado está na mordida. Quando a lascívia de outra pessoa o tenta a ceder *à sua própria lascívia*, a ponto de sua resistência enfraquecer, você foi seduzido. Cedeu ao chamariz da tentação. O segredo é magnificamente exemplificado por José. Ele se recusou a ceder. Continuou a resistir.

A mulher de Potifar oferecia a isca dia após dia e José sempre se recusava a mordê-la. "Não, não, não!", replicava ele. Ele não só não lhe deu ouvidos, como chegou a ponto de não querer nem ficar perto dela. Não era digna de confiança.

José a rejeitara inúmeras vezes, recusando-se a ceder às suas investidas. Finalmente, a mulher preparou uma armadilha para ele:

> Sucedeu que, certo dia, veio ele a casa, para atender aos negócios; e ninguém dos de casa se achava presente. Então, ela o pegou pelas vestes e lhe disse: Deita-te comigo; ele, porém, deixando as vestes nas mãos dela, saiu, fugindo para fora.
>
> Gênesis 39:11-12

José entrara na casa certo dia para fazer o seu trabalho. Ele notou que tudo estava em silêncio. Não havia servos por ali. Quem poderia saber a razão disso? Talvez a mulher de Potifar os tivesse mandado fazer algumas tarefas para tirá-los do caminho. Qualquer que fosse a razão, ela estava sozinha com José na casa e novamente agiu. Só que dessa vez não queria aceitar um não como resposta. Ultrapassou os avanços verbais e agarrou José. Segurou-o tão fortemente que, no momento em que ele se afastou e correu para a rua, deixou as vestes nas mãos dela.

Que imagem clara! Que enfoque prático sobre a verdade da vida de José. Que forte conselho bíblico. Sempre que o

Novo Testamento se prolonga sobre o assunto da tentação sensual, ele nos dá uma ordem: CORRA!

A Bíblia não nos diz para discutir com a tentação. Não nos diz para pensar sobre ela e reivindicar versículos. Ela nos dá ordem para FUGIR! Descobri que não é possível ceder à sensualidade se estivermos fugindo dela. E então? Fuja com todas as suas forças! Vá embora! Se tentar discutir com a sensualidade ou brincar com pensamentos sensuais, irá finalmente ceder. Você não pode lutar com ela. É por isso que o Espírito de Deus ordena com toda a autoridade: "Corra!".

Foi exatamente isso que José fez. Ele correu para a rua e a mulher de Potifar ficou ali, novamente rejeitada, com as roupas dele nas mãos. Ela ficou irada.

As palavras familiares de William Congreve se transformaram em realidade: "Não há no céu ira maior do que o amor transformado em ódio, nem no inferno uma fúria maior do que a da mulher desprezada".[6]

Cada centímetro da sra. Potifar se transformou em fúria. Depois de desejá-lo, ela passou a desprezá-lo – o que resultou numa acusação falsa de estupro.

> Vendo ela que ele fugira para fora, mas havia deixado as vestes nas mãos dela, chamou pelos homens de sua casa, e lhes disse: Vede, trouxe-nos meu marido este hebreu para insultar-nos; veio até mim para se deitar comigo; mas eu gritei em alta voz.
>
> Gênesis 39:13-14

A mulher rejeitada a partir de então só queria vingança. A fim de obtê-la, ela acusou José falsamente, usando uma peça de evidência circunstancial – as vestes dele.

> Conservou ela junto de si as vestes dele, até que seu senhor tornou a casa.

> Então lhe falou, segundo as mesmas palavras, e disse: O servo hebreu, que nos trouxeste, veio ter comigo para insultar-me; quando, porém, levantei a voz e gritei, ele, deixando as vestes ao meu lado, fugiu para fora.
> Tendo o senhor ouvido as palavras de sua mulher, como lhe havia dito: Desta maneira me fez o teu servo, então se lhe acendeu a ira. E o senhor de José o tomou e o lançou no cárcere, no lugar onde os presos do rei estavam encarcerados; ali ficou ele na prisão.
>
> Gênesis 39:16-20

Ela chamou os homens da casa e mentiu, dizendo: "Este judeu que meu marido trouxe à nossa casa egípcia...veja o que ele fez. Tentou deitar-se comigo e eu gritei! Aqui está a evidência. Suas vestes. Eu as agarrei quando ele me atacou". Estou certo de que ela gritou, mas foi um grito de raiva e não por estar sendo violentada. Seus gritos e lágrimas eram os de uma mulher desprezada, enraivecida porque o jovem e belo José resistira às suas investidas, porque ele não queria nada com ela.

Li as palavras do relato bíblico e meu coração compadeceu-se de José. Pensei então: *Oh, se houver uma ocasião de recompensar este homem José, recompense-o agora, Deus! Recompense-o por se negar dia após dia! Recompense-o por correr em vez de ceder!* Mas Deus havia abandonado José. Deus não é como nós. Ele trabalha paciente e fielmente de um modo que nós jamais trabalharíamos. Deus vê muito além desta situação e sabe o que precisa ser feito nos recessos da vida de José, enquanto o prepara para a grandeza nos anos futuros. Portanto, o Senhor permanece silencioso, embora José tivesse sido apanhado numa armadilha de evidência circunstancial. Observe cuidadosamente como a conspiração contra José se desenrola. Na superfície, é de cortar o coração.

AS RAMIFICAÇÕES PESSOAIS

José era absolutamente inocente, mas as circunstâncias estavam todas contra ele. A mulher de Potifar tinha suas vestes como evidência e também a posição que ela ocupava na casa lhe dava poderes para manipular outros. Ela usou essas coisas contra ele, o que o levou à prisão.

Não quero ser culpado de ver na história algo inverídico, mas penso que há evidência aqui para apoiar a idéia de que Potifar não acreditou totalmente na mulher. Afinal de contas, ele era capitão da guarda e executor-chefe. Se acreditasse que um escravo tinha tentado estuprar a esposa, você acha que iria simplesmente mandar prendê-lo? Penso que o mataria na hora. O Egito antigo não era nada indulgente com o crime.

Em vez de mandar que o torturassem ou matassem, Potifar colocou José "no cárcere, no lugar onde os presos do rei estavam encarcerados". Em minha opinião, Potifar achava-se principalmente zangado por ter perdido seu melhor servo por causa de uma mulher que sabia ser infiel. Mas, qualquer que fosse a razão, José acabou de todo modo atrás das grades.

Imagine o que devia estar se passando na cabeça dele a essa altura, logo depois da sua prisão. José não era só inocente, como havia também resistido à tentação repetidas vezes. (Ele nunca lera Gênesis 41. Não sabia qual seria o resultado final. Não sabia que dentro de poucos anos passaria a ser o primeiro-ministro do Egito.) Tudo o que esse homem sabia naquela ocasião penosa era que agira corretamente e sofrera por isso. O tempo se arrastava. Os dias viraram anos. Ele fora outra vez injustamente rejeitado – esquecido –, totalmente indefeso.

De algum modo, no entanto, em meio a essa situação injusta, José sentiu a mão do Senhor presente em todos esses acontecimentos. "José, você é meu. Espere. Estou com você. Não o

estou ignorando nem rejeitando. Por causa dessa acusação você vai ser um homem melhor. Ainda não terminei de prepará-lo para o meu serviço."

Isso parece devoção excessiva? Esses rodeios são difíceis demais para você aceitar? Será que estou meio por fora aqui? Não, se acreditarmos no resto da história registrada neste capítulo.

> O SENHOR, porém, era com José, e lhe foi benigno, e lhe deu mercê perante o carcereiro; o qual confiou às mãos de José todos os presos que estavam no cárcere; e ele fazia tudo quanto se devia fazer ali. E nenhum cuidado tinha o carcereiro de todas as cousas que estavam nas mãos de José, porquanto o SENHOR era com ele, e tudo o que ele fazia o SENHOR prosperava.
>
> Gênesis 39:21-23

Você notou a frase-chave? "...o Senhor era com ele". A mão do Senhor estava sobre José. Mas o relacionamento era recíproco. José também obedecia ao seu Deus. Em vez de ficar amargo e irado, ele serviu a Deus acima de tudo o mais. Como resultado, prosperou – *até mesmo na prisão.* Admirável!

PALAVRAS PRÁTICAS DE ESPERANÇA

É possível que você esteja enfrentando a tentação neste momento. Talvez até já tenha cedido a ela. Alguns de meus leitores podem estar pensando: *Pregue, irmão, preciso ouvir. Até agora resisti à isca da tentação sensual e preciso de ajuda para manter-me forte.* Mas uma outra pessoa que esteja lendo isso talvez diga: "Não sei do que você está falando. Nunca tive de enfrentar algo assim em toda a minha vida".

Para todos os que lêem estas linhas, quero terminar este capítulo com alguns conselhos práticos. Trata-se de princípios que funcionaram para mim, pela graça de Deus. Se você planeja resistir à tentação, deve respeitar quatro requisitos. Vou tratar do assunto diretamente e depois fazer comentários sobre cada um desses requisitos.

1. Você não deve enfraquecer-se com a sua situação.
2. Não deve ser enganado pela persuasão.
3. Não deve ser gentil com as suas emoções.
4. Não deve ficar confuso com os resultados imediatos.

Quando deparou com sua situação, José estava com tudo. Tinha segurança econômica. Quanto à profissão, era respeitado e confiavam nele. Quanto à aparência, era bonito e atraente. Ele poderia ter permitido que tudo isso enfraquecesse sua decisão e acabasse cedendo à oportunidade oferecida, mas não cedeu.

Repito o aviso: Se você planeja resistir à tentação, não deve deixar que a sua situação o enfraqueça. Isso está de acordo com o segundo requisito ao qual deve apegar-se: Não se deixe enganar pela persuasão. A sua tentadora ou o seu tentador fará uso das palavras certas para convencê-lo(a):

- "Meu marido não satisfaz minhas necessidades como você poderia fazê-lo."
- "Se fizer isso provará que se importa comigo realmente."
- "Quem vai descobrir? Estamos completamente sozinhos, absolutamente seguros."
- "Olhe, nós vamos nos casar logo. Por que esperar? Que diferença faz?"
- "Estou muito só. Deus compreende – foi por isso que ele colocou você em minha vida."
- "Só dessa vez e nunca, nunca mais."
- "O que é a graça afinal se não cobrir algo tão natural quanto isso?"

Você e eu precisamos ter discernimento da época em que vivemos. Estamos vivendo numa era que tenta esticar a graça a extremos heréticos. Vejo e ouço isso praticamente todas as semanas. Permita então que diga muito francamente: o maior presente que você pode dar ao seu cônjuge é a sua pureza, sua fidelidade. O maior traço de caráter que pode oferecer ao seu cônjuge e à sua família é o autocontrole moral e ético. Fique firme, meu amigo. Recuse-se a ceder. José fez isso e você também pode fazê-lo. *Deve fazê-lo!*

Iscas enganadoras são colocadas ao nosso redor todos os dias e nem todas são postas por indivíduos. Algumas vêm por meio da televisão a cabo, da Internet, de uma revista ou da pressão dos amigos na escola, ou dos colegas de trabalho. Você vai ouvir as palavras persuasivas da sra. Potifar muitas vezes. Vai sentir-se como um indivíduo rígido, o único que não cede. Não se engane com a persuasão, não importa quão belas e atraentes as palavras pareçam. É uma mentira. Lembre-se, é tudo mentira.

Terceiro, deixe-me reforçar este princípio em especial: Você não deve ser gentil com as suas emoções. Você leu corretamente. Seus sentimentos internos vão clamar por satisfação. A tentação vai trabalhar neles, suplicando compreensão. Lembra-se de como José foi duro com os dele? Versículo 8: "Ele recusou". Versículo 9: ele chamou a tentação dela de "tamanha maldade e pecado contra Deus". O versículo 10 nos diz que ele nem sequer lhe deu ouvidos ou demorou-se na sua presença. O versículo 12 afirma que fugiu dela! Se for preciso, vá aos extremos, seja RUDE, caso necessário.

Posso ouvir alguém reagir: "Olhe, não sei se isso está certo. Pensei que a mensagem cristã fosse de amor". Amor à maldade? Amor à luxúria? *Caia na real!*

O falecido Dag Hammarskjold escreveu certa vez:

> Você não pode brincar com o animal que existe em seu íntimo sem tornar-se também um animal, brincar com a falsidade sem prejudicar o seu direito à verdade, brincar com a crueldade sem perder sua sensibilidade mental. Aquele que deseja manter em ordem o seu jardim não prepara um canteiro para as ervas daninhas.[7]

Quarto, e último, você não deve ficar confuso com os resultados imediatos. Lembre-se novamente de José. Depois de agir corretamente e resistir ao mal, ele foi falsamente acusado e posto na prisão. Se continuar a leitura, verá que ele ficou esquecido durante um longo período de tempo.

Não se deixe confundir pelos resultados imediatos. Você pode perder o emprego. Perder sua amante (se quiser chamar essa pessoa de amante). Perder a aceitação do grupo. Ser ridicularizado. Expulso do clube. Pode ser o único que não está "fazendo isso". Seja então o único! Se citar o nome de Jesus Cristo, deve citá-lo por inteiro e manter-se moralmente limpo a partir de hoje. Mesmo que isso signifique rebaixamento de cargo ou perda da posição ou do emprego. Afaste-se do perigo! Você deve isso ao seu caráter e à sua família. Acima de tudo, você deve isso a Deus.

A verdade evidenciada na vida de José se aplica a todos nós – casados ou solteiros, divorciados ou casados novamente, homens ou mulheres, jovens ou velhos.

Independentemente da sua situação, por mais sedutora, agradável ou momentaneamente deliciosa que a isca se apresente, não fique perto dela. Clame pela força sobrenatural que vem do conhecimento de Jesus Cristo e, operando sob o controle do poder dele, fique firme na soberania dele. Agora, neste exato momento, decida ser um José. Decida juntar-se às fileiras dele – e, a partir deste dia, *resista*.

Caso contrário, *você vai ceder*. É só uma questão de tempo.

CAPÍTULO TRÊS

Preso e Esquecido

Vítima. Ouvimos muito essa palavra hoje em dia. Compreendo que muitos recorrem a ela irrefletida e freqüentemente. Há alguns que afirmam ser vítimas, sem levar em conta toda a verdade da própria história. Se os pais foram ocasionalmente severos demais, eles afirmam ter sido vítimas de abuso infantil. Se o chefe esperava esforço extra e precisava que ficassem além do horário para terminar um projeto, eles se sentiram vítimas de uma figura de autoridade tirana. Não estou me referindo aqui a tolices assim.

Falo das vítimas reais de maus-tratos injustos. Lemos periodicamente sobre pessoas que passam por situações desse tipo e nosso coração se comove. Crianças maltratam outras crianças. Alunos da escola maltratam outros alunos. Mulheres maltratam os maridos e estes a elas. Os pastores maltratam as suas congregações e vice-versa. Nossa caixa de correio da Insight for Living no geral inclui cartas de vítimas prejudicadas ou zanga-

das por maus-tratos extremos. Quando lemos suas histórias e tentamos responder de maneira a ajudá-las, nosso coração fica comovido com o sofrimento das pessoas. Quantas vezes pensei: *Isso não é justo! Essa pessoa fez o que era certo, mas foi tão maltratada. Por que, Senhor?*

Há histórias de pessoas que sofreram graves abusos. Uma esposa foi abandonada ou foi vítima de abuso, uma criança, negligenciada ou molestada. Um marido, abandonado subitamente, sem nenhum aviso, por uma mulher que queria seguir seu próprio caminho e não desejava mais a família. Indivíduos têm sido presos injustamente e mais tarde condenados e postos na cadeia. Pessoas são vítimas de boatos ou calúnias maldosos.

Minha esposa e eu somos amigos de uma judia que teve uma infância extremamente penosa. Ela pode ainda se lembrar de um Natal em que as outras crianças da classe, que odiavam a "garota judia", como a chamavam, trocaram presentes. Ela recebeu de presente um saco cheio de lixo.

Lembro-me de ter lido sobre um pastor que assumiu firme posição a respeito de certo assunto. Vários membros da diretoria da sua igreja não concordaram que ele estava fazendo o que era certo. Em vez de tratar da questão com inteligência, cuidado e amor, eles invadiram a casa desse homem à noite, destruíram o balanço de seus filhos que estava no quintal e furaram os quatro pneus do seu carro.

Minha mulher se lembra de uma ocasião, quando aguardava ser atendida num consultório médico há alguns anos com um de nossos filhos. Ela presenciou ali uma jovem, mãe de três filhos, fazer uma declaração abusiva após outra contra as crianças. O pior ocorreu quando uma delas tentou tocar num quadro, só para ver como era a moldura, e a mãe repreendeu: "Se você tocar nisso outra vez, vou quebrar cada dedo da sua mão".

Tenho certeza de que você também pode lembrar-se de uma porção de exemplos. Sem dúvida há ocasiões em que os abusos e maus-tratos devem ser levados ao conhecimento das autoridades respectivas, mas com freqüência as coisas que sofremos não são atos criminosos, e sim experiências injustas e difíceis de suportar. Quando essas coisas acontecem, o maior teste dessa experiência é o da atitude. Quando somos ofendidos, queremos dar o troco – só que pior! É a nossa natureza humana. Queremos vingança, queremos ficar quites. Espere um pouco, dizemos, você vai ver! E esperamos pelo momento perfeito para atacar. Ao fazermos isso, sentimos os limites dessa atitude. Ela nos prende, até nos tornarmos seus reféns, incapazes de nos libertar, incapazes de viver de modo agradável.

De repente encontramos um versículo como 1 Pedro 2:20 que diz:

> Pois, que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus.

Sim, você leu corretamente. (Talvez queira ler de novo, só para confirmar.) Quando lemos declarações desse tipo, junto com versos como Isaías 55:8-9, começamos a nos perguntar como essas coisas podem ajustar-se à verdade de que Deus é bom. Lembra-se das palavras de Isaías quando ele repete a mensagem divina?

> Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.

Examine cuidadosamente os contrastes. Há uma vasta diferença entre "meus pensamentos" e "vossos pensamentos", diz o Senhor. "Os meus caminhos" não são como "os vossos caminhos". Eles são mais altos, muito mais profundos e misteriosos – e eu até acrescentaria, *surpreendentes.*

Nossos caminhos humanos são baseados no que parece justo. Cremos firmemente que quando alguém faz o que é certo, recompensas e bênçãos resultam disso. Quando alguém faz o que é errado, há conseqüências sérias e até castigo. Mas esse é o nosso caminho, não necessariamente o de Deus. Pelo menos, não de imediato. Sabe-se que ele permitiu tratamento injusto na vida de algumas pessoas absolutamente inocentes – por razões mais profundas do que elas ou nós poderíamos ter imaginado. Como ele interfere lentamente!

JOSÉ É MALTRATADO

Se existiu alguém que conheceu o tratamento injusto, os maus-tratos, o papel de vítima inocente condenada sem julgamento, esse alguém foi José.

Primeiro, *ele foi tratado injustamente por sua família.* Seus irmãos o odiavam e queriam matá-lo, mas em vez disso o venderam como escravo. Depois, *as suas circunstâncias foram inesperadamente restringidas.* Ele tornou-se escravo numa terra da qual não conhecia sequer a língua. Num momento era um adolescente de 17 anos com a vida inteira pela frente, logo em seguida estava totalmente à mercê – na verdade passou a ser propriedade – de um estranho. Depois disso tudo, foi acusado falsamente. Tendo obtido o favor de seu patrão, Potifar, a mulher deste, tentou seduzi-lo. Como vimos no capítulo anterior, pelo fato de José não ceder aos desejos dela, a mulher mentiu e disse: "Este escravo tentou me estuprar". Como resultado das mentiras dela, *ele foi preso injustamente e abandonado.*

A PRISÃO DE JOSÉ

É na prisão que encontramos José neste capítulo. Depois de ser tratado injustamente, restringido de repente pelas circunstâncias e falsamente acusado, ele se encontra preso. Na verdade, segundo Gênesis 40:15, está numa *masmorra.* Voltou à cisterna, desta vez bem no fundo de uma cisterna egípcia. Vai começar tudo de novo.

Que idade tinha José? Ninguém sabe com certeza, mas devia estar perto dos 30. A pergunta mais importante é: onde Deus estava? Podemos ver Deus nas coisas boas. Podemos até vê-lo nas coisas duvidosas. Mas onde está Deus quando tudo é injusto? Onde está Deus quando a experiência da masmorra ocorre? O silêncio significa que ele está ausente? Não somos deixados à deriva na nossa imaginação.

Gênesis 39:21 diz: "O SENHOR era com José". Era ali que Deus estava. Bem ali. Ele *jamais* foi embora. *Jamais* partiu. Ele era *com* José. E não só isso, Deus fez por José o que já fizera antes. Concedeu-lhe favor aos olhos de outros.

> O SENHOR, porém, era com José, e lhe foi benigno, e lhe deu mercê perante o carcereiro; o qual confiou às mãos de José todos os presos que estavam no cárcere; e ele fazia tudo quanto se devia fazer ali. E nenhum cuidado tinha o carcereiro de todas as coisas que estavam nas mãos de José, porquanto o SENHOR era com ele, e tudo o que ele fazia o SENHOR prosperava.
>
> Gênesis 39:21-23

Lemos duas vezes nesse curto relato, "O SENHOR era com José". José começou a ver a mão de Deus na sua experiência na prisão. Ele prosperou no que poderia ter sido a pior das posições, o pior dos lugares. Em vista disso, foi libertado para que Deus fizesse uso estratégico dele pelo menos na vida de dois ho-

mens. De todos os lugares pelos quais passou, ele prosperou surpreendemente na prisão.

Aleksandr Soljenitsyn descreve penosamente o seu despertar espiritual em algumas das palavras mais poderosas de todo o seu livro: *O Arquipélago Gulag*. Em sua solidão e dor, Deus se aproximou dele.

> ...Na embriaguez dos sucessos da juventude eu me sentira infalível e era, portanto, cruel. No auge do poder era um assassino e um opressor. Em meus momentos mais perversos estava convencido de que agia bem e me suprira de argumentos sistemáticos. Foi só quando me achei ali, sobre a palha apodrecida da prisão, é que senti dentro de mim os primeiros impulsos do bem. Aos poucos, foi-me revelado que a linha que separa o bem e o mal não passa por estados, por classes, nem por partidos políticos, – mas pelo coração humano – e por todos os corações humanos...Bendita seja, então, prisão, por ter estado em minha vida.[1]

O velho escritor russo, que passou oito anos no infame sistema Gulag de campos de concentração, se assemelha ao salmista que escreveu: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos" (119:71).

Essas experiências da masmorra foram boas para mim, porque foi ali que o Senhor removeu todo idealismo sonhador da minha vida espiritual. José pôde também dizer: "Bendita seja, prisão, porque foi *ali* que Deus se tornou real".

As falsas acusações puseram José na prisão, mas foi o Senhor que ficou junto dele e acalentou sua alma enquanto permanecia lá. Como resultado, José encontrou benevolência até aos olhos do carcereiro-chefe – que poderíamos chamar de diretor da prisão –, a ponto de ele confiar em José para supervisionar

todos os outros prisioneiros. O diretor confiava em José e o respeitava tanto que "nenhum cuidado tinha o carcereiro de todas as coisas que estavam nas mãos de José, porquanto o Senhor era com ele, e tudo o que ele fazia o Senhor prosperava".

Como vê, o Senhor Deus conservou o primeiro lugar na vida de José; ele era o foco da sua vida. A lente da vontade de Deus ficou entre José e suas circunstâncias, capacitando-o a ver Deus nelas – e permitindo que Deus o usasse no meio delas.

Quando surge a experiência da masmorra, a reação mais rápida e fácil é sentir que fomos esquecidos por Deus. Não sei se você conhece uma história em quadrinhos chamada Ziggy, mas gosto do personagem – talvez porque Ziggy costuma dizer exatamente as coisas que penso! Uma de minhas favoritas mostra Ziggy com o enorme nariz e a cabeça calva, de pé numa montanha, olhando para o alto. O céu está escuro e só uma nuvem solitária paira lá em cima. Ziggy grita: "Será que vou ficar esperando pelo resto da minha vida?".

Você já se sentiu assim, não é? "Senhor, será que me responderá um dia?" Quantas vezes os céus mais parecem feitos de metal frio do que a habitação amorosa de Deus. Gritamos, mas não obtemos resposta.

Não se engane, José não merecia a prisão, mas a sua reação a ela foi magnífica. Esse é o ponto alto da história. Em primeiro lugar e acima de tudo em sua vida, estava o seu relacionamento com o Senhor. Por causa disso, Deus fez uso dele de maneiras estratégicas e significativas.

OS COMPANHEIROS DE CELA DE JOSÉ

> Passadas estas cousas, aconteceu que o mordomo do rei do Egito e o padeiro ofenderam o seu senhor, o rei do Egito. Indignou-se Faraó contra os seus dois oficiais, o copeiro-chefe e o

padeiro-chefe. E mandou detê-los na casa do comandante da guarda, no cárcere onde José estava preso.

Gênesis 40:1-3

O copeiro-chefe era a pessoa que experimentava o vinho e a comida do rei antes de ele comer ou beber. Desse modo, se estivesse envenenada, "adeus, copeiro", mas "vida longa ao Faraó"! Ele também não permitiria que alimento de má qualidade fosse servido ao faraó uma vez que era responsável pela supervisão da dieta do monarca. Isso levou a uma relação íntima, uma relação de confiança entre os dois homens. O copeiro-chefe era muitas vezes o confidente do rei do país. Se está lembrado, Neemias era o copeiro-chefe do rei da sua época e tinha um relacionamento próximo e pessoal com ele. O copeiro-chefe era de muitas formas o homem digno de confiança da corte. No caso de ele perder essa confiança as conseqüências seriam graves.

Algo assim deve ter acontecido, porque o copeiro-chefe do Faraó acabou na prisão – como também o padeiro do rei. (Ele era outra pessoa em quem o faraó confiava, porque qualquer coisa que preparasse ia para a boca do rei egípcio.) Nunca soubemos, porém, os detalhes do que sucedeu para acarretar esse castigo. Tudo que nos é dito é que eles "ofenderam o seu senhor" e ele "indignou-se contra os seus dois oficiais". Talvez os biscoitos não cresceram naquela manhã e, depois, havia muita pimenta no molho e o copeiro-chefe não avisou o Faraó! O episódio devia estar ligado à comida, porque o cargo deles tinha relação com o caso. Mas independentemente do que tenha sido, o fato aborreceu tanto o Faraó que ele disse: "Sumam da minha frente!" e mandou que pusessem ambos na cadeia. Uma vez que os caminhos de Deus são enigmáticos e profundos, os dois foram para a mesma cela que José.

Não é notável como Deus muitas vezes traz até nós pessoas que estão passando, ou passaram, por experiências semelhantes? Não é surpreendente, quando estamos sofrendo, como Deus nos faz encontrar pessoas que compreendem a nossa dor? Isso se aplica certamente aqui. José e esses dois homens podem ter sido presos por diferentes razões, mas eles se encontraram no mesmo lugar, compartilhando desgraças semelhantes. José pôde, porém, ajudá-los com a sua experiência.

Não se esqueça, entretanto, de que isso só foi possível porque o Senhor era o primeiro e mais importante na vida de José. Por estar livre da amargura, ele se tornou um instrumento útil na mão poderosa de Deus. Se ele guardou algum ressentimento, hostilidade, ou desejo de vingança, não lemos nada a respeito nesta narrativa. Estou convencido de que esses sentimentos não existiam.

O enredo se torna mais interessante.

O comandante da guarda pô-los a cargo de José, para que os servisse; e por algum tempo estiveram na prisão. E ambos sonharam, cada um o seu sonho, na mesma noite, cada sonho com a sua própria significação, o copeiro e o padeiro do rei do Egito, que se achavam encarcerados. Vindo José, pela manhã, viu-os, e eis que estavam turbados. Então perguntou aos oficiais de Faraó, que com ele estavam no cárcere da casa do seu senhor: Por que tendes, hoje, triste o semblante?

Gênesis 40:4 –7

Sorrio ao ler isto, porque se havia alguém com direito a um semblante triste, era sem dúvida José. O problema dele era muito pior que o dos outros dois. Eles estavam ali por um capricho do Faraó e certamente não ficariam para sempre. José fora, no entanto, acusado pela mulher do executor-chefe e tinha

dúvidas se voltaria a ver novamente a luz do dia. Contudo, apesar das suas circunstâncias, ele notou a dificuldade daqueles homens.

Quando o coração é íntegro, embora as coisas pareçam desmoronar em sua vida, é maravilhoso notar como se pode ser sensível a alguém necessitado. Não é necessário sequer explicar com detalhes, nem dizer: "Vocês acham que têm muito do que reclamar, então ouçam meu triste infortúnio!" José disse: "Por que estão tão tristes hoje, companheiros? O que aconteceu?" Admito que possa ser uma afirmação do óbvio perguntar isso numa prisão, mas demonstra a capacidade de José para ir além de suas preocupações e necessidades imediatas, a fim de oferecer misericórdia a outros.

Uma das coisas mais bonitas sobre a atitude correta é que, com ela, todos os dias são ensolarados. Você não precisa de dias sem nuvens para que haja dias ensolarados.

Sempre gostei de repetir a história verídica de um incidente na vida de Thomas Edison que ilustra perfeitamente os benefícios da atitude positiva. O filho de Edison, Charles, incluiu o evento em seu livro intitulado *The Electric Thomas Edison* (Thomas Edison, o Elétrico).

> Numa tarde de dezembro, o grito: "Fogo!". Ecoou pela fábrica. Combustão espontânea ocorrera na sala de filmes. Em instantes todo o material de embalagem, celulóide para os discos, filmes e outros bens inflamáveis desapareceram por completo...
> Quando não consegui encontrar meu pai, fiquei preocupado. Estaria a salvo? Com todos os seus bens desaparecendo na fumaça, seu espírito teria desanimado? Ele tinha 67 anos, uma idade em que seria difícil recomeçar. Então eu o vi no pátio da fábrica, correndo em minha direção.

> "Onde está sua mãe? Vá buscá-la! Diga que traga as amigas! Elas nunca verão um incêndio assim outra vez!"[2]

Pode acreditar? Em vez de lamentar-se: "Oh, Deus, o que fiz para merecer isso? Vivi fielmente 67 anos e é esta a minha recompensa", ele diz: "Filho, vá buscar sua mãe. Esta é uma visão incrível! Veja só esse incêndio!"

O filho de Edison continua:

> Às 5h30 da manhã, mal o fogo começou a ser controlado, ele reuniu os empregados e anunciou: "Vamos reconstruir!".
> Um dos homens deveria alugar todas as oficinas na área. Outro, conseguir um guindaste da Erie Railroad Company. Em seguida, quase como uma idéia secundária, ele acrescentou: "Olhem, por acaso alguém sabe onde podemos arranjar algum dinheiro?".
> Mais tarde ele explicou: "É sempre possível conseguir capital depois de um desastre. Nós acabamos de nos livrar de um monte de lixo! Vamos construir um prédio maior e melhor sobre essas ruínas". Ao dizer isso, Edison enrolou o casaco para servir de travesseiro, encolheu-se em uma mesa e adormeceu imediatamente.[3]

José fez a mesma coisa. Ele disse: "Por que tendes, hoje, triste o semblante? O que aconteceu nesta masmorra?".

> Tivemos um sonho, e não há quem o possa interpretar.
> Gênesis 40:8a

Aposto que José teve de morder a língua ao ouvir isso! Eles estavam preocupados com o sonho que cada um havia tido e que não sabiam interpretar. Mal tinham idéia de que o sonhador dos sonhadores estava bem ali em seu meio.

Disse-lhes José: Porventura não pertencem a Deus as interpretações? Contai-me o sonho.

Gênesis 40:8b

Na verdade é surpreendente que José quisesse ter algo que ver com sonhos. Você se lembra do que aconteceu da última vez em que fizera isso? Ele contou os sonhos aos irmãos e acabou na "Operação Cisterna". Viu-se no mercado de escravos do Egito. Você acha que deveria dizer: "Eu não, homem! Não quero ter mais nada que ver com sonhos!" Mas José não fez isso, ele disse: "É mesmo? Um sonho, hein? Contem-me".

A atitude positiva é assim. Ela o tira dos lugares-comuns. Livra-o da mediocridade. Mostra-lhe uma oportunidade de ministério que jamais teria tocado, nem com uma vara de três metros.

José declarou então: "Só Deus pode interpretar sonhos, mas contem-me os seus".

Interpretação do Primeiro Sonho

Então o copeiro-chefe contou o seu sonho a José, e lhe disse: Em meu sonho havia uma videira perante mim. E na videira, três ramos; ao brotar a vide, havia flores, e seus cachos produziam uvas maduras. O copo de Faraó estava na minha mão; tomei as uvas e as espremi no copo de Faraó, e o dei na própria mão de Faraó.

Gênesis 40:9-11

O copeiro-chefe disse: "Havia uma vinha que cresceu e tinha três ramos. Quando brotou, havia flores, e seus cachos produziram uvas maduras. Ele tomou as uvas e as espremeu no copo de Faraó, colocando o copo em sua mão. O que tudo isso pode significar?".

Então lhe disse José: Esta é a sua interpretação; os três ramos são três dias; dentro ainda de três dias Faraó te reabilitará, e te reintegrará no teu cargo, e tu lhe darás o copo na própria mão dele, segundo o costume antigo, quando lhe eras copeiro. Porém lembra-te de mim, quando tudo te correr bem; e rogo-te que sejas bondoso para comigo, e faças menção de mim a Faraó, e me faças sair desta casa; porque, de fato, fui roubado da terra dos hebreus; e, aqui, nada fiz, para que me pusessem nesta masmorra.

Gênesis 40:12-15

"Este é o significado", disse José. "Os três ramos são três dias. Em três dias você será restituído ao seu antigo cargo de copeiro-chefe." Em seguida, ele acrescentou: "Quando isso acontecer, lembre-se de mim", e deu algumas explicações sobre os seus problemas e sua inocência.

A humanidade de José emergiu aqui. Gosto disso, porque nos mostra que José era uma pessoa real, não um santo de gesso. Ele sabia que algumas vezes um prisioneiro era solto porque conhecia a pessoa certa. E ninguém era mais íntimo do Faraó do que o copeiro-chefe. José tinha esperanças de que quando voltasse à presença do Faraó e lhe falasse novamente, ele diria: "Senhor, há um homem com quem deve ser bondoso".

"Lembre-se de mim quando as coisas se arranjarem para você", disse José. "Lembre-se de mim." Não se pode culpá-lo por isso.

Nesse meio tempo, porém, o padeiro estivera ouvindo a conversa e deve ter pensado: *Talvez o meu sonho traga também boas notícias.* E disse então a José: "E o meu sonho?".

Interpretação do Segundo Sonho

Vendo o padeiro-chefe que a interpretação era boa, disse a José: Eu também sonhei, e eis que três cestos de pão alvo me esta-

vam sobre a cabeça; e no cesto mais alto havia de todos os manjares de Faraó, arte de padeiro; e as aves os comiam do cesto na minha cabeça.

Gênesis 40:16-17

"O que isso significa?", perguntou o padeiro. José respondeu: "Bem, o seu sonho é um pouco diferente".

É preciso respeitar a integridade de José. Ele sabia que o sonho significava que o homem seria morto. Quem quer transmitir essa mensagem? Ele poderia ter dito qualquer coisa ao padeiro, inventado uma mentira, e o homem jamais saberia a diferença. Ou, quando soubesse, ela não teria mais importância. José, porém, era um homem que falava a verdade. Não estava querendo ganhar amigos, ele representava Deus.

Então lhe disse José: A interpretação é esta: os três cestos são três dias; dentro ainda de três dias Faraó te tirará fora a cabeça, e te pendurará num madeiro, e as aves te comerão as carnes.

Gênesis 40:18-19

"Os três cestos são três dias", declarou José. "Isto significa que em três dias você será executado." A notícia era sinistra, mas José lhe disse a verdade.

Enfatizo este ponto porque é meu desejo que você compreenda que ter uma atitude contagiosa, positiva para com Deus, não significa viver fora da realidade, falando coisas agradáveis, estimulantes todo o tempo, quer sejam verdadeiras quer não. Acredito em pensar positivamente, mas não em fingimentos. Acredito no pensamento positivo, porque essa é a única maneira de os cristãos pensarem certo, ao ver as coisas pelos olhos de Cristo. Isso não é, entretanto, o mesmo que ter o pensamento distante da realidade ou viver num mundo de sonhos, ou dizer algo a alguém só para fazê-lo sentir-se melhor.

José disse, na verdade: "Meu amigo, os seus dias estão contados". E foi exatamente isso que aconteceu. Os acontecimentos que envolviam os dois homens ocorreram precisamente como José havia dito.

No terceiro dia, que era aniversário de nascimento de Faraó, deu este um banquete a todos os seus servos; e, no meio destes, reabilitou o copeiro-chefe, e condenou o padeiro-chefe. Ao copeiro-chefe reintegrou no seu cargo, no qual dava o copo na mão de Faraó; mas ao padeiro-chefe enforcou, como José havia interpretado.

Gênesis 40:20-22

A DECEPÇÃO DE JOSÉ

Quando José viu que o copeiro-chefe fora solto da prisão, deve ter pensado: *Agora é a minha oportunidade! Este sujeito é próximo do Faraó. Ele vai tirar-me daqui.* Não sabemos se José soube o que aconteceu com os dois homens, mas, quando foram libertados no tempo previsto, ele deve ter imaginado que, com a ajuda de Deus, havia feito a interpretação correta dos sonhos. Aguardou então esperançoso pela sua oportunidade de ser solto. Com toda a certeza, ficou na expectativa de que o carcereiro chegasse anunciando: "Você está livre, José. Foi lembrado e inocentado".

Embora nada tivesse feito de errado, só tivesse dito a verdade e pedido especificamente que se lembrassem dele, o que prevaleceu foi o silêncio. As esperanças de José desmoronaram.

O copeiro-chefe, todavia, não se lembrou de José, porém dele se esqueceu.

Gênesis 40:23

Passados dois anos completos, Faraó teve um sonho...

Gênesis 41:1

Que *decepção!* Em vez de ser lembrado e recompensado, ficou esquecido por mais dois anos. É fácil relevar esse pequeno fato oculto em meio a todas essas seqüências de sonhos e suas interpretações. Mas durante os dois anos que se seguiram à saída do copeiro-chefe da prisão, José permaneceu enterrado naquela cela. Note a ênfase, dois anos *completos*. Dois anos longos, monótonos, miseráveis!

O que José pensou durante esse tempo? A tendência humana seria: "Vou ficar aqui para sempre, Senhor? Jamais mereci isso, para começar, mas não me queixei nem tentei fugir. Interpretei também corretamente os sonhos e fiquei perto de ti mês após mês. Fiz o que tu querias que eu fizesse. Servi-te fielmente. Eu disse a verdade! E o homem me esqueceu". De fato, até parece que *tu me esqueceste*! Não, não houve nada disso. Este homem notável, repetidamente vitimado, continuou a aguardar, a confiar, a esperar, a apoiar-se em Deus.

A SITUAÇÃO DE JOSÉ ENTÃO – E A NOSSA HOJE

A história dos maus-tratos, da decepção e do abandono de José ecoa em todos nós. Mulheres sem marido, maridos sem mulher, crianças sem pais, pais sem filhos, homens e mulheres sem emprego, pastores afastados do ministério, mulheres de ex-pastores não mais solicitados ou, por assim dizer, respeitados. Prisioneiros fechados em celas, perseguidos por crimes que cometeram (ou não cometeram!), atormentados pela solidão e pelo abandono. Esta história é relevante em todo o seu percurso.

Os tratamentos injustos, os maus-tratos, surgem de muitas formas, mas a maioria se enquadra em quatro categorias. Primeira: *o tratamento não-merecido da família.* É possível para os filhos maltratar os pais tão facilmente quanto os pais podem maltratarem os filhos – até mesmo filhos adultos.

No seminário onde trabalho, treinamos alguns dos melhores homens e mulheres que você poderia conhecer. Eles são intelectualmente bem-dotados, espiritualmente sintonizados e dedicados ao serviço do Senhor, onde quer que ele os chame para servir. Aparentemente parecem ter "tudo que é preciso". Mas quanto mais crescemos juntos e quanto mais passamos tempo uns com os outros tanto mais vejo quantos procedem de lares em que o ambiente não era saudável.

Entrevisto a maioria de nossos graduandos várias semanas antes da formatura. É surpreendente o que se descobre sobre a vida das pessoas quando fechamos as portas. Com freqüência derramam lágrimas sentidas quando falam de relacionamentos tensos com um ou com os dois pais. Graças a Deus, há exceções maravilhosas, mas não é incomum ouvir as histórias tristes de nossos formandos sobre lares desfeitos e abusivos, mães iradas e pais ausentes. Todos os anos há alguns que recebem seu diploma suado de professor sem nenhum membro da família presente para aplaudir a sua conquista.

Um jovem contou-me que o pai não falava com ele há quatro anos – desde que o filho decidira não estudar direito como o pai (advogado) esperara, preferindo estudar teologia e servir à igreja de Cristo. Quando o cumprimentei e lhe entreguei o diploma de mestrado em teologia, nossos olhos se encontraram – e então nos abraçamos e choramos juntos. Nesse momento memorável de sua vida, ele sentiu, novamente, o aguilhão do abandono.

O tratamento abusivo na família toma muitas formas e deixa muitas cicatrizes.

A segunda categoria de maus-tratos é a *restrição inesperada das circunstâncias.* Isso ocorre quando se fica subitamente confinado, seja emocional seja fisicamente. Não se consegue supe-

rar as emoções nem as circunstâncias físicas. Um ferimento repentino ou uma doença traumática pode levar a pessoa incapacitada a sentir-se terrivelmente sozinha. As cicatrizes de um passado abusivo talvez resultem em longos anos de prisão, à medida que o indivíduo luta para recuperar-se. Um amigo íntimo está passando pelo horror de ajudar a esposa a recobrar-se de um abuso sexual sofrido na infância. Não tenho espaço, nem seria apropriado, descrever as dificuldades dessa jornada. Entre muitos outros subprodutos dessa lenta recuperação está a perda de sua própria intimidade sexual...durante mais de dois anos. Ele anseia por abraçar a esposa e gozar das delícias do romance e dos prazeres íntimos, mas isso não pode acontecer. Não agora e talvez nunca.

Essas restrições inesperadas impedem as pessoas de voarem em liberdade, de subirem às alturas, de gozarem a vida.

A terceira espécie de maus-tratos é a *acusação injusta*. Você não precisa viver muito nesta terra para que as pessoas comecem a dizer coisas falsas a seu respeito. Isso pode acontecer até com crianças pequenas. A tragédia é que essas palavras falsas são ouvidas por outros que desconhecem algo melhor e crêem nelas. Essas declarações inverídicas se tornam tão impossíveis de corrigir quanto apanhar as penas de um travesseiro rasgado num dia de vento. Você em breve desiste, apreensivo e frustrado, dizendo: "Como poderei algum dia endireitar as coisas?".

Há algum tempo correu o boato de que eu já fora casado. Se soubessem como Cynthia e eu éramos jovens quando nos casamos, pela primeira e única vez nos idos de 1955, jamais fariam uma afirmação dessas! Era mentira. Contudo a história começou a se espalhar e muitos acreditaram e a passaram adiante. O que poderíamos fazer para corrigir os registros? Outros, naturalmente, já foram acusados de coisas muito mais escandalosas e nocivas do que essa.

A quarta categoria de maus-tratos é o *abandono injusto*. De algum modo, esta pode ser a mais penosa de todas. Dói.

Muitas mulheres podem identificar-se com essa situação. Você ajudou seu marido a estudar. Vislumbrou o futuro na vida, assim como o potencial de seus dons, e você, a esposa fiel, não poupou esforços. Ele alcançou a glória, os diplomas, o emprego, o nome, o crédito – e depois foi embora. Você nem sabe hoje onde ele se encontra. Você o ajudou. Dedicou-se ao casamento. Pode até ter dado à luz seus filhos. Ficou ao lado dele quando o retorno era insignificante, e ele a abandonou. Pegou o dinheiro e partiu.

Alguns de vocês emprestaram muito dinheiro a alguém que abusou da sua generosidade. Ele não devolve nada do que lhe deve. Você perdeu talvez uma quantia bem grande e foi injustamente abandonado.

Alguns de vocês trabalharam com outra pessoa para construir um negócio. Você trabalhou arduamente e com boa vontade nos bastidores. Ele recebeu o crédito, e você fez a maior parte do trabalho – esforçando-se ano após ano. Então, finalmente, quando as coisas começaram a dar lucro, ele deixou você de lado como a um mau hábito.

Alguns de vocês foram mal-interpretados e abandonados por amigos por esse motivo. Talvez até por seus irmãos e irmãs na igreja local, por acreditarem em falsas declarações feitas sobre você. Isso é doloroso.

Mas quero dizer-lhe algo. É possível que ache difícil de aceitar, mas precisa compreender que é nesse tipo de sofrimento que Deus dá suas melhores mensagens. É o que C.S. Lewis chama de "megafone de Deus". No livro *O Problema do Sofrimento*, ele escreve: "Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossos sofrimentos".[4]

Temos duas escolhas: podemos ficar desiludidos e amargos ou ver essa dificuldade como uma plataforma para pôr nossa esperança e confiança no Deus vivo.

A desilusão é uma ladeira perigosa e escorregadia. Primeiro nos desiludimos com nosso semelhante. Em seguida passamos ao ceticismo. Em pouco tempo não confiamos em ninguém, nem mesmo em Deus. Fomos rejeitados. Aproveitaram-se de nós, fomos maltratados. Nunca encontrei um indivíduo que ficasse sinceramente decepcionado com a humanidade e que também não acabasse se desiludindo de Deus. As duas coisas andam juntas. O ceticismo é gerado nesse contexto.

A causa da desilusão e a cura para ela podem ser expressas praticamente nas mesmas palavras. A *causa* da desilusão é *pôr nossa esperança e confiança completas nas pessoas.* Pôr as pessoas num pedestal, concentrar-se nelas, sentir segurança nelas. Ficar de tal modo horizontalmente concentrado nelas que a pessoa toma o lugar de Deus, *torna-se* Deus. Toda a sua esperança pode repousar em uma pessoa. Talvez seja o seu filho. Ou um de seus pais. Pode ser um sócio nos negócios, um amigo, um pastor, um treinador, o cônjuge. Quando os pés de barro se quebram (como certamente acontecerá), a completa decepção se estabelece.

Qual a cura? *Pôr toda a nossa esperança e confiança no Deus vivo.* Quando fazemos isso, as mais simples mensagens de Deus acalmam nosso espírito.

Christian Reger é um homem que fez exatamente isso. Ele foi preso pelos nazistas e passou quatro anos em Dachau, de 1941 a 1945. Seu crime? Christian era membro da Igreja de Confissão, uma das igrejas oficiais da Alemanha que se opôs aos nazistas nos anos 30 e 40. Martin Niemoeller e Dietrich Bonhoeffer ministraram nessa igreja. Como um todo, era uma igreja que apoiava a verdade, mas o organista da sua igreja local

entregou Christian Reger aos nazistas. Enviado para muito longe, passou os quatro anos seguintes no infame campo de concentração de Dachau, fora de Munique.

Phillip Yancey conta a história memorável desse homem em seu livro *Deus Sabe que Sofremos.*

> Christian Reger conta as histórias de horror se você pedir. Mas jamais se deterá nelas; continuará compartilhando a sua fé – como em Dachau foi visitado por um Deus que ama.
> "Nietzsche disse que o homem pode suportar a tortura se souber a razão da sua vida", disse-me Reger. "Mas aqui em Dachau aprendi algo muito maior. Aprendi a conhecer o Quem [aquele que dá razão] da minha vida. Ele foi poderoso para sustentar-me e tem poder para continuar sustentando-me.[5]

UM APELO FINAL

Ouçam-me, vítimas dos maus-tratos, ou melhor, por favor, ouçam a verdade de Deus. Ele tem uma centena de mensagens diferentes para lhes dar durante uma centena de experiências diferentes de prisão. Ele sabe a mensagem certa, na hora certa, e tudo o que é necessário para recebê-la é um coração sensível, obediente, confiante, que diz: "Senhor, Deus, ajuda-me agora. Neste momento. Livra-me da minha própria prisão. Ajuda-me a ver além da escuridão, a ver a tua mão. Enquanto estou sendo esmagado, remodela-me. Ajuda-me a ver-te neste abandono, nesta rejeição". Faça essa oração. Transforme a sua provação em confiança, enquanto espera que Deus use ternamente essa aflição, essa cela, esse abandono, para o seu propósito. Suplico-lhe: faça isso hoje! Se José pôde sobreviver a esses anos de maus-tratos, solidão e perda, tenho certeza de que você também pode!

Sei que o seu mundo não está cheio de celas egípcias, nem de sonhos que precisam ser interpretados, nem sequer de campos de guerra nazistas. Seu sofrimento pode ter uma embalagem completamente diferente. Mas, independentemente da sua forma, é dolorido. Você sente a terrível rejeição. Fez o que era certo, mas foi tratado da maneira errada.

Em meio a tudo isso, lembre-se de que Deus não o abandonou. Ele não o esqueceu. Jamais foi embora. Ele compreende a dor provocada pelo mal que ele misteriosamente permite a fim de o levar a uma caminhada terna, sensível, junto com ele. Deus é bom, Jesus Cristo é real – não importa quais sejam as suas presentes circunstâncias. Minha oração é que ele faça por você o que fez por José.

Que ele lhe conceda a graça para perseverar.

CAPÍTULO QUATRO

Lembrado e Promovido

O sofrimento, quando tratado apropriadamente, pode moldar uma vida para a grandeza. A história está repleta de pessoas cujas lutas e cicatrizes formaram o fundamento para empreendimentos admiráveis. De fato, por causa das suas dificuldades elas obtiveram aquilo de que precisavam para alcançar a grandeza.

Uma jovem cantou um solo diante de um grande auditório. Sua técnica vocal era esplêndida, sua entonação, excelente, seu alcance, significativo. Por coincidência, o compositor da música que ela cantara se encontrava entre os ouvintes. Quando a jovem terminou, a pessoa sentada ao lado do compositor inclinou-se e perguntou: "E então? O que acha dela?" Baixinho, o compositor respondeu: "Ela só será realmente grande quando acontecer algo que lhe parta o coração".

Lutei com esse conceito durante muito tempo em minha vida. Parecia-me uma filosofia cruel. Por que alguém teria de

sofrer? O que quer dizer: "Existem benefícios que só são obtidos mediante esforço"? Completei agora o círculo. Concordo com A.W. Tozer, que disse: "É duvidoso que Deus possa abençoar muito um homem antes de tê-lo ferido profundamente".[1] Eu poderia mencionar numerosos exemplos, mas com certeza nenhuma vida evidencia essa verdade mais claramente do que a de José.

As experiências de José até agora foram em grande parte sombrias. Ele pode ter sido o filho favorito, mas sua vida foi cheia de decepções, maus-tratos e rejeição, de medo e falsas acusações, de escravidão e abandono. Deixamos José sozinho na prisão quando terminamos o capítulo anterior. Agora, depois de um intervalo de dois anos inteiros, voltamos à sua história.

Lembre-se de que quando o deixamos, ele havia dito ao copeiro-chefe dois anos antes: "Agora que lhe contei o significado do seu sonho: não se esqueça de mim. Lembre-se de mim quando as coisas se arranjarem para você e quando for promovido. Peço que mencione o meu nome ao Faraó e me tire deste lugar. Lembre-se de mim". O copeiro-chefe, porém, não se lembrou do fato nem mencionou o nome de José. Apenas três dias depois de José ter dito isso, o homem foi solto e restituído à sua antiga posição de copeiro-chefe de Faraó. Ele rapidamente esqueceu tudo sobre os seus dias na prisão, assim como de seu companheiro de cela, José.

Dois anos completos se passaram depois desse acontecimento – muito tempo para permanecer esquecido. É possível que perguntemos: "Depois de tudo que José teve de suportar, por que algo assim deveria acontecer?" Ele fora obediente a Deus e promovido antes porque "Deus era com ele". A resposta é que Deus estava ainda trabalhando na sua vida. Outro personagem bíblico que aprendeu por meio das dificuldades foi Jó.

PROMESSAS DE PROMOÇÃO DIVINA

Pobre e velho Jó, abatido pela calamidade, a morte de dez filhos (imagine só!), a destruição de sua casa, a perda de todos os seus bens, até da sua saúde. Ele não teve o consolo de amigos que se importavam com ele. Não tinha nada. Não acho que alguém censuraria Jó pelas suas palavras, ao refletir sobre suas circunstâncias, procurando as respostas de Deus.

> Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar! Então me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos. Saberia as palavras que ele me respondesse, e entenderia o que me dissesse. Acaso segundo a grandeza de seu poder contenderia comigo? Não; antes me atenderia. Ali o homem reto pleitearia com ele, e eu me livraria para sempre do meu juiz.
>
> Eis que se me adianto, ali não está; se torno para trás, não o percebo. Se opera à esquerda, não o vejo; esconde-se à direita, e não o diviso.
>
> Jó 23:3-9

Jó está dizendo: "Eu gostaria de encontrar Deus. Desejaria que ele e eu pudéssemos sentar-nos e falar abertamente sobre a minha situação, e eu poderia perguntar-lhe por que estou passando por essas coisas. Quero que todas as minhas perguntas sejam respondidas. Quero ver todos os meus problemas de 'Quanto tempo?' resolvidos".

Apesar de tudo por que passou, Jó continua crendo que Deus vai ouvi-lo. "Ele me bateria no rosto e diria: 'Fique quieto, Jó, e sentado aí'? Não, ele me daria atenção."

Embora creia nisso, Jó ainda pergunta a razão: O que ele está fazendo, não sei. Onde está, não posso encontrá-lo. O que ele vê, não posso ver. *Mas* sei isso...*sei* isso", diz Jó. Aprecio muito esta declaração de fé:

> Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro. Os meus pés seguiram as suas pisadas; guardei o seu caminho, e não me desviei dele. Do mandamento de seus lábios nunca me apartei, escondi no meu íntimo as palavras da sua boca.
>
> Jó 23:10-12

Esta frase-chave está no início da sua declaração: "se ele me provasse". Veja bem, não existe um processo rápido para descobrir e moldar o ouro. O processo de descobrir, processar, purificar e moldar o ouro é longo, meticuloso. A aflição é a produção do ouro para o filho de Deus, e Deus é aquele que determina quanto tempo o processo leva. Só ele é o refinador.

Jó não estava dizendo: "Se ele me provar, ganharei um milhão!"; "Se ele me provar, terei de volta tudo que perdi". Ou: "Se ele me provar, minha mulher pedirá desculpas e vou endireitar as coisas". Ou: "Se ele me provar, tudo voltará a ser como antes". Não, não são as circunstâncias externas que são prometidas, mas as internas. O Senhor prometeu a Jó: "Quando o processo terminar, você sairá como *ouro*. E então estará pronto para servir-me onde eu quiser. Então, terá condições de lidar com qualquer promoção que lhe for oferecida".

José estava nesse ponto quando o deixamos. Estava em meio ao processo. Seu ouro ainda estava sendo refinado. Seu coração, sendo partido pela aflição e pelo abandono.

A PROVA: ESCURIDÃO ANTES DA AURORA

Aqueles *dois anos completos* não foram nem estimulantes nem agitados para José. Representaram um longo, monótono e nada espetacular processo de moagem. Mês após mês de...*nada*. Nem mesmo o relato de Gênesis tenta fazer esses anos parecerem significativos, porque não foram.

É isso que acontece quando você se encontra num período de espera. Nada acontece! Espera. Espera. Espera.

Por outro lado, só *parece* que não acontece nada. Na realidade, há muita coisa ocorrendo. Os fatos ocorrem separadamente do nosso envolvimento. Além disso, *nós* estamos sendo fortalecidos. Estabelecidos. Aperfeiçoados. Refinados. Refinados no mais puro ouro.

Voltamos ao meu comentário anterior – ele está sendo moldado para a grandeza. Todos aqueles que Deus usa grandemente são primeiro ocultos no segredo da sua presença, longe do orgulho do homem. É ali que a nossa visão se torna nítida. É ali que o sedimento é eliminado da corrente da nossa vida e nossa fé começa a agarrar o seu braço. Abraão aguardou pelo nascimento de Isaque. Moisés não liderou o Êxodo senão aos 80 anos. Elias esperou ao lado do riacho. Noé aguardou 120 anos pela chuva. Paulo ficou escondido três anos na Arábia. A lista não termina. Deus está trabalhando enquanto seu povo espera, espera, espera. José está sendo moldado para um importante futuro.

É isso que está acontecendo. Para o presente, nada. Para o futuro, tudo!

O PONTO CRÍTICO: O SONHO DE FARAÓ

Depois desses dois anos completos, José experimentou um ponto crítico em sua vida – num dia que parecia exatamente igual aos outros. Aquela manhã alvoreceu como todas as outras nos dois últimos anos. Como a manhã que raiou antes de Moisés avistar a sarça ardente. Como o alvorecer daquele dia antes que Samuel ungisse Davi como rei. Para José, outro dia de prisão – exceto por uma pequena coisa que ele não sabia: na noite anterior Faraó tivera um sonho ruim.

A DECLARAÇÃO DO SONHO

> Passados dois anos completos, Faraó teve um sonho. Parecia-lhe achar-se ele de pé junto ao Nilo. Do rio subiam sete vacas formosas à vista, e gordas, e pastavam no carriçal. Após elas subiam do rio outras sete vacas, feias à vista, e magras; e pararam junto às primeiras, na margem do rio. As vacas feias à vista, e magras, comiam as sete formosas à vista, e gordas. Então, acordou Faraó.
>
> Gênesis 41:1-4

O rei da terra teve um sonho e viu nele sete vacas gordas e bonitas subindo das águas pantanosas do delta do Nilo. Em seguida, sete vacas feias, magras e famintas saíram do mesmo rio e devoraram as primeiras.

Faraó acordou, pensando talvez que a abundante refeição que comera antes de se deitar não lhe fizera bem ao estômago. Em breve adormeceu de novo e seu sonho continuou. Dessa vez ele viu uma haste da qual saíam sete espigas cheias e boas. Mas, depois, sete espigas mirradas, crestadas pelo vento oriental, brotaram e devoraram as sete espigas boas.

Quando Faraó acordou, lembrou-se do que sonhara e ficou perturbado.

> De manhã, achando-se ele de espírito perturbado, mandou chamar todos os magos do Egito, e todos os seus sábios, e lhes contou os sonhos; mas ninguém havia que lhos interpretasse.
>
> Gênesis 41:8

Há um ponto interessante a respeito da palavra "magos" aqui. Quando foi originalmente traduzida das Escrituras, do hebreu antigo para o grego, os tradutores usaram um termo que significava "homens versados nos escritos sagrados".

Por que mencionar isso? Porque sugere que todos esses homens eram muito inteligentes. Eram considerados os homens

mais sábios da terra. Passavam o tempo decifrando tudo, desde os textos egípcios em hieróglifos até estudar o movimento das estrelas nos céus. Por maior que fosse a sua sabedoria, porém, não souberam dizer a Faraó o significado do seu sonho. Admiro a honestidade deles. Poderiam ter inventado algo, mas não o fizeram. Declararam apenas: "Não sabemos o que significa o seu sonho".

De repente, uma luz se acendeu na mente do copeiro-chefe de Faraó.

> Então disse a Faraó o copeiro-chefe: Lembro-me hoje das minhas ofensas: Estando Faraó mui indignado contra os seus servos, e pondo-me sob prisão na casa do comandante da guarda, a mim e ao padeiro-chefe, tivemos um sonho na mesma noite, eu e ele; sonhamos, e cada sonho com a sua própria significação. Achava-se conosco um jovem hebreu, servo do comandante da guarda; contamos-lhe os nossos sonhos, e ele no-los interpretou, a cada um segundo o seu sonho. E como nos interpretou, assim mesmo se deu: eu fui restituído ao meu cargo, o outro foi enforcado. Então Faraó mandou chamar a José, e o fizeram sair à pressa da masmorra; ele se barbeou, mudou de roupa e foi apresentar-se a Faraó.
>
> Gênesis 41:9-14

Quando Faraó ouviu que havia alguém que podia dizer-lhe o significado desse sonho perturbador, disse naturalmente: "Vão buscar o homem".

Lembre-se agora de que José nada sabia do que acontecia no palácio de Faraó. Ele não tinha idéia do que iria ocorrer. Achava-se na masmorra quando, subitamente, as correntes fizeram ruído, as barras foram removidas, as cordas levantadas, e ele se viu puxado para fora da cisterna.

Quero que note um elemento interessante aqui. Quando Faraó mandou buscar José, os guardas o tiraram rapidamente da masmorra. Mas, em vez de correr para a presença de Faraó, José "se barbeou" e "mudou de roupa" antes de apresentar-se a Faraó. José se preparou para encontrar-se com o rei!

Depois de todo aquele tempo na prisão, José estava desarrumado, em farrapos e, sem dúvida, com a barba crescida. De modo geral, os egípcios não usavam barba. Ele deve ter pensado: *Se vou aparecer diante do rei, preciso tomar uma atitude sobre a minha aparência. Ela deve ser apropriada para estar na presença dele.* Então se barbeou, se lavou e mudou de roupa.

Interpretação do Sonho

Faça uma pausa e imagine este momento tão esperado. Há anos José fora afastado do mundo real. Considere o surpreendente contraste – de uma masmorra lúgubre para o palácio de Faraó. Ali estava ele, recém-barbeado e usando uma roupa limpa – e o Senhor continuava com ele, como podemos ver em sua primeira resposta a Faraó.

> Este [Faraó] lhe disse: Tive um sonho, e não há quem o interprete. Ouvi dizer, porém, a teu respeito que, quando ouves um sonho, podes interpretá-lo. Respondeu-lhe José: Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó.
>
> Gênesis 41:15-16

"Segundo as minhas fontes", disse Faraó, "você é o homem que tem as respostas. Diga o significado do meu sonho e verá que vai valer a pena."

"Espere um momento", respondeu José. "Eu não tenho as respostas, mas Deus tem."

A tradução da NVI diz o seguinte: "Eu não posso fazê-lo, mas Deus dará a Faraó a resposta que ele quer".

Falamos de humildade. Falamos de absoluta integridade. Este era o momento de José na corte, a oportunidade de ouro para dizer: "Compreende que eu poderia ter saído daquele lugar há dois anos se esse idiota parado ali não me tivesse esquecido? E poderia ter interpretado seus sonhos nos últimos dois anos e ter-lhe poupado muito sono perdido? Se espera que o ajude agora, que tal livrar-se dele e acertar as coisas comigo?". Mas não houve nada disso.

José disse, porém: "Não sou eu que tenho as respostas. Sirvo, no entanto, a um Deus que é a resposta. Nós dois vamos ouvi-lo e ele nos dirá o que quer que saibamos".

Ele afirmou, com efeito: "Faraó, há um Deus lá no alto, atrás daquelas estrelas que seus magos sempre contemplam, as quais não têm nenhuma relação com ele. Estou aqui para dizer-lhe, ele e só ele é quem lida com os sonhos". Quando isso acontece, ele diz literalmente: "Deus dará paz a Faraó". Não é admirável? "Faraó, Deus lhe dará *shalom*. Ele lhe dará uma resposta pacífica. E se for de Deus, estará certa".

Você sabe por que José pôde mostrar-se tão humilde e falar tão abertamente? Porque o seu coração fora partido. Porque fora provado pelo fogo da aflição. Porque, enquanto suas circunstâncias externas pareciam quase insuportáveis durante aqueles anos, sua condição interna se transformara em ouro puro. Estamos agora testemunhando os benefícios de suportar a aflição com os olhos voltados para Deus.

Por todo o resto da vida de José, dos 30 aos 110 anos, quando morreu, não vamos ouvir uma só palavra de ressentimento proveniente de seu coração ou de seus lábios. Nenhuma acusação contra os irmãos que o venderam como escravo, nenhuma palavra de amargura contra a mulher de Potifar, nenhuma palavra de censura ao copeiro-chefe, que se esquecera dele. José

achou-se finalmente numa posição em que podia vingar-se de todos eles, mas não o fez. Vamos falar mais tarde desse assunto, voltemos agora a esta cena.

Faraó contou todo o seu sonho a José, sobre as vacas diferentes e as espigas contrastantes. Depois esperou pela resposta. Calma e metodicamente, José interpretou o sonho.

> Então lhe respondeu José: O sonho de Faraó é apenas um; Deus manifestou a Faraó o que há de fazer. As sete vacas boas serão sete anos; as sete espigas boas, também sete anos: o sonho é um só. As sete vacas magras e feias, que subiam após as primeiras, serão sete anos, bem como as sete espigas mirradas e crestadas do vento oriental serão sete anos de fome. Esta é a palavra, como acabo de dizer a Faraó, que Deus manifestou a Faraó que ele há de fazer. Eis aí vêm sete anos de grande abundância por toda a terra do Egito. Seguir-se-ão sete anos de fome, e toda aquela abundância será esquecida na terra do Egito, e a fome consumirá a terra; e não será lembrada a abundância na terra, em vista da fome que seguirá, porque será gravíssima. O sonho de Faraó foi dúplice, porque a cousa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la.
>
> Gênesis 41:25-32

Depois de ter ouvido o sonho, José disse: "Deus vai contar-lhe, por meu intermédio, o que ele está prestes a fazer. Sou apenas um mensageiro". E passou então a interpretar o sonho de Faraó. "Os dois sonhos significam a mesma coisa. O Egito vai ter sete anos de abundância – supersafras em toda parte. Depois disso virão sete anos de fome, a qual será tão intensa que as pessoas se esquecerão de que houve dias de abundância. O plano de Deus não só será executado, como você também pode contar com isto: o tempo de Deus será exato."

Deus! Deus! Deus! Deus! Deus! José se refere a Deus em toda a sua resposta. Em vez de chamar atenção sobre si mesmo, ele aponta Deus Jeová a Faraó. Não sou *eu*, é o Senhor! Eis um homem que se havia humilhado sinceramente sob a mão poderosa de Deus.

José acrescentou então algumas palavras de conselho:

> Agora, pois, escolha Faraó um homem ajuizado e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito.
>
> Gênesis 41:33

Com essa recomendação, ele deu conselhos bem específicos sobre os procedimentos que Faraó devia seguir. O Egito precisaria de um processo de racionamento estrito e bem-organizado. Quando há fartura, come-se demais. Gasta-se muito. Não se economiza.

José disse então: "Você precisa de um homem que se responsabilize pela administração desses sete anos de abundância, alguém que supervisione a construção de celeiros e garanta que uma parte dos cereais seja guardada. Quando a fome atacar e devastar essa terra fértil, você e seu povo poderão viver desse alimento acumulado. Portanto, tem necessidade de um homem disciplinado e com visão, a quem possa confiar o trabalho. Precisa de um bom gerente". Mas ele não disse nenhuma vez: "Gostaria de obter esse cargo. Interpretei os seus sonhos. Mereço essa posição".

A RECOMPENSA: A PROMOÇÃO DE JOSÉ

> O conselho foi agradável a Faraó e a todos os seus oficiais. Disse Faraó aos seus oficiais: Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o Espírito de Deus?
>
> Gênesis 41:37-38

Ali, bem à sua frente, se achava José que satisfazia todos os requisitos. Mas, mesmo então, quando pareceria apropriado que José se oferecesse como voluntário, ele se reprimiu. O rei, porém, sabia que José era o homem adequado para a tarefa.

Humildade na Promoção

> Depois disse Faraó a José: Visto que Deus te fez saber tudo isto, ninguém há tão ajuizado e sábio como tu. Administrarás a minha casa, e à tua palavra obedecerá todo o meu povo; somente no trono eu serei maior do que tu.
>
> Gênesis 41:39-40

Quem não fica impressionado com o autocontrole de José? Recusando-se a manipular o momento ou a dar sugestões, ele simplesmente ficou parado ali e esperou. De algum modo, na solidão dos últimos anos, abandonado e esquecido na prisão, ele aprendeu a permitir que o Senhor fizesse a sua vontade, no seu tempo, para os seus propósitos! Destituído de qualquer ambição egoísta, José recusou promover-se. Que interessante – que raro!

Quantos de nós manipulamos ou conspiramos a fim de satisfazer nossos desejos e depois nos arrependemos? Uma das lembranças mais embaraçosas que a maioria das pessoas tem é a do dia em que obtiveram o que tramaram e manipularam – e depois viram o objeto dos seus desejos escorrer pelas mãos. Não era esse o tipo de promoção almejado por José.

Se fosse propósito de Deus, o Senhor o faria. Foi precisamente isso que aconteceu. Deus havia planejado e pôs o plano em execução. Faraó disse a José: "Desde que Deus lhe contou tudo isso, não há evidentemente ninguém com tanto discernimento ou tão sábio quanto você. Portanto, vou colocá-lo como administrador de tudo. A única pessoa a quem prestará contas – a única com mais autoridade – sou eu. Você é o segundo no comando. É agora o meu primeiro-ministro". Sabe o que Faraó viu em José? Ouro.

A palavra *discernimento* dá a entender a habilidade de intuir uma situação e agir construtivamente nas horas de necessidade. José era um homem que podia fazer isso e muito mais. Ele sabia como avaliar uma situação e fazer os movimentos certos, mesmo sob pressão. Ele tinha noção disso, porque por meio da pressão é que ele fora refinado em ouro.

Exaltado em Todo o Egito

> Disse mais Faraó a José: Vês que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito. Então tirou Faraó o seu anel de sinete da mão e o pôs na mão de José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. E fê-lo subir ao seu segundo carro, e clamavam diante dele: Inclinai-vos! Desse modo o constituiu sobre toda a terra do Egito.
>
> Gênesis 41:41-43

Faraó fez um gesto largo com a mão, a fim de incluir toda a vasta terra do Egito, e disse: "É tudo seu, José". Tirou então o anel de sinete e colocou-o na mão de José.

Você sabe o significado desse anel, não sabe? Era o cartão de crédito ouro da época. Com ele, o rei carimbava as faturas, as leis e tudo o mais que queria verificar ou validar com o seu sinete. José agora tinha esse anel na mão, colocado pelo próprio Faraó. José usava a autoridade do carimbo do Faraó.

Além disso, Faraó deu-lhe roupas finas feitas de linho e, apropriadamente, colocou um colar de ouro em seu pescoço. José recebeu até um coche real.

Poucas horas antes, José não passava de um prisioneiro sujo, andrajoso e esquecido na masmorra. Agora suas roupas eram

as da realeza, usava um colar de ouro no pescoço e no dedo o anel de Faraó, e tinha um coche fabuloso. Por onde passava eram dadas ordens: "Inclinai-vos!".

A promoção semelhante à da Cinderela pela qual José passara era incrível. Mas, quando Deus determina que a hora é certa, é assim que ele opera.

> Era José da idade de trinta anos, quando se apresentou a Faraó, rei do Egito, e andou por toda a terra do Egito.
>
> Gênesis 41:46

Essa é uma excelente oportunidade para mudar de cena por um momento e observar tudo isso da perspectiva do indivíduo que trabalha no campo, removendo pedras para um desses intermináveis projetos-pirâmide. Ele não sabe absolutamente nada do que aconteceu na prisão e na sala do trono. Tudo o que sabe é que um jovem presunçoso, um estrangeiro, fez alguma manobra para obter o favor de Faraó. E lhe dizem: "Inclinai-vos diante deste homem!".

"Olhem só!", diz o lavrador. "Quem ele pensa que é? A quem subornou para conseguir tudo isso? Ele deve conhecer alguém. É assim que as coisas são lá na corte."

Se estivéssemos nessa mesma situação, provavelmente pensaríamos a mesma coisa. Na época do Vietnã, ouvíamos freqüentemente a frase: "Não confie em ninguém com mais de 30 anos". Hoje, em vista do grande segmento de população mais idoso, iremos mais provavelmente ouvir: "Não confie em ninguém com menos de 30 anos".

Eliú afirmou: "Os de mais idade não é que são os sábios, nem os velhos os que entendem o que é reto" (Jó 32:9). O cabelo grisalho não garante a sabedoria, nem a juventude é necessariamente um sinal de imaturidade ou ignorância. Talvez sejamos lentos demais em entregar as rédeas aos jovens. "Eles têm de pagar os seus tributos!" – pensamos. Nossa tendência é suspeitar de qualquer um que seja mais poderoso, mais rico ou esteja em posição mais alta – *porém mais jovem* – do que nós.

O que não podemos ver de nossa perspectiva limitada é o que Deus foi fazendo interiormente. Esse trabalhador do campo não sabe – não tem a menor idéia – do que aconteceu antes na vida de José, também não tem a menor noção dos anos que ele passou na masmorra. Não sabe da lealdade de José quando não havia ninguém ao seu lado.

José foi indicado, escolhido, selecionado, preparado e refinado em ouro pelo Deus Todo-Poderoso. Foi assim que veio a usar o anel. Assim que chegou a ganhar o manto, o colar e o coche. É por isso que outros dizem: "Inclinai-vos!" Não é José quem diz isso, são os outros.

Fico imaginando o que se passava na cabeça de José naquele momento.

Creio que repetia seguidamente para si mesmo: "Louvado seja Deus!". Acho que procurava registrar todas as coisas que Deus lhe ensinara nos últimos 30 anos, coisas que Deus quer nos ensinar também.

Primeiro: *Durante o período de espera, confie em Deus sem entrar em pânico.* Conte com ele para lidar com os copeiros-chefe da sua vida, as pessoas que o esquecem, as que quebram as promessas. É trabalho de Deus tratar com os copeiros-chefe do seu passado. É sua tarefa ser o tipo de servo que ele o destinou a ser. Seja fiel durante os períodos de espera da vida. Deus não o esquecerá nem o abandonará.

Segundo: *Quando a recompensa vem, agradeça a Deus sem orgulho.* Só Deus pode fazê-lo suportar a circunstância e tirá-lo

da masmorra. Só Deus pode recompensá-lo pela sua fidelidade. Se ele fez isso, seja grato, não orgulhoso. É claro que sempre haverá alguns que encontrarão um motivo para dizer que você não merece, que não está qualificado para a recompensa ou promoção. Mas lembre-se, com humildade, que foi Deus que o colocou ali.

G. Frederick Owen escreveu isto sobre José:

> Uma tentativa de sedução; um plano diabólico; ingratidão ignóbil; a prisão com todos os seus horrores. Todavia, sua impecável varonilidade, sua fidelidade em fazer o que era reto, sua lealdade ao Deus de seus pais levaram o jovem ao palácio – ele tornou-se governador da terra dos faraós.[2]

Alguns de vocês estão quase recebendo uma promoção e nem sequer sabem disso, porque Deus não anuncia suas indicações antecipadamente. O que você tem de fazer, enquanto espera, é crer nas promessas dele. Enquanto estiver nas trevas da sua masmorra, pela fé, confie nele para que traga a luz de uma nova aurora. No inverno da insatisfação, creia que haverá uma primavera.

O falecido Joe Bayly, em seu livro *Enfrentando a Morte*, conta que perdeu três filhos: Danny, John e Joe. Cada um morreu com uma idade diferente e sob diferentes circunstâncias. Um deles antes dos cinco anos, de leucemia. Lembrando-se desses sofrimentos, Bayly escreve sobre a esperança que afinal voltou:

> Certa manhã de sábado, em janeiro, vi o carro do correio parar em nossa caixa, perto da estrada.
> Sem pensar, exceto que eu queria a correspondência, corri até a estrada em mangas de camisa. Estava terrivelmente frio – a temperatura descera abaixo de zero –, um vento cortante vinha do norte e o solo se cobrira com mais de 30 cm de neve.

> Abri a caixa, tirei a correspondência, e estava prestes a correr para casa quando vi o que tinham posto no fundo, debaixo das cartas: um catálogo de sementes.
> Na capa brilhavam zínias. Na contra-capa, enormes tomates.
> Durante alguns momentos nem sequer senti o frio, absorto que estava naquilo. Folheei o catálogo, saboreando milho e pepinos, sentindo a fragrância das rosas. Vi a terra recém-lavrada, senti o seu cheiro e deixei-a escorrer por entre os dedos.
> Durante aqueles breves momentos, vivi na primavera e no verão, deixando para trás o inverno.
> Depois o frio penetrou-me novamente os ossos e voltei apressado para casa.
> Quando a porta se fechou atrás de mim e meu corpo começou a aquecer-se de novo, comparei aqueles momentos passados na caixa do correio com a nossa experiência cristã.
> Sentimos o frio, juntamente com aqueles que não compartilham a nossa esperança. O vento gelado penetra em nós e neles...
> Mas, em nosso inverno, temos um catálogo de sementes. Nós o abrimos e sentimos o perfume da primavera prometida, a eterna primavera. E as primícias que firmam a nossa esperança é Jesus Cristo, que foi ressuscitado dentre os mortos e da terra fria para a glória eterna.[3]

O Deus de José ficará conosco nos dias de masmorra. Ele não nos abandonará nem se esquecerá de nós. Estará ali enquanto sopram as rajadas tempestuosas de vento, estendendo a bênção da primavera. Estará ali durante a noite mais escura, lembrando-nos silenciosamente da promessa da luz matinal.

Há muitos anos tomei uma importante decisão em minha vida. Eu lutava com a questão de Deus ser ou não o autor da Bíblia e cheguei à firme conclusão de que ele era e que, portan-

to, esse Livro era digno da minha confiança. Depois disso, decidi confiar na Palavra de Deus sem reservas.

Mais ou menos na mesma ocasião, comecei realmente a estudar as Escrituras e descobri algo espantoso. Deus falava sobre coisas com as quais eu convivia diariamente! Na sua Palavra, ele discutia assuntos com os quais eu travava uma batalha pessoal, problemas que eu tentava resolver sozinho – e ele me oferecia respostas que funcionavam. Quando essas respostas não vinham, ele me oferecia esperança para aguardar. Decidi que seu Livro era verdadeiro e absolutamente confiável, mesmo quando eu não podia enxergar o outro lado do túnel.

Quanto mais estudava as Escrituras tanto mais compreendia que as suas verdades se classificam em várias categorias. Por exemplo, Deus fala de salvação em todo o seu Livro. Ele fala sobre como conhecê-lo pessoalmente, como se relacionar intimamente com ele. Fala também do perdão e do que fazer com o pecado. Fala bastante sobre traços de caráter, tais como amabilidade, paciência, generosidade, bondade e alegria. Mas, de todas as categorias da Bíblia que passei a encarar com seriedade, penso que a mais importante para mim é a das promessas. Promessas como:

> Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.
>
> João 1:12

> Não andeis ansiosos de cousa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças.
>
> Filipenses 4:6-7

Há vários anos, alguém contou as promessas da Bíblia e obteve um total de 7 474. Não posso verificar esse número, mas sei

que nas páginas da Bíblia há milhares de promessas que agarram o leitor e dizem: "Creia em mim! Aceite-me! Agarre-se em mim!". De todas as promessas da Bíblia, as mais significativas são as que oferecem esperança no final da aflição. Essas promessas nos dizem: "Vale a pena. Ande comigo. Confie em mim. Espere comigo. Vou recompensá-lo por essa espera. O seu ouro está sendo refinado".

José aprendeu que um coração quebrantado e arrependido não é o fim, mas o começo. Machucado e aniquilado pelos golpes da decepção e dos sonhos não realizados, ele descobriu que Deus jamais saíra do seu lado. Quando a aflição terminou, ele havia sido refinado e saiu como ouro. Ele se tornara uma pessoa mais estável, cuja qualidade e caráter são mais profundos.

As promessas de Deus são tanto para nós quanto foram para José. A sua graça ainda opera. Suas ternas misericórdias nos acompanham desde o abismo até o pináculo.

CAPÍTULO CINCO

Colhendo as Recompensas da Justiça

Recebi outro dia uma carta que menciona uma pesquisa realizada com pessoas acima de 95 anos de idade. Consistia em uma pergunta feita publicamente à qual eles podiam responder da maneira que quisessem.

"Se pudesse viver de novo, o que faria de diferente?"

As respostas variaram muito. Entre todas, três se destacaram:

- Eu arranjaria mais tempo para refletir.
- Eu correria mais riscos.
- Eu faria mais coisas que perdurassem depois de minha morte.

Por ser muito jovem (!), não tomei parte na pesquisa, mas se o fizesse, teria dado outra resposta além dessas três:

- Eu teria sido mais seguro.

E você? Numa escala de um a dez, dez sendo a nota mais alta, até que ponto você afirma e encoraja outros? Até que ponto apóia suas realizações, seus empreendimentos?

Duas perguntas nos ajudam a responder. Primeiro, até que ponto somos afirmativos com os outros quando eles estão aflitos, incapazes de produzir? Quando não são muito cativantes ou sensíveis? Quando estão doentes ou deprimidos, ou são postos de lado? Quando, nas palavras de Romanos 12:15, são "os que choram"? Você os encoraja e chora com eles? Oferece afirmação e apoio aos que passam por várias formas de aflição?

Há sete séculos, um homem chamado Francesco di Pietro di Bernardone compreendeu a enorme necessidade de ser afirmativo com os que sofriam. Conhecemos esse homem como São Francisco de Assis, e uma comovente oração que apreciamos é atribuída a ele:

> Senhor, faz de mim um instrumento da tua paz. Onde houver ódio, permita que eu semeie amor; onde houver ofensa, perdão; onde houver dúvida, fé; onde houver desespero, esperança; onde houver escuridão, luz; e onde houver tristeza, alegria...[1]

Numa escala de um a dez, você encontra tempo para consolar e chorar com os que choram?

Uma segunda pergunta-teste se aprofunda ainda mais. Até que ponto você apóia os que foram promovidos? Os que têm sucesso aos olhos e à mente do mundo? Eles realizaram muito e estão sendo recompensados pelos seus empreendimentos. Você se alegra e aplaude? Ou essas pessoas são automaticamente suspeitas por terem mais do que você jamais terá?

Essa segunda indagação traz à luz várias coisas interessantes, não traz? Descobri que quase todos têm mais facilidade para chorar com os que choram do que para rejubilar-se com os que

se alegram. Isso é especialmente verdadeiro na área da riqueza financeira e no acúmulo de confortos materiais. Tenho observado que muitos sentem desconforto quando estão perto dos que têm dinheiro, mesmo quando não existe razão para duvidar da integridade deles ou da fonte da sua riqueza. O lado escuro da natureza humana entra em cena, abastecido pela inveja ou pelos ciúmes, e as críticas tendem a fluir livremente.

Escondida nos recôncavos de Filipenses 4 está uma pequena pérola que se reporta diretamente a isso. Paulo se dirige à igreja do primeiro século em Filipos e enquanto escreve sobre os seus dias difíceis, ele menciona os dois extremos da vida: tempos de abatimento e tempos de entusiasmo. Ele elogia os membros dessa igreja por serem afirmativos e encorajadores durante esses dois extremos.

> Alegrei-me sobremaneira no Senhor porque, agora, uma vez mais renovastes a meu favor o vosso cuidado; o qual também já tínheis antes, mas vos faltava oportunidade. Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura, como de fome; assim de abundância, como de escassez. Tudo posso naquele que me fortalece. Todavia, fizestes bem, associando-vos na minha tribulação.
>
> Filipenses 4:10-14

Observe os extremos. "Tanto sei estar humilhado", admite Paulo, "como também ser honrado". Temos pouca dificuldade em imaginar Paulo numa situação humilde: ganhando seu próprio sustento, fazendo tendas, enquanto se dedicava à evangelização e ao ensino, possivelmente tremendo com a malária nas costas acidentadas da Panfília, suportando noites sem

dormir, passando fome e vivendo muitas vezes sem alimento ou sem ter o que beber, prisioneiro numa masmorra romana por causa da sua fé. É muito mais difícil imaginar Paulo na prosperidade, pelo menos segundo nossos padrões atuais. Por quê? Vou ser sincero nesse ponto. Parece haver algo mais espiritual no sofrimento e no choro e algo mais carnal no que diz respeito aos dias prósperos. Contudo, o apóstolo afirmou: "Já tenho experiência tanto de fartura, como de fome". Ele experimentara ambas as coisas e aprendera a lidar com as duas. Houve ocasiões em que esse homem piedoso desfrutou de "fartura".

Posso contar em uma mão, e ainda sobram alguns dedos, o número de mensagens que ouvi em defesa da promoção, das recompensas terrenas, ou da riqueza dada por Deus, mas há estantes cheias de livros que atacam a fartura e a riqueza. O que faríamos, no entanto, sem as dádivas da fartura? Você tem idéia da condição em que muitas igrejas, ministérios paraeclesiásticos, seminários, escolas bíblicas e agências missionárias poderiam estar não fossem esses homens e mulheres abnegados que dão abundantemente da sua prosperidade? Aproveitando o ensejo, devo mencionar aqueles nas Escrituras os quais Deus abençoou com riqueza financeira – e que fizeram uso dela para louvá-lo ainda mais. Esses indivíduos foram tão recompensados e importantes quanto os que passaram por grandes necessidades.

O teste da prosperidade, é preciso admitir, pode ser tão desalentador quanto qualquer outra coisa que enfrentamos na vida. J. Oswald Sanders escreveu: "Nem todo homem pode carregar uma xícara cheia. A súbita elevação muitas vezes leva ao orgulho e à queda. O teste mais exigente de todos para sobreviver é o da prosperidade".[2]

Mas e a pessoa que sobrevive a ele, honrando ao Senhor com a sua riqueza? A igreja evangélica atual aceita esse homem ou essa mulher? Há lugar nos bancos para alguém evidentemente abençoado com os bens deste mundo? Ou esse indivíduo não é bem recebido por causa da inveja, dos ciúmes ou do ressentimento? Estamos de volta à minha pergunta anterior: até que ponto apoiamos e somos afirmativos?

Essas são questões importantes para considerar enquanto examinamos o estágio seguinte da vida de José.

UMA ANÁLISE RÁPIDA...ENTÃO E AGORA

Podemos imaginar José com aquele elegante penteado egípcio que provavelmente usou. Podemos imaginá-lo vivendo como um egípcio, como certamente viveu. É possível até imaginá-lo na corte de Faraó, onde era o segundo em autoridade. Mas gostaria que imaginasse José hoje na sua igreja evangélica comum.

Pense primeiro nele quando estava imerso em aflição, rejeitado pela família, vendido como escravo e acusado falsamente. Garanto-lhe que o nome dele estaria na lista de oração da igreja. Nós nos importamos com aqueles que são expulsos de casa, com os que são maltratados e se encontram em grande sofrimento. Nós nos preocupamos com eles. Intercedemos por eles. Em geral procuramos ajudá-los. O nome de José teria certamente ocupado o primeiro lugar em qualquer lista de oração.

Um Homem Restabelecido

Em seguida, mediante uma cadeia interessante de eventos, depois de ter sido falsamente acusado, preso e esquecido por mais dois anos, José foi levado perante o rei da terra. Ele interpretou ali corretamente um sonho, impressionou Faraó e tornou-se repentinamente poderoso e próspero. Examine o que recebeu.

A maioria dos estudiosos do Antigo Testamento que escreveu sobre essa época diz que a terra do Egito não podia ser comparada a nenhuma outra no mundo antigo, exceto talvez à Babilônia, que apareceu séculos mais tarde em todo o seu esplendor. O Egito era um lugar de notável influência, avanços educacionais invejáveis, poder militar e riqueza ilimitada. E o Faraó dessa terra disse a José:

> Vês que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito.
>
> Gênesis 41:41

Uma Nova Posição de Autoridade

Note os pronomes: "(Eu) *te* faço". Como vimos no último capítulo, José não manipulou essa situação. Ele nem sequer a esperava. É quase sempre isso que acontece na vida de um indivíduo de sucesso. A última coisa que ele espera é a bênção de Deus nessa medida. A prosperidade pessoal não o preocupa.

Faraó disse: "José, vês que te faço autoridade sobre toda a terra do Egito". Isso significa que José veio a ter autoridade financeira, sendo o segundo em comando depois de Faraó. Lembra-se da cena vivamente retratada no relato de Gênesis?

> Então tirou Faraó o seu anel de sinete da mão e o pôs na mão de José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. E fê-lo subir ao seu segundo carro, e clamavam diante dele: Inclinai-vos! Desse modo o constituiu sobre toda a terra do Egito.
>
> Gênesis 41:42-43

A palavra hebraica original aqui, traduzida como *anel de sinete*, significa "afundar". Era um anel usado para imprimir um emblema na argila mole. Desse modo, quando faturas eram colocadas diante de José, ele simplesmente cunhava o selo de Faraó em cada uma, com o anel em seu dedo. José recebeu autoridade decisiva e poder financeiro sobre a terra. Ele se tornou o líder procurado por outros.

Acima de tudo isso, Faraó fê-lo vestir roupas de linho fino, pôs-lhe ao pescoço um colar de ouro e ordenou que ocupasse o carro imediatamente após o seu. Ao rodarem pelas ruas, os auxiliares de Faraó gritavam: "Inclinai-vos diante de José!"

O filho de Jacó tinha agora fortuna, autoridade e poder – e isso se notava nele. Estava trajado com vestes reais, tinha um colar de ouro brilhante no pescoço, usava o anel do rei e andava num carro que lhe fora dado pelo governo. As pessoas se inclinavam à sua passagem. Os seguranças que o rodeavam, aqueles soldados egípcios bronzeados, gritavam ordens: "Inclinem-se. Mostrem respeito a este homem. Este é José, nosso primeiro-ministro!"

Vamos voltar para o nosso mundo atual. O que pensaríamos se José fosse um membro da nossa igreja e tudo isso acontecesse com ele? Seria difícil apoiar esse tipo de sucesso? Olharíamos para ele com olhos despeitados, imaginando: "Como será que chegou até essa posição? O que teve de fazer para conseguir toda essa influência e poder? Quem ele pensa que é, querendo que nos inclinemos diante dele?"

Contudo, a Escritura não diz que José esperava que as pessoas se inclinassem diante dele. De fato, acho até que José deve ter-se sentido às vezes embaraçado com toda a pompa que acompanhava a sua posição. Ali estava ele, um homem que carregava ainda as cicatrizes da escravidão, rodando pelas ruas da cidade com Faraó, vendo as pessoas se inclinarem perante a sua passagem. Nas palavras de Paulo, ele tinha agora de "aprender o segredo de ter fartura e abundância".

Um Novo Nome e Esposa do Egito

> E a José chamou Faraó de Zafenate-Panéia, e lhe deu por mulher a Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om; e percorreu José toda a terra do Egito.
>
> Gênesis 41:45

Junto com toda essa autoridade, José recebeu um novo nome. Mais uma vez, não foi ele que iniciou isso. Ele não escolheu um novo nome para si. Faraó tomou a iniciativa, denominando-o Zafenate-Panéia.

Este nome contém significado. No meio dele estão as sílabas "nate". Elas não significam nada para nós hoje, mas se vivêssemos naquela época, teriam grande importância. Neiti era uma das deusas do Egito. O novo nome de José significava então "o deus fala e vive"! José recebeu um novo nome egípcio, mas uma vez que o nome reconhecia um deus pagão, é certo que não o teria escolhido para si próprio.

José ganhou também uma esposa a qual provavelmente não escolhera. Seu nome era Azenate. Note de novo as sílabas "nate". O nome da mulher significava "pertencente a Neiti", e ela era filha de um sacerdote egípcio.

José de repente se tornou notícia. Passou a ser subitamente visível. Tudo o que ele dizia ou fazia era comentado em toda a terra.

Plutarco, que viveu no século primeiro e observou o abuso do poder entre tantos romanos ricos, escreveu: "A autoridade e o cargo demonstram e tentam a índole dos homens, movendo cada paixão e descobrindo cada fragilidade...Nenhum animal é mais selvagem do que o homem poderoso". Ele não disse que todo homem que tem poder é um animal ou um selvagem; afirmou, porém, que o poder oferecia essa grande tentação.

Passados tantos séculos, sabemos que isso é verdade. Vemos exemplos disso por toda a história e no mundo atual. Em vista disso, tornou-se segunda natureza para nós desconfiar dos poderosos. Contudo, nem todos merecem essa suspeita. Pela graça de Deus, sempre haverá josés. Pela graça de Deus, você pode ser um deles. Haverá sempre alguns que suportaram fielmente anos de dificuldades, sofrimento e perda só para alcançar a luz de enormes benefícios financeiros e autoridade pública. Mas que preço pagaram no caminho? Aprecio as palavras de Victor Hamilton referentes a José: "Treze anos se passaram entre sua venda e sua promoção – treze anos de pesadelos, dificuldades, reveses e frustração".[3]

Os que têm poder ou riqueza enfrentam mais tentações. Freqüentemente, eles têm a desvantagem de ser figuras públicas, e quando se é uma figura pública, dificilmente se vence! Paga-se um preço para chegar a ser uma delas e, às vezes, um preço até mais alto depois de se alcançar o que se pretendia.

Lembro-me de uma frase clássica de Johnny Carson, quando o presidente Reagan ainda ocupava o cargo, e Carson ainda reinava na televisão nos programas noturnos. Johnny exclamou: "Ronald Reagan ficou de boca fechada o dia inteiro. Amanhã ele vai explicar a razão disso". Quando as figuras públicas falam, elas podem pisar em um grande número de minas terrestres. Mas, mesmo quando silenciam, as pessoas ficam pensando no que elas estão escondendo, no que não estão dizendo.

Considere o evangelista Billy Graham, tão querido de todos, um homem que quase todo o mundo respeita e admira. Esse homem tem de ter cuidado com o que fala sobre personalidades políticas, uma lição que aprendeu bem, e algumas vezes penosamente, em seus anos sob os holofotes. Tudo o que tem

de fazer é desequilibrar inadvertidamente a balança para um lado, e lá vai para a primeira página dos jornais! Como resultado, ele tem sido objeto de críticas venenosas. Por quê? As coisas parecem ser assim quando a mão de Deus abençoa alguém. Você jamais me convencerá de que José não experimentou algo desse tipo em seu tempo.

Que responsabilidade, que fardo, principalmente para um homem de apenas 30 anos!

Lembro-me de quando 30 parecia ser a turma que descia a ladeira para mim. Agora acho que é um símbolo de juventude. Mas a juventude não exclui a utilidade. De fato, a Bíblia está repleta de jovens em posição de liderança e influência. Davi ainda não tinha chegado aos 20 quando foi ungido rei por Samuel e tinha apenas 30 quando ocupou o trono. Quando Daniel foi escolhido pelo rei Nabucodonosor para ser um dos principais em sua corte, ele era um adolescente. Josias tinha oito anos quando começou a reinar (esse é um pensamento assustador), e a Virgem Maria estava ainda na adolescência quando concebeu o menino Cristo.

Em épocas mais recentes, Charles Haddon Spurgeon subiu ao púlpito da New Park Street Chapel aos 20 anos. O Tabernáculo de Londres foi construído para abrigar as multidões que iam ouvi-lo pregar. O local ficava completamente lotado quando ele ainda não completara 30 anos. O povo de Londres enchia o lado de fora dessa igreja, esperando no meio da neve que as portas se abrissem. O excelente expositor G. Campbell Morgan tinha apenas 13 anos quando pregou seu primeiro sermão e quando chegou aos 23, alguns o chamavam de "professor bíblico da Bretanha".

Comparado a alguns desses indivíduos, José é um velho. *Ele tem 30 anos!* E está no auge, com seu anel de sinete, colar de ouro e roupas de linho, rodando em seu carro e apreciando sua nova esposa. Ele subiu da cisterna ao palácio, da masmorra à sala do trono. E, graças a Deus, lidou humildemente com a situação.

Apesar de tudo isso, as circunstâncias externas não são naturalmente o que contam. O que importa é o que está no interior. Não respeitamos um homem ou uma mulher – pelo menos não deveríamos – por causa das roupas que eles vestem, das jóias que possuem ou do carro que dirigem, nem mesmo porque têm um alto índice de aprovação na pesquisa de opinião pública. Nós os respeitamos por serem quem são no íntimo. A integridade tem seu meio de silenciar o crítico.

Dois Filhos e a Consciência Limpa

Deus guiou o escritor de Gênesis a revelar a verdade sobre a maior parte da vida pitoresca de José. Ele nos permite ver como o homem realmente era em seu íntimo, até mesmo o que ele pensava. Podemos resumir tudo numa sentença: Seu coração era humilde diante de Deus. Como sabemos? Considere o seguinte:

> Antes de chegar a fome, nasceram dois filhos a José, os quais lhe deu Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om. José ao primogênito chamou de Manassés, pois disse: Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos e de toda a casa de meu pai. Ao segundo chamou-lhe Efraim, pois disse: Deus me fez próspero na terra da minha aflição.
>
> Gênesis 41:50-52

Por que o escritor acrescenta esses detalhes? Primeiro, penso que ele quer que saibamos que José era monógamo. Ele não caiu na armadilha da poligamia, como tantos que o cerca-

vam – até sua própria família. Ele tinha uma mulher, e ela lhe deu dois filhos. Segundo, e mais essencial, o escritor quer que compreendamos a importância do significado dos nomes dos filhos de José. Os dois nomes são um jogo de palavras. A nota de rodapé da NVI declara: "*Manassés* tem o mesmo som e pode ser derivado do termo hebraico que equivale à palavra *esquecer*" e "*Efraim* tem o mesmo som do hebreu que corresponde a *duas vezes produtivo*".

Ao dar nome aos filhos como fez, José proclamou abertamente que Deus o fizera esquecer todos os seus problemas, até mesmo os da casa de seu pai. Acima e além disso, Deus o fizera produtivo numa terra e em circunstâncias que só lhe causaram aborrecimentos. Quão humilde da parte de José reconhecer isso!

O primeiro nome, Manassés, tem origem na raiz hebraica *nashah*, que significa "esquecer". Ao dar esse nome ao primeiro filho, José estava dizendo: "Deus me fez esquecer". Como ele deve ter ficado feliz com a chegada do primogênito! É provável que tenha sorrido, de pé ao lado de Azenate, enquanto pegava a mão dela e fitava os pequeninos olhos escuros do filho, dizendo: "Deus me deu *Manassés* – ele removeu o aguilhão da minha memória".

Ao chamar o segundo filho Efraim, houve outro jogo de palavras do original, significando "dupla frutificação"; ele estava dizendo: "Deus me deu *Efraim*. Ele me deu dois filhos e me abençoou incomensuravelmente num lugar que parecia antes só trazer sofrimento".

José deu aos filhos nomes que revelariam sua atitude humilde diante do seu Deus, chamando-lhes a atenção para a atividade divina em sua vida. "*Deus* fez..." disse ele, "*Deus* me deu..." reconheceu.

Todos sabemos que há lugares em nosso cérebro onde as lembranças ficam gravadas permanentemente. Não nos esquecemos de nada na verdade. Algumas vezes não podemos lembrar; mas, contudo, a lembrança está guardada ali. Todavia, José disse: "Deus me fez esquecer".

Esse é justamente o ponto. As lembranças continuavam lá, cravadas nos recônditos do cérebro, mas quando o alívio finalmente veio, Deus o fez esquecer do sofrimento, da angústia do que acontecera. Sabemos que as lembranças se mantinham guardadas, porque mais tarde ele fala delas com os irmãos, como veremos. Deus, porém, fez superar o que eu chamaria de "aguilhões" em sua memória. José disse então: "Dei ao menino o nome de Manassés porque ele representa a remoção do 'aguilhão' de ontem". Isso faz lembrar as palavras do antigo profeta, Joel, que escreveu sobre o poder do Senhor para restituir "os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador" (Jl 2:25).

Essa é uma advertência para todos nós. É tentador querer vingar-se dos rúbens, dos judás, dos dãs e das sras. potifares do nosso passado. Dar o troco àqueles que nos ofenderam, nos despojaram e nos atormentaram com atos perversos e palavras más. Em vez disso, devemos dar à luz um Manassés. Será que está na hora de pedir ao Senhor Deus que apague os aguilhões de sua memória? *Só ele pode fazer isso.* Será então o momento de dar à luz um Efraim, para lembrar como Deus nos abençoou abundantemente. Que nome positivo e afirmativo: "Deus me fez produtivo". Mas as coisas não param aí. Com a desidência de plural, esta palavra transmite a idéia de benefício duplo – bênçãos múltiplas. É o que chamaríamos de "superabundância". E foi Deus quem fez tudo.

Isso me faz lembrar daquela linha magnífica da carta de Paulo aos romanos: "...onde abundou o pecado, superabundou a graça" (5:20). Aprecio muito a interpretação dessa mesma passagem da Escritura feita por Eugene Peterson. Ele escreve: "Mas o pecado...não tem uma só oportunidade ao competir com o perdão agressivo que chamamos *graça*. Quando se trata de pecado *versus* graça, a graça ganha facilmente".[4]

Nunca conheci ninguém que tivesse compreendido realmente e aceitado a graça e continuasse também a guardar ressentimento. Esse "perdão agressivo" remove os aguilhões e os substitui por marés de gratidão para com Deus. Foi assim com José no nascimento de seus dois filhos.

O que fez José com toda essa abundância?

Alimento em Meio à Fome

> Passados os sete anos de abundância, que houve na terra do Egito, começaram a vir os sete anos de fome, como José havia predito; e havia fome em todas as terras, mas em toda a terra do Egito havia pão. Sentindo toda a terra do Egito a fome, clamou o povo a Faraó por pão; e Faraó dizia a todos os egípcios: Ide a José, o que ele vos disser, fazei. Havendo, pois, fome sobre toda a terra, abriu José todos os celeiros, e vendia aos egípcios; porque a fome prevaleceu na terra do Egito. E todas as terras vinham ao Egito, para comprar de José, porque a fome prevaleceu em todo o mundo.
>
> Gênesis 41:53-57

Como vimos, José recebeu autoridade. Ele guarda as chaves dos vastos depósitos de alimento. É o chefe da abundância em meio à fome.

Se li corretamente esses versículos, esta era uma fome disseminada, como nunca o mundo conhecera, pois o registro diz: "A fome prevaleceu em todo o mundo".

Nessas circunstâncias, o que fez José? Ele não abasteceu os celeiros só para si e sua família, ou para a casa real, ou para a terra do Egito. Abriu aqueles enormes depósitos e liberou seu conteúdo para qualquer pessoa que tivesse necessidade de alimento. "E todas as terras vinham ao Egito, para comprar de José". Esse foi um homem que jamais se aproveitou dos seus privilégios, de sua autoridade ou de seus recursos financeiros.

Com a ajuda de Deus, José previu os acontecimentos, mas nunca tirou vantagens pessoais desse conhecimento. Ele se mostrou fiel durante os sete anos de abundância. Jamais tirou proveito do seu poder. Com eficiência silenciosa e brilhante, estocou alimento suficiente para usar nos anos de fome que certamente viriam. Assim, após sete anos de prosperidade, Faraó podia continuar dizendo: "Ide a José. Ele se mostrou digno da minha confiança. Ide a José; o que ele vos disser, fazei. Se fordes prudentes, fareis tudo o que ele disser".

O autor e pastor Gene Getz fez um trabalho esplêndido ao resumir as habilidades administrativas de José:

> Aos trinta anos, José jamais poderia ter cuidado dessa tarefa sem um curso intensivo de administração, orientado para a prática. Ele começou na casa de Potifar, onde gerenciou todos os assuntos dele. Continuou na prisão, onde veio a ser responsável por todos os prisioneiros. Treze anos mais tarde, foi posto como "autoridade sobre toda a terra do Egito" (Gn 41:41).
> O plano de Deus para José estava dentro do prazo. Sua preparação foi feita sob medida para a tarefa que Deus iria dar-lhe. E porque José passou em cada prova, aprendeu em cada experiência e aprendeu a confiar mais em Deus, ele estava pronto quando Deus abriu a porta da oportunidade. Lidou com o prestígio e o poder sem sucumbir ao orgulho. Perseverou com paciência e desempenhou seus deveres fielmente e com sucesso. Estava bem-preparado![5]

Avaliação e Aplicação

Como você está se saindo numa escala de um a dez? Ponha José num terno de executivo. Dê-lhe uma posição de poder profissional. Faça que se vista com roupas caras e more numa casa imensa e bela. Dê-lhe um orçamento ilimitado e poder também quase ilimitado, um carro luxuoso da empresa, uma esposa encantadora e dois lindos filhos, bem como grande número de ações da indústria alimentícia. Você continuará a apoiá-lo? Continuará a ficar atrás dele?

Não esqueça agora que José continua a andar humildemente diante do Senhor. Tem poder terreno, mas sua integridade persiste, e compartilha liberalmente da sua abundância com os necessitados. Isso ajuda em nossa avaliação, não ajuda? Não podemos senão admirar os que colhem as recompensas da justiça porque Deus os faz prosperar, quando eles, por sua vez, suprem as necessidades dos outros.

Quero registrar aqui e afirmar que pessoalmente creio que alguns dos santos mais qualificados na família de Deus são aqueles que mantiveram sua integridade quando o Senhor os abençoou com riquezas pela sua graça e fazem uso dela para a glória de Deus. Ministérios de que participei se beneficiaram imensamente não só por parte daqueles que têm pouco dos bens deste mundo, como também dos josés desta e das gerações anteriores. Agradeço a Deus pela lembrança dos poucos que tive o privilégio de conhecer em ambas as categorias.

Ao observar os penosos anos anteriores da vida de José e depois ver as recompensas que Deus derramou sobre ele, encontro alguns princípios úteis aplicáveis aos nossos dias. Três sobressaem facilmente.

Primeiro, *as aflições prolongadas não precisam nos desencorajar.* Lembre-se, José tinha só 17 anos quando foi lançado na cisterna e

começou sua longa jornada através da aflição. Como observamos, nada parecia justo nem produtivo durante os anos do gafanhoto migrador. Ele tinha 30 anos quando ficou diante de Faraó e as coisas começaram a melhorar em sua vida. Faça uma pausa e considere – dos 17 aos 30 – 13 *longos anos*. Treze anos desde que sua vida piorara. Treze anos antes que ela melhorasse. Treze anos de altos e baixos, mas principalmente baixos, indo de mal a pior. Treze anos de um revés depois do outro.

Contudo, leia os capítulos de Gênesis e tente encontrar algum sinal de desânimo da parte de José. Fiz isso. De fato, li em voz alta, li em várias traduções. Cheguei até a ler na língua hebraica original e não encontrei nenhum sinal de insatisfação. O único *indício* possível surge quando José conta sua história aos dois companheiros de prisão, menciona a sua inocência e pede que o copeiro-chefe se lembre dele. Mesmo então, o pedido parece ser apenas justo, dadas as circunstâncias.

José era um homem que vivia acima do desânimo causado pelo desespero. Ele vivia muito acima das suas circunstâncias. Seu longo período de aflição não o desencorajou.

Segundo, *as lembranças desagradáveis não precisam derrotar-nos.* Já sei que uma coisa é dizer isso e outra muito diferente, viver a situação. Em termos pessoais, posso afirmar-lhe que tenho algumas lembranças em minha vida bastante negativas. Se quisesse, eu poderia escrever um livro inteiro sobre as pessoas difíceis que encontrei, cartas de ódio que recebi e boatos desagradáveis que tive de suportar. Mas qual a finalidade disso? Deus me deu "Manassés" e "Efrains"! Por que viver nas águas pantanosas, viscosas, das más lembranças? Decidi não permitir que todos esses gafanhotos me piquem ou derrotem. Se posso aprender isso, você também pode. Vamos remover todas essas coisas negativas!

Você e eu escolhemos o que nos transforma em reféns. Escolhemos quem vai nos manter imobilizados sob seu domínio. Quase sempre podemos decidir quem e o que nos vai abater. Não há certamente ninguém que esteja lendo isso que não tenha um depósito de lembranças penosas que poderiam absolutamente derrotá-lo. Mas elas não precisam fazer isso. Você talvez precise de ajuda para transformar o ferimento em uma cicatriz inofensiva. É possível que precise de um amigo, um parceiro, um conselheiro profissional que o ajude no processo de livrar-se desses aguilhões. Aprenda essa maravilhosa lição comigo: Não é necessário que sejamos derrotados pelas más lembranças.

Terceiro, *as grandes bênçãos não precisam nos desqualificar para o serviço*. Há muito existe uma sombra de suspeita pairando sobre aqueles a quem Deus escolheu para prosperar, em vez de uma resposta grata que diz: "Louvado seja Deus! Eis um indivíduo que foi edificado por ele para a sua glória, a fim de ser usado em lugares que eu jamais poderia chegar! Que a sua prosperidade abunde e que a sua generosidade desprendida aumente. Que seu ouvido nunca se feche para os que sofrem". Os josés modernos são tão necessários hoje como o José original foi necessário na história do Egito antigo.

Gosto de ler os antigos autores clássicos. Um de meus favoritos é um pregador e escritor escocês chamado Alexander Whyte, que serviu 47 notáveis anos na mesma igreja em Edimburgo. Em seu excelente livro, *Bible Characters* (Personagens Bíblicos), ele escreve sobre José:

> José estava agora prestes a envolver-se com a sociedade mais corrupta que havia na face da terra naquela época. Se não tivesse entrado nesse mundo contaminado imediatamente depois de ter saído de uma prova difícil de tristeza santificadora, não teríamos tido mais notícias dele. A sensualidade do Egito o engoliria rapidamente. Mas o Deus de seu pai estava com ele. O Senhor estava com José para protegê-lo, guiá-lo e dar-lhe a vitória. O Senhor estava com ele para dar-lhe mais...promoção; mais e mais honras, posição e poder, até que este mundo não tivesse mais nada para conceder a José. Passando por tudo isso, tornou-se um homem melhor e foi-se aperfeiçoando a cada dia. Um caráter nobre e cada vez mais nobre. Um homem mais digno de confiança e cada vez mais confiável e consultado. Mais e mais leal à verdade e ao dever. Mais e mais casto, moderado, paciente, perseverante, indulgente; com a mente e o coração repletos de coisas boas; repleto de uma piedade simples; sincera e de louvor, como nenhum outro, até que se tornou um verdadeiro provérbio tanto no esplendor de seus serviços quanto no esplendor de suas recompensas.[6]

Que os josés que Deus está levantando nesta geração e na próxima possam continuar a caminhar com ele. Que possam usar generosamente a própria riqueza e autoridade para a glória dele, e a influência e o sucesso para tornar conhecidas a Palavra e a verdade do Senhor. O cristão não é sempre afligido, não é sempre objeto de ódio e perseguição. Alguns, pela graça de Deus, são colocados em posições de honra e liderança. Como precisamos de líderes desse porte!

Lembre-se, porém, que a mensagem de Jesus Cristo atravessa todas as camadas de posição e sucesso. O seu salário ou estilo de vida não importam, nem o carro que dirige, o lugar onde mora, ou onde trabalha. Todos esses fatores estão ligados à sua posição diante das pessoas, mas nada têm que ver com a sua posição diante de Deus. E, tristemente, descobri que entre os mais ricos existe, de modo geral, a maior pobreza, nos cofres mais cheios encontra-se quase sempre o maior vazio, o maior vácuo espiritual. Nem sempre, mas com freqüência.

Deus *pode* usar nossa autoridade, nossa abundância e nossa promoção como fez com José. Mas, antes disso, precisamos humilhar-nos diante da poderosa mão do Senhor e dizer: "Jesus Cristo preciso de ti. Tenho de cuidar de tudo isso e não posso levar nada comigo. Eu te peço, faze uso de mim conforme julgares adequado". Com a autoridade surge a necessidade de *prestar contas*. Com a popularidade, vem a exigência de *humildade*. Com a prosperidade, a necessidade de *integridade*. José passou pelos três testes com notas excelentes.

Os que dão exemplo da mesma qualidade de caráter associada à sabedoria merecem nosso respeito e apoio.

CAPÍTULO SEIS

Ativando uma Consciência Cauterizada

Estou pensando em algumas linhas da ópera cômica de Gilbert e Sullivan, *Mikado*. No início de uma de suas canções típicas e divertidas, a letra sempre provoca riso espontâneo no momento em que um dos artistas menciona uma lista de ofensores – o tipo de pessoa que poderia ser dispensada e nunca faria falta! Engraçado, não é? Todos na platéia reagem imediatamente – porque todos têm uma pequena lista de pessoas que os magoaram e merecem retribuição.

Está na hora de fazer mais algumas perguntas penetrantes, que só você pode responder. Você é o tipo de pessoa que guarda uma "listinha"? Você se lembra do que seria melhor esquecer? Quando alguém lhe faz algum mal, você permite que o Espírito de Deus apague essa ofensa? Ou se agarra a um ressentimento, acrescenta o nome da pessoa secretamente à sua lista e espera pela oportunidade certa para se vingar?

Foram essas as perguntas que José teve de enfrentar – e respondeu corretamente.

A FOME EM CANAÃ

Quando voltarmos à história dele, você vai lembrar da situação. Uma escassez mundial prevalecia. A situação era crítica e todos estavam famintos.

O Egito era o único país que tinha alimento. Porque a mão de Deus estava com José, os egípcios haviam sido avisados antecipadamente, para que se preparassem para os anos magros – sob a liderança de José. A essa altura, pessoas de outras terras haviam começado a entrar aos poucos no Egito para comprar comida.

Enquanto isso, a câmera da Escritura dirigida pelo Espírito Santo, deixa o Egito e dirige sua lente para um povoado de Hebrom, na terra de Canaã. De volta ao lugar onde José passou a infância, o qual ele fora forçado a deixar há mais de 30 anos.

> Sabedor Jacó de que havia mantimento no Egito, disse a seus filhos: Por que estais aí a olhar uns para os outros? E ajuntou: Tenho ouvido que há cereais no Egito; descei até lá e comprai-nos deles, para que vivamos e não morramos.
>
> Gênesis 42:1-2

O pai e os irmãos de José continuavam vivos, mas as coisas não iam bem para eles; sua terra natal fora devastada pela fome. Nessa ocasião, o velho patriarca Jacó ouviu dizer que havia cereais no Egito.

"Por que estão sentados, olhando uns para os outros?", perguntou ele aos filhos. Você pode imaginar o velho camarada? Quando se chega à idade dele, a paciência dá lugar ao autoritarismo. "Por que estão aí sentados chupando o dedo?

Precisamos de alimento. Estamos morrendo de fome. As cisternas e os poços secaram. Nossas colheitas murcharam. A terra está estéril. Não chove há meses. Precisamos de ajuda. Soube que há alimento no Egito e quero que vão para lá e tragam um pouco para nós. Se não fizerem isso, todos vamos morrer!".

Jacó mandou todos os filhos para o Egito – todos, exceto o mais novo, Benjamim, o único que restou de Raquel, sua esposa que morrera há muito tempo. Jacó o manteve em casa.

Não esqueça que Jacó julgava que José estava morto e que os irmãos dele não sabiam onde se encontrava. "O que é que eu tenho com isso? Longe dos olhos, longe do coração" é o que descreve melhor a atitude deles.

> ...os filhos se tornaram homens de meia-idade, com famílias próprias. Eles provavelmente nunca mencionaram entre si aquele ato de violência. *Fizeram o possível para banir da mente esse pensamento*. Algumas vezes, em seus sonhos, eles devem ter tido um vislumbre daquele rosto jovem agoniado, ou ouvido as súplicas daquela alma angustiada; mas procuraram afogar essas lembranças penosas bebendo profundamente a água do Letes, o rio do esquecimento. A consciência deles se achava adormecida.[1]

Aqueles homens certamente não sabiam que o irmão que venderam como escravo há mais de 20 anos era agora primeiro-ministro do Egito. Tudo o que sabiam é que deviam obedecer ao velho pai e trazer alimento.

Enquanto isso, em sua nova posição, José não tinha nenhuma notícia de sua família. De certo em momentos descuidados, sozinho com seus pensamentos, ele deve ter-se perguntado como estariam. Seu querido pai ainda estaria vivo? Todos os irmãos ainda viviam, estavam bem? A fome também os atingira?

Enquanto se ocupava com a sua vida no Egito, cumprindo os seus deveres de primeiro-ministro, seus pensamentos com certeza voltaram aos dias simples do passado. Sua principal atividade na ocasião era garantir que o povo fosse alimentado e verificar a distribuição dos cereais nos depósitos para os muitos que iam esperançosos ao Egito buscar ajuda.

Tudo isso prepara o cenário para uma das mais notáveis e dramáticas narrativas da história. Ela até hoje faz vibrar o coração das pessoas em todo o mundo à medida que as cenas são reproduzidas em filmes e produções teatrais ao vivo.

ENCONTRO NO EGITO

> Entre os que iam, pois, para lá, foram também os filhos de Israel; porque havia fome na terra de Canaã. José era governador daquela terra; era ele quem vendia a todos os povos da terra; e os irmãos de José vieram e se prostraram, rosto em terra, perante ele. Vendo José a seus irmãos, reconheceu-os, porém não se deu a conhecer, e lhes falou asperamente, e lhes perguntou: Donde vindes? Responderam: Da terra de Canaã, para comprar mantimento.
>
> Gênesis 42:5-7

Imagine isto! Os dez filhos mais velhos de Jacó – Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Gade, Aser, Dã e Naftali – são introduzidos na presença do primeiro-ministro do Egito. O ambiente deve ter parecido espantoso para aqueles camponeses de Canaã enquanto se punham diante do primeiro-ministro, um homem de colossal autoridade e riqueza, o qual, ao controlar os alimentos para o mundo, tinha o poder de vida e morte em suas mãos. Podemos ver como ficaram estarrecidos porque a reação inicial do grupo foi prostrar-se

"com o rosto em terra". Não esqueça que eles não tinham idéia de que o egípcio, trajado com vestes reais, era o irmão há tanto perdido.

Por outro lado, veja a cena da perspectiva de José. Nessa ocasião, ele poderia estar exausto. Primeiro houvera o estresse de construir os celeiros, assim como de planejar e racionar durante os anos de fartura; agora havia a pressão de ter de distribuir com prudência, eqüidade e sabedoria os cereais guardados. Todos os dias ele enfrentava o seu povo e depois uma fila de pessoas vindas de terras estranhas, incluindo esse último grupo de hebreus cansados da viagem, quase molambos. Uma vez que os reconheceu instantaneamente e compreendeu que não o haviam reconhecido, ele desfrutou de uma oportunidade clássica, raramente concedida a alguém com o seu poder, tendo em vista o sórdido passado deles. Que momento! Pelo menos eles se curvaram respeitosamente diante dele. Então, quando se levantaram e olhou cada rosto, passou a observá-los cuidadosamente.

Estavam barbados, ao contrário dos egípcios que não usavam barba. Vestiam as roupas de Canaã e falavam o idioma do seu povo, os hebreus. José deve tê-los analisado atentamente, estudado com os olhos, ouvido enquanto falavam, talvez tentando discernir a identidade de cada um. Não havia dúvidas: aqueles homens eram seus irmãos! (*Gosto muito de cenas assim!)*

Muitas vezes me perguntei se José não estivera esperando por eles todo o tempo. À medida que pessoas de outras terras entravam no Egito procurando comida, ele pode ter imaginado se algum dia sua própria família apareceria à sua frente.

Finalmente, lá estavam eles – e o relato nos diz: "José reconheceu-os, porém não se deu a conhecer". No hebraico, há um jogo de palavras nessa situação. Eles foram *reconhecidos*, mas

ele não se deu a conhecer (disfarçou-se). José foi além disso, de fato, pois a Bíblia diz que ele "lhes falou asperamente".

"Donde vindes?", o primeiro-ministro egípcio perguntou em voz alta.

É claro que não havia razão para o reconhecerem. Muitos anos haviam passado. Ele não usava barba. Usava o penteado egípcio. Falou com eles em egípcio, por meio de um tradutor. Aos olhos dos dez filhos de Jacó, ele era apenas um oficial intimidante e poderoso.

Como José os reconheceu e percebeu que não o haviam reconhecido, teve de pensar depressa. A ausência de qualquer amargura libertou-o para pensar criativamente e até de maneira jocosa. O que fora uma troca interessante, tomou grande significado.

> Vendo José a seus irmãos, reconheceu-os, porém não se deu a conhecer, e lhes falou asperamente, e lhes perguntou: Donde vindes? Responderam: Da terra de Canaã, para comprar mantimento. José reconheceu os irmãos; porém eles não o reconheceram. Então se lembrou José dos sonhos que tivera a respeito deles, e lhes disse: Vós sois espiões, e viestes para ver os pontos fracos da terra.
>
> Gênesis 42:7-9

"Por que estão aqui?", perguntou-lhes.

"Viemos comprar mantimentos", responderam. "Somos da terra de Canaã e estávamos passando fome ali."

José experimentou de repente um *déjà vu* divinamente preparado. Embora estivesse ali conversando com os irmãos, a poeira de 20 anos foi soprada de sua memória, e ele se lembrou dos seus sonhos passados.

Lembrou-se dos feixes de trigo dos irmãos curvando-se diante do seu feixe, e o Sol, a Lua e 11 estrelas curvando-se à sua

frente. Como seria tentador revelar-se naquele momento e lembrá-los desses sonhos. Sonhos pelos quais zombaram dele e o odiaram! Como teria sido saboroso exclamar: "Eu lhes disse!". Em vez disso, José decidiu esperar um pouco mais.

"Vocês vieram nos espiar", acusou-os. "Vieram para avaliar os pontos fracos de nosso país, para que nos possam atacar e roubar nossos mantimentos."

"Nada disso", protestaram os irmãos. "Estamos sem comida por causa da escassez e viemos simplesmente comprar alimento."

Observe agora cuidadosamente e veja o desenrolar deste estranho diálogo:

> Somos todos filhos de um mesmo homem; somos homens honestos; os teus servos não são espiões. Ele, porém, lhes respondeu: Nada disso; pelo contrário, viestes para ver os pontos fracos da terra. Eles disseram: Nós, teus servos, somos doze irmãos, filhos de um homem na terra de Canaã; o mais novo está hoje com nosso pai, outro já não existe. Então lhes falou José: É como já vos disse: sois espiões. Nisto sereis provados; pela vida de Faraó, daqui não saireis, sem que primeiro venha o vosso irmão mais novo.
>
> Gênesis 42:11-15

Ponha-se no lugar de José. Como ele deve ter-se sentido ao ouvir as palavras deles? Para os irmãos, ele não mais existia! Estava sepultado no cemitério de suas lembranças. Longe dos olhos, longe do coração, ele se fora para sempre.

José os acusou três vezes de serem espiões. Em seguida, numa de suas respostas, eles lhe deram involuntariamente a informação que desejava. Contaram que seu pai e Benjamim ainda estavam vivos! Ao mencioná-los, os irmãos também se puseram nas mãos de José.

"Há um meio de provarem a sua inocência, provarem que estão dizendo a verdade", disse-lhes José. "Podem trazer aqui seu irmão mais novo. Mas continuo não confiando em vocês e, portanto, só um de vocês pode ir. O resto ficará preso aqui como refém."

Depois de propor esse plano, José colocou todos eles na prisão durante três dias. Nada nos é dito sobre o que ocorreu nesses três dias. Essa parte é deixada ao sabor da nossa imaginação. No terceiro dia, porém, por alguma razão, ele alterou o plano e disse que ficaria apenas um deles como refém. Os outros podiam voltar a Canaã para buscar o irmão mais moço, Benjamim.

> Ao terceiro dia disse-lhes José: Fazei o seguinte, e vivereis, pois temo a Deus. Se sois homens honestos, fique detido um de vós na casa da vossa prisão; vós outros ide, levai cereal para suprir a fome das vossas casas. E trazei-me vosso irmão mais novo, com o que serão verificadas as vossas palavras, e não morrereis. E eles se dispuseram a fazê-lo.
>
> Gênesis 42:18-20

Não sabemos por que José mudou o plano ou o que ele esperava conseguir com tudo isso, mas podemos imaginar o que surgia na mente dele: "Será que Benjamim está sadio e forte? E meu pai, como estará? Será que ele está muito velho para lembrar? Oh, como desejo ver minha família inteira. Como estou tentado a contar a eles quem sou – vão ficar chocados! O que realmente me preocupa é a condição do coração deles".

José escolheu Simeão como refém e o algemou na presença dos irmãos. Por que José escolheu Simeão? Poderíamos pensar que deveria ter escolhido o primogênito, mas esse era Rúben, que tentara salvar-lhe a vida na cisterna quando todos se uniram contra ele. José talvez lembrasse das tentativas de Rúben para favorecê-lo e escolheu então o segundo irmão mais velho, Simeão, para ficar.

Antes disso, porém, ele ouviu uma conversa em hebraico entre os irmãos, que pensaram que ele não entenderia. Lembre-se de que José se comunicara com os irmãos em egípcio, por meio de um intérprete, para manter seu disfarce.

Nessa troca de palavras, vemos como a consciência cauterizada pode ser ativada e começar a se revitalizar.

> Então disseram uns aos outros: Na verdade, somos culpados, no tocante a nosso irmão, pois lhe vimos a angústia da alma, quando nos rogava, e não lhe acudimos; por isso nos vem esta ansiedade. Respondeu-lhes Rúben: Não vos disse eu: Não pequeis contra o jovem? E não me quisestes ouvir. Pois vedes aí que se requer de nós o seu sangue. Eles, porém, não sabiam que José os entendia, porque lhes falava por intérprete. E, retirando-se deles, chorou; depois, tornando, lhes falou; tomou a Simeão dentre eles e o algemou na presença deles.
>
> Gênesis 42:21-24

Na língua original, o "nós" na conversa deles é enfático: "*Nós* somos culpados...*Nós* lhe vimos a angústia da alma...e *nós* não lhe acudimos...".

Esse primeiro passo para ativar uma consciência cauterizada é *assumir a responsabilidade pela nossa culpa pessoal.* Os irmãos não culparam o pai por ser passivo. Não culparam o irmão José por ser orgulhoso, arrogante ou favorito. Não diminuíram o erro, dizendo que eram jovens demais e não tinham experiência. Eles usaram o pronome adequado quando concordaram juntos: "*Nós* somos responsáveis! Não podemos culpar ninguém mais!"

> O que quer que possam ter dito na prisão, agora, pelo menos, falam em termos da sua culpa na questão de José. A consciência deles despertou poderosamente durante esses três dias. Eles

sentem que uma justa retribuição lhes foi aplicada e estão aparentemente de acordo no assunto. Admitem a culpa, o "único reconhecimento de pecado no livro de Gênesis".[2]

Note também que eles falaram sobre uma transferência de aflição. "Ignoramos a angústia de sua alma quando suplicou-nos e o colocamos na cisterna, e depois o vendemos como escravo. Podemos ver ainda aqueles olhos. Seu rosto retorna para perseguir-nos." A raiz de angústia em hebraico significa "prender, restringir, amarrar, apertar". Não se tratava do tipo de corda usada para algemar Simeão, a deles era uma corda emocional.

Quando você cometeu um erro contra alguém e não passou pelo processo necessário para redimir as coisas com essa pessoa e com Deus – quando você não lidou completamente com a sua transgressão –, você se torna vítima da mesma angústia que provoca na outra pessoa. "Sentimos a mesma angústia que lhe causamos e vimos no seu rosto."

Você se lembra do conto de Edgar Allan Poe, *The Telltale Heart?* (O Coração Revelador)? O assassino nessa história não conseguia dormir porque continuava ouvindo o batimento cardíaco de sua vítima em seu porão: ele não estava ouvindo o coração da vítima, é claro, mas o seu próprio, martelando em seu peito, reverberando em sua mente. Sua culpa despertou-o e finalmente levou à revelação de que ele era o criminoso.

O crime dos irmãos tinha agora mais de duas décadas, mas eles ainda sentiam a angústia da ação. O tempo não apaga a angústia. Temos evidência disso em nossa própria vida. Conhecemos por experiência própria as lembranças indiscutíveis de nossa culpa. Os envolvimentos emocionais provocados pelas conseqüências do nosso pecado podem ser tão devastadores

que ficamos fisicamente enfermos, que foi exatamente o que aconteceu com Davi depois do seu adultério com Bate-Seba e sua conspiração para que Urias, marido dela, fosse morto. Lembra-se da sua trágica admissão?

> Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio.
>
> Salmos 32:3-4

Eugene Peterson diz o seguinte: "A pressão não diminuiu; todos os humores do meu corpo secaram".[3]

Imagino o que José deve ter sentido ao escutar as palavras dos irmãos quando os ouviu admitir a culpa pelo que haviam feito. Dizem que ele teve de se retirar para chorar. Que lágrimas de alívio e alegria! Ele compreendia bem uma das razões pelas quais eles se arrependeram. Tinham ficado na masmorra por três dias, e ele sabia o que isso significava, pois passara anos confinado lá. Sabia o que isso podia fazer a uma pessoa. Sabia também que Deus, quando vem tocar em ombros subjugados e partir um coração culpado, não se detém num empurrão leve ou numa censura branda.

Santa Ana da Áustria, uma religiosa do século XVI, escreveu certa vez: "Deus não paga no fim de cada dia, mas no final, ele paga".

As contas há muito pendentes estavam vencendo para os irmãos de José. À medida que o débito crescia cada vez mais aos seus olhos, eles admitiam abertamente: "Somos culpados!".

Há muito tempo, um excelente pregador chamado William E. Sangster concluiu uma mensagem sobre José com esta história verdadeira:

Era tempo de Natal em minha casa. Um de meus hóspedes chegara alguns dias antes e me vira enviando o último de meus cartões de Natal. Ele ficou surpreso ao ver determinado nome e endereço. – Você não está mandando um cartão de boas-festas para ele, está? – perguntou.
– Por que não? – perguntei.
– Você se lembra – começou ele – há 18 meses...
Lembrei-me então do que aquele homem dissera publicamente a meu respeito, mas lembrei-me também de que resolvera na época, com a ajuda de Deus, que ia esquecer. E Deus me "fizera" esquecer.
Enviei o cartão.[4]

William Sangster não guardava uma lista negra. Nem José. Parte da razão pela qual sabemos disso é que ele chamou seu filho de Manassés, cujo nome significava "Deus me fez esquecer". Cada vez que José pronunciava o nome do filho, ele era um lembrete da aliança que fizera com Deus para superar o aguilhão, esquecer-se do que os irmãos lhe tinham feito.

Esses irmãos estavam agora perante ele e viu que começavam a censurar-se. "Somos culpados", disseram. "Agimos errado e a angústia de nosso irmão se transferiu para nós."

Sintonizado com o tempo de Deus, José não se revelou a eles. Em vez disso, reteve Simeão como refém e enviou os outros de volta a Canaã com instruções bem-definidas para lhe trazerem Benjamim.

Antes de partirem, porém, José cumpriu um ato de graça.

Ordenou José que lhes enchessem os sacos de cereal, e lhes restituíssem o dinheiro, a cada um no seu saco, e os suprissem de comida para o caminho; e assim lhes foi feito. E carregaram o cereal sobre os seus jumentos e partiram dali. Abrindo um deles o seu saco, para dar de comer ao seu jumento na estalagem, deu com o dinheiro na boca do saco. Então disse aos irmãos: Devolveram o meu dinheiro; aqui está na boca do meu saco. Desfaleceu-lhes o coração, e, atemorizados, entreolhavam-se, dizendo: Que é isto que Deus nos fez?

Gênesis 42:25-28

Os irmãos de José queriam sair depressa do Egito. Quando os sacos de cereal adquiridos foram colocados sobre os jumentos, eles imediatamente começaram a viagem de volta a Canaã. Mas algo aconteceu na primeira noite em que pararam para descansar, alimentar e dar água aos animais. Quando um dos irmãos abriu um saco para tirar comida para o seu jumento, ele encontrou na boca do saco o dinheiro que dera ao primeiro-ministro do Egito.

"Não acredito!", exclamou. "Olhem! Meu dinheiro foi devolvido. Está aqui no saco."

Os outros irmãos abriram rapidamente os demais sacos e viram que o dinheiro deles também fora devolvido.

Contudo, em vez de se alegrarem com a surpresa, ficaram com medo. "Desfaleceu-lhes o coração, e, atemorizados, entreolhavam-se..." A palavra original aqui, da qual "atemorizados" foi traduzida, é a mesma usada em 1 Samuel 14:15 para descrever um enorme terremoto. É empregada também em Gênesis 27:33 para descrever o tremor de Isaque quando soube que seu filho Jacó roubara o direito de primogenitura de Esaú. De fato, lemos que Isaque "estremeceu de violenta comoção". Ele estremeceu literalmente! E foi isso que aconteceu com os irmãos de José. Começaram a tremer enquanto se entreolhavam. E então disseram: "Que é isto que Deus nos fez?".

Adoro essa declaração. Eles não só sentem todo o peso da sua culpa, como sentem também a mão de Deus nisso tudo. "O que Deus está fazendo?"

Quando Deus ativa uma consciência cauterizada *começamos a ganhar uma perspectiva diferente*. Algumas vezes nos tornamos vítima do tipo de tratamento que damos à outra pessoa. Quando o mal, a mágoa ou a dor que causamos a alguém recai sobre nós, alguma coisa começa a mudar em nosso íntimo. Deus começa a quebrar a dura concha e a amaciar nosso coração calejado.

Esses irmãos não tinham idéia de que José continuava vivo. Tudo o que sabiam é que estavam passando por grande aflição e instantaneamente – repito *instantaneamente* – lembraram-se da aflição que haviam causado ao irmão há mais de 20 anos.

A passagem do tempo não apaga uma consciência culpada. A dor se arrasta...

- mesmo depois que todos na família crescem;
- mesmo depois que um ato não foi considerado crime pelo tribunal;
- mesmo depois que o divórcio foi homologado e você vai embora... sem justificativa bíblica;
- mesmo depois que certas coisas feitas em segredo não são percebidas por ninguém;
- mesmo depois que décadas de água poluída passaram sob a ponte da memória.

Há aflição. Há aquele "coração revelador" batendo em seu peito. Isso faz parte do despertar da vontade, do processo de amaciamento que começa a ativar a nossa consciência antes cauterizada.

Deus também ativa a consciência cauterizada quando *recebemos expressões imerecidas de graça.* Os irmãos de José não mereciam nenhum cereal. Não mereciam dinheiro. Mereciam castigo, talvez até prisão, pelo que tinham feito ao irmão. Em vez disso,

receberam liberdade, um saco cheio de cereal e todo o dinheiro de volta.

Eles mereciam estar na lista negra de José, mas ele não tinha tal lista. Lembra-se do copeiro-chefe? José ficou mais dois anos na prisão porque, pelo menos em termos humanos, o copeiro-chefe do rei o esquecera. O homem que ele ajudara e encorajara se esquecera dele rapidamente. Mas José foi libertado e veio a tornar-se o homem mais poderoso na terra do Egito além de Faraó. Que oportunidade para vingar-se daquele copeiro-chefe da corte de Faraó. Mas ele não fez isso. De fato, não vemos José pronunciar nenhuma palavra de ressentimento contra o copeiro-chefe.

Por quê? Porque José andava com Deus. Ele se recusou a passar os dias perguntando: "Por que ele me esqueceu?". Mas orou: "Deus, continua o processo. Vou ficar te observando. Aceito ser esquecido. Mantém meu coração justo. E quando chegar o momento, que eu possa falar para a tua glória. Se decidires usar-me novamente um dia, que eu possa deleitar-me em tua graça e livrar-me de todos os sentimentos de mágoa e vingança".

Vimos então agora, pelo menos até esse ponto, José reagir exatamente dessa maneira aos irmãos. Ele não retaliou contra eles, mas demonstrou graça e muita misericórdia.

LEMBRANÇA FINAL

Você ainda guarda sua lista negra? É possível que parte da razão para conservá-la é Deus ainda não o ter levado a uma circunstância semelhante. Talvez você ainda não tenha notado quanto a graça do Senhor reorganizou e restaurou a sua vida.

No correr dos anos notei que as pessoas que mantêm listas negras tendem a se mostrar insensíveis em relação a Deus; elas

permitem que seu coração continue endurecido, calejado. Que maneira terrível de viver – e morrer!

Se isso aconteceu com você, quero convidá-lo a aproximar-se da cruz de Cristo, que removeu de uma vez por todas nossos nomes da lista dos que não foram perdoados. Embora não merecêssemos seu favor; embora merecêssemos a morte, ele nos deu vida.

Como devemos ser gratos pelo coração revelador que continua funcionando. É a obra de Deus nos convencendo, nos levando ao arrependimento. O seu Espírito não pára de trabalhar conosco, mesmo quando deixamos de nos interessar por ele. Isso representa o ponto mais central da nossa vida, onde ele nos leva de volta à harmonia com Deus. A sua resposta – sua escolha de obedecer à sua voz – mudará o restante da sua vida.

As palavras repletas de discernimento de C.S. Lewis oferecem uma conclusão apropriada para este capítulo que sonda a nossa alma:

> Cada vez que faz uma escolha, você está transformando a sua parte central, a parte que escolhe, em algo um pouco diferente do que fora antes. Considerando a sua vida como um todo, com todas as suas inúmeras escolhas, você foi transformando esse eixo central numa criatura dos céus ou do inferno: numa criatura em harmonia com Deus, com outras criaturas e consigo mesma, ou em uma criatura em guerra com Deus, com seus semelhantes e consigo mesma. Ser um tipo de criatura é ter... alegria, paz, conhecimento e poder. Ser o outro tipo significa loucura, horror, idiotice, raiva, impotência e solidão eternas. Cada um de nós, a cada momento, progride para um estado ou outro.[5]

CAPÍTULO SETE

Lamentos de um Pai Triste

A Lei de Murphy diz: "Se alguma coisa pode dar errado, vai dar". Se você lava o carro sábado de manhã, chove à tarde. Se vai para a cama cedo, o telefone toca. Se deixar cair uma fatia de pão na qual acabou de passar uma camada grossa de manteiga ou geléia, ela sempre cairá com esse lado para baixo. Se levar seu carro com problemas ao mecânico, ele vai funcionar perfeitamente no momento em que chegar à oficina.

Quando as coisas vão bem, alguma coisa *vai* dar errado – basta esperar. Quando as coisas não podem ficar piores, elas vão piorar. Em qualquer ocasião, quando as coisas parecem melhorar, é apenas porque você relevou alguma coisa. Não importa para onde se dirija com sua bicicleta, será sempre ladeira acima e contra o vento. Se brincar com uma coisa tempo suficiente, ela vai quebrar. A outra fila sempre anda mais depressa.

TENDÊNCIAS NATURAIS EM TODOS NÓS

Uma vez que a vida não funciona como deve – o que devemos interpretar que ela não funciona *conforme o nosso desejo* –, desenvolvemos, então, três tendências básicas e muito naturais.

Primeira, *tendemos a reagir de modo negativo em vez de positivamente*. Quando as circunstâncias começam a se voltar contra nós ou quando a vida se torna um desafio maior do que podemos enfrentar, nossa reação ou resposta imediata é negativa, e não positiva. Isso se aplica especialmente quando enfrentamos mudanças inesperadas. A menos que você seja diferente da maioria, sua primeira reação é *negativa.*

Segunda, *tendemos a considerar os problemas mais de maneira horizontal que vertical.* Quero dizer com isso que consideramos os problemas do ponto de vista estritamente humano. Tendemos a deixar Deus de lado até o momento em que somos postos contra a parede numa situação absolutamente insurportável. E, às vezes, nem mesmo assim mudamos.

Terceira, *tendemos a resistir ao que é novo, especialmente se parece bom demais para ser verdade.* Resistimos em vez de aceitar – principalmente quando se trata de algo que parece excitante e repleto de novas oportunidades. Pare e pense. Quando foi a última vez que você não mostrou resistência à possibilidade de uma mudança? Não se lembra? Quase todos se esquecem. Concentramo-nos no que "não pode acontecer" em vez de no que poderia. Ao entrarmos numa situação incerta, pensamos primeiramente que estamos deixando o que é familiar e que corremos o risco de nos desapontar. Compreendo a necessidade da avaliação prudente e do planejamento cuidadoso, mas não é curioso que a nossa primeira reação a algo novo seja quase sempre a resistência? Sei disso – passei por situações assim diversas vezes em minha vida adulta.

Essas três tendências parecem intensificar-se à medida que envelhecemos. Em vez de melhorar, ficamos mais frágeis. Temos mais medo do perigo – uma hesitação temerosa em lugar da receptividade para viver o cristianismo positivo. Com "positivo" não quero dizer viver num mundo de sonhos, ser ingênuo e sem discernimento, mas viver com os olhos bem abertos. Não quero dizer chamar o errado de certo; mas ver Deus de modo realista nos cadinhos e caçarolas da vida. Isso não é só possível, como preferível. Estou compreendendo finalmente que essa é a maneira de viver. E estou desfrutando disso ao lado de uma esposa que aceita mais riscos e é até mais corajosa que eu!

A RESISTÊNCIA E A RELUTÂNCIA DE JACÓ

Jacó, pai de José, não vivia assim. Ele era um homem que tinha muita dificuldade em andar pela fé. Embora conhecesse o Senhor há mais de cem anos, Jacó lutava constantemente com um negativismo suspeitoso, uma visão horizontal e uma mente fechada, resistente. Logo veremos isso de novo.

A Volta e o Relato

Ao voltarmos à história, os filhos de Jacó finalmente chegaram a Canaã. Eles recapitularam suas experiências no Egito e contaram a Jacó seu encontro com o primeiro-ministro. É claro que mencionaram o fato de seu irmão Simeão ter ficado ali como refém, até que voltassem com o irmão mais moço, Benjamim. Esta seria a grande oportunidade de o patriarca chamar a atenção de todos para Jeová. Estaria o Senhor envolvido nisso? Teria ele um plano – algum tipo de oportunidade maravilhosa, inesperada – para eles? Era necessário que confiassem em Deus!

Mas nada disso! Vejam a resposta de Jacó:

> Então lhes disse Jacó, seu pai: Tendes-me privado de filhos: José já não existe, Simeão não está aqui, e ides levar a Benjamim! Todas estas cousas me sobrevêm. Mas Rúben disse a seu pai: Mata os meus dois filhos, se to não tornar a trazer; entrega-mo, e eu to restituirei. Ele, porém, disse: Meu filho não descerá convosco; seu irmão é morto, e ele ficou só; se lhe sucede algum desastre no caminho por onde fordes, fareis descer minhas cãs com tristeza à sepultura.
>
> Gênesis 42:36-38

A Discussão e o Debate

Quando Jacó soube o que havia acontecido, o velho senhor se encolheu de medo. Em vez de dizer: "Agradeçam a Deus. Ele está trabalhando. Homens, ele nos ama e nos protege. Estamos todos seguros em seu cuidado", ele respondeu negativa e horizontalmente.

Seus filhos voltaram não só com os mantimentos de que precisavam, mas também com todo o dinheiro deles. Haviam recebido cereal do Egito gratuitamente. Tudo o que o primeiro-ministro pedira fora uma prova de que não eram espiões, voltando com o irmão mais moço e libertando Simeão que ficara como refém. Contudo, Jacó não viu nada disso como provisão de Deus. Ele ficou paralisado de medo e fixou-se num roteiro catastrófico. Sua resposta foi negativa e horizontal.

Os filhos tinham a mesma tendência. Lembre-se, o coração deles "desfaleceu" de medo ao encontrarem o dinheiro. Os irmãos haviam respondido negativamente, suspeitosos, como o pai fazia agora.

A palavra original aqui, da qual "desfalecer" foi traduzida, é a mesma usada em Gênesis 3:10 para descrever a reação de

Adão depois de ter pecado e se esconder de Deus: "Ouvi a tua voz no jardim... tive *medo* e me escondi".

Algumas vezes precisamos ter medo, especialmente quando fazemos algo errado. Li uma história verdadeira há vários anos sobre um homem e uma mulher que pararam num restaurante e compraram algumas coisas para jantar. Eles pegaram dois pacotes de frango e os levaram para uma área de piquenique. Mas, quando abriram o saco, encontraram mais do que frango. Havia maços de dinheiro dentro dele!

Por ser honesto, o homem voltou ao restaurante e devolveu o dinheiro. O gerente ficou boquiaberto e explicou o ocorrido. Ele trabalhava no fundo do restaurante e pusera toda a féria do dia em um dos sacos onde eram embalados os frangos para viagem e deixou-o de lado, pronto para levá-lo ao banco. Quando a mulher que trabalhava no balcão foi buscar o pedido deles, acidentalmente pegou o saco errado.

O gerente ficou tão impressionado com a honestidade do homem que disse: "Vou chamar o jornal local e fazer com que eles venham tirar uma foto de vocês dois. Todos precisam saber que ainda existem pessoas honestas".

"Não, não faça isso", disse o homem. Ele chamou o gerente de lado e sussurrou ao seu ouvido: "Sou casado... e a mulher que está comigo não é minha esposa".

Algumas vezes é bom ter medo quando o dinheiro aparece! Mas essa não era uma dessas ocasiões. Jacó deveria estar grato pelos filhos ainda estarem vivos. Haviam sido acusados de espiões e podiam ter sido mortos na mesma hora. Além de terem a vida poupada, eles receberam os mantimentos de que precisavam e seu dinheiro foi devolvido. Tudo o que deviam fazer era voltar e mostrar ao primeiro-ministro egípcio que tinham realmente um irmão mais moço e que haviam dito a verdade.

Jacó, porém, não só reagiu negativa e horizontalmente, como também com exagero. No momento em que soube que eles haviam deixado o irmão no Egito, concluiu apressadamente que Simeão estava morto. "José está morto. Simeão está morto. Tudo está contra mim", lamentou ele, começando a mostrar-se paranóico e cheio de autopiedade. "Todas estas cousas me sobrevêm!"

Em meu último exame, Jacó supostamente devia ser o patriarca do clã, o líder espiritual. Porém, com uma análise mais profunda, enxergamos além das aparências e vemos Jacó como ele realmente é: um homem negativo, de visão estreita e pensamento horizontal, alguém que se desespera diante do medo. "Onde está Deus?", ele se queixava. "Tudo está contra mim."

Nesse ponto, Rúben interveio novamente e disse: "Olhe, vamos fazer um acordo, pai. Você pode matar meus dois filhos se eu não trouxer Benjamim de volta".

Jacó disse, porém: "Não, você não pode levar meu filho para lá. O irmão dele, José, está morto, e ele é o único que me resta. Se algo lhe acontecesse, eu morreria".

É surpreendente, mas era como se os outros filhos não existissem. É como se ele não incluísse os dois filhos mais moços, José e Benjamim, entre os outros dez. É como se eles fossem uma entidade separada e não tão valiosa. "Esses dois irmãos... meus filhos", ele os chama. Não diz "*seus* irmãos". Parece-me um pai plantando novamente as sementes do favoritismo. Como Rúben e os outros devem ter-se sentido quando o pai disse: "Só me resta *um filho*"?

"Se permitir que o levem para lá e algo lhe acontecer, irei com o coração partido para o túmulo", disse Jacó. O fatalismo reinava supremo no coração daquele velho. Que trágico!

Uma coisa é ficarmos sentados com este livro na mão e lermos a história, sabendo qual será o final, e dizermos com ombros encolhidos: "Vou falar a verdade, eu certamente não agiria assim. Teria confiado em Deus se estivesse nessa situação". Mas será que confiaria? Por que então não confiou nele na semana passada? O que foi que o impediu de ver a mão de Deus naquele assunto que não pôde resolver no mês passado? Lembre-se do seu teste mais recente. Você apoiou-se calmamente nele? Ou apertou o botão do pânico, atemorizado?

Pensamentos negativos. Ponto de vista horizontal. Mente fechada para algo inesperado e novo. É por isso que tendemos a entrar em pânico. Porque, em termos humanos, você e eu fomos programados para o fracasso. Formamos hábitos de resposta que deixam Deus fora do quadro. Não anunciamos isso nessas palavras, apenas modelamos e racionalizamos a circunstância, dando-lhe outro nome. Não ficamos aliviados ao ver que Deus não editou nossa biografia?

Contudo, o Espírito de Deus não esconde nada aqui. Ele nos mostra o lado de Jacó cheio de deficiências – o lado feio que todos temos.

Outra maneira de analisar o impacto da resposta do homem é compreender que isso indica que Jacó era avô e provavelmente bisavô, talvez até trisavô. Ele era um *patriarca* que deveria dizer aos filhos: "Rapazes, as coisas parecem estar pretas, mas é justamente agora que devemos confiar nas soberanas promessas de Deus. Precisamos lembrar-nos de algumas delas. Ele vai providenciar! Benjamim, vamos nos ajoelhar, orar pela sua segurança e ver Deus trabalhar. Há uma razão para ele ter colocado o dinheiro nesses sacos. Há uma razão para ele desejar que você vá ao Egito. Não sabemos ainda qual é, mas vamos confiar nele para obter a resposta".

Em vez disso, Jacó reagiu com medo, suspeita, paranóia, negativismo e orgulho. "Não", disse ele. "De modo algum. Benjamim não vai."

Isso parece familiar? Obtemos apenas informações que parecem acarretar perigo e tomamos imediatamente uma decisão apressada. Encontramo-nos sentados na ponta de um galho enquanto nosso orgulho serra os ramos fracos da fé. Não podemos admitir que cometemos um erro. Para piorar as coisas, espalhamos esses germes de medo pela família, pela nossa empresa ou pela nossa igreja e depois fincamos os pés com determinação obstinada.

"Nunca!" disse Jacó. Seu orgulho estava em jogo. Mudar de idéia agora seria um sinal de fraqueza. Não há meios de fazer isso; ele entregou a alma e o jogo. Sua decisão final foi: "Absolutamente não!". Mal sabia ele que em breve teria de engolir essas palavras.

Uma vez que a confissão é boa para a alma, então está na hora de sair do esconderijo e contar-lhe que posso identificar-me de muitas maneiras com a primeira reação horizontal de Jacó. Eu também tive de engolir minhas próprias palavras. Meus pensamentos me levam de volta a um telefonema que recebi há mais de cinco anos. Eu estava comprometido com um ministério pastoral que muitos considerariam invejável. Durante mais de 20 anos o Senhor derramara as suas bênçãos. Tudo funcionava bem – ótimos colaboradores, quadro notável de líderes leigos, ministério de música excelente, vários e esplêndidos grupos de apoio, um ministério para jovens que muitos desejavam copiar, familiaridade com o meu ambiente, apoio da população e mais dezenas de benefícios que poderia listar. A graça de Deus, posso assegurar-lhe, era abundante.

Aquele telefonema representava um convite para deixar esse lugar de serviço – e toda a familiaridade, todos os amigos e família que me haviam apoiado durante mais de duas décadas – e recomeçar numa posição completamente diferente, num lugar totalmente diferente, com um grupo inteiramente diferente de pessoas. Da igreja para o seminário. De um cargo pastoral que eu cultivara por mais de 30 anos – pastor de um rebanho – para um papel presidencial com o qual jamais sonhara. Do conhecido para o desconhecido. Da Califórnia para o Texas. De uma casa em que vivera todo esse tempo para um apartamento com garagem, o qual ocuparia até que me estabelecesse numa casa 18 meses depois. Não, obrigado! Eu não conseguia responder rapidamente. De fato disse: "*De jeito nenhum!*".

Fui tão enfático que escrevi uma carta de duas páginas expondo as minhas razões em termos precisos. Era uma defesa hermética, cuidadosamente escrita, que não deixava espaço para nenhuma dúvida. Na ocasião ao lançar o olhar para o futuro, percebi que não havia possibilidade alguma de considerar tal mudança. Certamente não em minha idade ou estágio de vida. Quero dizer, aquele pessoal estava maluco? Minha carta foi enviada e isso foi tudo.

Só houve um problema, *eu estava errado.* Eu resisti em vez de permanecer receptivo.

Tudo em mim queria apegar-se ao familiar, manter as coisas simples e descomplicadas, permanecer onde me achava, terminar bem e dirigir nossa moto barulhenta em direção ao pôr-do-sol, com um largo sorriso no rosto, com Cynthia sentada na garupa. Mas Deus tinha outros planos, e as mudanças foram ainda maiores do que eu esperava. Mas estamos *exatamente* onde ele quer que estejamos, fazendo *exatamente* o que ele pla-

nejou para nós, realizando *exatamente* o que ele tinha em mente na ocasião em que eu rira de toda a idéia e dissera: "De jeito nenhum!". E estamos nos dando muito bem.

Será que compreendo a reação inicial de Jacó? *É claro que sim!*

A ACEITAÇÃO FINAL DE JACÓ

Deus sempre consegue o que quer. Sempre. Mas é muito mais sofrido quando lutamos com ele e resistimos à sua orientação, por causa de pensamentos negativos, perspectiva horizontal e resistência à mudança.

A princípio, *Jacó negou e demorou.*

> A fome persistia gravíssima na terra. Tendo eles acabado de consumir o cereal que trouxeram do Egito, disse-lhes seu pai: Voltai, comprai-nos um pouco de mantimento. Mas Judá lhe respondeu: Fortemente nos protestou o homem, dizendo: Não me vereis o rosto, se o vosso irmão não vier convosco. Se resolveres enviar conosco o nosso irmão, desceremos, e te compraremos mantimento; se, porém, não o enviares, não desceremos; pois o homem nos disse: Não me vereis o rosto, se o vosso irmão não vier convosco.
>
> Gênesis 43:1-5

Deus estava trabalhando e, como resultado, a fome não diminuiu. Meses depois dos filhos de Jacó terem voltado com cereal do Egito, eles estavam novamente em dificuldades.

"Isso é tudo. Esse é todo o cereal. O último saco ficou vazio, pai." (Estou sorrindo aqui, enquanto vejo Deus pressionar para fazer tudo do seu modo. Mal sabia Jacó que sua resistência seria bem temporária. Estive lá, fiz isso.)

"Está bem", disse Jacó. "Voltem ao Egito e comprem mais mantimentos."

"Não podemos voltar a não ser que levemos Benjamim", disse Judá. "O líder de lá nos advertiu para não voltar sem ele." Jacó, porém, continuou negando, sem disposição para enfrentar a realidade. Ele se recusara a ouvir isso quando os filhos lhe disseram pela primeira vez e negara-se durante meses, recusando-se a levantar um dedo para promover o regresso de seu filho Simeão. Ele simplesmente resignou-se à idéia de que Simeão estava perdido para sempre, como José, e portanto adiou qualquer resposta.

Quando Judá tentou tirar o pai de sua atitude negativa e passividade, Jacó respondeu com *culpa e dolo.*

> Disse-lhes Israel: Por que me fizestes esse mal, dando a saber àquele homem que tínheis outro irmão?
>
> Gênesis 43:6

Jacó fez essa petulante acusação e mais uma vez se pôs como foco da situação. "Por que me fizeram isso? Por que me trouxeram esse problema? Por que até disseram àquele homem que tinham outro irmão?".

Lembre-se, o nome e a natureza de Jacó significavam "enganador" e, portanto, não ficamos surpresos que o padrão tenha surgido outra vez. "Por que vocês não mentiram? Por que lhe disseram a verdade?"

Provérbios 12:22 nos diz que "os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR, mas os que obram fielmente são o seu prazer".

A reação de Jacó, quando colocado contra a parede, era mentir; ele continuava disposto a enganar. Causa surpresa que seus filhos tivessem agido como agiram? O pai lhes ensinara pelo exemplo que em certas ocasiões era preciso torcer um pouco a verdade. "Quem se importa que a mentira seja abominação ao Senhor? Por que vocês disseram que tinham outro irmão?"

Mas algo havia acontecido, por menor que fosse, à consciência cauterizada de seus filhos. Agora vários deles se uniram, tentando fazer Jacó ouvir e compreender. Já que não queria fazer o que era certo, eles decidiram pôr tudo na mesa diante do pai.

"Ouça, pai", disseram:

> O homem nos perguntou particularmente por nós e pela nossa parentela, dizendo: Vive ainda vosso pai? Tendes outro irmão? Respondemos-lhe segundo as suas palavras. Acaso poderíamos adivinhar que haveria de dizer: Trazei vosso irmão?
>
> Gênesis 43:7

Pais, por favor ouçam isto. Algumas vezes seus filhos ficam em grandes dificuldades e tentam transmitir-lhes suas preocupações e ansiedade. Mas vocês, irados e orgulhosos, deixam de ouvir. Em vez disso, começam a pontificar alguma solução para o problema. Começam a culpar e moralizar antes de terem ouvido todos os fatos.

Não tenho orgulho de meus anos rebeldes. Graças a Deus não foram muitos nem tão graves, mas me lembro desse tempo. Lembro-me quando começaram – quando senti que meus pais não me ouviam mais. Eu não era um rebelde de coração, mas bem lá no fundo muitas coisas fervilhavam e eu *realmente queria* confidenciá-las a meus pais. Contudo, quando tentava, sentia que um ou ambos me cortavam antes que pudesse terminar, de modo que as frases eram completadas apenas para mim mesmo. Minhas lutas eram consideradas rebelião. No meu caso, apenas me afastei. A distância cresceu e não foi senão muitos anos depois que senti novamente a intimidade – depois de me tornar pai, criando meus próprios filhos.

Os filhos de Jacó estavam simplesmente tentando expor os fatos, fazer com que o pai visse a verdade. "Pai, estávamos ali na

frente do homem que é a mão direita de Faraó e ele nos perguntou especificamente se nosso pai ainda vivia e se tínhamos outro irmão. Dissemos então a verdade a ele. 'Sim', respondemos. Não sabíamos a razão das suas perguntas."

Judá fez então uma oferta. Lembre-se, a fome não tinha diminuído e a situação se tornava desesperadora. Eles tinham muitas bocas para alimentar.

> Com isto disse Judá a Israel, seu pai: Envia o jovem comigo, e nos levantaremos e iremos; para que vivamos e não morramos, nem nós, nem tu, nem os nossos filhinhos. Eu serei responsável por ele, da minha mão o requererás; se eu to não trouxer e não to puser à presença, serei culpado para contigo para sempre. Se não nos tivéssemos demorado, já estaríamos, com certeza, de volta segunda vez.
>
> Gênesis 43:8-10

Judá foi bem claro: "Você não pode continuar adiando e negar a situação. Assumo a responsabilidade pela vida de Benjamim. Se qualquer coisa acontecer a ele, suportarei as conseqüências pelo resto de meus dias. Vamos, pai, colabore. Se não tivéssemos demorado tanto, poderíamos ter ido e voltado duas vezes com os mantimentos".

Judá se ofereceu para assumir a culpa, embora acusar seja um exercício inútil. Gritar com a escuridão não a torna luz. Mas gostamos de culpar. "Pai", disse Judá, "se quiser culpar alguém, culpe a mim. Deixe, porém, que Benjamim vá. Estamos morrendo aqui."

Jacó então, relutantemente, cedeu. Ele respondeu com o que eu chamaria de *tolerância e incerteza*. Primeiro, negou e manteve a passividade. Depois veio a culpa e o engano. E agora, finalmente, a tolerância e incerteza. Ele era um osso duro de roer!

> Respondeu-lhes Israel, seu pai: Se é tal, fazei, pois, isso; tomai do mais precioso desta terra em vossos sacos e levai de presente a esse homem; um pouco de bálsamo e um pouco de mel, arômatas e mirra, nozes de pistácia e amêndoas; levai também dinheiro em dobro; e o dinheiro restituído na boca dos sacos, tornai a levá-lo convosco; pode bem ser que fosse engano.
>
> Gênesis 43:11-12

A resposta dele talvez tenha sido mais ou menos assim: "Oh, está bem. Se têm de fazer isso, então quero que procedam desse modo". Vê a sua atitude? Ele voltou ao velho padrão. Ordenou que levassem presentes, coisas nativas de Canaã. Se tivesse vivido nos dias de Salomão, teria citado Provérbios 21:14: "O presente que se dá em segredo abate a ira, e a dádiva em sigilo, uma forte indignação".

Anos antes, ele fizera isso com seu irmão Esaú, e dera certo. Podia funcionar também com o primeiro-ministro egípcio.

Jacó conseguia ver todo tipo de estratagemas, mas continuava se recusando a ver a mão de Deus em operação. Não conseguia dizer: "Olhem, rapazes, não sabemos o que tudo isso significa, mas sabemos que estamos confusos e precisamos da ajuda de Deus. Vamos confiar em Deus para nos dar proteção e discernimento nisso. Vamos pedir que ele nos dê uma orientação sobre o que fazer".

Pais, esta é uma oportunidade apropriada para que eu insista para que chamem suas famílias à oração. "Vamos, filhos, vamos orar para isto antes de sairmos da mesa do café. Ou: "Vamos passar algum tempo domingo de manhã pedindo a orientação de Deus nesta situação. Não sabemos o que fazer". Talvez um de seus filhos esteja começando a rebelar-se. Ouça o que ele tem para dizer. Ouça mais do que o normal. Tente não interferir. Admita quando não souber como responder. Depois sentem-se e orem juntos, pedindo a direção de Deus.

Jacó não fez isso. Mesmo em seus melhores momentos, até este ponto, ele dizia: "Talvez fosse um erro e ganharemos o seu favor com um presente".

No fim, porém, ele demonstrou *uma certa fé com reservas e abandono.* A fome que sentia o persuadiu a não resistir mais.

> Levai também vosso irmão, levantai-vos, e voltai àquele homem. Deus Todo-Poderoso vos dê misericórdia perante o homem, para que vos restitua o vosso outro irmão e deixe vir Benjamim. Quanto a mim, se eu perder os filhos, sem filhos ficarei.
>
> Gênesis 43:13-14

No momento em que você pensa: *Lá vai ele; esse é o patriarca em ação; é o nosso modelo,* Jacó diz: "Levem Benjamim e que *El Shaddai* vá com vocês e faça esse egípcio sentir compaixão por vocês, para que poupe Simeão e Benjamim. Quanto a mim – pobre de mim – se nenhum de vocês voltar, terei de viver com isso". Acabamos de ler os lamentos de um pai triste.

Jacó falou demais. Se ao menos tivesse terminado seu discurso de despedida com "...Benjamim". Nenhuma autopiedade. Nenhum choramingo. Nenhum "ai de mim" resmungado. Então aqueles seus filhos poderiam ter partido com "*El Shaddai*" soando em seus ouvidos e pensando: *O Deus Todo-Poderoso concederá compaixão. O Deus Todo-Poderoso proverá, como nosso pai nos lembrou!* Mas não, Jacó pegou novamente o caminho de baixo. Como alguém disse: "[O comentário final de Jacó aos filhos] é uma declaração resignada, uma disposição de aceitar a pior hipótese possível".[1]

> Tomaram, pois, os homens os presentes, o dinheiro em dobro e a Benjamim; levantaram-se, desceram ao Egito e se apresentaram perante José.
>
> Gênesis 43:15

Fico imaginando o que aqueles dez homens, aqueles filhos adultos de Jacó, conversaram durante essa viagem de Canaã ao Egito. Tenho uma idéia que poderiam ter falado sobre as mesmas coisas que nós falaríamos se estivéssemos no lugar deles. Creio também que começavam a ficar abatidos. Eles talvez falassem sobre como sentiam falta de seu irmão José. Com Benjamim agora entre eles, talvez achassem que era uma boa ocasião para expressar sua tristeza pelos seus atos passados e, juntos, pedir sinceramente o poder e a proteção de *El Shaddai*. Quero também crer que Deus começava a derreter o coração deles em sua presença! De fato, essa é a beleza desta história, à medida que se desenrola. Somos levados a imaginar em que exatamente pensavam. Temos uma pressa desesperada de chegar ao fim para ver o final feliz, mas devemos esperar. Porque sempre há algo a aprender pelo caminho.

UMA VOLTA AOS AXIOMAS ORIGINAIS... E ALGUMAS CORREÇÕES DE CURSO

Na viagem de Canaã ao Egito, tendemos a ser negativos em vez de positivos. Tendemos a ver a vida horizontalmente em vez de verticalmente e a ser resistentes em vez de receptivos ao que é novo e inesperado. Em vista disso, freqüentemente nos mostramos relutantes, resistentes, desconfiados, pessoas fechadas. Quando somos ameaçados pelo inesperado, erguemos nossas defesas ou levantamos a bandeira da paranóia: "Todos estão contra mim. Eles não compreendem". Precisamos de algumas técnicas de correção de curso para quebrar esses hábitos!

Posso pensar em pelo menos três que funcionaram para mim.

1. *Reconheça e admita sua mentalidade negativa.* Grande parte da cura está na confissão. A correção imediata começa com a admissão sincera. Reconheça, compreenda, admita a sua mentalidade negativa. Não a esconda. Desista de negá-la. Se você e eu simplesmente dissermos: "Caí no hábito de pensar negativamente", isso vai nos ajudar.

2. *Force um foco vertical até que ele comece a fluir livremente.* Nunca vi um hábito ceder e morrer; temos de fazer um esforço consciente se quisermos quebrar hábitos antigos. Se você está negativo hoje, as chances de acordar amanhã e continuar nessa mesma disposição são boas. De fato, é bem possível que sua negatividade esteja ainda mais forte amanhã porque teve mais um dia para aperfeiçoá-la. Esforce-se então para se concentrar num foco vertical. Isso significa que você primeiro ora pedindo forças. A seguir faz um esforço consciente para reagir: "Será que Deus está presente nisso? Deus está tentando chegar até mim?", ou: "Como tu, Senhor, reagirias a isso?", ou: "Senhor, não sei bem o que fazer. Admito que a minha tendência é manter-te a distância. Essa é uma reação da minha carne. Eu te convido para vires ajudar-me com isso. Dá-me uma direção clara, a resposta que te agradaria, ou a força para esperar. Mas quero ver-te em tudo isso". Isso é forçar um foco vertical.

3. *Fique receptivo para uma idéia nova pelo menos durante cinco minutos.* Não tente fazer isso durante um dia inteiro, porque se sentirá próximo do pânico. Viva o seu dia cinco minutos de cada vez. Quando algo novo, algo inesperado, se confrontar com você, não reaja com um "Não! Não!" imediato. Espere cinco minutos. Aguarde. Tolere a possibilidade durante cinco minutos. Você vai

ficar surpreso com o benefício de permanecer receptivo nesses 300 segundos.

Não tenho idéia de como isso o atinge hoje. Mas uma coisa eu sei: a vida está repleta de mudanças e desafios que podem ser difíceis de enfrentar. Eles também podem ser difíceis de lidar mesmo tendo uma mentalidade positiva, vertical. Em vez de contar outra história que ilustre os benefícios dessa resposta ou citar uma página inteira de versículos que enfatizem o valor de confiar em Deus em vez de resistir à mudança, quero fazer uma pausa neste ponto do livro e orar. Estas palavras são minhas, mas gostaria que você mesmo se visse nelas.

Senhor Deus,

Não tenho meios de saber quem está lendo as minhas palavras nem o que atravessa neste período da vida. Sei porém disto: Tu continuas sendo El Shaddai. *O Deus soberano, de ilimitado poder, de força esmagadora. Nenhum obstáculo colocado contra ti pode reter-te. Ninguém te intimida e nada é difícil demais para ti. Uma vez que sabes o final da história – da história de José e da nossa – tens também a capacidade de realizar tudo e, portanto, não há o que temer.*

Nós, porém, somos apenas humanos. Isso significa que tendemos a ser negativos, com foco horizontal, e intolerantes com novas idéias. Todavia, chegamos a um ponto em nossa vida em que nos sentimos cansados e enjoados dessas tendências. Precisamos da tua força de El Shaddai *para ajudar-nos a afastar esses hábitos e temos necessidade do teu poder de* El Shaddai *para enfrentar bravamente o futuro.*

Com tua ajuda, começamos isso hoje. Dá-nos uma nova esperança para pensar positivamente, para confiar em teu controle

soberano sobre tudo o que vamos encontrar. Acalma nossos temores. Dá-nos nova coragem e uma forte confiança em ti. Concede-nos um entusiasmo contagiante ao iniciarmos esta nova maneira de pensar e viver. Muda o nosso foco de horizontal para vertical. Ajuda-nos a envelhecer agradecidos, dizendo: "sim" para o desafio da vida e "Estou aberto" a mudanças.

Peço isto no nome todo-poderoso de Jesus Cristo.

Amém.

CAPÍTULO OITO

A Graça Substitui o Medo

Quando a Cortina de Ferro desceu sobre a Europa depois da Segunda Guerra Mundial, as pessoas se sentiram encurraladas. Começamos a ouvir histórias incríveis de indivíduos que haviam fugido dos regimes comunistas e conseguiram reunir-se com suas famílias no Ocidente. Os noticiários noturnos mostravam de vez em quando *flashes* do momento comovente em que membros de uma família se reencontravam depois de anos de separação forçada. Essa reunião sempre desafiava qualquer descrição e uma cena valia mil palavras: a visão comovente dos braços abertos, a corrida de um para o outro, o abraço demorado, a comemoração, os gritos, as lágrimas de alegria.

Do mesmo modo, ninguém esquecerá a cena na Base Aérea Clark, em 1973, quando 143 corajosos homens saíram aos tropeções de um avião – alguns curvados, outros aleijados, mas todos prisioneiros de guerra que voltavam das prisões do Vietnã do Norte. O soldado da mais alta patente a bordo daquele

primeiro vôo, o capitão naval Jeremiah Denton, 48, preso durante oito anos, colocou-se diante do microfone e com voz trêmula disse: "Estamos honrados pela oportunidade de servir a nosso país em circunstâncias difíceis. Somos profundamente gratos ao nosso comandante-chefe e à nossa nação por este dia". Depois de uma breve pausa, ele conseguiu dizer: "Deus abençoe a América!". Em seguida, ele e os outros que haviam voado para a liberdade, foram recebidos pelas suas famílias.

Faltam palavras para transmitir a emoção de cenas como essas. Lágrimas vertem de nossos olhos só de imaginá-las. Digo isso no sentido certo, ao afirmar que tais cenas são emocionantes demais para serem analisadas objetivamente – sagradas demais para serem observadas. Ali estavam membros de famílias que viveram de memórias e passaram literalmente horas na agonia da preocupação, imaginando se iriam encontrar-se novamente. À medida que a vida prosseguia enquanto estavam separados, nem um dia se passou sem que seus corações estivessem unidos. Então, de repente, estavam novamente juntos – lutando para pôr em palavras aqueles anos de separação. Como a compositora Fanny Crosby expressou uma vez: As cordas arrebentadas... vibram mais uma vez.

Uma cena bem semelhante às que acabei de descrever está prestes a se desenrolar na história de José. As emoções que a cercam são também difíceis de expressar em palavras, quando todos os irmãos de uma família, separados há mais de duas décadas, irão em breve reunir-se.

A CAMINHO DE CANAÃ PARA O EGITO – NOVAMENTE

Ao começarmos esta parte da história de José, Simeão continua refém no Egito e os outros filhos de Jacó estão voltando a essa terra com o irmão mais moço, Benjamim. Sua missão é quádrupla: mostrar sua boa-fé, provar que não são espiões, resgatar Simeão e comprar mais alimentos. Eles estão também levando de volta o dinheiro original que fora devolvido a seus sacos na primeira visita; de fato, talvez vocês se lembrem de que estão levando o dobro da quantia, juntamente com vários presentes especiais. Eles chegam finalmente, com muitas perguntas e preocupações. *Será que o primeiro-ministro egípcio vai libertar Simeão? Vai nos tratar gentilmente por estarmos devolvendo o dinheiro ou será que todos vamos ser presos como nosso irmão? Será que vai deixar-nos voltar?*

Esses homens estavam tremendo de ansiedade. Eles não sabiam o que os aguardava no Egito. Não sabiam se iriam encontrar Simeão nem se ele ainda estava vivo. Não tinham idéia do que aconteceria quando se vissem novamente diante da autoridade real.

> Tomaram, pois, os homens os presentes, o dinheiro em dobro, e a Benjamim; levantaram-se, desceram ao Egito e se apresentaram perante José. Vendo José a Benjamim com eles, disse ao despenseiro de sua casa: Leva estes homens para casa, mata reses e prepara tudo; pois estes homens comerão comigo ao meio-dia. Fez ele como José lhe ordenara e levou os homens para a casa de José.
>
> Gênesis 43:15-17

A culpa perseguia os filhos de Jacó. Pesava em seus ombros e sussurrava em seus ouvidos. Em mais de uma ocasião eles tinham revivido o que haviam feito ao irmão mais moço, José, há mais de 20 anos. Todos os eventos recentes de ida e volta ao Egito alfinetaram a consciência deles. Lembraram, mas não estavam ainda completamente arrependidos de seus maus caminhos. Mas iriam fazê-lo. Ah, iriam mesmo.

OS IRMÃOS MEDROSOS E O DESPENSEIRO DE JOSÉ

Nossa história muda rapidamente dos irmãos preocupados para o ansioso e excitado José, esperando a volta deles. Sem que soubessem, José os contemplava com os olhos da recordação – mas a distância. Ele estava finalmente preparado para testemunhar a volta deles ao Egito. Talvez esperasse e vigiasse, sem saber se aceitariam o desafio ou deixariam Simeão entregue ao seu destino, como fizeram com ele tantos anos antes. Quando soube que haviam chegado, José obrigou-se a ficar calmo.

Planos para o Banquete

Ao contar quantos eram, ele compreendeu que Benjamim também viera. *Então esse é Benjamim*, pensou enquanto olhava para o irmão mais moço. Como o coração de José deve ter pulsado na garganta ao ver esse homem que não passava de um menino quando ele fora arrancado da família. *Está na hora de festejarmos*, disse para si mesmo e depois ordenou ao despenseiro que preparasse uma refeição e levasse os homens de Canaã à sua casa.

Muitas vezes me perguntei o que o despenseiro de José pensou de tudo isso. Deve ter parecido estranho, no mínimo. Por que o primeiro-ministro convidaria aquela tribo empoeirada e suja de nômades hebreus para uma festa? Mas o mordomo obedeceu ao chefe. Fez preparar o banquete, como ordenado, e levou os israelitas à casa de José.

Explicação Difícil

> Os homens tiveram medo, porque foram levados à casa de José; e diziam: É por causa do dinheiro que da outra vez voltou em nossos sacos, para nos acusar e arremeter contra nós, escravizar-nos e tomar nossos jumentos. E se chegaram ao mordomo da casa de José e lhe falaram à porta, e disseram: Ai! senhor meu, já uma vez descemos a comprar mantimento; quando chegamos à estalagem, abrindo os nossos sacos, eis que o dinheiro de cada um estava na boca do saco, nosso dinheiro intacto; tornamos a trazê-lo conosco. Trouxemos também outro dinheiro conosco, para comprar mantimento; não sabemos quem tenha posto o nosso dinheiro nos nossos sacos.
>
> Gênesis 43:18-22

A essa altura, todos aqueles homens adultos estavam fora de si de tanto medo. O que poderia estar acontecendo? A culpa que sentiam aumentava sua ansiedade. A culpa não resolvida *sempre* faz isso. *Deve ser por causa do dinheiro*, pensaram. E tentaram dar explicações atropeladas ao servo bilíngüe do primeiro-ministro.

William Shakespeare escreveu em *Rei Henrique VI*: "A suspeita sempre persegue a mente culpada".[1] Se você estiver se sentindo culpado por causa de algum erro cometido, tudo o que acontece começa a encaixar-se nisso, causando apreensão e suspeita. *Eles vão descobrir.*

Note o que os irmãos de José temiam: "Ele pode achar ocasião para acusar-nos e atacar-nos, escravizando-nos". Eles haviam vendido o próprio irmão como escravo e agora temiam que acontecesse o mesmo com eles. Paralisados pela culpa, tinham medo do *pior*, quando José, dominado pela graça, planejava *o melhor.*

A culpa nos leva a fazer coisas estranhas às vezes. Lembro-me de ter lido uma carta enviada ao Departamento da Receita dos EUA. "Prezado Senhor", começava ela: "Não tenho conseguido dormir porque no ano passado, quando preenchi minha declaração de Imposto de Renda, deliberadamente declarei o valor errado da minha renda. Estou incluindo um cheque

de 150 dólares." Veio depois a linha final: "Se mesmo assim não conseguir dormir, enviarei o restante". Essa é uma resposta parcial para a culpa não resolvida.

O dr. Paul Tournier, um médico experiente e sábio nos caminhos da fé, escreveu um livro inteiro sobre *Culpa e Graça* e incluiu nele estes pensamentos perspicazes a respeito dos sentimentos de culpa:

> O público geralmente não compreende quanto tormento a maioria dos médicos sofre, nem como se preocupam com um caso; estão em perpétuo alerta: será que esqueci algum ponto útil no meu exame? Cometi um erro de diagnóstico? Existe algum método eficaz de tratamento que eu não conheça ou no qual não pensei? Ficam remoendo isso até o ponto da obsessão. O mesmo se dá com os pais de uma criança vítima de um acidente. As perguntas povoam a mente deles. Pesam as circunstâncias do acontecido para ver o que poderiam ter evitado. Lembram-se de algum pequeno fato que poderiam ter tomado como pressentimento, mas com o qual não se preocuparam. Pode parecer brutal dizer isto, mas não existe túmulo junto ao qual uma torrente de sentimentos culpados não assalte a mente.[2]

Qualquer pessoa que tenha lidado tanto com a morte, como ocorre com um pastor, teria de concordar que Tournier tem razão. Ao lado do túmulo você quase sempre vê a expressão de culpa no semblante dos enlutados. Eu poderia ter feito mais? Fiz muito pouco? Essa decisão foi certa? Se tivesse feito algo de outro jeito, ele teria vivido mais tempo? Sofrido menos? Apesar de os irmãos de José não viverem essa sensação de culpa ao lado da sepultura, eles, agora adultos, lutam com conflitos.

A culpa sempre nos assedia. Foi o que ela certamente fez com esses homens. Embora diante de um servo do Egito de

quem nem sequer sabiam o nome, de fala macia, a quem na verdade nunca tinham visto antes na vida, eles despejaram sua confissão.

"Não sabemos como o dinheiro voltou aos nossos sacos da primeira vez, mas ei-lo aqui. Nós trouxemos tudo de volta. Também trouxemos mais dinheiro para comprar novos mantimentos. É por isso que estamos aqui...para comprar comida."

Resposta Calmante

> Ele disse: Paz seja convosco, não temais; o vosso Deus, e o Deus de vosso pai, vos deu tesouro nos vossos sacos; o vosso dinheiro me chegou a mim. E lhes trouxe fora a Simeão.
>
> Gênesis 43:23

Gosto da resposta afirmativa do despenseiro: "Paz seja convosco". A Bíblia hebraica diz simplesmente "Shalom". O despenseiro, que conhecia o idioma deles, usou o termo para *paz*. Ele disse, com efeito: "Shalom, homens, estejam em paz. Acalmem-se. Não tenham medo". E então esse egípcio até deu testemunho a eles sobre o seu Deus. "O Deus de vocês é que colocou o tesouro nos seus sacos. Ninguém pensa que o roubaram. Sei o que aconteceu. Fui eu que o coloquei ali. Eu recebi o seu dinheiro. Foi um presente de Eloim, o Deus de seu pai."

Eles estavam em agonia, esperando o que ainda viria. Em vez disso, o despenseiro disse: "Shalom! Eloim agiu novamente". Que censura! E, a propósito, que surpresa interessante ver que esse despenseiro egípcio tinha sólidas noções de teologia. Sem dúvida, um resultado da influência de José no decorrer dos anos. Ele personifica o que consideramos no capítulo anterior a perspectiva vertical.

Os irmãos de José jamais pensaram em associar a devolução do dinheiro com a graça abundante de Deus. Por quê? Porque

a *culpa* os impedira de ver a mão graciosa de Deus na vida deles. (A culpa sempre faz isso!) Contudo, o favor imerecido de Deus viera com fartura sobre eles: cereal em abundância, dinheiro em abundância. E agora seu irmão Simeão lhes é devolvido, sadio e inteiro. Misericórdia em abundância.

JOSÉ E OS IRMÃOS AGRADECIDOS

> Depois levou o mordomo aqueles homens à casa de José, e lhes deu água, e eles lavaram os pés; também deu ração aos seus jumentos. Então prepararam o presente, para quando José viesse ao meio-dia; pois ouviram que ali haviam de comer.
>
> Gênesis 43:24-25

Essa estranha situação tornou os filhos de Jacó realmente confusos. Eles haviam chegado com dinheiro e presentes, esperando comprar a boa vontade do primeiro-ministro egípcio. Mais importante, haviam levado Benjamim, como o homem exigira. Mas, em vez de serem interrogados sobre essas coisas, haviam sido levados à casa do primeiro-ministro para uma festa, onde lhes foi permitido refrescar-se, aprender um pouco de teologia com um despenseiro egípcio e depois se reunirem com Simeão.

Reunião Restabelecida

> Chegando José a casa, trouxeram-lhe para dentro o presente que tinham em mãos; e prostraram-se perante ele até à terra. Ele lhes perguntou pelo seu bem-estar, e disse: Vosso pai, o ancião de quem me falastes, vai bem? ainda vive? Responderam: Vai bem o teu servo, nosso pai vive ainda; e abaixaram a cabeça e prostraram-se.
>
> Gênesis 43:26-28

De repente, o primeiro-ministro entrou em cena. Eles se apressaram em entregar os presentes. Mas ele não estava nem zangado nem ríspido. Não ficou andando de um lado para outro, respirando ameaças nem exigindo ver Benjamim. De fato, parecia muito satisfeito em vê-los novamente. Quase de imediato perguntou pelo pai. Ele ainda estava vivo? Estava bem?

"Sim, continua vivo", responderam. "Tem mais de cem anos agora, mas goza boa saúde."

Apesar do bom humor do ministro, seu interesse e solicitude sinceros, eles permaneceram constrangidos e ansiosos, sem saber o que esperar desse homem poderoso.

Aconteceu então um daqueles raros momentos que, como mencionei no início do capítulo, são difíceis de descrever:

> Levantando José os olhos, viu a Benjamim, seu irmão, filho de sua mãe, e disse: É este o vosso irmão mais novo de quem me falastes? E acrescentou: Deus te conceda graça, meu filho.
>
> Gênesis 43:29

Emoções à Flor da Pele

Temos aqui uma das frases mais eloqüentes da Escritura: "Levantando José os olhos, viu a Benjamim, seu irmão".

José levantou os olhos e viu seu irmão de sangue pela primeira vez depois de 20 anos. "Viu a Benjamim, filho de sua mãe". O único irmão com quem era totalmente aparentado – mesmo pai, mesma mãe. Os outros eram apenas meio-irmãos, mas Benjamim era irmão consangüíneo, sua única ligação direta com a mãe, Raquel.

José ficou ali, com lágrimas ameaçando brotar nos olhos escuros, enquanto contemplava aquele rosto amado. "É este o vosso irmão mais novo, de quem me falastes?", perguntou ele, tentando manter a compostura.

"É, este é Benjamim."

José disse então com ternura: "Deus te conceda graça, meu filho".

De súbito, o coração desse grande homem, desse forte e eficiente primeiro-ministro de uma poderosa nação, abateu-se. Como todos nós, os grandes homens e mulheres passam por momentos na vida em que não conseguem mais reprimir as emoções. A compostura nos abandona e os sentimentos tomam o controle. Isso aconteceu com José naquele longo e esperado momento. É nessas ocasiões sagradas que as palavras nos faltam. Quase sempre é preciso ficar sozinho para recuperar a calma. José fez isso.

> José se apressou e procurou onde chorar, porque se movera no seu íntimo, para com seu irmão; entrou na câmara, e chorou ali.
> Gênesis 43:30

Pode imaginar a cena? De uma hora para outra, o líder de milhões de pessoas, bronzeado e belo, correu para o quarto e caiu em prantos. Todos aqueles anos passaram pela sua mente. Toda a solidão. Toda a perda. Todas as datas e aniversários e ocasiões importantes sem a sua família. Não se pôde conter, como um rio caudaloso desaguando num lago, transbordando por sobre o dique. Suas lágrimas correram e seu corpo foi sacudido por soluços. Naquele instante, voltou a ser um menininho que sentia falta do pai.

Meus pensamentos vão para outros grandes homens da Bíblia que às vezes foram vencidos por suas emoções.

Davi, quando perdeu seu precioso filho Absalão, sofria enquanto bradava: "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (2 Sm 18:33).

Jó, que perdeu tudo, até os filhos e a saúde, clamou a Deus: "Pereça o dia em que nasci e a noite que se disse: Foi concebido um homem!...Por que não morri eu na madre?" (Jó 3:3,11).

Elias, depois da grande vitória contra os profetas de Baal no Monte Carmelo, foi ameaçado por Jezabel de que seria morto dentro de 24 horas. "Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte, e disse: Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais" (1 Rs 19:4).

Houve ocasiões em que até mesmo os gigantes da fé explodiram emocionalmente diante de Deus.

Pense mais detidamente em nosso grande ancestral espiritual, Moisés. Ele havia andado quilômetros e quilômetros pelo árido deserto, guiando os hebreus para a Terra Prometida. Embora Deus os tivesse tirado milagrosamente e em segurança do Egito, o povo começou a queixar-se desde o momento em que atravessou o mar Vermelho. Estavam cansados do calor que nunca diminuía. Cansados da comida que tinha sempre o mesmo gosto. Cansados da água com sabor desagradável. Cansados da areia, do cascalho e do deserto sem fim. Queriam o Egito com todo o seu conforto. Queixas de toda sorte. Resmungos constantes. Problemas. Problemas. Problemas.

De repente numa explosão de nervos, Moisés lhes disse: "Basta! Para mim chega!".

> Disse Moisés ao SENHOR: Por que fizeste mal a teu servo, e por que não achei favor aos teus olhos, visto que puseste sobre mim a carga de todo este povo? Concebi eu porventura todo este povo? Dei-o eu à luz para que me digas: Leva-o ao teu colo, como a ama leva a criança que mama, à terra que, sob juramento, prometeste a seus pais? Donde teria eu carne para dar a todo este povo? Pois choram diante de mim, dizendo: Dá-nos carne

> que possamos comer. Eu sozinho não posso levar a todo este povo, pois me é pesado demais. Se assim me tratas, mata-me de uma vez, eu te peço, se tenho achado favor aos teus olhos; e não me deixes ver a minha miséria.
>
> Números 11:11-15

Se quiser ver o pleno efeito da emoção de Moisés, volte e leia a passagem em voz alta, com sentimento. *Imagine!* Ele está falando com o Senhor Deus aqui, o Todo-Poderoso, o próprio *El Shaddai*.

"Será que concebi todo este povo? Por que tenho de cuidar deles como se fossem criancinhas? Onde vou conseguir carne para todo mundo? Eles ficam choramingando, dizendo que querem carne! Não agüento mais! Mate-me, Senhor. Tire-me daqui...livre-me da minha miséria!"

É assim que se fala com Deus? Seria de pensar que o Senhor o atingiria na mesma hora com uma carga completa de relâmpagos e trovões do Sinai. Mas não fez isso.

Tenho um amigo que perdeu um filho. O menino afogou-se na piscina do vizinho. Meu amigo e a esposa, depois que o luto público terminara, continuaram a sofrer no íntimo. "Até hoje", lembro-me de ele ter dito, "há ocasiões em que temos de sufocar nossos sentimentos".

"Logo depois do afogamento", disse ele, "entrei no carro e dirigi vários quilômetros pela estrada de Los Angeles. Enquanto isso, vociferei coisas que jamais pronunciaria fora daquele carro. Não havia ninguém comigo e apenas extravasei todos os meus sentimentos. Tristeza e amargura, ira e confusão, descarreguei tudo. Depois de mais de duas horas, voltei para casa, entrei pelo portão e desliguei o motor, com os olhos e o rosto ainda úmidos de lágrimas. Encostei a cabeça no volante, completamente exausto. Depois, fui subitamente tomado pelo pensamento: *Deus pode tratar disso.*"

Sabe qual é a melhor parte? Deus jamais vai denunciar você. Não é ótimo? Não é um alívio saber que o Senhor Deus jamais se levantará na igreja para dizer: "Estou aqui para contar o que ela me disse na última quinta-feira de manhã!".

Houve ocasiões em minha vida em que tive dúvidas quando tropecei em grandes crateras que apareceram em meu mundo. Houve vezes em que me deitei na cama e chorei, clamando a Deus do mesmo modo que você. A vida é assim, especialmente quando se decide ser verdadeiro, em vez de proteger a própria imagem. É consolador compreender que estamos em boa companhia em momentos assim, não é?

José era reconhecidamente um homem grande e poderoso, mas era também um ser humano real com emoções humanas reais, que podia desviar-se do caminho do poder e ter a coragem de chorar copiosamente.

Esse resoluto e competente primeiro-ministro do Egito deixou-se então vencer pela emoção ao ver seu irmão mais moço pela primeira vez em tantos anos. O registro diz: "Entrou na câmara, e chorou ali". Uma cena assim tão íntima desafia novamente a descrição detalhada.

A seguir, ele prossegue com as palavras: "lavou o rosto", voltou a controlar-se e reuniu-se novamente aos irmãos, mandando os criados "servirem a refeição". Gosto muito da cena seguinte.

Amizade restaurada

> Serviram-lhe a ele à parte, e a eles também à parte, e à parte aos egípcios que comiam com ele; porque aos egípcios não lhes era lícito comer pão com os hebreus, porquanto é isso abominação para os egípcios.
>
> Gênesis 43:32

Depois daquele momento tão comovente, há quase um pouco de humor, um pequeno alívio cômico, nessa cena. José comia sozinho, os irmãos comiam sozinhos, e os outros egípcios também. Todas essas pessoas se assentaram para comer no mesmo lugar, mas em mesas separadas.

Os egípcios não suportavam comer com os hebreus. A nota de estudo da NVI diz: "A proibição se baseava provavelmente em motivos rituais ou religiosos" e se refere a Êxodo 8:26, em que Moisés diz a Faraó: "Os sacrifícios que oferecemos ao Senhor nosso Deus seriam abomináveis aos egípcios" (Tradução livre da NIV). Isso ajuda a explicar por que eles se sentaram em mesas separadas.

> E assentaram-se diante dele, o primogênito segundo a sua primogenitura, e o mais novo segundo a sua menoridade; disto os homens se maravilhavam entre si. Então lhes apresentou as porções que estavam diante dele; a porção de Benjamim era cinco vezes mais do que a de qualquer deles. E eles beberam, e se regalaram com ele.
>
> Gênesis 43:33-34

O autor e erudito, Henry Morris, explica a razão que está atrás do espanto deles.

> Depois de terem ocupado seus lugares à mesa, os onze irmãos perceberam algo notável. Eles haviam sido acomodados por ordem de idade, do mais velho até o mais moço. Se isso fosse uma simples coincidência, era de fato maravilhoso. É possível mostrar facilmente... que existem nada menos que 39 917 000 diferentes ordens em que onze indivíduos poderiam sentar-se!... Este homem evidentemente sabia muito mais sobre a família deles do que pensavam ou, quem sabe, ele tinha algum tipo de poder sobrenatural. Não sabiam a resposta e só podiam conjecturar a respeito.[3]

Os irmãos de José ficaram atônitos com a maneira como eram tratados. Eles esperavam que muitas coisas pudessem acontecer-lhes, até mesmo a possibilidade de serem mortos, mas certamente não isso. Ali se achavam agora, sentados de acordo com a idade, jantando com o primeiro-ministro. E que banquete! Comeram saladas frescas, carne de primeira, batatas recheadas, broas de milho, ervilhas e grandes copos de chá gelado (se o Egito se parecesse com o Texas)! Além disso, o primeiro-ministro ofereceu-lhes mais comida da sua mesa.

Curiosamente, Benjamim recebeu porções cinco vezes maiores do que as dos outros homens...tais como, cinco bifes enormes, cinco porções grandes de ervilha, cinco batatas assadas gigantes, cinco broas de milho, cinco grandes copos de chá! Aqueles hebreus famintos devem ter pensado que haviam morrido e estavam na glória. O próprio Benjamim deve ter pensado: *Sei que sou magro, mas isso é ridículo. O que está havendo aqui?*

A essa altura José se achava completamente absorto em seus pensamentos. *Este é Benjamim! Meu irmão!* Sentia-se tão extasiado, tão alegre, que continuou despejando comida. Parece algo que um irmão mais velho faria por outro que há tempos não via, não é? Especialmente quando o mais velho está repleto de perdão e graça!

É surpreendente como os atos de graça de José libertaram todos ao redor das mesas. No início havia sentimentos de ansiedade e medo, enquanto a culpa os prendia em suas garras. O medo deles não tinha limites ao retornarem ao Egito, uma vez que não sabiam o que os aguardava.

Em pouco tempo, porém, se viram tratados com bondade, sentados ao redor de uma mesa repleta de alimentos e, acima de tudo, à vontade na agradável presença da realeza. Que alí-

vio! Ou melhor, que graça! Eles eram recipientes de favor que não haviam adquirido e de bondade que não mereciam. Receberam fartas provisões que nunca poderiam retribuir. Alguém ficaria surpreso por estarem atônitos e não mais com medo? O medo fora substituído pela graça. Por quê? Uma razão – José. Esse grande homem, embora ainda não soubessem que era seu irmão, decidiu perdoar-lhes os maus-tratos e demonstrar grande graça. Em vez de lembrá-los dos seus erros e forçá-los a pagar pela crueldade e pelas injustiças passadas, ele lhes mostrou favor extremo, incomensurável. Essa reunião foi realmente um banquete de graça – à plena luz – graças a José, homem íntegro e indulgente.

UMA ANALOGIA SIMPLES, MAS MUITO PESSOAL

A vida de José nos oferece uma ilustração magnífica da graça de Deus, quando ele veio em nosso socorro na pessoa de seu Filho, Jesus. Tantos se achegam a ele, como os irmãos culpados de José, sentindo a distância e temendo o pior de Deus, e acabam vendo-o demonstrar incrível generosidade e misericórdia. Em vez de sermos condenados, somos perdoados. Em vez de sentir culpa, somos libertados. E em vez de experimentar o castigo, que certamente merecemos, somos posicionados à sua mesa e nos é servido mais do que podemos comer.

Para alguns, isso é irreal demais. Em desespero, então, advogamos a nossa causa, só para vê-lo falar bondosamente conosco – prometendo-nos paz em nossa própria língua. Procuramos desviar a sua ira, tentando negociar com ele, pensando que nosso trabalho árduo e nossos esforços sinceros pagarão por todas aquelas obras más de que somos culpados. Para nossa surpresa, ele nem sequer considerou nossas tentativas suficientemente importantes para serem mencionadas. O que tínhamos em

mente era ganhar apenas o bastante para silenciar a nossa culpa, mas o que ele tinha em mente era suprir-nos com abundância tamanha à qual jamais poderíamos retribuir.

Que belíssimo retrato de Cristo na cruz, carregando os pecados que cometemos, perdoando-nos durante o processo. Não é surpreendente? Aquele que foi rejeitado é o mesmo que se esforça para reunir-nos a ele.

> Por isso o SENHOR espera para ter misericórdia de vós, e se detém para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam.
>
> Isaías 30:18

Você anseia por ele? Tenho boas notícias! De um modo ainda maior – maior do que poderia imaginar – ele anseia ser gracioso com você. Ofereceu-lhe tudo o que almeja. A mesa está posta e ele está sorrindo, esperando que tome o seu lugar e aproveite a festa que preparou tendo você em mente. Sente-se – a graça está sendo servida.

Frederick Buechner escreve:

> Depois de séculos de manipulação e de interpretações erradas... a maioria das palavras religiosas se tornaram tão banais que quase ninguém mais se interessa por elas. O mesmo não acontece com a palavra *graça,* por alguma razão. Misteriosamente, até mesmo palavras como *bondoso* e *gracioso* mantêm ainda um pouco do seu perfume.
>
> Graça é algo que você nunca pode adquirir, apenas receber. Não é possível ganhá-la, merecê-la ou produzi-la mais do que você merece saborear morangos com creme, ou obter boa aparência, ou realizar seu próprio nascimento...
>
> Uma excentricidade essencial da fé cristã é a afirmação de que as pessoas são salvas pela graça. Não há nada que *você* tenha de

fazer. Não há nada que você *tenha* de fazer. Não há nada que você tenha de *fazer*...
Só existe um problema. Como qualquer outro dom, a graça só pode ser sua se estender a mão e recebê-la.
Talvez poder estender a mão e recebê-la seja também um dom.[4]

CAPÍTULO NOVE

"Eu sou José!"

Por que José foi considerado grande? Por que o Espírito de Deus pairou sobre sua vida mais do que sobre a de qualquer outra pessoa no livro de Gênesis, *até mesmo de Abraão?* O que havia em José que levou o Senhor a dizer a Moisés, escritor do Pentateuco, algo como: "Faça um registro cuidadoso da vida deste homem para que as futuras gerações possam passar bastante tempo com ele"?

José não era certamente um super-homem. Era simplesmente um homem. Ele jamais andou sobre as águas. Não possuía um halo. Nunca realizou nenhum milagre. Com certeza não esteve livre de problemas. Não era também nenhum santo de gesso, puro ou intocável. Com a ajuda do Senhor e pela sua própria admissão, ele interpretou alguns sonhos, mas não fez profecias assustadoras. Pelo que podemos determinar, nunca escreveu nenhuma Escritura sagrada.

Por que, então, José foi tão importante? Ele foi importante por causa da sua fé em Deus, que se manifestou em uma atitu-

de magnânima em relação a outros e da sua atitude magnífica diante das dificuldades. Uma fé sólida leva a uma boa atitude. Quando esses dois elementos essenciais estão presentes, os problemas se tornam desafios para enfrentar, e não razões para desistir.

Elbert Hubbard, um escritor norte-americano do início do século, escreveu certa vez: "A prova final da grandeza está em poder suportar o tratamento insolente sem ressentimento". José passou nesse teste com facilidade.

Ao voltarmos à sua história, deparamos com um incidente aparentemente rotineiro. De fato, Martinho Lutero teve dificuldades com Gênesis 44 e certa vez se perguntou por que o Espírito de Deus investiu tempo nesses 34 versículos triviais e os preservou. Por quê? A verdade é que nos detalhes triviais e mundanos da vida é que a nossa atitude é testada ao máximo. A maior parte da vida não é "superfantástica"! Grande parte dela está só um pouco acima do trivial – apenas uma variedade simples, comum, nada de especial.

José sabia disso. Ele vira a sua atitude testada em lugares altos e baixos, em cenas significativas e dramáticas e nas garras do profundo desespero. Seu maior teste, porém, talvez tenha ocorrido no longo período de espera. Queria ver nos irmãos algo da mesma atitude que Deus colocara nele – uma fé poderosa no Senhor e uma reação positiva para com outros. Mas os irmãos não haviam ainda apresentado muita evidência de que compartilhavam da perspectiva de José. Ele preparou então um exame final em duas partes para os irmãos.

O TESTE: PRATA NO SACO

> Deu José esta ordem ao mordomo de sua casa: Enche de mantimento os sacos destes homens, quanto puderem levar, e põe o dinheiro de cada um na boca do saco. O meu copo de prata pô-lo-ás na boca do saco do mais novo, com o dinheiro do seu cereal. E assim se fez segundo José dissera.
>
> Gênesis 44:1-2

Como fizera na primeira visita deles ao Egito, José ordenou que os mantimentos fossem colocados nos sacos dos irmãos e que mais uma vez o dinheiro de cada homem fosse posto na parte de cima do saco. Além disso, José mandou colocar o seu copo de prata na boca do saco de Benjamim. Em seguida, José ordenou ao mordomo:

> Levanta-te e segue após esses homens; e, alcançando-os, lhes dirás: Por que pagastes mal por bem? Não é este o copo em que bebe meu senhor? e por meio do qual faz as suas adivinhações? procedestes mal no que fizestes.
>
> Gênesis 44:4-5

Os filhos de Jacó não estavam longe da cidade quando olharam para trás e viram o mordomo do primeiro-ministro surpreendê-los. Ao alcançá-los, ele os acusou de terem roubado o líder egípcio. "Como puderam usar de tanta falsidade, depois de terem sido tão bem-tratados?"

"Jamais faríamos uma coisa dessas", responderam os irmãos. "Tudo o que temos nos sacos nos foi dado. Viemos buscar cereal. Estamos levando cereal. Se puder encontrar mais alguma coisa além disso, seremos seus escravos. De fato, pode matar o culpado." Eles estavam absolutamente seguros da sua inocência.

Não hesitaram em permitir que o mordomo examinasse os sacos de mantimentos, começando com Rúben, o mais velho. Mas que surpresa: quando o mordomo chegou ao mais moço, encontrou o copo de prata no saco de Benjamim!

Dizer que os irmãos ficaram atônitos é pouco. Eles sabiam que não haviam pegado o copo. Como fora parar no saco de Benjamim? Quando a enormidade das implicações dessa evidência circunstancial se concretizou para eles, passaram de atônitos a aflitos. Em sua angústia, "rasgaram as suas vestes" (Gn 44:13).

Evidentemente, eles tiveram de voltar à cidade com o mordomo e logo foram conduzidos à presença do primeiro-ministro. Judá então se pronunciou.

> Então disse Judá: Que responderemos a meu senhor? que falaremos? e como nos justificaremos? Achou Deus a iniqüidade de teus servos; eis que somos escravos de meu senhor, tanto nós como aquele em cuja mão se achou o copo.
>
> Gênesis 44:16

Esta confissão de Judá foi surpreendente. Mas era exatamente isso que José esperava; foi por isso que fizera o teste final. Eles passaram na prova. De fato, todos os irmãos tiraram nota dez na primeira parte do teste.

Ao falar por seus irmãos, Judá não tentou justificar a si mesmo nem aos outros, nem tentou transferir a culpa para Benjamim. Ao contrário do que haviam feito no passado, eles não se voltaram contra Benjamim nem o rejeitaram, como tinham feito com José havia tantos anos. Judá afirmou, em termos decisivos, que todos eram culpados.

Em vista do histórico deles, essa foi uma admissão espantosa. Uma verdadeira mudança se iniciara em sua atitude. Pense no fato de essas palavras estarem saindo da boca de *Judá*!

José queria saber se os irmãos sabiam ler a mão de Deus na vida diária, até mesmo nas coisas que pareciam injustas. Até no infortúnio e na morte. Ele queria ver se o alvo vertical deles era

claro. Ouviu então essa confissão da boca de Judá, que responsabilizou a todos eles. "Diante de Deus fomos descobertos. Somos culpados! Nossa iniqüidade foi achada."

Creio que nessa confissão Judá estava na verdade retrocedendo 20 anos e se referia àqueles dias em que não só haviam odiado o irmão José, mas se voltaram contra ele e o venderam como escravo. Não fosse por Rúben, eles o teriam assassinado. Isso perseguia agora aqueles homens. Judá começara a compreender que Deus não se esquecia de uma ofensa em que não houvesse arrependimento.

A BARGANHA: IRMÃO POR IRMÃO

José disse então:

> Longe de mim que eu tal faça; o homem em cuja mão foi achado o copo, esse será meu servo; vós, no entanto, subi em paz para vosso pai.
>
> Gênesis 44:17

Essa foi a segunda parte do teste final de José. Na primeira houve o teste vertical. Seus irmãos haviam chegado a ponto de ler a mão de Deus por meio de sua vida diária? Sim. Eles demonstraram isso na sua atitude. Em seguida veio o teste horizontal. A quem escolheriam, a si mesmos ou a Benjamim? Teria acontecido alguma mudança no coração deles no correr dos anos?

José disse então: "Nunca castigaria a todos pelo crime de um só. O copo foi achado entre os pertences de seu irmão mais novo, portanto, é ele quem será castigado. Perderá a liberdade e se tornará meu escravo. Os outros podem ir em paz. Podem voltar a seu pai".

Depois desse pronunciamento vem um discurso notável que, nas palavras de Leupold, um estudioso alemão respeitado, "se destaca sem paralelos" no Antigo Testamento.

> Então Judá se aproximou dele, e disse: Ah! senhor meu, rogo-te, permite que teu servo diga uma palavra aos ouvidos de meu senhor, e não se acenda a tua ira contra o teu servo; porque tu és como o próprio Faraó. Meu senhor perguntou a seus servos: Tendes pai, ou irmão? E respondemos a meu senhor: Temos pai já velho e um filho da sua velhice, o mais novo, cujo irmão é morto; e só ele ficou de sua mãe, e seu pai o ama. Então disseste a teus servos: Trazei-mo, para que ponha os olhos sobre ele. Respondemos ao meu senhor: O moço não pode deixar o pai; se deixar o pai, este morrerá. Então disseste a teus servos: Se vosso irmão mais novo não descer convosco, nunca mais me vereis o rosto. Tendo nós subido a teu servo, meu pai, e a ele repetido as palavras de meu senhor, disse nosso pai: Voltai, comprai-nos um pouco de mantimento. Nós respondemos: Não podemos descer; mas se nosso irmão mais moço for conosco, desceremos; pois não podemos ver a face do homem, se este nosso irmão mais moço não estiver conosco. Então nos disse teu servo, nosso pai: Sabeis que minha mulher me deu dois filhos; um se ausentou de mim, e eu disse: Certamente foi despedaçado, e até agora não mais o vi; se agora também tirardes este da minha presença, e lhe acontecer algum desastre, fareis descer as minhas cãs com pesar à sepultura. Agora, pois, indo eu a teu servo, meu pai, e não indo o moço conosco, visto a sua alma estar ligada com a alma dele, vendo ele que o moço não está conosco, morrerá; e teus servos farão descer as cãs de teu servo, nosso pai, com tristeza à sepultura. Porque teu servo se deu por fiador por este moço para com o meu pai, dizendo: Se eu o não tornar a trazer-te, serei culpado para com meu pai todos os dias. Agora, pois, fique teu servo em lugar do moço por servo de meu senhor, e o moço que suba com seus irmãos. Por que como subirei eu a meu pai, se o moço não for comigo? para que não veja eu o mal que a meu pai sobrevirá.
>
> Gênesis 44:18-34

Está vendo quem diz isso? É *Judá* novamente. Essas palavras "insuperáveis" foram ditas pelo mesmo homem que, 20 anos antes, propôs sem remorso: "Aí vem José, o sonhador. Vamos matá-lo e dizer que um animal feroz o devorou". Logo depois dessa proposta feita a sangue-frio, ele ponderou: "O que ganharemos se matarmos nosso irmão e escondermos seu sangue? Em vez disso vamos vendê-lo aos mercadores de escravos".

No entanto, ali estava ele, suplicando a favor do irmão mais moço. Além disso, suplicava também pelo pai.

Alguns anos antes, Judá não se importaria com o que o pai pensasse, uma vez que ele sempre mostrara favoritismo com os filhos de Raquel. De fato, a violência e crueldade que Judá e seus irmãos perpetraram contra José foi um ato indireto de maldade contra o pai.

Agora, entretanto, esse mesmo homem apresenta uma atitude sacrificial. "Fique comigo no lugar dele, mas mande Benjamim de volta para casa. Não posso suportar que esse mal sobrevenha a meu pai." Não, não é mais o mesmo homem; ele mudou.

Não há dúvidas. Judá e seus irmãos estavam-se tornando homens diferentes e José reconheceu isso. O arrependimento fizera a sua obra. Eles haviam passado em ambas as partes do teste. Creio que isso explica por que José decidiu tirar nesse momento sua máscara secreta.

A REVELAÇÃO: A IDENTIDADE DO LÍDER

A passagem que se segue representa um dos maiores momentos de todo o Antigo Testamento – o clímax de uma história que prendeu nossa atenção por horas.

> Então José, não se podendo conter diante de todos os que estavam com ele, bradou: Fazei sair a todos da minha presença; e ninguém ficou com ele, quando José se deu a conhecer a seus irmãos. E levantou a voz em choro, de maneira que os egípcios o ouviam, e também a casa de Faraó. E disse a seus irmãos: Eu sou José; vive ainda meu pai? E seus irmãos não lhe puderam responder, porque ficaram atemorizados perante ele.
>
> Gênesis 45:1-3

José mandou sair todos os egípcios, todos os mordomos, servos e escravos. Só os 11 irmãos ficaram, e tremiam diante dele. *O que vai acontecer agora?,* indagavam-se. *O que ele vai fazer conosco?*

De repente viram o oficial egípcio – o segundo mais importante depois de Faraó – irromper em lágrimas. Não eram apenas lágrimas silenciosas correndo pelo rosto. Sua emoção foi tão grande que até os que estavam fora do aposento a ouviram e começaram a contar a outros na casa de Faraó o que acontecia.

Palavras surpreendentes se seguiram imediatamente às lágrimas: "Eu sou José!", disse o primeiro-ministro. "Vive ainda o meu pai?"

Ele quebrou o silêncio tanto em palavras quanto no idioma, pois lhes falou pela primeira vez em hebraico. "*AAA-NEE YO-SAPHE!*", "Eu sou José."

Os irmãos "ficaram atemorizados perante ele". Isso é brando demais! Eles ficaram atônitos. Mudos. Aterrorizados! Começaram a tremer. *Será que se tratava de uma armadilha diabólica?*

> Disse José a seus irmãos: Agora, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então disse: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito.
>
> Gênesis 45:4

Enquanto ficavam ali tremendo, ele disse: "Chegai-vos a mim".

O verbo hebreu aqui, *nah-gash,* não se refere só à proximidade espacial, mas à intimidade. É um verbo usado ocasionalmente para aproximar-se com o propósito de abraçar ou beijar alguém. Não é o verbo hebraico comum usado simplesmente para aproximar-se ou andar junto. A NVI o traduz: "Venham para mais perto de mim" (tradução livre). Penso que essa passagem talvez indique que José desejava que os irmãos observassem seu rosto "de perto". Isso forneceria a evidência final de que ele era de fato um dos 12 – não uma autoridade egípcia, mas carne e sangue deles.

Essa foi a última gota! O que eles achavam impossível crer anteriormente, obrigou-os a aceitar as palavras dele mediante essa prova. Com certeza ficaram boquiabertos naquele momento. Ele acabara de revelar o segredo mais bem guardado em Canaã. Evidentemente nenhum dos irmãos contara a ninguém o que acontecera naquele dia, nos campos perto de Dotã. Como esse homem saberia a verdade se ele não fosse o José há tanto tempo perdido? Fixaram nele os olhos, sem piscar, enquanto ele confirmava: "*Sou José*, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito".

Esse é outro daqueles momentos impossíveis de descrever. As palavras não podem definir adequadamente a cena.

Há alguns anos, um filme feito para televisão chamado *A Promessa* contou a história de um rapaz e uma moça que na véspera de seu casamento sofreram um terrível acidente de carro no qual ambos ficaram gravemente feridos, e o rosto da noiva, horrivelmente desfigurado. Enquanto se recuperavam no hospital, em quartos separados, a mãe do jovem visitou a noiva do filho. Essa mulher cruel jamais desejara que o filho se casasse

com aquela moça e via então um meio de evitá-lo. Ela disse à moça ferida que pagaria por todas as cirurgias plásticas necessárias para restaurar seu rosto se prometesse desaparecer e nunca mais se aproximar do filho dela. Sofrendo, confusa, em meio a seu trauma e agonia, a mulher desfigurada e confusa concordou. Pouco depois, a mãe contou ao filho que a noiva morrera no acidente.

Anos depois, porém, mediante uma cadeia extraordinária de acontecimentos, o rapaz e a moça se encontraram. Uma vez que ele não mudara muito, ela o reconheceu de imediato. Apesar de ter tentado cumprir a promessa, as circunstâncias acabaram unindo gradualmente os dois, e aos poucos ele a reconheceu. Ele compreendeu que a mulher que amara tão profundamente, com um amor que ainda perdurava, estava de fato viva. Eles acabaram finalmente reunidos numa cena romântica de reconciliação.

Anos de separação foram esquecidos nesse belíssimo momento de descoberta e reconciliação. Qualquer pessoa que se tenha reencontrado com um amigo ou ente querido depois de longa separação sabe exatamente o que isso significa.

Há muitos anos, uma de nossas queridas noras, Debbie, captou as emoções de um momento assim nas seguintes palavras:

> Quando meus olhos o viram, eu queria correr para os seus braços e abraçar minhas lembranças esmaecidas em carne e osso. Mas o medo paralisou meus passos e fiquei ali, apertando desesperadamente as alças de minha bolsa como se elas fossem a única coisa que me mantivesse em pé.
> O cabelo tinha ficado grisalho e, enquanto observava seu rosto, as rugas pareciam mais profundas do que me lembrava. Os ombros se curvaram um pouco mais, e me perguntei se as mudanças internas teriam sido também grandes.

> Naquele momento encontrei seus olhos e minha ansiedade se dissolveu no azul quente deles. Comecei a chorar quando vi seu sorriso. Veja, não havia mudado, continuava o mesmo.
> Corri para seus braços e as lágrimas desceram pela minha face ao ouvir as palavras familiares: "Eu te amo".[1]

Se você conseguir ler Gênesis 45 sem se deixar envolver pela mesma viagem imaginária, não fez então justiça à biografia de José. Essas poucas palavras diretas: "Sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito" (v. 4), expressam o mar de emoções que envolveu os irmãos – uma delas, porém não a menor, era a culpa que ainda sentiam. Ele notou isso na fisionomia deles. As palavras que pronunciou em seguida revelam isso, enquanto demonstrava abundantemente, de novo, toda a sua graça.

A RESPOSTA: GRAÇA PARA OS CULPADOS

> Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Porque já houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem colheita. Deus me enviou adiante de vós para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito.
>
> Gênesis 45:5-8

Do ponto de vista humano, o indivíduo comum, quando defrontado com alguém que lhe fez algo muito sério, provavelmente franziria o cenho e exigiria: "Fique de joelhos e não se levante! Você pensa que sabe o que é humilhação, mas espere

até que eu acabe com você! Aguardei todos esses anos por esse momento!".

Mas José não fez isso. Ele era um homem convertido. Era um homem de Deus, o que significa que era um grande homem. Assim, com o braço do Senhor para apoiá-lo, ele pôde então fitar os olhos ansiosos dos irmãos e dizer, com toda a sinceridade: "Não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido como escravo. Não fostes vós que me enviastes para aqui, mas Deus. Ele me enviou adiante de vós para preservar a vida". Permita-me interromper por algum tempo o fluxo dos acontecimentos para perguntar: Ele operou da perspectiva vertical, ou de outra?

"Mas Deus!" Essas duas palavras mudam *tudo*.

José jamais poderia ter dito essas palavras de conforto se não tivesse perdoado completamente os irmãos. Você não pode abraçar sinceramente alguém se não o tiver perdoado por completo. José não via os irmãos como inimigos porque sua perspectiva tinha mudado. "Vocês não me enviaram para cá", disse ele: "Deus me enviou. E ele me enviou por uma razão: preservar a vida."

Gosto disso. Em termos atuais: "Homens, não foram vocês que decidiram; foi Deus. O meu soberano Senhor previu o futuro distante, viu as necessidades deste mundo e me escolheu como seu mensageiro pessoal para resolver o problema da fome que viria. Vocês pensaram que estavam me fazendo mal, mas eu lhes digo que foi Deus quem trabalhou nas suas intenções maldosas para preservar a vida".

E ele diz novamente: "Portanto, não foram vocês que me enviaram para cá, mas Deus". *Mas Deus!* Reforce isso. "Deus me enviou." José era um homem que orientava sua vida, continuamente, pela perspectiva divina.

Anos depois, José repetiria isso, quando mais uma vez seus irmãos se mostraram preocupados. Embora anos se tivessem passado, eles ainda se preocupavam com o que José lhes poderia fazer depois da morte do pai. A culpa gruda na lateral do barco, procurando apoio, muito depois de a graça ter entrado a bordo e assumido o comando. José repetiu então seu discurso anterior.

> Depois vieram também seus irmãos, prostraram-se diante dele, e disseram: Eis-nos aqui por teus servos. Respondeu-lhes José: Não temais; acaso estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida.
>
> Gênesis 50:18-20

Quanta generosidade da parte de José! Que atitude magnífica, guiada por Deus!

Não sei o que se passa em seu íntimo, as lembranças que o perseguem ou a dor com a qual vive por causa do mal que alguém provocou, mas conheço bem a humanidade e sei que a maioria das pessoas, em uma ou outra ocasião, foi maltratada por alguém. Quando isso acontece, seu horizonte se torna nebuloso. Você se lembra da manipulação. Lembra-se do tratamento injusto. Lembra-se do trauma perturbador, da rejeição. Você foi vítima do mal *deliberado* e agora não é possível negar – alguém o magoou intencionalmente.

José disse aos irmãos: "Intentaste o mal contra mim". Nada havia de bom nos motivos deles – e ele deixou isso bem claro.

"Porém Deus"! Foi aqui que José deu permissão para que sua teologia ofuscasse suas emoções humanas e as lembranças negativas. Uma excelente troca.

"Porém Deus o tornou em bem."

> Assim não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito. Apressai-vos, subi a meu pai e dizei-lhe: Assim manda dizer teu filho José: Deus me pôs por senhor em toda a terra do Egito; desce a mim, não te demores.
>
> Gênesis 45:8-9

Destaquemos essa linha: *"Deus me pôs por senhor em toda a terra do Egito"*.

"Deus me enviou para cá. Ele planejou tudo. Arranjou os acontecimentos de tal maneira que nada foi omitido. Durante o processo, irmãos, ele me transformou e me deu esta posição. Digam a meu pai que quero oferecer a vocês um lugar para viver perto de mim aqui no Egito."

> As palavras de José removem o véu da narrativa e permitem que o leitor veja o que está acontecendo nos bastidores. Não foram os irmãos que enviaram José ao Egito, mas Deus. Deus tinha um propósito para tudo. Vemos numerosas pistas durante a narrativa de que isso é verdade. Agora, no entanto, o personagem principal, aquele em última análise responsável por iniciar as tramas e subtramas das narrativas precedentes, revela os planos e propósito divinos por trás de tudo. José, que pôde discernir o plano divino nos sonhos de Faraó, conhecia também o plano divino de realizar um "grande livramento" (v.7). Ao descrever o cuidado de Deus com ele, José fez alusão à primeira pergunta dos irmãos relativa aos seus sonhos na adolescência. Eles haviam perguntado: "Reinarás, com efeito, sobre nós?" (37:8). Agora ele os lembrou de que fora feito "governador em toda a terra do Egito" (45:8).[2]

Além do seu perdão e segurança, ele "fez uma oferta irrecusável". Insistiu que voltassem e levassem o pai àquela terra, onde poderiam deixar para trás sua árida existência.

> Habitarás na terra de Gósen, e estarás perto de mim, tu, teus filhos, os filhos de teus filhos, os teus rebanhos, o teu gado e tudo quanto tens. Aí te sustentarei, porque ainda haverá cinco anos de fome; para que não te empobreças, tu e tua casa, e tudo o que tens. Eis que vedes por vós mesmos, e meu irmão Benjamim vê também, que sou eu mesmo quem vos fala. Anunciai a meu pai toda a minha glória no Egito, e tudo o que tendes visto; apressai-vos, e fazei descer meu pai para aqui.
>
> Gênesis 45:10-13

José disse: "Irmãos, senti uma mudança na sua vida. Vocês se preocupam com nosso pai e uns com os outros, o que nunca fizeram antes. Vocês se preocupam com Benjamim, mais até do que com a própria vida de vocês. Que mudança!". A atitude é crucial na vida do cristão. Podemos movimentar-nos como habitualmente no domingo, fazer nossas práticas religiosas, pôr uma Bíblia debaixo do braço e cantar os hinos de cor; todavia, continuamos mantendo ressentimentos contra as pessoas que agiram mal conosco. A nosso modo – e pode ser até com uma pequena manipulação religiosa – damos o troco. Mas esse não é o caminho de Deus. Ele nos mostra o caminho certo. Ele nos dá o exemplo de José, grande homem que era, misericordioso, bondoso, generoso e desprendido. José não terminara de mostrar quão profundamente se importava com eles. Veja a cena seguinte!

> E, lançando-se ao pescoço de Benjamim, seu irmão, chorou; e, abraçado com ele, chorou também Benjamim. José beijou a

todos os seus irmãos, e chorou sobre eles; depois seus irmãos falaram com ele.

Gênesis 45:14-15

Posso *imaginar* como "falaram com ele"! Tinham cerca de 25 anos de conversa acumulada. Estou certo de que a cada vez que os irmãos procuravam mencionar os seus erros, José os impedia. "Não vamos falar disso. Isso foi no passado, hoje é hoje. Deus tinha um plano e tudo cooperou para o nosso bem e a glória dele. É sobre essas coisas que vamos falar."

A VERDADE: LIÇÕES DA HISTÓRIA

John Henry Jowett, grande pregador já falecido, costumava dizer que um ministro não merece uma hora para pregar um sermão se não puder fazer isso em uma única frase. Permita então que lhe faça este sermão numa frase:

A grandeza é revelada principalmente em nossas atitudes.

Se você tem a impressão de que vai se tornar grande por causa de alguma habilidade que possui, mas mantém atitudes erradas, terá uma terrível surpresa. A grandeza surge nas atitudes suaves da humildade e do perdão com relação a seu semelhante. José põe diante de nós um exemplo magnânimo. Como José sabia perdoar, como era generosa a sua misericórdia!

Thomas Jefferson tinha razão ao dizer: "Quando o coração é reto, os pés são rápidos". Parte da razão pela qual demoramos tanto para aplicar a verdade de Deus está no fato de nosso coração não ser reto. Uma vez corrigido, passamos a ser servos velozes de Deus. As possibilidades de o coração desviar-se da retidão são muitas. Ele pode não ser reto com a pessoa que se divorciou de mim, ou com um Deus que levou meu cônjuge. Pode não ser reto com meu filho já crescido que se aproveitou

de mim. Com o pai que abusou de mim ou me negligenciou cuidados, com o pastor que me usou, com o professor que falhou comigo.

É preciso Deus para endireitar o coração. Quando tomo uma atitude errada, contemplo a vida com olhos humanos. Quando tomo a atitude certa, eu a observo da perspectiva divina. Essa é a verdadeira beleza da vida de José. Esse é o âmago da verdade que a vida dele representa. Ele era grande, principalmente pela sua atitude.

Lições específicas podem ser extraídas dessa única verdade. Permita-me oferecer pelo menos três para que reflita a respeito.

Primeira: *Quando, pela fé, eu puder ver o plano de Deus onde me encontro, minha atitude será reta.* Deus me enviou...Deus me enviou...Deus me enviou. Só quando puder relaxar e ver Deus em sua localização presente, você será útil para ele. Uma atitude teológica positiva fará maravilhas para a sua posição geográfica.

Segunda: *Quando eu puder, pela fé, sentir a mão de Deus em minha situação, minha atitude será reta.* Eu não começo o dia cerrando os dentes e perguntando: "Por que tenho de permanecer nessa situação?". Em vez disso, creio que ele me fez como sou e me colocou onde estou para fazer o que planejou que eu faça. Não espero que minha situação mude antes de me dedicar ao trabalho. Sugiro que você faça uma tentativa. Chamo isso de "florir onde foi plantado". Não há nada como uma atitude de gratidão para nos libertar.

Terceira: *Quando eu puder, pela fé, aceitar a localização e a situação como positivas, mesmo que tenha havido maldade no processo, minha atitude será reta.* Quando puder dizer com José: "Porém Deus o tornou em bem", eu me tornarei um troféu da graça.

Nosso Salvador não mais anda encarnado nesta terra, por isso somos chamados para mostrar sua imagem ao mundo que nos rodeia. Adotando sua atitude em nossa maneira de agir e falar, dizemos ao mundo: "Essa é a resposta certa ao tratamento errado. É isso que Jesus faria".

John Newton, que escreveu hinos belíssimos como "Coisas Gloriosas São Ditas de Ti" e "Preciosa Graça" (Hinário para o Culto Cristão, nº 314, Edição de Letras), escreveu também outro hino que raramente ouvimos, exceto nas igrejas rurais dos Estados Unidos (que gosto de visitar). É na verdade um hino sobre tomar a atitude certa.

Quão tediosas e insípidas as horas
quando não mais vejo Jesus!
Doces projetos, doces pássaros e doces flores,
Tudo perdeu sua doçura para mim:
O sol do verão brilha, mas seus raios já não aquecem,
e os campos se esforçam em vão para parecer alegres.
Quando estou porém feliz nele,
tudo volta ao antigo esplendor.[3]

Quando a sua atitude é correta, "tudo volta ao antigo esplendor"!

Não importa qual seja a estação do ano. Não importa onde você mora. As suas circunstâncias ou condições não importam tanto assim. Seus dias podem ser "tediosos ou insípidos". Não há problema. O que mais importa é a sua atitude. Não é preciso que o céu esteja limpo ou a noite fresca. Porque o seu coração é reto, seus pés são velozes. Foi assim que José venceu na cisterna e no pináculo. É assim que você vai vencer, independente da situação.

Seu coração é reto? Seus pés são velozes? Você está se afastando ou se aproximando das pessoas? Está comprometido com a

tarefa de curar ou de ferir? Está acrescentando pressão ou aliviando-a? Está promovendo alegria ou sufocando-a? Todas as estações do ano são agradáveis para você? O único caminho para sair da cisterna é o caminho dele. A única solução para a amargura é a sua graça.

É comum que a névoa causada pela carne nos impeça de enxergar o plano de Deus. O egoísmo empurra a mão dele porque queremos fazer a nossa vontade. Nossa localização e situação se tornam tarefas aborrecidas, e a vida acaba sendo um inverno estéril, frio, sem vida.

José nos mostra que o único meio de encontrar a felicidade na moenda da vida é por meio da *fé*. Uma vida repleta de fé faz toda a diferença no modo que observamos tudo ao nosso redor. Afeta as nossas atitudes com as pessoas, com a localização, com a situação, com as circunstâncias e com nós mesmos. Só então nossos pés se tornam velozes para fazer o que é certo. Só então tudo volta ao antigo esplendor!

Você diz que quer ser considerado grande um dia? Eis o segredo: Caminhe pela fé, confiando em Deus para renovar sua atitude.

CAPÍTULO DEZ

A Última Reunião da Família

Quase todos os verões quando eu era criança, minha família passava as férias em Carancahua Bay, num pequeno chalé no sul do Texas, entre Palacios e Port Alto. Algumas vezes esses eventos eram mais como reuniões familiares. Se você já participou de uma delas não terá dificuldade para imaginar como era a nossa reunião. Que explosão! Durante quase uma semana os Lundy, os May, os Frady e os Swindoll dormiam, comiam e cantavam naquele pequeno chalé de quatro dormitórios, propriedade de meu avô.

Nadávamos e passeávamos de barco, pescávamos, contávamos anedotas e principalmente devorávamos peixe fresco de várias espécies. Havia fartura de ostras fritas e camarões. Também nos empanturrávamos de biscoitos, ovos e presunto pela manhã, além de bifes e costelas assados numa churrasqueira ao ar livre, além de tortas feitas em casa, bolos e sorvete de vários sabores que nós mesmos fazíamos. Todos da família se divertiam – mas ninguém era magro, nem preciso dizer.

Todo tipo de animais habitava naquele chalé junto conosco, até mesmo pernilongos, vespas, escorpiões, lagartos e sapos. Contudo, nada disso parecia aborrecer ninguém, porque todos estávamos lá como se fizéssemos parte de uma grande família.

Ríamos até perder o fôlego quando o tio Jake contava suas histórias engraçadas e meu pai fazia as coisas mais malucas que se podia imaginar. Uma vez que formávamos um grupo grande, dormíamos onde havia espaço, amontoados no pequeno chalé. Lembro que ri até adormecer debaixo do mosquiteiro, ouvindo meu pai tocar uma seqüência musical em sua gaita-de-boca, deitado e sem usar as mãos. Alguém gritava um título de canção e num minuto meu pai a tocava. Depois gritávamos outro título e ele também tocava. Um velho lampião brilhava e crepitava num canto e finalmente se apagou enquanto o sono nos vencia e os roncos substituíam as canções.

Grandes lembranças. À medida que todos cresciam e ficavam mais velhos, nossas reuniões foram se perdendo em meio à preocupação dos estudos, do casamento e da criação de novas famílias.

No ano em que meu pai morreu, compreendi que nossas reuniões familiares iriam desaparecer para sempre. Eu nunca mais nadaria nas águas rasas ao lado dele à noite, munido de arpão, ou puxando meu lado da rede de arrastão para apanhar camarões e tainhas. Nunca mais me sentaria no barco com ele para "esperar que mordessem a isca" pouco antes do alvorecer. Nunca mais cantaríamos juntos as velhas e conhecidas canções. Nunca mais ouviria o lamento de sua velha gaita-de-boca enquanto adormecia. Memórias preciosas. Memórias vivas, em tom pastel, na tela da minha mente. Memórias maravilhosas de como éramos então, quando a vida era simples e o tempo parecia não correr.

Até hoje não posso acender um lampião em acampamento sem pensar em meu pai, que me ensinou como fazê-lo. Nem ligar o motor do barco, nem limpar um peixe.

José nunca viu a Carancahua Bay no sul do Texas e nunca ouviu aquelas músicas, mas estou convencido de que em seus mais de 30 anos deve ter havido algumas lembranças esparsas do que ele deixara para trás, algumas memórias em tom pastel na tela da sua mente. Será que ele relembrava todos os anos, no dia de seu aniversário, aqueles dias em Canaã, quando estava ainda com o pai que o amava e os irmãos com quem cresceu? Será que interrompia suas múltiplas tarefas e se lembrava disso? Será que suspirava e depois fechava secretamente a porta sobre essas lembranças, pensando, *jamais os verei de novo*?

PLANOS PARA A ÚLTIMA REUNIÃO

Como é natural, tudo isso agora mudara para José. Seus irmãos haviam aparecido inesperadamente no Egito. Mediante uma série incrível de acontecimentos que acompanhamos com grande interesse, ele foi levado a ponto de revelar sua identidade aos irmãos. Eles agora sabiam não só que seu irmão José estava vivo, como também que era o primeiro-ministro do Egito! Mais importante ainda, haviam reconciliado as diferenças e chegado a um acordo com relação às ofensas passadas, uma vez que José estava disposto a perdoá-los por todos os erros que cometeram há tanto tempo. Disse-lhes que a mão de Deus estava sobre tudo e que o plano divino seguia seu curso perfeito. Discutiram tudo o que acontecera nos anos em que estiveram separados. Mas as coisas não haviam ainda chegado ao fim. O desejo do coração de José era ver o pai e fazer com que toda a família se mudasse para o Egito e vivesse perto dele, para que pudesse sustentá-los sem reservas e sem restrição.

Retornamos à história de José no ponto em que as notícias desses acontecimentos chega aos ouvidos de Faraó.

A Aceitação de Faraó

> Fez-se ouvir na casa de Faraó esta notícia: São vindos os irmãos de José; e isto foi agradável a Faraó, e a seus oficiais. Disse Faraó a José: Dize a teus irmãos: Fazei isto: carregai os vossos animais, e parti; tornai à terra de Canaã, tomai a vosso pai, e a vossas famílias, e vinde para mim; dar-vos-ei o melhor da terra do Egito, e comereis a fartura da terra. Ordena-lhes também: Fazei isto: levai da terra do Egito carros para vossos filhinhos e para vossas mulheres, trazei o vosso pai e vinde. Não vos preocupeis com coisa alguma dos vossos haveres, porque o melhor de toda a terra do Egito será vosso.
>
> Gênesis 45:16-20

Durante os sete anos de fartura, como vimos antes, José havia construído depósitos para armazenar cereais da região rica e fértil do delta do Nilo. Graças à direção de Deus e à obediência de José, o Egito tinha abundância de comida. Agora, ao ouvir que os irmãos de José haviam chegado ao Egito, vindos de Canaã, Faraó concordou com o plano do primeiro-ministro. Sua resposta animadora nos dá uma clara indicação de que tudo recebera a sua aprovação. "Tomai a vosso pai, e a vossas famílias, e vinde para mim; dar-vos-ei o melhor da terra do Egito, e comereis a fartura da terra". De fato, Faraó se adianta ainda mais: ele dá carros aos irmãos de José para transportar o povo e todos os pertences de suas casas. Faraó promete que "o melhor da terra do Egito" lhes será dado quando retornarem. Todos da corte de Faraó aplaudiram a decisão de José. Imagine o afeto e o respeito que aquelas pessoas deviam ter por José para terem uma atitude assim tão generosa!

Os irmãos de José obedeceram então às instruções de Faraó. Devem ter partido muito encorajados, ainda tentando acreditar na graça que fora derramada sobre eles. Voltaram a Canaã com seus animais carregados e os carros de transporte que lhes foram dados. Cada rosto ostentava um sorriso e, com certeza, partiram com alguns quilos a mais.

A Provisão de José

> E os filhos de Israel fizeram assim. José lhes deu carros, conforme o mandado de Faraó; também lhes deu provisão para o caminho. A cada um de todos eles deu vestes festivais, mas a Benjamim deu trezentas moedas de prata e cinco vestes festivais. Também enviou a seu pai dez jumentos carregados do melhor do Egito, e dez jumentos carregados de cereais e pão, e provisão para o seu pai, para o caminho. E despediu os seus irmãos. Ao partirem, disse-lhes: Não contendais pelo caminho.
>
> Gênesis 45:21-24

Os irmãos de José não só tinham abundância de alimentos para comer no caminho, como também receberam roupas novas. Tinham tudo de que precisavam – e em abundância! Aqueles homens deveriam realmente ter uma aparência extraordinária quando voltaram a Canaã, uma terra que estava secando durante aqueles longos anos de fome.

Sem dúvida passaram por pessoas famintas e animais agonizantes ou mortos em sua viagem de cinco ou seis dias a Canaã. Ali estavam eles, o lombo dos animais carregados de muita provisão e uma fila de carros que seriam usados para transportar suas mulheres e seus filhos, assim como outros membros da família, no retorno ao Egito. Não precisavam andar, sentavam-se com classe nos carros, usando trajes novos, coloridos, e de tecidos egípcios.

Note, porém, a única advertência que José lhes fez: "Não contendais pelo caminho". Ele conhecia aqueles homens, não conhecia? Às vezes não posso deixar de sorrir nessas histórias bíblicas em que coisas desse tipo são inseridas. Os séculos podem passar, mas a natureza humana continua a mesma. É difícil aperfeiçoar a depravação.

Embora a culpa tivesse feito seu trabalho e tivesse havido mudanças, José ainda assim conhecia os irmãos. O termo hebraico original traduzido como "contenda" significa aqui "ficar agitado e perturbado" e é algumas vezes usado antes de uma briga. José conhecia a personalidade antagônica deles e as coisas que tendiam a fazer. Em termos práticos, penso que ele disse isso porque de repente ficaram mais ricos (e mais gordos!) e porque a mudança por si mesma pode suscitar todos os tipos de reações negativas.

Não são muitos os homens que conseguem carregar um copo cheio sem perder o equilíbrio. A riqueza ou a promoção repentina pode ser uma experiência que faça vacilar tanto o recipiente quanto aqueles que o cercam. Superioridade, inferioridade, arrogância e inveja podem facilmente assumir o controle. Se duvidar disso, faça uma pesquisa entre aqueles que ganham na loteria. Bem poucos podem lidar com o golpe de sorte financeiro.

José dera a seu irmão Benjamim mais do que dera aos outros irmãos. Ele deu provisões a todos e a cada um, novas roupas, mas entregou a Benjamim trezentas moedas de prata e cinco trajes novos. Não há dúvida de que José se lembrava bem do que acontecera anos antes, quando ele recebera mais do que os outros, mas ele tinha suas razões para dar essas coisas a Benjamim. Não queria que isso ocasionasse a uma briga, portanto, advertiu os irmãos: "Não contendais pelo caminho".

Acho seguro dizer que devemos confiar uns nos outros, mas nunca devemos confiar na natureza uns dos outros. É por isso que os pais dão aos filhos determinados conselhos. Eles compreendem a natureza dos filhos melhor do que eles mesmos. Não se trata de uma questão de confiança, mas de conhecer a natureza íntima.

A Reação de Jacó

> Então subiram do Egito, e vieram à terra de Canaã, a Jacó, seu pai, e lhe disseram: José ainda vive, e é governador de toda a terra do Egito. Com isto o coração lhe ficou como sem palpitar, porque não lhes deu crédito.
>
> Gênesis 45:25-26

Tenha em mente que Jacó não sabia nada do que acontecera. Na última vez que vira os filhos, imaginara se os veria novamente. Além disso, ele pensara por mais de 25 anos que seu filho José estava morto. Que choque para ele! Não só os filhos voltaram do Egito carregados de suprimentos e roupas novas, como também com a notícia de que "José ainda vive".

O texto diz que "ele ficou atônito". Algumas traduções dizem: "Desfaleceu-se-lhe o coração". O texto hebreu diz literalmente: "Seu coração ficou paralisado". Em minha opinião, o velho senhor ficou tão espantado com a notícia que teve um leve espasmo coronariano.

Em seu coração e sua mente, ele havia enterrado José anos antes. Desistira de qualquer esperança de vê-lo novamente. Agora lhe diziam que seu filho morto há tanto tempo, seu filho favorito, estava vivo e que era uma autoridade importante, que governava como primeiro-ministro sobre toda a terra do Egito. Jacó não acreditou neles a princípio. Isso não é de surpreender, é?

> Porém, havendo-lhe eles contado todas as palavras que José lhes falara, e vendo Jacó, seu pai, os carros que José enviara para levá-lo, reviveu-se-lhe o espírito. E disse Israel: Basta; ainda vive meu filho José; irei e o verei antes que eu morra.
>
> Gênesis 45:27-28

A Escritura diz nesse ponto que o espírito de Jacó "reviveu". Quando os filhos contaram o que José havia dito e quando viu a evidência da generosidade dos egípcios diante de seus olhos, Jacó reconheceu que os filhos diziam a verdade. José ainda vivia! Ao compreender isso, o espírito de Jacó reviveu!

> Só um item é registrado nos versículos 25-28 sobre a volta dos irmãos ao pai: *José ainda vive*! Depois de ouvir isso, Jacó não se interessa pelas roupas novas, pelo dinheiro de Benjamim, nem pelo cereal que os animais haviam carregado. No capítulo 37, Jacó acreditou nos filhos quando mentiram para ele. No capítulo 45, ele não acredita nos filhos quando estão falando a verdade. Ele aceita as más notícias, mas rejeita as boas. A reação de Jacó ao ouvir que José está vivo é paralela à dos discípulos quando souberam que Jesus vivia – espanto, incredulidade, que depois se transforma em alegria incontrolável.
> A longa conversa dos irmãos com Jacó a respeito de José (v. 27a) e a presença dos carros (v. 27b) oferecem a Jacó, à primeira vista, evidência de que José estava de fato vivo.
> Não precisava mais se beliscar para ver se sonhava (v. 27c). Os filhos poderiam estar inventando a história sobre José, mas os *carros* forneceram informação irrefutável da autenticidade de sua história, mais do que as roupas e as trezentas moedas.
> Agora, convencido de que José estava vivo, Jacó resolve descer imediatamente ao Egito.[1]

A partir desse momento, creio que Jacó só teve um pensamento e objetivo em mente: ver o filho. Ele esqueceu completamente as mercadorias enfileiradas do lado de fora da tenda. Nem sequer pensou em comer, embora estivesse desesperadamente faminto. Ele pensou apenas em uma coisa: a última reunião familiar com seu filho querido. Os mais de 25 anos desapareceram como uma pedra jogada na água, como se aqueles anos de tristeza e perda não tivessem existido. Seu filho estava vivo! E Jacó o veria antes de morrer.

Jacó, porém, não subiu no cavalo e saiu galopando para o Egito a fim de abraçar o filho. Além de a idade impedir tal ato impulsivo, Jacó aprendera algumas coisas depois de todos esses anos. Duvido que esse pai tenha dormido muito naquela noite ou nas seguintes, até ver José.

VIAGEM DE CANAÃ AO EGITO

> Partiu, pois, Israel com tudo o que possuía, e veio a Berseba, e ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaque. Falou Deus a Israel em visões de noite, e disse: Jacó! Jacó! Ele respondeu: Eis-me aqui! Então disse: Eu sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer para o Egito, porque lá eu farei de ti uma grande nação. Eu descerei contigo para o Egito e te farei tornar a subir, certamente. A mão de José fechará os teus olhos.
>
> Gênesis 46:1-4

A Visão de Deus

Jacó realmente aprendera algumas lições duras sobre o que acontecia quando ele não falava nem caminhava com Deus. Queria ter, portanto, a certeza de que Deus participava da situação. Essa era uma grande mudança para toda a família. Embora tivesse carregado seus pertences e começado a viagem, quando chegou a Berseba, perto da fronteira ao sul de Canaã, ele parou. Antes de prosseguir, construiu ali um altar e ofereceu sacrifícios ao Senhor seu Deus. A essa altura, pela graça de

Deus, Jacó amadurecera e era agora um homem experiente e sábio. Ele parou e esperou, disposto a descobrir se a mudança para o Egito seria acompanhada pela presença e bênção de Deus.

Deve ter sido um grande momento quando, à noite, foi despertado pela voz de Deus, chamando: "Jacó, Jacó".

"Eis-me aqui", respondeu ele baixinho.

"Eu sou Deus, o Deus de teu pai, Isaque. Não temas descer para o Egito, porque lá eu farei de ti uma grande nação. Eu descerei contigo para o Egito, te farei tornar a subir, certamente. A mão de José fechará os teus olhos."

Este foi um momento importante não só para Jacó e sua família, como para Israel. Essa é uma referência profética ao grande Êxodo de Israel do Egito. Volte e leia novamente as palavras do Senhor a Jacó. Note a promessa: "Te farei tornar a subir [a essa terra], certamente".

Deus não disse a Jacó quanto tempo Israel permaneceria no Egito. Nem descreveu para ele qual seria o tamanho da nação. *Nós* sabemos que ficariam ali mais de 400 anos. *Nós* sabemos que Israel cresceu até tornar-se uma nação de um a três milhões de pessoas durante aqueles anos. Mas tudo que Jacó sabia era que Deus os acompanharia ao Egito e que faria da família de Jacó uma grande nação. Isso era realmente o que o homem idoso precisava ouvir no momento. Ele podia então prosseguir em paz. Mas a promessa final garantida por Deus era que um dia ele levaria todos os hebreus de volta a Canaã, apropriadamente chamada por essa razão de "Terra Prometida".

Uma mudança completa pode constituir uma das fases mais inseguras que enfrentamos na vida. Desarraigar-nos de um lugar e tentar fincar raízes em outro pode provocar não só medo como depressão. É por isso que acho prudente fazer uma pausa e compreender o valor das palavras de aprovação que Jacó ouviu na voz de Deus. Conheci pessoas que levaram anos para ajustar-se – e algumas que simplesmente não se ajustaram. Para o cristão, isso é acrescido do questionamento se Deus participará da mudança. Quando nos sentimos seguros de que ele participará, podemos ainda assim experimentar momentos de incerteza e desânimo. Refiro-me não apenas a uma mudança geográfica, mas também a uma mudança profissional ou doméstica, de solteiro para casado. Grandes mudanças! A certeza de que Deus está conosco durante essas alterações de estilo de vida e períodos de ajuste é muito importante.

Jacó também ilustra que há muito mais para considerar numa mudança do que mais dinheiro ou conforto. Mudar implica muito mais do que aceitar a oferta de um salário maior ou de uma promoção na carreira. Como filhos de Deus, devemos ouvir a voz dele e perguntar: *Deus está nisto? Isto o agrada?* Por essa razão, Jacó nos impressiona aqui.

"Senhor, me disseram que meu amado filho está no Egito e nos prometeram uma vida de fartura e descanso", diz Jacó. "Sei que ele quer que eu vá e desejo muito vê-lo outra vez. Sei que Faraó enviou as provisões e os carros, prometendo-nos a melhor terra do Egito. Mas, Senhor Deus de meus pais, *Tu vais estar lá?* Estarás participando disto?"

Jacó se preparava para enfrentar uma experiência completamente nova. Fora solicitado a mudar de sua vida simples, rural, monoteísta em Canaã para o estilo de vida sofisticado e politeísta do Egito, com todas as tentações que isso traria. Ele e seus descendentes perderiam a identidade?

O que vemos aqui não é somente uma família se mudando, mas uma nação. Quando Jacó e sua família deixarem Canaã, não restarão israelitas nela, pois eles *são* Israel! Setenta pessoas ao

todo, sem contar as mulheres de seus filhos. Se se mudarem para o Egito, tornar-se-ão uma nação dentro de outra. Não é de admirar que Israel tenha dito: "Deus, quero ouvir a tua voz nisto".

Só quando soube que Deus estava com eles é que fez a mudança. Isso me impressiona. Eu disse várias coisas negativas sobre Jacó neste livro, talvez este seja o momento de mostrar o outro lado. Ele não era mais um moço, este Jacó de Gênesis 46. Segundo Gênesis 47:9, havia chegado aos 130 anos. Sem dúvida curvado e enrugado, com cabelos brancos e longas barbas brancas, tinha a idade que muitos considerariam "velho demais para uma mudança como essa". Quem disse isso? A razão por que fiquei tão impressionado com Jacó é esta: ele não temia um desafio, uma vez que soubesse que o seu Senhor estaria envolvido. Se isso significasse deixar a região familiar de Canaã e reajustar sua vida aos novos panoramas, sons e cheiros de Gósen, ele aceitaria. Os riscos não o amedrontavam, nem as mudanças que teria de enfrentar.

Gosto muito dessa atitude (de novo retomamos esse ponto: *atitude!*). O velho Jacó partiu "com tudo o que possuía" e, uma vez que recebeu a aprovação do Senhor no altar de Berseba, seu destino estava decidido! Muito bem, Jacó – o tipo de homem que admiro!

Quando o falecido general Douglas MacArthur comemorou seu 75.º aniversário, ele escreveu estas palavras repletas de discernimento:

> No centro de cada coração há um gravador. Enquanto ele receber mensagens de beleza, esperança, ânimo e coragem, você é jovem. Quando os fios se gastam e seu coração fica coberto com a neve do pessimismo e o gelo do ceticismo então, só então, você envelhece.[2]

A Viagem para o Egito

> Então se levantou Jacó de Berseba; e os filhos de Israel levaram seu pai Jacó, e seus filhinhos, e as suas mulheres, nos carros que Faraó enviara para o levar. Tomaram o seu gado e os bens que haviam adquirido na terra de Canaã, e vieram para o Egito, Jacó e toda a sua descendência.
>
> Gênesis 46:5-6

Jacó e seus filhos se dirigiram então para o Egito, com todos os carros levando as mulheres e as crianças, filhos e filhas, netos e netas, todos os bens que possuíam e o gado – tudo mesmo. Sombras do romance *Vinhas da Ira*. Que caravana!

Quando chegaram ao Egito, esses camponeses, famintos, cansados da viagem, deviam parecer um grupo de nômades, carregando suas crianças choronas, pertences pessoais e gado. Contudo, entraram na renomada terra dos faraós.

Os estudiosos estimam que Jacó chegou ao Egito cerca de 1876 a.C., que se classifica na era conhecida como Médio Império e Décima Segunda Dinastia. Segundo os historiadores, esse foi um período de grande poder e estabilidade no Egito. As campanhas militares e as explorações de minério nas províncias próximas e países vizinhos fizeram do Egito uma potência dominante, internacional e quase imperial. O desenvolvimento da sua economia, assim como os empreendimentos na educação, escultura, arquitetura e literatura tornaram clássico esse período. Seus escritos tornaram-se textos oficiais em séculos posteriores.

Esse era, portanto, o Egito em que Jacó e seus descendentes abriram caminho.

Só podemos imaginar sua admiração ao entrar em um mundo de tamanha eficiência, beleza e magnificência cultural.

Cidades lindas. Povo próspero. E só podemos imaginar o que os egípcios pensaram ao ver o que parecia ser um "bando de caipiras" entrando pela cidade. Eles poderiam rir se quisessem, mas Deus Jeová estava com eles e isso os tornava invencíveis.

REUNIÃO COM JOSÉ

> Jacó enviou Judá adiante de si a José para que soubesse encaminhá-lo a Gósen; e chegaram à terra de Gósen.
>
> Gênesis 46:28

José estivera esperando por esse dia glorioso. Ele imaginara essa reunião durante 25 anos. Será que andava pelo quarto à noite, pensando se os irmãos voltariam, angustiado para saber se o pai ainda estaria vivo quando eles voltassem a Canaã e, se estivesse, o velho obstinado acreditaria nos filhos e os acompanharia?

Chegada a Gósen

Chegou finalmente o dia em que seus atalaias avisaram que a caravana pela qual esperava já podia ser vista no horizonte. (Você sabe que José tinha atalaias. Sabe que esse homem preparara *tudo*.)

Judá foi na frente para receber instruções. Mas José não só deu ou enviou informação. Ele subiu em seu carro e foi ao encontro do pai.

Encontro de Pai e Filho

Chega então aquele momento emocionante – outra cena em que as palavras faltam.

> Então José aprontou o seu carro, e subiu ao encontro de Israel, seu pai, a Gósen. Apresentou-se, lançou-se-lhe ao pescoço, e chorou assim longo tempo.
>
> Gênesis 46:29

Faça uma pausa e deixe o milagre penetrar.

Gosto da maneira sucinta porém descritiva que o historiador Alfred Edersheim retrata essa reunião íntima:

> Jacó enviou Judá na frente em sua viagem a fim de informar José sobre a sua chegada. Ele se apressou em receber o pai na terra de Gósen, que ficava na fronteira. O encontro deles, depois de tanto tempo de separação, foi afetuoso e comovente. A expressão hebraica traduzida na versão Almeida Revista Atualizada: [José] "Apresentou-se", implica esplendor extraordinário de aparência. Mas quando chegou à presença do pai hebreu, o grande senhor egípcio voltou novamente a ser apenas o rapazinho José.[3]

Pense em como teria sido. Depois de mais de duas décadas, Jacó abraçou mais uma vez o filho que julgara morto. Após tantas adversidades, José abraçou o pai idoso – o homem que tanto lhe fizera falta, que temia nunca mais ver. Ele podia sentir os ossos das costas do pai enquanto o abraçava. Quanto tempo se passara! Quanta falta sentira dele! Ali estavam os dois homens, olhando-se nos olhos. Chorando e rindo quase ao mesmo tempo. *Que maravilhosa reunião de família.*

Isso me lembra um artigo que li no *Fullerton News Tribune* há alguns anos, que contava a história do encontro de gêmeos separados desde o nascimento. Eles sabiam que eram adotados, mas não tinham idéia de quem eram seus pais biológicos. Com a ajuda de uma terceira pessoa, eles se reencontraram. Mas quando as fotos apareceram no jornal, falando sobre o encontro dos gêmeos já adultos, apareceu uma terceira pessoa idêntica. Eles eram trigêmeos! Por mais excitados e perturbados que esses três homens tivessem ficado, suponho que essa última reunião familiar tenha sido ainda maior. Jacó disse a única coisa

adequada no momento em que recuperou o controle: "Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives" (Gn 46:30).

OLHANDO PARA TRÁS, VISLUMBRANDO O FUTURO

Enquanto penso nessa gloriosa reunião familiar, minha mente se volta para outras reuniões que trouxeram lágrimas extasiadas. Viaje comigo para alguns cenários históricos selecionados.

Em Esdras e Neemias lemos sobre uma *reunião nacional.* A nação (Judá) estivera no cativeiro durante 70 anos. Finalmente o rei disse: "Vocês podem voltar à sua terra". Jerusalém fora destruída. Quase não sobrara pedra sobre pedra. O povo começou então a reconstruir o muro, assim como o lugar de adoração, e todos se reuniram na praça da cidade para ouvir a Palavra de Deus, lida pela primeira vez em décadas.

Eles permaneceram no cativeiro 70 anos. Que zelo e orgulho nacional devem ter surgido naquelas veias judias ao se verem mais uma vez em sua terra natal e ouvirem Esdras começar a ler em voz alta a Palavra de Deus. O resultado foi registrado para nós no diário de Neemias:

> Neemias, que era o governador, e Esdras, sacerdote e escriba, e os levitas que ensinavam a todo o povo lhe disseram: Este dia é consagrado ao SENHOR vosso Deus, pelo que não pranteeis, nem choreis; porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da lei. Disse-lhes mais: Ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso SENHOR; portanto não vos entristeçais, porque a alegria do SENHOR é a vossa força. Os levitas fizeram calar a todo o povo, dizendo: Calai-vos, porque este dia é santo; e não estejais contristados. Então todo o povo se foi a comer, a beber, a enviar porções e a regozijar-se grandemente, porque tinham entendido as palavras que lhes foram explicadas.
>
> Neemias 8:9-12

Quando ouviram a Palavra de Deus pela primeira vez depois de todos esses anos – alguns realmente pela *primeira vez* –, eles levantaram as mãos em louvor e choraram alto.

Pense nisso. Esse povo fora uma espécie de prisioneiro de guerra, cativo durante décadas e não por apenas alguns anos. Algumas vezes, como aconteceu com essa grande nação, a familiaridade com as bênçãos da Palavra de Deus gera espíritos presunçosos e desobedientes. Como conseqüência eles sofreram distanciamento de Deus durante o rigor do cativeiro. Então de repente foram libertados e tiveram permissão para retornar à sua amada terra. Os mais velhos, já grisalhos. Os mais novos, que passaram a vida inteira no cativeiro, enfrentaram uma experiência completamente nova. Mais uma vez puderam reunir-se num lugar de adoração e ouvir a Palavra do Senhor. Com os braços estendidos para o céu, só podiam gritar e derramar lágrimas de êxtase. Essa reunião nacional deve ter sido algo comovente para contemplar.

Outra reunião completamente diferente é mencionada no Novo Testamento. Estou pensando na ocasião em que Jesus contou a história do filho pródigo. Ele fala ali de uma *reunião pessoal.*

O filho pródigo disse: "Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens" (Lc 15:12).

O pai, sem discutir, entregou o dinheiro e o rapaz prosseguiu em seu caminho destrutivo. Quando caiu na cisterna que ele mesmo construíra, comendo as alfarrobas dos porcos, finalmente retomou o bom senso e regressou ao lar.

Isso sempre acontece quando fazemos uma viagem pela Vereda da Carne. Sempre chegamos a um beco sem saída. Tudo que procurávamos, na realidade, se encontra em casa com Deus.

Quando pôde ser avistado na linha do horizonte, só posso imaginar aquele filho perdido, que já tinha seu discurso pronto, pensando: *Vou pedir desculpas e dizer a meu pai que estou arrependido e pedir o perdão dele. Vou suplicar que me aceite de volta.*

Antes que pudesse abrir a boca, porém, o pai correu para encontrá-lo, abraçou-o e beijou-o diversas vezes. Que reunião!

O autor David Redding descreve os próprios sentimentos sobre um período no passado em que "voltar para casa" significava muito para ele.

> Lembro-me de que voltava da Marinha para casa pela primeira vez durante a Segunda Guerra Mundial. Minha casa situava-se tão no interior do país que, quando íamos caçar, tínhamos de seguir na direção da cidade. Nós mudamos para lá por causa da saúde de meu pai quando eu tinha apenas 13 anos. Criávamos gado e cavalos.
> Comecei a criar um pequeno rebanho de ovelhas Shropshire, do tipo completamente coberto de lã, exceto o nariz preto e as pontas das pernas negras. Meu pai as ajudava a ter seus gêmeos na época do nascimento, e eu reconhecia cada ovelha do rebanho a distância com facilidade. Eu tinha um carneiro muito bonito. Nosso vizinho era um homem pobre, dono de um belo cachorro e um pequeno rebanho de ovelhas que ele desejava aperfeiçoar com o meu carneiro. Ele me pediu para emprestar-lhe o carneiro e, em troca, ele me deixaria escolher um cão da ninhada de seu cão premiado.
> Foi assim que ganhei Teddy, um pastor escocês grande e negro. Teddy era o meu cachorro e fazia tudo o que eu quisesse. Ele me esperava na volta da escola. Dormia ao meu lado e quando eu assobiava ele corria na minha direção mesmo que estivesse comendo. À noite, ninguém conseguia se aproximar sem a permissão de Teddy. Durante aqueles longos verões nos campos eu só via a família à noite, mas Teddy sempre me acompanhava. Quando fui para a guerra, não sabia como deixá-lo. Como explicar a alguém que o ama que você vai abandoná-lo e não caçará marmotas com ele no dia seguinte como sempre fez?
> Então, aquela volta da Marinha foi, portanto, algo que dificilmente consigo descrever. A última parada de ônibus ficava a 22 quilômetros da fazenda. Desci ali naquela noite por volta das 23 horas e andei o resto do caminho para casa. Eram duas ou três da manhã e estava quase a 800 metros de casa. Estava escuro como breu, mas eu conhecia cada passo do caminho. De repente, Teddy me ouviu e começou seu latido de advertência. Eu então assobiei uma única vez. Os latidos pararam. Houve um uivo de reconhecimento e eu sabia que uma enorme figura negra corria para mim na escuridão. Quase imediatamente ele me alcançou e veio para os meus braços. Até hoje essa é a melhor forma de traduzir em palavras o que quero dizer com voltar para casa.
> O que me vem agora à lembrança é a eloqüência com que essa memória inesquecível fala do meu Deus para mim. Se meu cachorro me amou sem nenhuma explicação e me aceitou de volta depois de tanto tempo, meu Deus não faria isso?[4]

Essas histórias nos levam a outro tipo de reunião registrado nas Escrituras – *a reunião familiar final e suprema,* que é a esperança de todo filho de Deus. Lemos sobre isso nos escritos de Paulo aos Tessalonicenses.

> Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus mor-

> reu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.
>
> 1 Tessalonicenses 4:13-18

Quanto consolo isso nos traz! Que momento será aquele! Quando todo o povo de Deus se reunir na presença do Cristo vivo. Não existem palavras suficientes para descrevê-lo. Os poetas parecem fazer isso melhor. O escritor de hinos James M. Black fez esta letra há muitos anos:

Quando Cristo sua trombeta
Lá do céu mandar tocar,
Quando o dia mui glorioso lá romper,
E aos remidos desta terra
Meu Jesus se incorporar,
E fizer-se então chamada, lá estarei.

Nesse tão glorioso dia,
Quando o crente ressurgir
E da glória de Jesus participar,
Quando os crentes ressurgidos
O saudarem no porvir,
E fizer-se então chamada, lá estarei. [5]

Nesse dia, todos ouviremos o toque da trombeta. Conheço alguns que esperam ouvir os sons melodiosos de uma harpa.

De minha parte, espero ouvir o lamento solitário de uma gaita-de-boca – porque meu pai está lá na glória, aguardando a minha chegada. E nessa grande manhã "em que todos ressurgirão", minha família inteira estará reunida para sempre na presença do Senhor.

A realidade, porém, é que não importa quão preciosas sejam as suas lembranças, não importa como você era. O que importa é como você é. Por mais sólidos que sejam os seus laços familiares, eles não irão prepará-lo para o céu. Só por meio de Cristo você será incluído na chamada para a família dele.

Devemos ser gratos pelas lembranças registradas em nossa memória e que nos mantêm jovens. Mas aquilo de que precisamos realmente nesse momento importante é a profunda segurança de que somos dele. Só então poderemos aguardar com firmeza e esperança essa reunião familiar final.

CAPÍTULO ONZE

Integridade no Trabalho

Um jovem foi ouvido enquanto fazia uma ligação de um telefone público. Depois de ter colocado as moedas e discado o número, quem estava escutando ouviu os seguintes comentários.

– O senhor teria uma vaga para um empregado honesto, trabalhador e capaz? – perguntou o jovem. – Não?... Oh, o senhor já tem um? Está bem, obrigado de qualquer modo – disse ele e desligou. Quando se voltou, estava sorrindo e foi assobiando em direção ao carro.

– Jovem, não pude deixar de ouvi-lo – disse o curioso. – Estou certo em pensar que foi recusado para um emprego?

– É verdade – sorriu o rapaz.

– Então por que está assim risonho e feliz?

– Porque *eu sou* o empregado honesto, trabalhador e capaz que eles já têm. Só estava avaliando o meu trabalho.

Se você disfarçasse a voz e telefonasse ao seu gerente ou chefe, fazendo a mesma pergunta, que resposta receberia? Ele di-

ria: "Sinto muito. Esse cargo já está preenchido com a pessoa certa"? Ou ouviria: "Claro, precisamos do tipo de pessoa que está descrevendo. Quer comparecer para uma entrevista"?

Fico admirado de ver quão pouco é dito do púlpito ou pelos autores cristãos sobre as nossas ocupações. Quão pouco ouvimos sobre a importância do nosso trabalho. Contudo, é ele que consome a maior parte de nossas energias durante a semana. Penso que devemos dar mais atenção ao nosso trabalho, ao lugar onde estamos empregados, onde passamos quase todo o nosso tempo e onde ganhamos o nosso sustento. Por quê?

Primeiro, *o trabalho oferece uma demonstração reveladora do nosso caráter.* Não é o nosso comportamento na manhã de domingo que demonstra a profundidade da nossa fé cristã para o mundo. É a maneira que nos comportamos no trabalho, em nosso cargo. Se perguntar a alguém que trabalha a seu lado, ou a seu subordinado, ou a alguém de sua equipe sobre seu cristianismo, essa pessoa não irá falar da sua vida no domingo. Ela falará de como é trabalhar com você ou para você, diariamente, a semana toda.

Seus atos e atitude no emprego revelam seu caráter. Qual traço negativo logo vem à superfície: preguiça, desonestidade, ira, cobiça, discórdia, mexericos, mesquinharia, indiscrição, deslealdade, impaciência – a escolha é sua. Do lado brilhante, os traços positivos também se manifestam: ambição, pontualidade, honestidade, senso de humor, harmonia, afinidade, dedicação, espírito de equipe, entusiasmo, disposição para servir outros, lealdade, diligência, motivação, apoio, generosidade – para citar alguns.

Alguém disse: "Os negócios se assemelham bastante a um jogo de tênis. Os que não servem bem acabam perdendo". Isso é com certeza verdade quando se trata do nosso trabalho.

Segundo, *o emprego é uma arena de pressão exigente.* Muitos de vocês sabem disso perfeitamente, porque nesse momento convivem com um tipo de pressão que suga sua energia e exige os seus melhores esforços.

Há a pressão da sua carga de trabalho. Ao olhar para sua mesa, bem debaixo de maços de papel, prazos atrasados, e-mail não respondido, você sente que nunca vai conseguir terminar tudo. A pilha é tão alta que sua caixa de entrada começa a se assemelhar com a Torre de Pisa.

Em seguida vem a pressão de trabalhar com pessoas. De um modo ou de outro, todos trabalhamos com pessoas. (Até o homem da manutenção tem às vezes de lidar com os fregueses!)

Há pressão por causa das mesquinharias, linguagem inadequada ou mexericos no escritório. Pressão por ter de apagar os incêndios, mesmo aquelas fogueirinhas mínimas no mato rasteiro que precisam ser contidas antes de incendiarem a floresta inteira.

Um sábio declarou: "Pode-se avaliar a empresa pelo seu pessoal". E, nesse aspecto, alguns de vocês são pressionados porque a empresa está reduzindo ou remanejando os empregados e você não tem certeza se vai ser mantido no cargo por muito tempo. Ou, talvez, você tenha um chefe tão difícil que não consegue mais suportar a pressão e sabe que vai ter de ir embora.

Li a respeito de uma agência de publicidade em Nova York cujo chefe genioso demite cerca de quatro empregados por dia. Qualquer um que permaneça um ano inteiro ganha um prêmio secreto dos colegas, espantados que ficam com o fato. Um dos vice-presidentes da agência, lembrando do primeiro dia que trabalhou ali, disse com um suspiro: "Não me importava muito com meu nome ser escrito na porta com giz, mas achava que a esponja molhada presa na maçaneta era antiético!".

Sem sombra de dúvida, o lugar de trabalho é uma arena exigente de pressão que revela o caráter.

Terceiro, *o trabalho é um teste exato da eficiência*. Somos bem organizados? Somos decididos? Sabemos tomar decisões difíceis? Podemos pensar criativamente? Cumprimos os prazos? Mantemos nosso orçamento? Alcançamos nossos objetivos? Terminamos as tarefas que nos são atribuídas? Fazemos o acompanhamento do trabalho eficazmente? Estamos dispostos a prestar contas? Quão perceptivos somos? Identificamos falhas, fraquezas e problemas potenciais antes que aconteçam? Um amigo disse ironicamente outro dia: "Todos devem receber pelo que valem, por maior que seja o corte que tenham de aceitar".

Essa é uma boa oportunidade para fazer uma pergunta teológica: Deus não é soberano sobre todos os reinos, até sobre o do nosso emprego? Desde quando o caráter se afastou dos negócios? E quem disse que nossa fidelidade na igreja é mais importante do que no trabalho? Nunca consegui entender como seguidores de Cristo podem separar a vida em segmentos, chamando um de secular e o outro de sagrado.

Quando se trata de caráter no emprego, podemos aprender algumas lições valiosas com José.

UM MODELO ESPECÍFICO QUE VALE A PENA IMITAR: JOSÉ

O primeiro-ministro egípcio é um bom exemplo para ser seguido. Como em breve veremos, ele não dividiu a vida em vários fragmentos independentes. Pelo contrário, sua vida era integrada e sua integridade, completa.

Como primeiro-ministro, José era o segundo em autoridade, depois de Faraó. Ele não era apenas o empregado principal do governo, mas também ocupou o cargo num período crítico

de transição. Houvera abundância; agora havia fome. Tal escassez de alimento se abatera sobre a terra nos últimos dois anos e graças à sabedoria que Deus lhe dera, José tinha conhecimento de que a terrível situação continuaria por mais cinco anos.

Sete anos de escassez! Pense na insegurança, no medo e no pânico que essa situação criaria. Pense no peso da responsabilidade. José sentiu tudo isso e, além de tudo, tinha agora de cuidar também da sua família – que não era uma unidade familiar simples: mãe, pai e dois filhos. Eram mais de 70 pessoas – uma pequena nação! Eram hebreus de Canaã tentando estabelecer-se num ambiente completamente novo, em Gósen, no Egito.

Como José lidaria com toda essa responsabilidade? O que ele fez para cumprir todas essas tarefas sem comprometer sua integridade? Será que podemos descobrir alguns segredos ao examinar sua carga de trabalho?

Primeiro, *José planejou o futuro com sábia objetividade.*

> E José disse a seus irmãos, e à casa de seu pai: Subirei, e farei saber a Faraó, e lhe direi: Meus irmãos, e a casa de meu pai, que estavam na terra de Canaã, vieram para mim. Os homens são pastores, são homens de gado, e trouxeram consigo o seu rebanho e o seu gado, e tudo o que têm. Quando, pois, Faraó vos chamar, e disser: Qual é o vosso trabalho? Respondereis: Teus servos foram homens de gado desde a mocidade até agora, tanto nós como nossos pais; para que habiteis na terra de Gósen, porque todo pastor de rebanho é abominação para os egípcios.
>
> Gênesis 46:31-34

José fez a lição de casa. Ele não olhou simplesmente a paisagem, escolheu o melhor lugar e disse ao pai e aos irmãos: "Olhem, vocês podem estabelecer-se ali. Eu arranjo as coisas

com Faraó". Não, José prestava contas de bom grado a Faraó. Ele recusou-se a tirar vantagem do seu superior. Além do mais, ele nunca se aproveitou injustamente, lembrando a Faraó que fora ele, José, que o advertira da fome que viria.

José preparou um plano de operação eficiente para estabelecer a família. Ensaiou o plano com os envolvidos e depois, como veremos a seguir, apresentou-o ao chefe para aprovação final. José jamais supôs que podia prosseguir sozinho com seus planos, apesar de toda a sua autoridade e responsabilidade. Ele sempre se submeteu ao seu empregador.

Uma queixa que ouço freqüentemente contra empregados cristãos que trabalham para empregadores cristãos é a presunção – a expectativa de tratamento especial por serem membros da mesma família espiritual. Eles esperam certos privilégios, salário mais alto, regalias de férias ou outros benefícios, não por terem ganho ou merecido essas coisas, mas simplesmente por serem membros da mesma igreja ou servirem ao mesmo Senhor. Não vemos nada disso acontecer com José.

José sabia como os egípcios pensavam e reagiam. Ele não só trabalhara com o Faraó, mas também analisara e observara o homem e seu povo. Isso explica por que advertiu os irmãos: "Olhem, os pastores são abomináveis para este povo, vocês não estão mais em Canaã, estão no Egito. Por estarem no Egito, devem pensar como um egípcio. Quero que digam a Faraó que são homens de gado". Essa era a verdade. Ele não pediu que mentissem, apenas que evitassem o uso de uma palavra ou conceito – *pastor* – que era repugnante a Faraó e seu povo.

Frank Goble, em seu livro notável, *Excellence in Leadership* (Excelência na Liderança), fala sobre esse tipo de objetividade quando declara: "Os líderes excelentes têm a capacidade de ver as coisas de maneira realista. Eles não são facilmente enganados por outros, nem se auto-enganam".[1]

Arthur Maslow acrescentou:

> Uma das superioridades mais surpreendentes das pessoas que se atualizam é sua perceptividade excepcional. Elas podem perceber a verdade e a realidade com muito mais eficiência do que a maioria das pessoas... Os indivíduos estudados enxergam a natureza humana como ela é, e não como prefeririam que fosse... O primeiro aspecto em que se notou essa capacidade foi uma habilidade extraordinária para detectar o que é dissimulado, falso e desonesto na personalidade e de modo geral julgar as pessoas correta e eficientemente.[2]

O indivíduo que alcança o topo da sua organização, que é promovido para um cargo de liderança, é geralmente a pessoa que tem essa percepção objetiva, essa capacidade para ver a verdade, em vez de agir com base no que desejaria que fosse verdadeiro. Certamente essa foi a maneira que José lidou com Faraó, com os egípcios e até com sua própria família.

Segundo, *José se submeteu à autoridade lealmente e com responsabilidade.*

> Então veio José, e disse a Faraó: Meu pai e meus irmãos, com os seus rebanhos e o seu gado, com tudo o que têm, chegaram da terra de Canaã; e eis que estão na terra de Gósen. E tomou cinco dos seus irmãos e os apresentou a Faraó... Trouxe José a Jacó, seu pai, e o apresentou a Faraó: e Jacó abençoou a Faraó... Então José estabeleceu a seu pai e a seus irmãos, e lhes deu possessão na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramessés, como Faraó ordenara.
>
> Gênesis 47:1-2,7,11

Logo que José estabeleceu a família, ele foi a Faraó e lhe contou que seus parentes haviam chegado ao Egito. Em primeiro

lugar, levou cinco de seus irmãos, como representantes da família, e os apresentou a Faraó; depois, José levou o pai até Faraó.

Faraó conversou com os irmãos de José sobre o futuro deles no Egito e disse-lhes que a terra estava à sua disposição. Ele conversou também longamente com Jacó e durante a conversa perguntou a idade do patriarca e conheceu algumas das experiências da vida dele.

José estabeleceu a família na melhor parte da terra do Egito, numa região localizada no fértil delta do Nilo, como Faraó lhe ordenara.

Essa área era chamada de terra de Gósen, ou região de Zoã. É também chamada de "terra de Ramessés", provavelmente uma referência ao grande faraó egípcio Ramessés II, que reinou vários séculos mais tarde.

Você trabalha sob a autoridade de alguém? Quase todos nós evidentemente trabalhamos. Como é a sua atitude, sua disposição para com essa pessoa a quem presta contas? Ter a atitude ou o espírito certo pode ser especialmente difícil se a pessoa a quem você responde é um indivíduo complicado ou um líder incompetente, ou alguém cujas fraquezas você conhece bem demais. Isso não é somente um teste da sua lealdade, mas também uma prova da sua maturidade cristã.

Um aspecto interessante aqui é o fato de que durante a conversa com Faraó, os irmãos de José não cumpriram as suas instruções:

> Então perguntou Faraó aos irmãos de José: Qual é o vosso trabalho? Eles responderam: Os teus servos somos pastores de rebanho, assim nós como nossos pais.
>
> Gênesis 47:3

Lembre-se, ele mandara que dissessem que eram homens de gado, porque os egípcios não tinham muita consideração pelos pastores. Contudo, quando Faraó perguntou sobre a ocupação deles, afirmaram que eram pastores. José não interfere, porém; ele fica ali de pé, com os braços cruzados, e deixa que digam o que quiserem. José era um líder forte, eficiente e capaz, mas era igualmente flexível bastante para dar a seus seguidores responsabilidade e escolhas.

Os irmãos também disseram a Faraó que não pretendiam morar *para sempre* no Egito. Eles perguntaram se podiam "ficar temporariamente na terra", ou, em outras palavras, perguntaram se podiam permanecer algum tempo no Egito, porque a fome em Canaã destruíra suas pastagens.

O líder deve ser sábio e flexível, disposto a fazer concessões neste ou naquele ponto, disposto a delegar, a ouvir planos e idéias alternativas daqueles que estão ao seu lado. Nem tudo precisa ser como *você* quer. Você é responsável pela supervisão e direção, mas isso não significa que tenha o direito de rejeitar uma inovação por menor que seja. Muitas igrejas ou organizações perderam bons membros exatamente por causa desse tipo de inflexibilidade.

Como empregado, José era leal, responsável, sábio, objetivo e eficiente. Como líder era eficiente, sábio, objetivo e flexível. Havia também em sua liderança uma calma serena e segura, belíssima de observar.

Isso nos leva a uma terceira característica de José. *Ele preparou a sobrevivência sem perder a integridade.* Voltamos novamente a esta qualidade: integridade. Ela vem à tona repetidamente na vida e liderança desse homem. Nesse caso, note como era absolutamente digno de confiança.

> Não havia pão em toda a terra, porque a fome era mui severa; de maneira que desfalecia o povo do Egito e o povo de Canaã por causa da fome. Então José arrecadou todo o dinheiro que se achou na terra do Egito e na terra de Canaã, pelo cereal que compravam, e o recolheu à casa de Faraó. Tendo-se acabado, pois, o dinheiro, na terra do Egito e na terra de Canaã, foram todos os egípcios a José e disseram: Dá-nos pão; por que haveremos de morrer em tua presença? porquanto o dinheiro nos falta.
>
> Gênesis 47:13-15

À medida que a fome se tornava mais severa, a vida cotidiana da qual um dia desfrutaram foi-se deteriorando, à semelhança dos anos da Grande Depressão nos Estados Unidos, e o povo começou a entrar em pânico. A sobrevivência deles estava em risco. A essa altura, José passou a ter enorme poder. Tinha na palma da mão a vida e o futuro de todos. José não só construíra os celeiros, como também era ele que guardava as chaves.

Que oportunidade perfeita para um líder roubar a população! Esconder parte do dinheiro. Dar alimento só para a sua família ou uns poucos favoritos. Uma vez que Faraó tinha plena confiança nele, José podia fazer o que quisesse.

José tinha, porém, afinal de contas, de viver com José. Mais importante ainda, José tinha de enfrentar o seu Deus. A distribuição foi então feita decentemente e em ordem. Todo o dinheiro foi para onde devia ir. Não houve fraude. Ele não abriu nenhuma conta no exterior. Não separou nenhuma verba para suborno. José agiu com absoluta integridade e ao fazer isso garantiu a sobrevivência dos egípcios, dos cananeus, dos hebreus e de outros povos. Quando trabalhara para Potifar, muitos anos antes, ele demonstrou a mesma honestidade que

agora. Mais de duas décadas se passaram, os papéis desempenhados por ele mudaram dramaticamente, mas sua integridade permaneceu intacta.

Por que José era assim? Em Gênesis 41:33 há uma pista quando José, depois de interpretar os sonhos de Faraó, prevendo sete anos de fartura e sete de fome, advertiu: "Agora, pois, escolha Faraó um homem ajuizado e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito". Deus preparara José para a posição a qual ele previu que seria necessária durante longo tempo.

A palavra *ajuizado* nessa declaração de José significa ter bastante discernimento para perceber uma situação e a necessidade dela. Essa é uma qualidade que o líder deve possuir. Ela representa um sexto sentido de percepção.

O líder deve ser também *sábio*. Essa palavra, em hebraico, é quase sempre usada com uma atividade construtiva anexada a ela. O líder sábio é um construtor, não um destruidor. "Faraó, você precisa de alguém que não divida a terra. Vai ter muitos problemas com a fome. Precisa de um homem que possa reunir o povo e mantê-lo unido."

Tarefa dura, manter o povo unido quando está faminto. Como isso pode ser feito? Entre outras coisas, você deve crer na dignidade humana. Não se aproveite das pessoas que estão à sua mercê.

Há alguns anos encontrei um jovem que acabara de sair de uma igreja abusiva, com tendências sectárias, onde a liderança dava exemplo de intimidação e humilhação para "manter as pessoas na linha" (palavras dele). Posso ainda me lembrar do que me contou: "O que foi destruído em mim enquanto me achava naquela situação foi a minha dignidade pessoal. Não havia nenhum sentimento de valor individual, significado nem liberdade. Nenhuma graça. Não era permitido que as pessoas

pensassem independentemente, questionassem decisões ou tomassem outra posição nos assuntos sem serem interrogadas e humilhadas. O pastor e seus associados esperavam respeito, mas eles mesmos não respeitavam ninguém".

As pessoas se aproximavam de José com as mãos vazias e abertas, e ele respondia preservando a sua dignidade e tratando-as com respeito. Não se esqueça de que ele tinha tudo e elas, nada. "Nosso dinheiro acabou! Não temos mais comida!" Todos estavam completamente à mercê de José.

> Respondeu José: Se vos falta o dinheiro, trazei o vosso gado; em troca do vosso gado eu vos suprirei. Então trouxeram o seu gado a José; e José lhes deu pão em troca de cavalos, de rebanhos, de gado e de jumentos; e os sustentou de pão aquele ano em troca do seu gado.
>
> Gênesis 47:16-17

Ele não encolheu os ombros e deu-lhes esmolas. Não lhes forneceu bem-estar social. Em vez disso, mandou que levassem o que tinham – seu gado – e em troca lhes daria alimento. Esse método de troca durou um ano inteiro e foi uma das principais razões que o fizeram sobreviver à fome.

> Findo aquele ano, foram a José no ano próximo, e lhe disseram: Não ocultaremos a meu senhor que se acabou totalmente o dinheiro; e meu senhor já possui os animais; nada mais nos resta diante de meu senhor, senão o nosso corpo e a nossa terra. Por que haveremos de perecer diante dos teus olhos, tanto nós como a nossa terra? Compra-nos a nós e a nossa terra a troco de pão, e nós e a nossa terra seremos escravos de Faraó; dá-nos semente para que vivamos e não morramos, e a terra não fique deserta. Assim comprou José toda a terra do Egito para Faraó, porque os egípcios venderam cada um o seu campo, porquanto a fome era

> extrema sobre eles; e a terra passou a ser de Faraó. Quanto ao povo, ele o escravizou de uma a outra extremidade da terra do Egito. Somente a terra dos sacerdotes não a comprou ele; pois os sacerdotes tinham porção de Faraó, e eles comiam a sua porção que Faraó lhes tinha dado; por isso não venderam a sua terra. Então disse José ao povo: Eis que hoje vos comprei a vós outros e a vossa terra para Faraó; aí tendes sementes, semeai a terra. Das colheitas dareis o quinto a Faraó, e as quatro partes serão vossas, para semente do campo, e para o vosso mantimento e dos que estão em vossas casas, e para que comam as vossas crianças. Responderam eles: A vida nos tens dado! achemos mercê perante meu senhor, e seremos escravos de Faraó. E José estabeleceu por lei até ao dia de hoje que, na terra do Egito, tirasse Faraó o quinto; só a terra dos sacerdotes não ficou sendo de Faraó.
>
> Gênesis 47:18-26

Um ano mais tarde, como a fome continuava severa, todo o gado se foi e eles ficaram novamente de joelhos, com as mãos vazias e abertas, clamando: "Ajude-nos José. O que faremos agora? Compre a nossa terra em troca de alimento. *Compre-nos* – serviremos a Faraó. Pedimos somente a sua ajuda nestes anos terríveis". Desesperados, eles se puseram inteiramente à disposição de José.

O surpreendente é que José não abusou desse poder – nem uma vez sequer! Deus o tirara da escravidão, e ele jamais esqueceu como foi maravilhoso esse livramento. A quem muito é dado, muito é exigido.

Arthur Gordon, escrevendo para um periódico, diz o seguinte sobre a importância da integridade pessoal:

> Ano após ano os homens de negócios analisam os currículos de alunos de faculdade, entrevistam candidatos e oferecem incen-

> tivos especiais para os aprovados. O que buscam na verdade? Cérebro? Energia? Conhecimento? Essas coisas são certamente desejáveis, mas só conduzem a pessoa até determinado ponto. Se ela deve chegar ao topo e ser encarregada de tomar decisões importantes, é necessário que haja um fator extra, algo que duplique ou triplique a eficácia da simples capacidade. Para descrever essa característica mágica só há uma palavra: integridade.[3]

A integridade mantém seus olhos voltados para a prova durante o exame. A integridade o faz registrar e submeter apenas números verdadeiros em seu relatório de despesas. A integridade mantém pura e reta a sua vida, sem se importar com os benefícios e regalias pessoais que lhe possam ser concedidos mediante acordos.

Um executivo bem-sucedido, membro de uma de minhas antigas igrejas, me contou certa vez que há muitos anos, quando começava a abrir caminho para a posição mais elevada da sua área, uma grande empresa o contatou e prometeu-lhe mundos e fundos. Eles o entrevistaram, jantaram com ele e ofereceram-lhe um salário incrível. Naquela noite, quando voltou ao quarto do hotel, encontrou uma mulher à sua espera. Ela fora contratada pelos empregadores futuros na intenção de agradá-lo. Ele a mandou embora; deixou o hotel e a cidade e embarcou no último vôo daquela noite. No dia seguinte, escreveu à empresa, dizendo: "Esqueçam. Se é assim que vocês fazem negócios, não é a mim que procuram".

Max DePree, homem de negócios cristão e ilustre, afirma que "a integridade precede tudo o mais. A demonstração franca da integridade é essencial".

Não se engane, a integridade é coisa complexa. Ela não toma o caminho fácil, não faz as escolhas fáceis, nem escolhe o

caminho dos "prazeres transitórios". Acima de tudo, integridade é o que você é quando não há ninguém por perto para verificar; ela é mais bem demonstrada quando ninguém está observando.

Uma vez que estou me referindo tantas vezes à integridade neste livro, está na hora de examinarmos sua definição mais cuidadosamente. Meu amigo, Warren Wiersbe, fez um trabalho magistral nesse sentido em seu livro, *A Crise da Integridade:*

> O que é *integridade?* O dicionário Oxford diz que o termo vem do latim *integritas*, que significa "inteireza", "totalidade". A raiz é *integer*, significando "intocado", "intacto", "inteiro". A integridade é para o caráter pessoal ou corporativo o que a saúde é para o corpo, ou a visão para os olhos. O indivíduo íntegro não é dividido (isso é *duplicidade)* nem simplesmente finge (isso é *hipocrisia*). Ele é "inteiro"; a vida está "completa" e as coisas funcionam harmoniosamente juntas. As pessoas íntegras não têm nada que esconder e nada que temer. A vida delas são livros abertos. Elas são completas.[4]

Mais adiante, Wiersbe salienta três características que se destacam no indivíduo íntegro:

> Jesus tornou claro que a integridade abrange o todo da pessoa interior: o coração, a mente e a vontade. A pessoa íntegra possui um *só coração*. Ela não tenta amar a Deus e ao mundo ao mesmo tempo... Possui também uma *só mente*, uma perspectiva única ("olho"), que mantém a vida na direção certa. Afinal de contas, a perspectiva ajuda a determinar o resultado; o "homem de ânimo dobre (é) inconstante em todos os seus caminhos" (Tg 1:8)... Jesus também disse que a pessoa íntegra tem *uma só vontade*; buscando servir a um único senhor. Peter T. Forsythe tinha razão quando disse: "O primeiro dever de toda

> alma não é descobrir sua liberdade, mas seu Mestre". Uma vez encontrado seu Mestre, Jesus Cristo, você encontrará sua liberdade. "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (Jo 8:36). Ninguém pode servir bem a dois senhores. Tentar isso é tornar-se fragmentado, e o indivíduo fracionado não tem integridade. É alguém com o coração dividido; mente dividida e vontade dividida.[5]

Com um só coração, uma só mente e uma só vontade José lidou justa e honestamente com todos os que lhe confiaram dinheiro. Quando levantaram as mãos e declararam ardentemente: "Faremos qualquer coisa!", ele permaneceu justo e compassivo.

A integridade tem vários componentes, como vimos nos comentários de Warren Wiersbe. Esses componentes levam a subprodutos óbvios e benéficos. Entre os mais importantes está a veracidade – honestidade absoluta e inflexível. Penso às vezes que somos melhores nesse elemento quando jovens. Quando crianças inocentes e ingênuas, falar a verdade parece ser mais fácil. Antes de aprendermos a mentir, dizemos o que é verdadeiro, sem nos importar com nada.

Jerry White, em seu livro *Honestidade, Moralidade e Consciência*, conta esta história:

> Um vendedor bateu na porta de uma casa evidentemente pobre. A dona da casa disse ao filho que avisasse ao vendedor que não poderia atendê-lo porque estava na banheira. O menininho foi até a porta e disse: "Nós não temos banheira, mas minha mãe me mandou dizer que está nela".[6]

A honestidade de uma criança! Quando ficamos mais velhos, no entanto, não é incomum ver pessoas escorregando pela ladeira da desonestidade. Podemos nos tornar cada vez mais peritos no meio-termo.

No final do escândalo de Watergate, muitas pessoas ponderadas resumiram o incidente em três palavras: transigência da integridade. O falecido presidente Nixon e os que o cercavam revelaram no final uma surpreendente falta de integridade. Muita duplicidade e hipocrisia. Ao ler as transcrições de discussões das fitas gravadas no Salão Oval, é possível traçar claramente a queda. Primeiro veio a erosão do caráter, em seguida a ameaça, depois a tentação, o colapso, a transigência e, finalmente, a justificativa. Quando a integridade entra em colapso, ficamos envolvidos na teia das mentiras e da ocultação. Mas nunca esqueça: no âmago do problema estava a ausência de caráter do líder.

José tinha caráter. Foi por isso que recusou fazer acordo com a sua integridade. Ele planejou antecipadamente com sábia objetividade. Submeteu-se ao seu superior com leal responsabilidade. Arranjou meios para a sobrevivência com integridade pessoal. Finalmente, *aceitou o desafio com criatividade inovadora.*

O povo faminto tinha dado tudo que possuía em troca de alimento: o gado, a terra e até a si mesmo. O que José devia fazer? O relato de Gênesis 47 nos dá a resposta:

> Assim comprou José toda a terra do Egito para Faraó, porque os egípcios venderam cada um o seu campo, porquanto a fome era extrema sobre eles; e a terra passou a ser de Faraó. Quanto ao povo ele o escravizou de uma a outra extremidade da terra do Egito. Somente a terra dos sacerdotes não a comprou ele; pois os sacerdotes tinham porção de Faraó, e eles comiam a sua porção que Faraó lhes tinha dado; por isso não venderam a sua terra. Então disse José ao povo: Eis que hoje vos comprei a vós outros e a vossa terra para Faraó; aí tendes sementes, semeai a terra. Das colheitas darei o quinto a Faraó, e as quatro partes

> serão vossas, para semente do campo, e para o vosso mantimento e dos que estão em vossas casas, e para que comam as vossas crianças. Responderam eles: A vida nos tens dado! achemos mercê perante meu senhor, e seremos escravos de Faraó. E José estabeleceu por lei até ao dia de hoje que, na terra do Egito, tirasse Faraó o quinto; só a terra dos sacerdotes não ficou sendo de Faraó.
>
> Gênesis 47:20-26

José tinha um plano inovador, algo que nunca havia sido feito antes. "Para que a terra produza, temos de nos espalhar por esta terra", disse ele. Antes disso eles haviam permanecido só em algumas regiões bem povoadas. Esses lugares representavam suas casas, seu trabalho, suas fazendas, suas vizinhanças. Foi-lhes pedido que desistissem de tudo. Isso exigiu algum trabalho de marketing – precisavam ser convencidos. Mas José conseguiu e espalhou o povo pela terra do Egito, "de uma a outra extremidade do Egito".

"Vocês têm sementes. Podem plantar", disse José. "Se fizerem isso, algum dia poderão colher. Terão novamente uma renda. Poderão sustentar-se." Ele só fez uma exigência: "Na colheita darão um quinto a Faraó. O resto será de vocês para comer e tornar a semear os seus campos". José reagiu criativamente e tratou o povo com integridade e dignidade. Tornou-os auto-suficientes. Eles aceitaram o plano? Funcionou? Leia você mesmo.

"A vida nos tens dado!" exclamaram. Em vista do homem que José era, creram nele, deram-lhe ouvidos, aceitaram o plano, sacrificaram-se, trabalharam arduamente e ficaram agradecidos.

A liderança exige o máximo de criatividade. Se for um líder, você irá encontrar-se de vez em quando diante de uma parede. Ela é grande e intimidante e geralmente alta e lisa. Você não

pode atravessá-la, escalá-la, nem enxergar ao redor dela. É aí que as coisas ficam interessantes! É nesse ponto que pensamentos inovadores começam a fluir e você se põe a pensar nas possibilidades de contornar a parede. Inovação e criatividade (para não mencionar coragem) unem-se, determinando uma resposta e um modo de ação. Isso me faz lembrar da resposta de um oficial da Marinha na Guerra da Coréia. Ele e suas tropas se viram flanqueados pelo inimigo, dos dois lados, na frente e não muito atrás. Totalmente cercados e em número bem inferior, o oficial exclamou: "Excepcional... eles não poderão fugir dessa vez!".

Como resultado de seu plano inovador, abastecido pela criatividade e coragem, José estabeleceu uma regra: "E José estabeleceu uma lei na terra do Egito válida até ao dia de hoje". Isso quase sempre parece ser o resultado final: A inovação que leva a um plano bem-sucedido se torna uma norma viável.

A fim de pensar criativamente, você precisa de espaço. Lembrem-se disso, todos vocês que têm influência sobre organizações, empresas e negócios. Dêem a todos ao seu redor muito espaço para a criatividade! Permitam oportunidades para idéias brilhantes, livres das limitações da suspeita.

As palavras de Frank Goble voltam à minha mente. Ele oferece este sábio conselho:

> O melhor meio de aniquilar a criatividade é escolher pessoas desconfiadas, críticas, inseguras, defensivas como supervisoras em qualquer nível. Ao serem concebidas, quase todas as idéias são delicadas e frágeis e exigem cuidadoso cultivo. Esta é portanto a razão por que homens experientes no desenvolvimento da criatividade organizacional enfatizam o clima criativo...[7]

Liberdade para pensar! Charles Clark, um dos principais expoentes das idéias brilhantes, escreve em seu livro sobre esse

assunto que costuma tocar uma campainha no meio das sessões criativas se alguém usar uma "frase assassina". Idéia nova, não é? Por que não? As "frases assassinas" matam as reuniões!

Você está pronto para algumas das idéias assassinas que ouvi durante meus mais de 35 anos de liderança cristã?

- Não vai funcionar.
- Não temos tempo.
- Não temos o pessoal necessário para isso.
- Não está no orçamento.
- Vamos ser muito criticados.
- A diretoria não vai aprovar.
- Já tentamos isso antes.
- Nunca fizemos isso antes.
- Ainda não estamos prontos para isso.
- Vamos perder muitos doadores se fizermos isso.
- Tudo certo na teoria, mas você pode pôr em prática?
- Isso poderia resultar num processo legal.
- É moderno demais.
- É obsoleto demais.
- Fulano tentou isso e fracassou.
- Somos pequenos demais para isso.
- Somos grandes demais para isso.
- O preço é excessivo.
- Ninguém vai aceitar.

Assim como há "assassinos da graça" e "assassinos da alegria" soltos por aí, há também "assassinos da criatividade", e são notórios por usar "frases assassinas". Com medo de arriscar, eles passam a vida amedrontados, almejando segurança, temendo ser malcompreendidos. Todo grande avanço é alcançado mediante trabalho árduo – e algumas vezes até incompreensão. Se você for criativo, vai descobrir logo que há conseqüências.

Quando Marconi disse a seus amigos que havia descoberto um jeito de enviar mensagens pelo ar, sem usar fios nem outros meios materiais, eles o colocaram num hospital psiquiátrico. Quando Samuel Morse pediu 30 mil dólares ao Congresso para implementar uma linha experimental do telégrafo entre Washington, D.C. e Baltimore, foi publicamente ridicularizado. (Um membro do Congresso sugeriu que o dinheiro fosse gasto numa estrada para a lua.) Nos idos de 1926, quando um jovem vendedor disse que as vendas da sua empresa poderiam aumentar se fossem usados zíperes na frente das calças masculinas em vez de botões, todo mundo morreu de rir. Essa empresa mais tarde veio a ser a Talon Manufacturing e deveu sua sobrevivência a uma única e criativa invenção – o zíper!

É claro que nem todas as idéias são boas. Encontrei um livro interessante chamado *Incomplete Book of Failures* (Livro Incompleto dos Fracassos), que cita os inventores que tiveram menos sucesso em todo o tempo; é hilariante. Entre 1962 e 1977, Arthur Paul Pedrick patenteou 162 invenções que não estão em uso hoje. Entre elas havia uma bicicleta anfíbia. Outra era um arranjo com o qual um carro podia ser dirigido do banco de trás. (Alguns de vocês podem até ter carros assim.) A fim de irrigar os desertos do mundo, Pedrick sugeriu e planejou um meio de enviar um suprimento constante de bolas de gelo das regiões polares por meio de uma rede de atiradores gigantes de ervilhas! Ele patenteou também várias invenções para o jogo de golfe, incluindo uma bola que podia ser dirigida durante o percurso! (Não sei por que essa idéia nunca pegou.)[8]

Compreendo que a criatividade pode ser levada a extremos ridículos, portanto, não me escreva! Não estou sugerindo decisões ridículas, mas algumas vezes você tem de considerar o ridículo a fim de chegar a um plano inovador, criativo. Algumas

pessoas tornam-se tão negativas, tão fechadas, tão limitadas em sua maneira de pensar, tão incrivelmente conscientes do perigo ou desconfiadas, que não abrem espaço para as idéias crescerem, nem mesmo as que vêm de seus próprios filhos. Lembro-me de alguns planos engenhosos que nossos filhos apresentaram para facilitar os trabalhos domésticos. Pratos, por exemplo. Eles se convenceram de que o uso de pratos, copos e talheres de plástico era a única coisa que ajudaria a terminar mais depressa a arrumação da cozinha. Cynthia e eu não adotamos inteiramente essa idéia, mas houve ocasiões em que aceitamos o plano deles!

Os cristãos podem ser especialmente ameaçados por qualquer coisa "nova". Veja bem, não estou sugerindo uma nova teologia. Como digo há décadas, precisamos estar dispostos a abandonar os métodos comuns sem interferir na mensagem essencial. Muitos dizem que estão fazendo isso, mas na verdade não estão. Que pena! O tipo certo de inovação, por exemplo, pode realçar muito o culto de adoração. Muitas das novas abordagens podem transformar nossas reuniões e tornar os lugares de adoração mais uma vez cativantes.

Por trás das mudanças, repito, é preciso haver um sólido fundamento. *A primeira e mais alta prioridade deve ser nosso compromisso com a verdade e os princípios bíblicos sólidos.* Quando fugimos da verdade ou dos princípios, nem sequer nos aproximamos do sucesso. Pelo contrário, inicia-se uma corrosão sutil e acabamos perdendo. Se nosso plano requer engano, se significa mentir, se exige maus-tratos a outros, ou, se de qualquer forma, requer que diluamos a nossa teologia, então é falso. Meu conselho? Abandone-o agora enquanto ainda é possível.

Segundo, *devemos investir cuidadosamente o nosso tempo.* Peter Drucker disse muitas coisas úteis, mas uma de minhas citações favoritas dele é esta:

> Nada distingue tanto os executivos eficientes quanto o seu cuidado com o tempo...A não ser que ele gerencie muito bem a sua vida, não há habilidade, experiência ou conhecimento que torne eficiente um executivo.[9]

Devemos saber dizer "não" sem longas explicações. Isso significa dizer "não" para coisas boas, agradáveis, e até para oportunidades maravilhosas, se o nosso limite de tempo, baseado em prioridades mais elevadas, não deixar espaço para elas. Tenho de responder a mais de 50 cartas por semana, convidando-me para participar de várias atividades ou reuniões, ou para fazer preleções – sendo a maioria delas oportunidades edificantes e ilustres. Minhas prioridades já estabelecidas me obrigam a recusar praticamente todas elas. Isso nunca é fácil nem agradável, mas é certo. Um princípio que aprendi nos anos 50 ainda se aplica: certas coisas *devem* ser para que outras *possam* ser.

Terceiro, *devemos observar nossos motivos.* Devemos vigiar constantemente como reagimos e nos relacionamos com as pessoas. Devemos também perguntar sempre por que respondemos "sim" ou "não". Estamos fazendo a coisa "certa" pelo motivo errado? Esperamos nos beneficiar com a nossa resposta? Estamos apenas agradando às pessoas? Nosso motivo é às vezes escravo do hábito. Muitos preferem uma rotina, mas descobri que rotina nada mais é do que um meio de morrer muito antes de parar de respirar. Se você tiver um estilo de vida rotineiro, talvez esteja na hora de olhar para a vida através dos olhos de José. Pare e pense nos ajustes, nas mudanças, na flexibilidade demonstrada por ele no decurso dos anos como líder. Compreenda que, embora tivesse envelhecido, ele se recusou a fugir dos desafios da vida.

Enquanto penso nisso tudo, penso também na cruz, onde esses quatro princípios operaram. Antes daquele grande mo-

mento de acontecer a redenção, Deus Pai planejou tudo antecipadamente, com sábia objetividade instigada pelo seu amor incondicional. Ele nos viu como éramos, não apenas como queria que fôssemos. Éramos depravados, perdidos, pecadores, espiritualmente mortos. Éramos estrangeiros. Nós o odiávamos. Se tivéssemos escolha em nossa condição de perdidos, cada um de nós teria participado da crucificação do seu Filho. Ele nos viu como éramos.

Seu Filho, Jesus Cristo, submeteu-se então com fiel responsabilidade à autoridade do Pai. "Sim, eu vou. Sim, vou levar a mensagem da salvação. Sim, irei a essa terra que fizemos. Sim, serei açoitado. Serei objeto de zombaria. Sim, morrerei. E me submeterei."

Na cruz, o Senhor Deus arranjou um plano para nossa sobrevivência espiritual, com integridade divina. Ele requeria o sacrifício de Cristo na cruz. Jesus cumpriu o plano. Podemos aceitar a sua palavra. Ele era quem disse que era e fez o que prometeu que faria. Com um só coração, uma só mente e uma só vontade, ele cumpriu o plano do Pai.

Jesus Cristo finalmente executou o plano mais inovador e criativo que este mundo já conheceu. Desde o nascimento até a morte e a ressurreição, e a vinda iminente de Cristo, o plano do Deus Altíssimo é rico de inovações e criatividade. Jamais fora concretizado antes. Jamais será realizado novamente. Foi um Plano Magistral, de uma vez por todas, que só o Criador poderia conceber.

O Pai faz conosco o que fez com José. Em seu grande arranjo da vida, ele não deixa de lado o pecado do homem; mas lida com ele. Trata das questões difíceis da vida. Não pergunta sobre como eu ganho o meu sustento, mas como ganho a vida? Não como gasto o meu tempo, mas como gasto a eternidade. E não

tanto como me dou com a pessoa sentada ao meu lado, mas, em última instância, como me dou com Deus. Quando respondemos corretamente às perguntas difíceis, todas as outras se encaixam.

Que possamos ser modelos de diligência, honestidade, compaixão, criatividade. Que nosso trabalho seja uma extensão da nossa integridade. E que cada um de nós que declara o nome de Cristo como Senhor seja uma influência positiva sobre os que nos rodeiam e um representante e embaixador fiel para aquele que nos amou e deu a sua vida por nós.

Em outras palavras, que possamos seguir os passos de José. Ou melhor ainda, os passos de Jesus.

CAPÍTULO DOZE

Destaques do Crepúsculo e da Meia-Noite

Meu dia começou muito cedo naquela manhã, bem antes do alvorecer, com o som do telefone. Do outro lado da linha escutei a voz vibrante, extasiada, de um jovem que me telefonava para me contar que alguns minutos antes se tornara pai. O bebê estava ótimo. A mãe também, mas exausta. O novo pai, ótimo e deslumbrado. Ele me disse o nome do filho e a razão pela qual escolheram nome e tudo o mais relativo ao nascimento. Ele deu algumas risadinhas e gargalhou várias vezes. Gritou uma ou duas vezes. Quando desliguei o telefone, sorri. Que maneira alegre de começar um novo dia!

Depois do café, fui para o escritório. Por volta das nove e meia recebi um telefonema de um casal que passava por dificuldades. Eles acabavam de receber a notícia de que a mulher tinha câncer terminal. Fui forçado a mudar imediatamente minha postura enquanto auxiliava aqueles amigos queridos. O

sorriso de felicidade que ostentava pela manhã transformou-se rapidamente em um sentimento de tristeza e desesperança. (Vários meses depois essa mulher foi ter com o Senhor.)

Ao meio-dia meu almoço foi interrompido porque tive de dar os toques finais numa mensagem fúnebre que pregaria naquela tarde, às 14 horas. Em um curto espaço de tempo eu tinha ido do nascimento a uma enfermidade crítica, e depois para o sofrimento de uma família enlutada num velório.

Quando voltei ao meu escritório, encontrei um bilhete pedindo que fosse me encontrar imediatamente com um casal para aconselhamento. Eles estavam casados há pouco mais de dez anos e tinham três filhos. Agora, segundo diziam, não conseguiam se comunicar mais; estavam separados e pensavam em divorciar-se. Outra mudança de postura. Enquanto conversávamos, lágrimas de frustração e palavras iradas preencheram o ambiente. Foi um encontro infeliz e insatisfatório. (O casal não conseguiu resolver suas diferenças e acabou se divorciando mais tarde.) Isso tudo me deixou triste.

Naquela noite, por volta das 19 horas, quando abri o armário para pegar meu terno de casamento, tive vontade de cancelar o evento noturno. Não podia fazer isso, é claro, e mudei então novamente de postura. Realizei a cerimônia, sorri para o fotógrafo, apertei a mão do noivo, cumprimentei os pais orgulhosos, beijei a noiva e fiz o que pude para participar da alegria daquele casamento e da agradável recepção que se seguiu.

Mais tarde, larguei-me totalmente esgotado em meu carro. Enquanto ia para casa, liguei o rádio e ouvi Tammy Wynette cantando: "Peço Desculpas – Nunca Te Prometi um Jardim de Rosas!". Concordei com um movimento de cabeça.

A vida de José podia ser tudo menos um canteiro de rosas, e nossa viagem através dela foi tudo menos cansativa. Seus altos e

baixos foram tão extremos quanto os meus dias, só que muito piores. A vida dele parecia muito com uma montanha-russa. Tinha sido adorado, protegido e paparicado pelo pai enquanto crescia num ambiente hostil, cheio de irmãos invejosos. Eles o odiavam tanto que até pensaram em matá-lo, atirando-o numa cisterna em Canaã. Decidiram depois, em vez disso, ganhar algum dinheiro com ele e o venderam a mercadores de escravos que o levaram para o Egito. Ali, José foi comprado por um oficial patenteado de nome Potifar. Na casa desse homem, ele foi respeitado e promovido a mordomo-chefe, recebendo toda a autoridade em virtude da confiança que o oficial tinha nele. Em seguida, a mulher libidinosa do chefe se interessou por ele. Obediente ao seu Deus e decidido a manter sua pureza, José resistiu firmemente à sedução dela e fugiu de suas investidas – mas acabou ouvindo os gritos da mulher enquanto ela o acusava de assédio sexual e tentativa de estupro. Como resultado de suas falsas acusações, ele acabou numa masmorra egípcia, mas, ali, confiaram novamente nele e o respeitaram. Embora não prejudicasse, mas, na verdade, ajudasse os outros a sair da prisão, ele permaneceu esquecido durante vários anos. Então, mediante circunstâncias ordenadas por Deus, foi tirado daquele lugar e viu-se elevado à posição de primeiro-ministro, o braço direito de Faraó, praticamente da noite para o dia. De maneira surpreendente, ele retomara uma alta posição. Depois de uma separação de 20 anos de sua família em Canaã, José finalmente se reuniu com seus irmãos e seu pai, enquanto administrava com sucesso a situação crítica provocada por uma severa fome no Egito.

Desespero. Triunfo. Alturas. Profundezas. Sonhos. Masmorras. Promoção. Rejeição. Lucro. Perda. Os altos e baixos, a poderosa realidade da vida desse homem, bastariam para ofus-

car tudo o que você e eu já experimentamos. Os contrastes fazem os homens e mulheres se esquecerem de Deus em algumas ocasiões. Eles se tornam por vezes tão severos e céticos que decidem abandonar os velhos amigos e voltar-se contra a própria família. Isso não aconteceu com José. Os extremos da vida em vez de apagar suas lembranças de casa apenas as aprofundaram.

O ex-pastor e escritor, Clarence Edward Macartney, capta esse pensamento com um toque raro de imaginação criativa:

> Grande nos sonhos da juventude, grande nas adversidades e provações pelas quais passou, grande nas horas da tentação, José é o maior de todos em sua prosperidade, quando seus sonhos se realizam.
>
> Ele jamais se esqueceu da casa do pai. Algumas vezes, quando tratava de grandes negócios para Faraó, os nobres e os oficiais lhe faziam uma pergunta e José não respondia. Ele não ouvira o que perguntavam. Estava escutando a voz de Jacó, a voz de Benjamim. Certas vezes quando se encontrava sentado à vontade em seu palácio, e um ar de abstração cobria seu rosto, sua mulher, a filha do sacerdote de On, o sacudia pelo braço e perguntava se havia esquecido dela; ou colocava Efraim num joelho e Manassés no outro, pedindo para que trouxessem de volta os pensamentos errantes do pai para que ele pensasse nela e nos filhos. Os pensamentos de José, porém, estavam bem distantes daquele lindo palácio. Ele não via as colunas de arenito vermelho, enfeitadas com serpentes entrelaçadas, tendo no alto grandes águias em cujos olhos e garras brilhavam pedras preciosas. Ele não via o Nilo sinuoso ao longe, nem as enormes pirâmides, nem a esfinge silenciosa fitando o nada. Os pensamentos de José se encontravam bem longe do Egito, nas tendas negras dos hebreus, pois "por mais que perambulemos em meio a prazeres e palácios, por mais humilde que seja, não há nenhum lugar como o lar".[1]

A fome traiçoeira de sete anos finalmente terminou. A prosperidade voltou e o Egito floresceu. A região fértil do Nilo, onde José estabelecera a família, começou a se tornar produtiva. Ano após ano, colheitas fartas eram ceifadas na época certa. José desfrutou das bênçãos de Deus e da abundância dos campos, durante 17 anos, junto da família reunida.

JACÓ: DOENÇA, BÊNÇÃO, MORTE

> Assim habitou Israel na terra do Egito, na terra de Gósen; nela tomaram possessão, e foram fecundos, e muito se multiplicaram. Jacó viveu na terra do Egito dezessete anos; de sorte que os dias de Jacó, os anos de sua vida, foram cento e quarenta e sete.
>
> Gênesis 47:27-28

O povo de Jacó, agora chamado pelo nome dado por Deus, Israel, tornou-se bastante fecundo. Os jovens se casavam, nasciam filhos e eles cresceram muito em número. Depois de 17 anos na terra do Egito, Jacó comemorou seu 147º aniversário. Como o seu filho favorito, ele também tivera muitos altos e baixos, muitos fracassos, mas também muitas bênçãos de seu Senhor, pronto a perdoar. Concordo com Alexander Whyte: "Não houve outro santo do Antigo Testamento que tivesse recebido mais do favor e do perdão de Deus que Jacó".[2] Sua jornada se aproximava do fim. Quem sabe? É bem possível que o clã inteiro se reunisse para uma grande festa de aniversário. Que celebração deve ter sido!

Em alguma ocasião depois disso, possivelmente naquele mesmo ano, já que esse foi o último registro da idade dele, Jacó compreendeu que o anjo da morte estava junto à sua cama. Ele naturalmente chamou José. A cena foi outra daquelas memoráveis ocasiões impossíveis de ser descritas.

Jacó e José

> Aproximando-se, pois, o tempo da morte de Israel, chamou a José, seu filho, e lhe disse: Se agora achei mercê à tua presença, rogo-te que ponhas a mão debaixo da minha coxa, e uses comigo de beneficência e de verdade; rogo-te que me não enterres no Egito, porém que eu jaza com meus pais; por isso me levarás do Egito e me enterrarás no lugar da sepultura deles. Respondeu José: Farei segundo a tua palavra. Então lhe disse Jacó: Jura-me. E ele jurou-lhe; e Israel se inclinou sobre a cabeceira da cama.
>
> Gênesis 47:29-31

"Jure-me, José – prometa-me isto", disse Jacó. "Ponha a mão debaixo da minha coxa e jure."

Fazer promessas aos agonizantes não é incomum. Isso continua acontecendo hoje. Já ouvi cônjuges ou filhos contarem promessas feitas a um parceiro que estava morrendo ou a um dos pais. Mas e esse gesto estranho de pôr a mão debaixo da coxa de alguém? Qual a explicação?

Brown, Driver e Briggs, autoridades antigas, mas ainda respeitáveis no que diz respeito ao texto hebraico, sugerem que esse selo da promessa era feito pondo a mão na parte mais baixa das costas ou debaixo das nádegas. José prometeu cumprir a vontade do pai e também indicou isso simbolicamente ao pôr a mão debaixo de Jacó. Era a postura comum naquele tempo ao fazer um juramento.

"Prometa-me diante do nosso Deus, José, que vai sepultar-me na terra de meu pai. Prometa que vai enterrar-me em Canaã, a terra do nosso povo, e não aqui no Egito. Deus nos trouxe para o Egito a fim de podermos sobreviver à fome, mas eu quero ser sepultado na terra de nossos ancestrais, junto com

Abraão, Isaque e Lia. Leve-me de volta para lá. Não me enterre no Egito. Jure diante de Deus que isso não vai acontecer." José jurou então que cumpriria a promessa feita ao pai.

No livro de James Dobson, *O que as Esposas Desejam que os Maridos Saibam,* Jim fala sobre o epitáfio que mandou colocar na lápide de seu pai. Nessa "pedra fundamental", como ele a chama, fez gravar duas palavras simples mas poderosas: "Ele orava."[3]

No túmulo de Jacó, José poderia ter escrito as palavras: "Ele adorava". Anos antes, é claro, "Ele enganava" poderia ser mais apropriado, mas agora tinha quase um século e meio de idade, já andara muito tempo ao lado de Deus. No fim da sua vida, um de seus últimos atos foi adorar o Deus com quem lutara e a quem servira. Em sua velhice ele insistiu com José que lembrasse que Canaã – e não o Egito – era a Terra Prometida e fez então o filho prometer que sua última sepultura seria ali.

Jacó e os Filhos de José

Essa cena é rapidamente seguida por outra de comovente significação, quando os filhos de José, Manassés e Efraim são levados para ver o avô, que agonizava.

Manassés e Efraim não eram mais garotinhos. A essa altura eles já estavam na juventude. Dezessete anos haviam-se passado desde que Jacó chegara ao Egito e antes disso os filhos de José já tinham nascido. Jacó começa reiterando a aliança que Deus fizera com ele.

> Agora, pois, os teus dois filhos, que te nasceram na terra do Egito, antes que eu viesse a ti no Egito, são meus; Efraim e Manassés serão meus, como Rúben e Simeão...Os olhos de Israel já se tinham escurecido por causa da velhice, de modo que não podia ver bem. José, pois, fê-los chegar a ele; e ele os beijou

> e os abraçou. Então disse Israel a José: Eu não cuidara ver o teu rosto; e eis que Deus me fez ver os teus filhos também...Mas Israel estendeu a mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim, que era o mais novo, e a sua esquerda sobre a cabeça de Manassés, cruzando assim as mãos, não obstante ser Manassés o primogênito. E abençoou a José, dizendo: O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que me sustentou durante a minha vida até este dia, o Anjo que me tem livrado de todo mal, abençoe estes rapazes; seja neles chamado o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaque; e cresçam em multidão no meio da terra.
>
> Gênesis 48:5,10-11,14-16

Em razão de José ter sido um filho especial para Jacó, os filhos dele eram também especiais para o avô. O estudo da NIV observa nesta parte do texto que Jacó, na sua morte, adotou os dois primeiros filhos de José e dividiu assim a herança de José na terra de Canaã entre eles. "Os dois primeiros filhos de José teriam a mesma posição que os dois primeiros filhos de Jacó (Rúben e Simeão) e iriam de fato suplantá-los. Por causa de um ato pecaminoso anterior, Rúben perderia o seu direito de primogenitura para o filho favorito, José, e, portanto, para os filhos de José."[4]

Tudo isso se torna muito importante mais tarde na história da nação de Israel e faz dessa última cena com Jacó e seus netos um marco de grande importância.

É possível que seja por causa da minha natureza prática, mas vejo algo de grande valor também para nós aqui. Tem que ver com como e onde Jacó morreu, em contraste com como e onde nós morremos. Jacó morreu em seu próprio leito, em casa. Isso raramente ocorre hoje. Vivemos uma época estranha. O nascimento se tornou cada vez mais um assunto de família, com

quase todos presentes quando o bebê nasce. Que mudança magnífica de como as coisas costumavam ser! Por outro lado, a morte foi cada vez mais relegada aos cuidados de profissionais frios e às vezes insensíveis e ao ambiente esterilizado de um hospital. E, depois, para o velório do próprio hospital ou do cemitério. Só em anos recentes começamos a perceber o direito das pessoas de ir para casa, no final da sua jornada terrena, para receber o apoio e o consolo daqueles que as amam.

Mesmo com a retomada da presença familiar, é raro vermos alguém morrer. É de admirar que os psicólogos digam que o último lugar em que as pessoas podem visualizar a si mesmas é um caixão? Para onde vão os agonizantes? Para lugares profissionais. Só em raras ocasiões eles morrem com os membros da família (até os netos) à sua volta. Embora muitos desses ambientes profissionais sejam limpos e equipados, com pessoal competente e até cuidadoso, eles podem ser os lugares mais solitários da terra.

Joe Bayly, que mencionei anteriormente a respeito da perda de três filhos e outros entes queridos, escreveu sobre a morte com muita compreensão, compaixão e autoridade. Apesar de suas palavras parecerem hoje um tanto antiquadas, quase todos nós podemos identificar-nos com seus comentários, enquanto ele desenha este contraste vivo entre as cenas:

> Uma de minhas primeiras lembranças é a de ter sido levado ao quarto de minha avó em Gettysburg, Pensilvânia, para dar-lhe um último beijo...
> Essa cena ainda me impressiona hoje com sua qualidade do Antigo Testamento. Vovó, uma figura imponente, estava consciente, levemente apoiada num travesseiro, com os cabelos brancos trançados e cuidadosamente arranjados sobre a manta que fizera quando jovem. A cama, de quatro colunas, era a

mesma em que dormira durante 50 anos e onde seus quatro filhos haviam sido concebidos e onde nasceram.

O assoalho de tábuas largas rangia como de costume, a lamparina de querosene tremulava na cômoda maciça, um buquê de ervilhas-de-cheiro do jardim de vovó perfumava levemente o quarto.

A velha senhora estava rodeada pelos filhos e netos. Em poucas horas ela morreu.

Quarenta anos mais tarde, meus filhos estavam com o avô deles quando teve seu último ataque cardíaco. Nós lhe demos oxigênio, chamamos o médico e logo a ambulância chegou. Os enfermeiros colocaram vovô numa maca, tiraram-no de casa e essa foi a última vez que os netos o viram. Crianças não podem entrar na maioria dos hospitais.

Na unidade de tratamentos intensivos do hospital, minha esposa e eu ficamos com ele até o final do período de visitas. Os equipamentos de sobrevivência – tubos, agulhas, sistema de oxigênio, marca-passo eletrônico – estavam dentro dele, sobre ele e ao redor dele.

Vovô morreu sozinho, à noite, depois das horas de visita. Seus netos não tiveram oportunidade de dar-lhe um último beijo, de sentir a pressão de sua mão na cabeça.

Nessa geração, a morte se transferiu do lar para o hospital...[5]

Como pastor e atualmente um dos que ensina os que vão tornar-se pastores, me preocupo muito com essa idéia da morte. Não nos preparamos para a morte quando estamos morrendo. Devemos preparar-nos para morrer enquanto estamos vivos e saudáveis. Devemos pensar sobre isso e discutir a morte junto com a família. A morte não é algo que temer, rejeitar ou evitar. É algo para ser compartilhado com os membros da família e os amigos que nos acompanharam durante nossa jornada nesta vida.

Os filhos de José ficaram com o avô quando ele se aproximava daqueles momentos finais. Eles sentiram sua mão na testa e ouviram suas palavras ternas e sábias de bênção: "Que Deus abençoe a nação como ele os abençoa". Que momento! É provável que Manassés e Efraim estivessem ajoelhados ao lado do avô. Que impacto eterno na vida desses dois jovens!

Jacó e Seus Filhos

> Depois chamou Jacó a seus filhos, e disse: Ajuntai-vos, e eu vos farei saber o que vos há de acontecer nos dias vindouros; ajuntai-vos, e ouvi, filhos de Jacó; ouvi a Israel, vosso pai.
>
> Gênesis 49:1-2

Apesar da idade e da doença, a memória de Jacó era realmente notável. Ele não esqueceu o nome de nenhum de seus filhos, sabia descrever a natureza individual deles e lembrar-se de cada detalhe importante da vida. Embora nunca os tivesse disciplinado sabiamente ou como devia, conhecia bem os filhos. O Senhor sem dúvida o ajudou nesse momento comovente de sua vida, provendo o discernimento profético transmitido por esse pai idoso. Desde o primogênito, Rúben, até o mais moço, Benjamim, Jacó não abençoou só os 12, mas também as 12 tribos que descenderiam deles.

> São estas as doze tribos de Israel; e isto é o que lhes falou seu pai quando os abençoou; a cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia.
>
> Gênesis 49:28

Depois disso, Jacó deu-lhes instruções específicas sobre onde queria ser sepultado, de acordo com a promessa feita antes por José. A seguir, veio esta belíssima declaração: "Tendo Jacó aca-

bado de dar determinações a seus filhos, recolheu os pés na cama, e expirou, e foi reunido ao seu povo" (Gn 49:33).

Os que têm a esperança da eternidade, embora entristecidos com a perda que a morte traz e a ausência penosa que se segue, devem lembrar de sentir-se consolados com a idéia de que o crente, ao ser levado desta vida, é conduzido ao lugar dos santos. Como diz a passagem: "Jacó foi reunido ao seu povo". Ausente do corpo, face a face com o Senhor. Quão simples, porém quão sagrado esse momento. Com um suspiro baixo e final, o velho patriarca reuniu-se às fileiras eternas dos santos que partiram.

John Donne, um poeta inglês do século XVII, não foi apenas um dos grandes poetas do país, como também um de seus mais celebrados pregadores. Ele escreveu eloqüentemente sobre a morte:

> Toda a humanidade tem um único Autor, e um só volume; quando um Homem morre, não se rasga um Capítulo do livro, mas traduz-se em linguagem mais aprimorada; e cada Capítulo deve ser assim traduzido. Deus emprega diversos tradutores: algumas peças são traduzidas por causa da idade, outras, pela doença; algumas pela guerra, outras, pela justiça; mas a mão de Deus está em cada tradução; e sua mão reunirá outra vez todas as nossas folhas espalhadas, nessa Biblioteca onde cada livro ficará aberto um para o outro.[6]

Deus traduz a vida do indivíduo após a morte, e *só então* podemos medir a importância dessa vida. Quase sempre, no entanto, só compreendemos tarde demais essa importância. Na maioria das vezes, muito depois da morte da pessoa.

JOSÉ: LUTO, GRAÇA, GLÓRIA

Quando Jacó foi reunido a seu povo, um sentimento de perda se abateu sobre José. Quem já perdeu um pai amoroso e fiel,

como eu, conhece muito bem essa tristeza que aperta o coração. Posso ainda lembrar-me de ter-me sentido estranhamente órfão e sozinho, embora tivesse a ternura de minha amada esposa, que chorava ao meu lado, assim como a de meus quatro filhos crescidos e a de meu irmão e minha irmã. Contudo, ali estava ele deitado, tendo partido para sempre desta terra. Para a glória, é certo, mas saindo da minha vida terrena. Não ouviria novamente a sua voz, seu riso, seus conselhos, suas orações. Não mais compartilharia um momento feliz com ele, nem sentiria o toque de sua mão forte em meu braço, nem o veria assinar o nome com sua caligrafia. Ele não mais carregaria um de meus filhos nos braços ou me envolveria com eles num abraço de afirmação ou consolo. Será que compreendo a tristeza de José? Muito mais do que consigo descrever.

> Então José se lançou sobre o rosto de seu pai, e chorou sobre ele, e o beijou. Ordenou José a seus servos, aos que eram médicos, que embalsamassem a seu pai; e os médicos embalsamaram a Israel, gastando nisso quarenta dias, pois assim se cumprem os dias do embalsamamento; e os egípcios o choraram setenta dias.
>
> Gênesis 50:1-3

Essa referência não é surpreendente uma vez que, se as pirâmides e as múmias servirem de exemplo, os egípcios haviam desenvolvido um complexo sistema de embalsamamento. Depois de os médicos terem terminado o processo, que levava 40 dias, e depois que o povo lamentou sua morte durante 70 dias, o cortejo fúnebre começou sua longa jornada para Canaã.

É interessante ler que tanto os egípcios quanto José e toda a sua família hebréia choraram a morte de Jacó. Por amor e respeito ao homem que se tornara amado por eles e ganhara tama-

nha reputação de integridade entre eles, os egípcios, de Faraó para baixo, participaram da sua dor. Eles também choraram esses 70 dias. Quando chegou a hora de José cumprir sua promessa e sepultar o pai na longínqua Canaã, o monarca egípcio concordou com todo o procedimento.

Sepultamento do Pai de José

> Passados os dias de o chorarem, falou José à casa de Faraó: Se agora achei mercê perante vós, rogo-vos que faleis aos ouvidos de Faraó, dizendo: Meu pai me fez jurar, declarando: Eis que eu morro; no meu sepulcro que abri para mim na terra de Canaã, ali me sepultarás. Agora, pois, desejo subir e sepultar meu pai, depois voltarei. Respondeu Faraó: Sobe, e sepulta a teu pai como ele te fez jurar. José subiu para sepultar a seu pai; e subiram com ele todos os oficiais de Faraó, os principais da sua casa, e todos os principais da terra do Egito, como também toda a casa de José, e seus irmãos, e a casa de seu pai; somente deixaram na terra de Gósen as crianças, e os rebanhos, e o gado. E subiram também com ele tanto carros como cavaleiros; e o cortejo foi grandíssimo.
>
> Gênesis 50:4-9

Aquela enorme procissão fúnebre deve ter sido impressionante, saindo silenciosamente do Egito, indo para o leste, cruzando o deserto árido do Sinai e, finalmente seguindo para o norte, em direção à região dada por Deus e chamada de Terra Prometida. Fico imaginando o que as pessoas devem ter pensado ao verem a procissão passar naqueles vários dias. Ali vai um grande rei? Ali vai o pai de José? Ali vai o corpo daquele de cujos lombos a nação de Israel tem sido sustentada? Alguns beduínos do deserto podem ter apenas ficado respeitosamente em pé, observando. Que momento memorável! Outro fim de outra

era. É justo que nesse ponto da história a narrativa fique mais lenta, acompanhando a cadência tristonha do funeral de Jacó. Uma vez chegados ao destino, eles sepultaram Jacó de acordo com os seus desejos, na caverna de Macpela, onde já repousavam seus ancestrais, Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, assim como a esposa dele, Lia.

> Apesar da preeminência de José no governo do Egito, a família jamais consideraria essa terra sua herança. A legitimidade de seu direito a Canaã se prendia ao dom divino da terra a Abraão, o primeiro ancestral de Israel...A ida do cortejo fúnebre do Egito para Canaã, a fim de sepultar Jacó, renovou o direito da família à caverna, e também à terra. Era uma promessa que um dia voltariam a ocupar o que fora de fato concedido a Abraão e Sara, Isaque e Rebeca. Lia fora também sepultada ali (mas não Raquel), e Jacó tomaria o seu lugar no mausoléu da família, como um dos três grandes nomes para sempre associados com a promessa da terra, feita por Deus: Abraão, Isaque e Jacó.[7]

O lugar tão significativo provocou ainda mais choro no filho que sentia terrivelmente a falta do pai. Sou grato porque as Escrituras não escondem de nós esse lado terno e vulnerável da natureza de José. Como foi triste para ele perder o pai tão amado!

> Chegando eles, pois, à eira de Atade, que está além do Jordão, fizeram ali grande e intensa lamentação; e José pranteou seu pai durante sete dias... Depois disso, voltou José para o Egito, ele, seus irmãos, e todos os que com ele subiram a sepultar o seu pai.
>
> Gênesis 50:10,14

A volta para o Egito deve ter incluído longos momentos de reflexão. É provável que José e os irmãos tivessem sentado ao redor de uma fogueira até tarde da noite, onde a caravana

parara para descansar, e recordado várias cenas do passado. A recuperação do luto leva tempo – meses e algumas vezes anos. Neste caso, algumas dessas ocasiões de reflexão despertaram pontadas de remorso no coração dos irmãos. Uma vez que esse velho espicaçador da consciência ressurgiu, o medo e a ansiedade pesaram sobre eles.

> Vendo os irmãos de José que seu pai já era morto, disseram: É o caso de José nos perseguir, e nos retribuir certamente o mal todo que lhe fizemos. Portanto mandaram dizer a José: Teu pai ordenou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, pois, a transgressão de teus irmãos, e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, te rogamos que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai. José chorou enquanto lhe falavam.
>
> Gênesis 50:15-17

José Perdoa os Irmãos

Este é outro vislumbre do lado amável e terno de José. A luta deles com os pecados passados (e já perdoados!) o comoveu até as lágrimas. Os irmãos não haviam ainda conseguido se apropriar da graça. Essa idéia ainda era "boa demais para ser verdade". Tudo o que eles haviam feito há tantos anos voltou a atormentá-los. O medo também retornava, à medida que a sua imaginação tomou o controle. Será que José fora bom para eles só por causa do pai? Seria essa a razão pela qual ele ainda não se vingara? Eles não duvidavam de que a morte do pai poderia significar a remoção de uma influência restritiva sobre o irmão. Enquanto Jacó se encontrava ali, eles se sentiram seguros, pelo menos mais seguros. Com a partida dele, quem sabe o que aconteceria? A culpa mais uma vez tomou conta daqueles homens. Talvez enquanto choravam a morte do pai, enquanto o

coração estava especialmente enternecido a culpa insinuou-se pela porta desprotegida de sua memória e novamente lhes roubou a frágil paz.

Estavam relembrando pecados antigos que já haviam sido completamente perdoados, mas que eles não haviam esquecido completamente. Por causa disso, tinham medo de José e lhe enviaram então uma mensagem, dizendo que o pai pedira que o irmão os perdoasse pelo que tinham feito.

A resposta de José revela novamente o seu caráter. Ele chorou ao ouvir isso, pois não haviam acreditado plenamente em suas palavras anteriores. Lembra-se de que ele dissera que havia um propósito divino por trás de tudo o que lhe acontecera? Lembra-se de quando ele afirmara que não tinham sido eles que o enviaram ao Egito, mas Deus? José compreendeu, enquanto tropeçavam nas palavras e tentavam remexer todo o lixo do passado, que eles não tinham ouvido nem acreditado nele realmente. Precisava afirmar tudo de novo.

Sem hesitação, ele ofereceu-lhes segurança na forma de perdão. As palavras de José em Gênesis 50 oferecem a mais excelente expressão de perdão que podemos encontrar, além das palavras de perdão do próprio Jesus Cristo. Sugiro que as leia devagar e com sentimento, preferivelmente em voz alta. Todos os que estão em conflito com sentimentos desnecessários de culpa por causa de pecados já perdoados se beneficiarão com a resposta de José. Sugiro memorizar essas poucas linhas, de modo a gravá-las para sempre em sua mente. Elas o ajudarão a compreender e a apropriar-se da graça de Deus como nunca antes em sua vida. José garantiu aos irmãos:

> Respondeu-lhes José: Não temais; acaso estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se

> conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos. Assim os consolou, e lhes falou ao coração.
>
> Gênesis 50:19-21

"Estou eu em lugar de Deus?", perguntou-lhes José. Se ele fosse um homem menor, poderia ter desempenhado o papel de "rei da montanha" e usurpado o lugar de Deus. "Os assassinos da graça" fazem esse tipo de coisa. Eles exploram o poder que possuem sobre outros. Jogam um jogo carnal quando encurralam alguém, alguém vulnerável, que está à sua mercê.

José recusou-se a fazer isso. Ele não agira assim na primeira reunião e não age agora. Em sua obediência a Deus, ele foi limitado por sentimentos de terna misericórdia ao comunicar a graça divina. "Acaso estou eu em lugar de Deus?", ele perguntou aos irmãos, dizendo, com efeito: "Irmãos, ouçam-me. Vamos esclarecer isso pela última vez. Sei o que vocês fizeram e sei qual a sua intenção. Sei que queriam fazer-me mal. Compreendo tudo isso. O plano de vocês era esse. Mas Deus tinha outros planos e ele transformou os resultados das suas más intenções em algo bom. Eu antes não compreendia isso, mas agora já passou. Quero que entendam – Deus planejou tudo para o bem". José nunca pareceu tão íntegro quanto nesse momento da sua vida. Como Churchill diria, foi a sua "melhor hora".

Um piloto de helicóptero contou-me sobre uma magnífica experiência que tivera enquanto voava num helicóptero da polícia. Pela primeira e única vez em sua vida, ele afirmou ter visto um arco-íris completo. Tudo o que geralmente vemos num arco-íris é um arco, com uma ou ambas extremidades fixadas na terra. Mas essa é apenas a metade do arco-íris, disse-me o piloto, porque ele é circular. Em suas palavras:

– Quando eu estava na posição e no lugar certos naquele prisma celestial, eu não só o vi como *voei através dele e ao seu redor*. Foi um momento único numa vida inteira – afirmou – quando entrei naquele arco-íris.

– Então não há um pote de ouro no fim dele? – brinquei.

– Não – respondeu –, porque ele não tem fim.

José disse aos irmãos: "Eu vejo o arco-íris inteiro. Vocês só enxergam parte dele. Mas, eu lhes digo, eu o atravessei e o circundei e não tem fim. Vocês pretendiam o mal, mas Deus pretendia o bem". O ouro estava em José, não em algum pote imaginário.

Vigie o seu coração quando tiver poder para culpar outra pessoa. Recuse-se lançar-lhes no rosto os erros dela. Lembre-se do pai do Filho Pródigo. Melhor ainda, lembre-se de José. "Não tenham medo", ele consolou-os bondosamente. "Sustentarei vocês e seus filhos."

Aprecio grandemente as palavras do hino de George Robinson:

> Amado com amor eterno,
> Guiado pela graça para conhecer esse amor;
> Espírito gracioso lá do alto,
> Tu me ensinaste que é assim!
> Ó, esta paz plena e perfeita!
> Ó, este transporte divino!
> Em um amor incessante,
> Sou dele e ele é meu.[8]

Minha linha favorita desse hino é "Guiado pela graça para conhecer esse amor". Ela é especialmente pertinente aqui, por descrever tão bem José, que, como Cristo, tinha um amor infinito.

José era guiado pela graça. Ele falava pela graça. Perdoava pela graça. Esqueceu pela graça. Amou pela graça. Lembrou pela graça. Por causa da graça, quando os irmãos se prostraram diante dele com medo, pôde dizer: "Fiquem calmos, Deus planejou tudo para o bem!".

O Término da sua Vida

Que maneira de conduzir alguém ao final da vida! O Espírito de Deus não perde tempo indo da significativa expressão de graça de José até suas últimas palavras.

O relógio de Deus marca o final dessa vida magnífica enquanto passamos da melhor hora de José para as suas palavras finais. Vale a pena ficar perto desse homem até o fim. Nada de queixas, lamentações, remorsos. Até o fim, ele pensava nos outros. Em vez de chamar a atenção para tudo o que realizara – que era enorme – ele os fez lembrar do que Deus prometera – que era eterno.

> Disse José a seus irmãos: Eu morro; porém Deus certamente vos visitará, e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó. José fez jurar os filhos de Israel, dizendo: Certamente Deus vos visitará, e fareis transportar os meus ossos daqui. Morreu José da idade de cento e dez anos; embalsamaram-no e o puseram num caixão no Egito.
>
> Gênesis 50:24-26

Quando José estava próximo da morte e se achava, de fato, pronto para morrer, ele confortou mais uma vez seus familiares. Ele não se esquecera das promessas de Deus e, como Jacó, seu pai, não queria que a família também esquecesse.

"Deus continuará cuidando de vocês", disse, "e um dia os levará de volta à terra de seus antepassados, à terra de Canaã".

Pediu então que jurassem que acreditavam nisso e também que, quando acontecesse, eles levariam seus ossos para lá.

Na avançada idade de 110 anos, quase tão depressa quanto entrou no cenário bíblico, José sai dele, deixando ricas lembranças de uma vida de integridade pura e perdão cheio de graça.

VOCÊ E EU: NOSSOS ÚLTIMOS ANOS

Fim da história, fim de Gênesis, mas não o fim da nação.

Por intermédio da vida de José, passamos a compreender, embora séculos distante de nós, que ele era um homem que passou por muitas das nossas experiências; e o que aprendeu no decorrer da vida é tão importante para nós quanto o noticiário da noite – e até mais! Seu legado para nós é que, mesmo morto, ainda fala. Descobrimos muitas verdades ao examinarmos a vida e o caráter de José. Verdades sobre integridade, perdão, culpa, fé e certamente sobre graça. Mas três lições duradouras parecem envolver sua vida como uma fragrância de perfume.

Primeiro, *Deus opera soberanamente tudo para a sua glória e nosso bem.* Sim, tudo. Fragmento nenhum da vida é insignificante ou desperdiçado quando vivido sob o propósito de nosso amoroso Pai celestial. Estou convencido de que José aceitou isso bem cedo em sua existência, o que explica sua tolerância aos muitos golpes que caíram sobre ele. Compreender que vivemos sob o cuidado providencial do Pai opera maravilhas quando entramos em crises seguidas.

Segundo, *José viveu completamente livre de amargura apesar das adversidades pelas quais passou,* apesar de cada golpe que sofreu. Mesmo na velhice, não guardava ressentimento. A árvore de sua vida não produziu fruto amargo.

Poucas coisas são mais difíceis ou perturbadoras do que ver uma pessoa idosa amarga – envolta num manto de ira, dizendo

imprecações, relembrando erros cometidos contra ela e alimentando-se dos refugos das lembranças do que poderia ter sido.

Uma mulher escreveu estas palavras penetrantes: "Será que todos os porquês realmente importam? Poderiam todas as respostas eliminar o sofrimento, ou todas as razões secarem realmente meus olhos, embora viessem do tribunal dos céus? Não. Eu choraria outra vez. Meu Deus, tu me salvaste do negro abismo do inferno; oh, salva-me agora da tirania da amargura!".

As mandíbulas da "tirania da amargura" se fecharam sobre você?

É assim que deseja encerrar os seus dias? Essa a lembrança que ficará de sua vida quando tiver partido? Não permita isso! Vamos passar nossos últimos anos como José, tranqüilizando aqueles que nos rodeiam, espalhando o encanto contagioso da graça, chamando as promessas cheias de esperança de Deus.

Meu caro amigo Ken Gire faz três perguntas profundas e depois oferece várias respostas esplêndidas em seu livro *A Father's Gift: The Legacy of Memories* (Um Presente de Pai: O Legado de Lembranças).

Que lembranças terá meu filho
Quando chegar à lápide simples de granito
Da sepultura do pai?
Do que minhas filhas se lembrarão?
E minha mulher?
Resolvi fazer menos palestras,
enviar menos chavões,
fazer menos críticas,
oferecer menos opiniões...
De agora em diante, vou dar-lhes imagens com as quais viver,
imagens que os confortem,
encorajem

e aqueçam
em minha ausência.
Porque quando eu me for, só haverá
silêncio.
E lembranças...
De tudo
que eu poderia dar
para que a vida deles seja mais completa,
mais rica,
mais preparada para o caminho à sua frente,
nada se compara ao dom da
lembrança – imagens que mostrem que são especiais
e amados.
Imagens que ficarão com eles
quando eu não mais estiver.
Imagens que contêm em si mesmas
uma redenção toda sua.[9]

Terceiro, *quando José enfrentou a morte, estava em paz com o homem e com Deus.* Há muito se reconciliara com seus irmãos e uma vez que era uma paz fundada na misericórdia de Deus, ela ainda perdurava. Tudo isso era verdade porque ele fora reto com Deus, não como uma figura distante, mas como seu Senhor e Mestre. Do mesmo modo que seus ancestrais, José tinha a certeza de que, ao morrer, seria reunido ao povo de Deus.

Nós também precisamos enfrentar a morte com essa segurança, a salvo do "abismo negro do inferno". Que estas palavras fiquem gravadas. Sem Cristo, quando a morte chegar, não há nada senão o inferno e seus horrores. Em Jesus Cristo não há nada senão a eternidade com Deus e todas as suas alegrias. O contraste eterno é realmente preto e branco. Não creia em nenhuma mensagem cinza. Quando aceitamos a morte do Salvador em nosso benefício, nosso crepúsculo e meia-noite finais se transformam em manhã jubilosa e eterna.

CONCLUSÃO

José: um Homem Íntegro e Indulgente

Quando dei início a esta série de livros biográficos sobre os grandes "Heróis da Fé", me perguntei se perderia o entusiasmo, o prazer, com o passar do tempo. Não me causou porém surpresa, que o meu primeiro volume, *Davi*, tivesse prendido minha atenção do começo ao fim. Sua presença dinâmica e pitoresca manteve-se forte até o final. Questionei também se o entusiasmo iria embora quando saísse dessa "euforia" e aceitasse o desafio de um segundo volume, *Ester*.

Nenhuma decepção com ela! Sua coragem, vitalidade, disposição para tornar-se o elo de esperança na longa e ilustre herança de seu povo me arrebataram. Não pude fugir da emoção de ver Deus operando, cumprindo seus bons propósitos em cada acontecimento. A vida de Ester foi cercada de uma seqüência de cenas dramáticas. Mas então, quando o livro se aproximava do fim, vi-me novamente perseguido por essas perguntas persistentes: Será mesmo assim?

Será que alcançarei o mesmo nível de êxtase? Quando dois livros se transformarem em três, posso esperar a satisfação que senti ao escrever sobre o rei Davi e a rainha Ester?

Mal podia imaginar! Depois de ter completado este terceiro volume, *José: um Homem Íntegro e Indulgente*, decidi deixar definitivamente de lado a minha preocupação.

Para ser sincero, não me lembro de nenhuma experiência mais agradável e satisfatória em toda a minha carreira literária do que ter escrito esta terceira obra biográfica. Digo isso de todo o coração e sem exageros. Nunca me senti tão vibrante espiritualmente ou fortalecido em minha alma do que durante o estudo deste homem maravilhoso chamado José, ao ver como Deus cumpriu tão efetivamente a sua vontade por meio dele. A facilidade com que esses capítulos se agruparam foi também nada menos do que surpreendente.

Houve momentos em que me deixei absorver de tal modo no processo que tive dificuldade em me orientar no meu ambiente. Vou ser ainda mais franco com você: era como se José estivesse algumas vezes sentado perto de mim, com a mão em meu ombro, incentivando-me, levando-me a escrever essas linhas de determinado modo, impedindo-me que dissesse algo de maneira diferente. Ri certa vez em voz alta de determinada expressão que usei. Foi como se o homem se tivesse inclinado e sussurrado essa mesma expressão em meu ouvido. Embora não creia nesse tipo de escrita automática, senti-me guiado pelo Espírito Santo mais do que nunca em minha vida. A história me envolveu tanto em certas ocasiões que quase podia ouvir o ruído trovejante das rodas dos carros e ver a esfinge do lado de fora da minha janela. Foi magnífico e louvo muito a Deus por isso. Não sei o que aconteceu, mas espero que continue assim!

Não fiquei cansado nem houve nenhum bloqueio mental (o terror dos escritores) desde que me sentei pela primeira vez para escrever. Alguns dias começaram pouco depois das três da manhã, outros terminaram após a meia-noite, mas o sono me abandonara. Eu geralmente preciso dormir bem pouco, mas durante este projeto em particular precisei ainda menos. *Tem sido magnífico!* As idéias fluíram livremente e os capítulos se vincularam com perfeição. Gostaria que todos os livros fossem tão prazerosos quanto este ao serem escritos.

Melhor de tudo, esta foi uma experiência verdadeiramente espiritual. Tive de fazer uma pausa em certos pontos e permitir que a aplicação que acabara de escrever para outros penetrasse em meu necessitado coração. Achei o capítulo sobre manter uma atitude positiva especialmente convincente. Reviver as lembranças das reuniões familiares do passado também representou uma viagem emocional para mim. Precisei revisitar aqueles cenários do meu passado enquanto escrevia o capítulo dez. Eu quase me esquecera de quanto nos divertíramos como família. Quero admitir francamente que chorei durante boa parte deste último capítulo. Às vezes, tive de inclinar a cabeça e soluçar. Não creio que antes de escrever sobre o luto de José pela morte do pai, Jacó, compreendia quanto eu precisava deixar para trás a tristeza pela perda de meu próprio pai. Eu julgava que havia conseguido, mas estava enganado. Por causa dessas e de muitas outras coisas, José se tornou caro para mim como poucas vidas que já examinei.

Espero que a essa altura você já sinta afinidade com o velho primeiro-ministro do Egito, cuja vida notável chama a atenção de qualquer um. Em razão da experiência de escrever sobre ele ter sido tão enriquecedora, sinto-me extraordinariamente motivado a discorrer sobre outro personagem bíblico para conti-

nuar a nossa série sobre os "Heróis da Fé". Mas essa é outra história para ser contada numa outra ocasião. Graças a José, mal posso esperar para voltar à minha mesa com um bloco de papel em mãos.

Por enquanto, sejamos gratos a um homem que Deus levantou para confiar nele em todas as situações e modelar sua graça diante daqueles que não a mereciam. Minha esperança é que ao ler sobre o espírito exemplar e sobre as habilidades extraordinárias de José, comecemos a pensar como ele pensou e viver como ele viveu. Esse é, afinal, o propósito da leitura a respeito de homens e mulheres piedosos – livrar-se de tudo que nos manteve reféns e prejudicou nossa relação com Cristo e com outros por tanto tempo. Tanto Davi quanto Ester desempenharam papéis vitais nesse processo. Ao lado deles está *José: um Homem Íntegro e Indulgente,* que nos desafia a ser diferentes no mundo, tendo uma vida diferente – pela graça e para a glória de Deus.

Você gostaria de juntar-se a mim?

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. AIKMAN, David. *Great Souls: Six Who Changed the Century.* Nashville: Word Publishing, 1998, xii.
2. *Ibid*, xvi.

CAPÍTULO UM

1. MACARTNEY, Clarence Edward. *Preaching without Notes.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1946, pp. 121-122.
2. ROSENBLATT, Naomi H. e HORWITZ, Joshua. *Wrestling with Angels.* Nova York: Delacorte Press, 1995, p. 315.
3. LEUPOLD, H.C. *Exposition of Genesis.* Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, v. 2, 1959, p. 955.
4. *Congressional Quarterly,* citado em William Bennett, *Index of Leading Cultural Indicators.* Nova York: Simon & Schuster, 1994, p. 83.
5. COVEY, Stephen R. *Sete Hábitos das Famílias Altamente Eficazes.* São Paulo: Best Seller.
6. DeMOSS, JR., Robert G. *Leaven to Discern.* Grand Rapids: Mich.: Zondervan Publishing House, 1992, p. 53.
7. MEYER, F.B. *Joseph, Beloved – Hated – Exalted.* Fort Washington, Penn.: Christian Literature Crusade, n.d., p. 24.

CAPÍTULO DOIS

1. BONHOEFFER, Dietrich. *Temptation*. Nova York: Macmillan Publishing Co., Collier Books, 1953, pp. 116-117.
2. Meyer, p. 30.
3. CARLYLE, Thomas. Citado em *John's Bartlett's Familiar Quotations*. Ed. Emily Morison Beck. Boston: Little, Brown and Co., 1980, p. 474.
4. MACARTNEY, Clarence Edward. *Trials of Great Men of the Bible*. Nashville: Abingdon Press, 1946, pp. 46-47.
5. Bonhoeffer, pp. 116-117.
6. CONGREVE, William. Citado em *John Bartlett's Familiar Quotations*. p. 324.
7. HAMMARSKJOLD, Dag. *Markings*. Trad. Lief Sjoberg e W.H. Auden. Nova York: Alfred A. Knoph, 1965, p. 15.

CAPÍTULO TRÊS

1. SOLZHENITSYN, Aleksandr. *The Gulag Archipelago: 1918-1956. An Experiment in Literary Investigation*, Nova York: Harper Collins, v. 3, parte 5, cap. 5, 1992, p. 615.
2. EDISON, Charles. "The Electric Thomas Edison". *Great Lives, Great Deeds* Pleasantville, N.Y.: Reader's Digest Association, 1964, pp. 200-203.
3. *Ibid*, pp. 204-205.
4. LEWIS, C.S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.
5. YANCEY, Phillip. *Deus Sabe que Sofremos*. São Paulo: Vida, 1981.

CAPÍTULO QUATRO

1. TOZER, A.W. *A Raiz dos Justos*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
2. OWEN, G. Frederick. *Abraham to the Middle-East Crisis*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 4ª ed. rev., 1957, p. 29.

3. BAYLY, Joseph. *Enfrentando a Morte*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.

CAPÍTULO CINCO

1. São Francisco de Assis, citado em *John Bartlett's Quotations*, p. 138.
2. SANDERS, J. Oswald. *Robust in Faith*. Chicago: Moody Press, 1965, p. 44.
3. HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis: Chapters 18-50*. Ed. R.K. Harrison. Grand Rapids, Mich: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 508.
4. PETERSON, Eugene H. *The Message: The New Testament in Contemporary English*. Colorado Springs: NavPress, 1993, p. 314.
5. GETZ, Gene. *Joseph: Overcoming Obstacles through Faithfulness*. Nashville: Broadman & Holman, Publishers, 1996, p. 108.
6. WHYTE, Alexander. *Bible Characters*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, v. 1, 1952, pp. 122-123.

CAPÍTULO SEIS

1. Meyer, p. 69. O "rio Lete" ao qual Meyer se refere "é um rio no Hades, cujas águas fazem a pessoa que as bebe esquecer o passado". *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, 10ª ed., veja "lethe".
2. Leupold, p. 1053.
3. PETERSON, Eugene H. *The Message: The Wisdom Books*. Colorado Springs: NavPress, 1993, p. 126.
4. SANGSTER, William. Citado em Haddon W. Robinson. *Biblical Preaching*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1980, p. 150.
5. LEWIS, C.S. *Mere Christianity*. Ed. Rev. Nova York: MacMillan Publishing Co., Collier Books, 1952, pp. 72-73.

CAPÍTULO SETE

1. Hamilton, p. 546.

CAPÍTULO OITO

1. SHAKESPEARE, William. *King Henry VI 5.6.2.*
2. TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça.* São Paulo: ABU.
3. MORRIS, Henry M. *The Genesis Record.* Grand Rapids, Mich: Baker Book House, 1976, p. 610.
4. BUECHNER, Frederick. *Wishful Thinking: A Theological ABC.* Nova York: Harper and Row, Publishers, 1973, pp. 33-34.

CAPÍTULO NOVE

1. SWINDOLL, Deborah Jean, usado com permissão.
2. SAILHAMER, John H. *The Expositor's Bible Commentary.* Ed. Frank F. Gaebelein. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, Regency Reference Library, v. 2, 1990, p. 257.
3. NEWTON, John, "Happy in Him", *Christ in Song.* Washington, D.C., 1908.

CAPÍTULO DEZ

1. Hamilton, p. 587.
2. MacARTHUR, Douglas. Citado em *Quote Unquote.* Comp. Lloyd Cory. Wheaton, Ill.: SP Publications, Victor Books, 1977, p. 15.
3. EDERSHEIM, Alfred. *Bible History, Old Testament.* Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., v. 1, 1959, p. 175.
4. REDDING, David. *Jesus Makes Me Laugh.* Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1977, pp. 100-102.
5. BLACK, James M. "Chamada Final". nº 108, Cantor Cristão. Rio de Janeiro: JUERP.

CAPÍTULO ONZE

1. GOBLE, Frank. *Excellence in Leadership.* Thornwood, N.Y.: Caroline House Publishers, 1972, p. 131.

2. MASLOW, Arthur. *Motivation and Personality.* Nova York: Harper & Row, 1954, pp. 257,207,203.
3. GORDON, Arthur. "A Foolproof Formula for Success". *Reader's Digest* (dezembro, 1966), p. 88.
4. WIERSBE, Warren W. *A Crise de Integridade.* São Paulo: Vida, 1989.
5. *Ibid*, pp. 21-22.
6. WHITE, Jerry. *Honestidade, Moralidade e Consciência.* Rio de Janeiro: JUERP, 1984.
7. Goble, p. 29.
8. PILE, Stephen. *The Incomplete Book of Failures.* Nova York: E.P. Dutton, 1979, p. 22.
9. DRUCKER, Peter. *The Effective Executive.* Nova York: Harper & Row, 1966, viii.

CAPÍTULO DOZE

1. MACARTNEY, Clarence Edward. *The Greatest Men of the Bible.* Nova York: Abingdom Press, 1941, pp. 108-109.
2. Whyte, *Bible Characters*, vol. 1, III.
3. DOBSON, James. *O que as Esposas Desejam que os Maridos Saibam.* São Paulo: Vida, 1982.
4. Notas, *The NIV Study Bible.* Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1985, p. 78.
5. Bayly, pp. 29-30.
6. DONNE, John. Poeta inglês do século XVII.
7. BALDWIN, Joyce. *The Message of Genesis 12-50.* Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1986, p. 214.
8. ROBINSON, George W. "I Am His and He Is Mine", *The Hymnal for Worship and Celebration.* Waco, Tex.: Word Music, divisão da Word, Inc., 1986, p. 490.
9. GIRE, Ken. *A Father's Gift: The Legacy of Memories*, publicado anteriormente como *The Gift of Remembrance.* Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1992, pp. 51,53,57.